



Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

<http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks>



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.

COELHO NETTO

—
IMMORTALIDADE



Léolo & Irmão, Lt.

EDITORES

CARMELITAS, 144 — PORTO

Coelho Neto

Sertão.
A Bico de pena.
Água de Juventa.
Romanceiro.
Teatro, vol. I.
Teatro, vol. II.
Quebranto (teatro) 4.º v.
Teatro, vol. V.
Fabulário.
Jardim das Oliveiras.
Esfinge.
Miragem, romance.
Apólogos.
Inverno em flor.
Mistério do Natal.
O Morto.
Banzo.
A Conquista.
Rei negro.
Capital Federal.
Tormenta.
As Sete Dóres de Nossa
Senhora.
Baladilhas.
O meu dia,
Pastoral.
Patinho torto.
Às Quintas.
Scenas e perfis.
O Paraíso.
Imortalidade.
Feira livre (no prélo).

João Grave

Os famintos.
A eterna mentira.
O último fauno.
O passado.
Gente pobre.
Jornada romântica.
Reflorir.
Reinado trágico.
O espírito português.
A inimiga.
O Mutilado.
A Morte Vence.
Vitória de Parsifal.
Paixão e morte da In-
fanta.
Os Sacrificados.
Os que amam e os que se-
frem.
Cruel Amor.
Fogueiras de Santo Antó-
nio.
Vida do Espírito
Gleba.
S. Frei Gil de S.
Os Vivos e os M.
Memórias Idos d.
(no prélo),

Guilherme

Amar é sofrer.
Prosas simples.

**LOR
UTION
ARY**



OXFORD

AT. 1458



300049373T

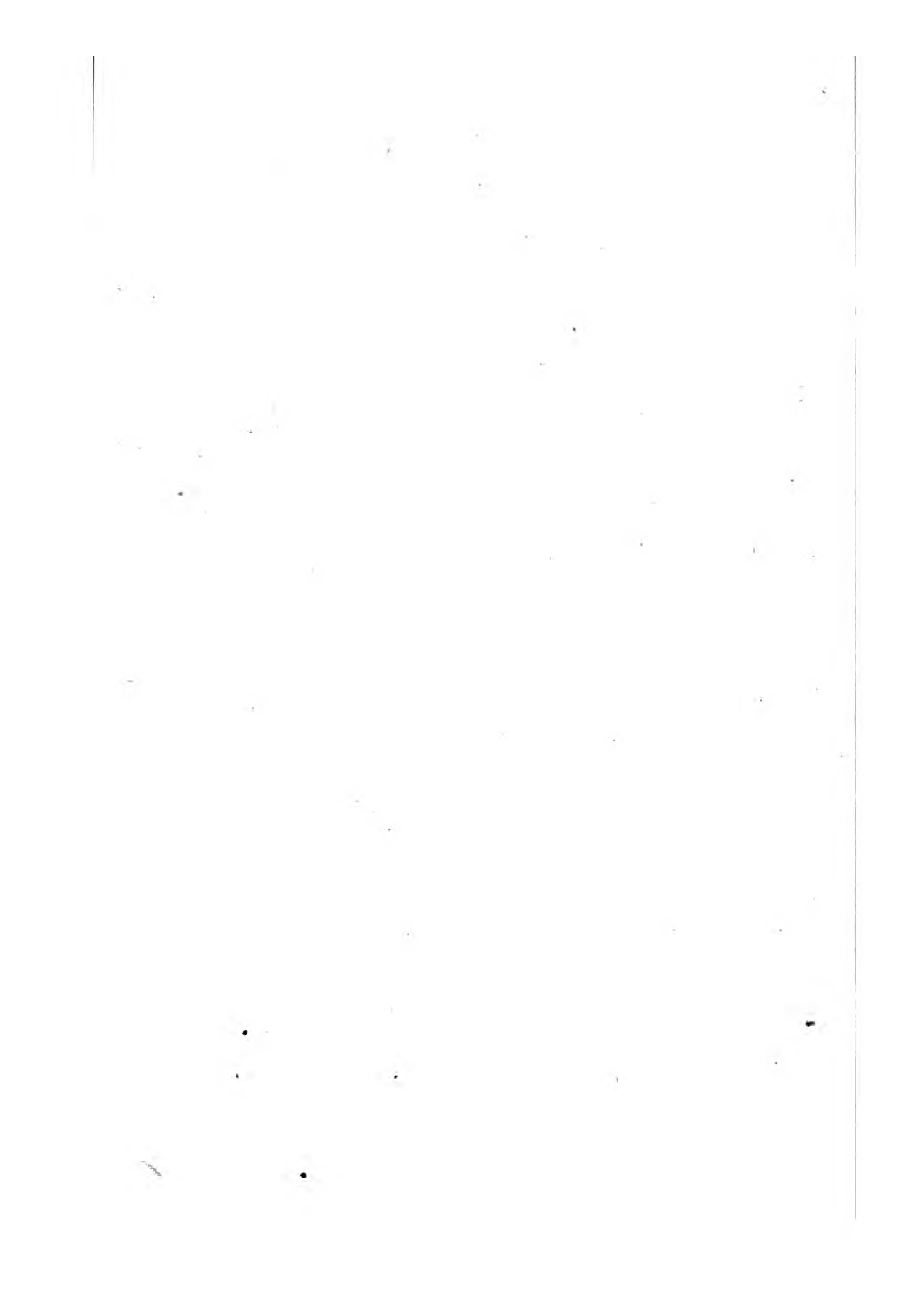
Obras de EÇA DE QUEIROZ

O Crime do Padre Amaro, 1 v.
O Primo Basílio, 1 vol.
O Mandarim, 1 vol.
Os Muzas, 2 vol.
A Reliquia, 1 vol.
Correspondencia de Fradique Mendes, 1 vol.
A Ilustre casa de Ramires, 1 v.
A Cidade e as Serras, 1 vol.
Prosas Barbaras, 1 vol.
Cantos, 1 vol.
Cartas de Inglaterra, 1 vol.
Cartas familiares, 1 vol.
Eccos de Paris, 1 vol.
Notas contemporaneas, 1 vol.
Ultimas paginas (manuscriptos ineditos), 1 vol.
As minas de Salomão (tradução), 1 vol.

NOVAS OBRAS PÓSTUMAS :

A Capital, 1 vol.
Conde de Abranhos, 1 vol.
Tragedia da Rua das Flores, 1 vol.
Paginas esquecidas, 1 vol.
Correspondencia, 1 vol.
Notas de Viagem, 1 vol.
Alves & C.^a





IMMORTALIDADE



COELHO NETTO

COELHO NETTO

IMMORTALIDADE

LENDA



PORTO

Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144
Millaud e Bertrand — Lisboa-Paris

1925

Obras de COELHO NETTO

- | | |
|--|--|
| Sertão. | O Morto. |
| A Bico de Penna. | Rei Negro. |
| Água de Juventude. | Capital Federal. |
| Romanceiro. | A Conquista. |
| Theatro, vol. I (O Relicário,
Os Raios X, O Diabo no
corpo).. | Tormenta. |
| Theatro, vol. II (As Estações,
Ao Luar, Ironia, A Mú-
lher, Fim de Raça). | Tréva. |
| Theatro, vol. IV (Quebranto,
comédia em 3 actos, e o
sainete Nuvem). | Banzo. |
| Theatro, vol. V (O dinheiro,
Bonança, e o Intruso). | Turbilhão. |
| Fabulario. | O meu dia. |
| Jardim das Oliveiras. | As Sete Dóres de Nossa Se-
nhora. |
| Esphinge | Balladilhas. |
| Inverno em Flór. | Pastoral |
| Apologos, contos para crian-
ças. | Vida Mundana. |
| Miragem. | Patinho torto. |
| Mysterios do Natal, contos
para crianças. | As quintas. |
| | Scenas e perfis. |
| | O Paraíso. |
| | Immortalidade. |
| | NO PRÉLO |
| | Feira livre. |
| | Bazar. |
| | Theatro lyrico. |

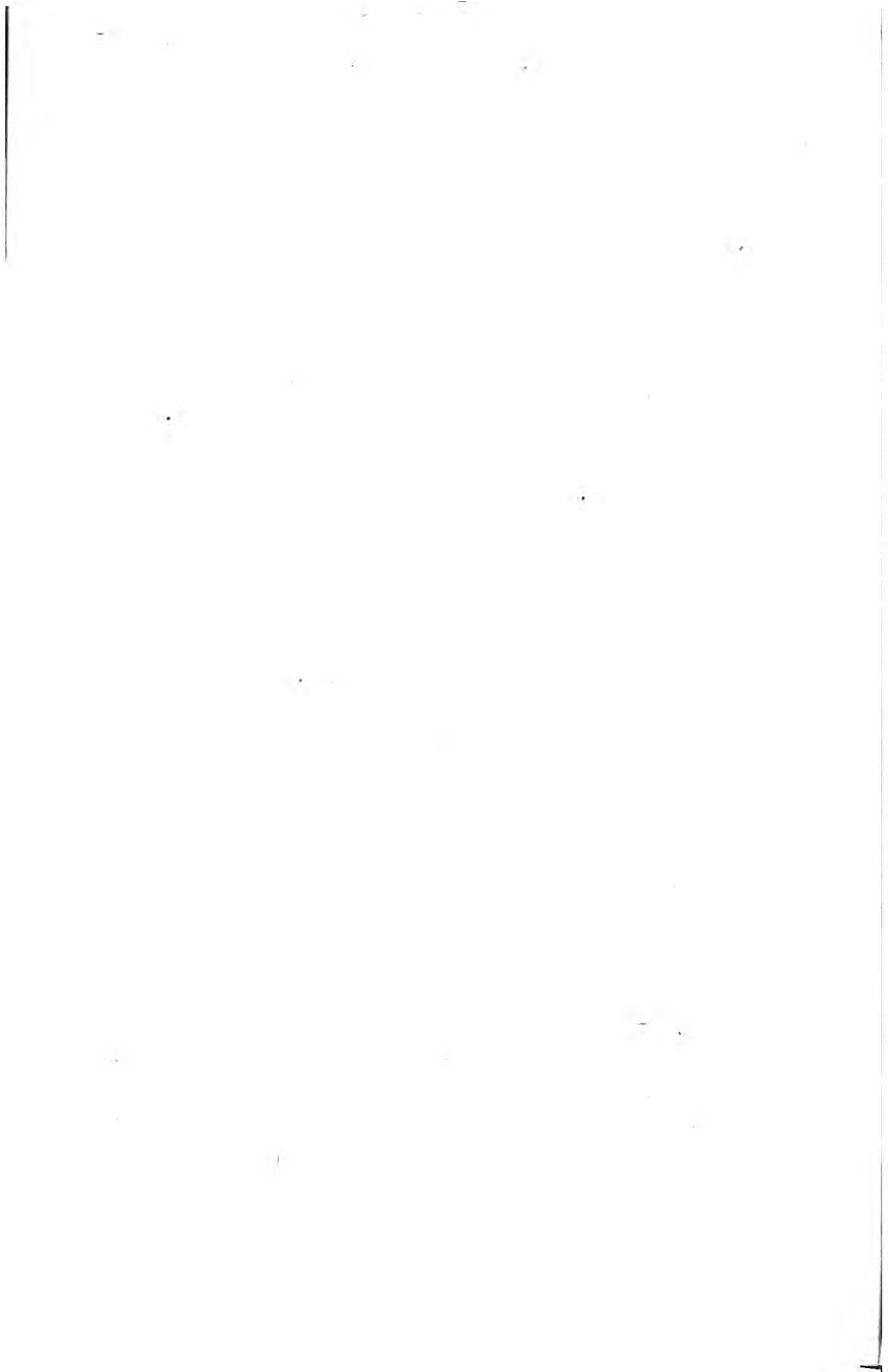
→→→

A propriedade litteraria e artistica está garantida em todos os paises que adheriram á convenção de Berna — (Em Portugal pela lei de 18 de março de 1911 — No Brasil pela lei n.º 2577 de 17 de janeiro de 1913).

Æ

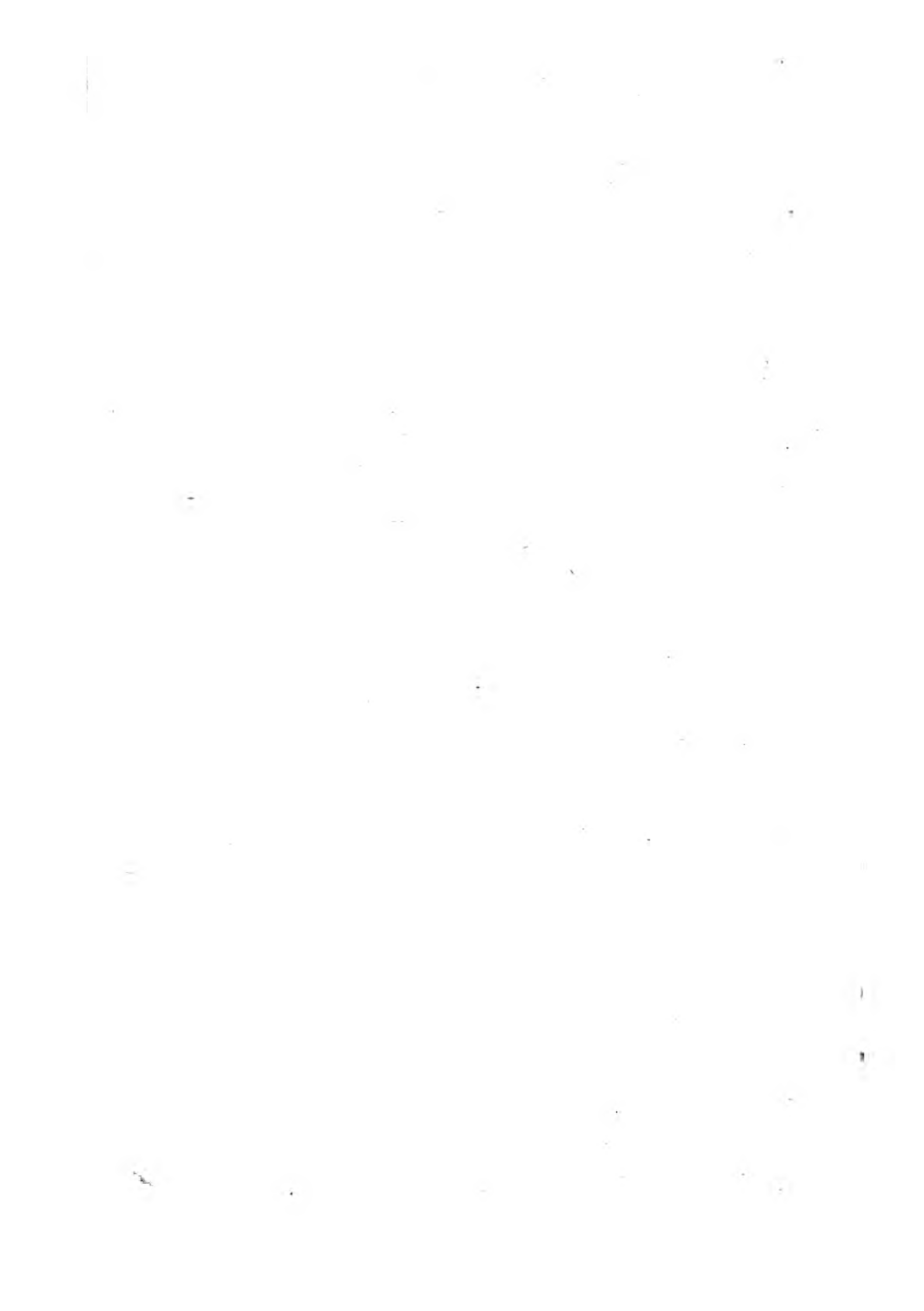
FILIPPE D'OLIVEIRA







PRIMEIRA PARTE



I

O castello de Crève-cœur, rija e arrogante alcaçova, toda de pedra, em blocos de tal grandeza que os diziam sotopostos por demonios, desafiava do cimo de aspero rochedo, talhado a pique sobre o mar, a furia bellacissima dos barões normandos e a braveza das hordas que, por vezes, descendo do Norte em desabridas cavalgadas, irrompiam nas póvoas talando os campos, rausando mulheres e incendiando lares.

Philippe Augusto, que se affrontara com as cimitarras sarracenas quando, com outros principes da Christandade, sahira a libertar o tumulo do Senhor; que não temera medir-se com Ricardo Coração de Leão e tomara de assalto, arrasando-o, o inexpugnavel castello Gaillard, passara com a sua

gente ao largo da orgulhosa fortaleza, por se não sentir forte bastante para impor-se á hoste que o destemido barão punha em campo quando resolvia dilatar o feudo inventando offensas para justificar matanças.

Quantos assedios terminaram naquellas paragens lugubres, sempre rondadas de lobos e corvos, em derrotas sem misericordia, porque os feridos eram acabados a conto de lança ou a golpes de machil e os prisioneiros, mais desventurosos, postos a ferros em humidos ergastulos, pereciam em torturas innominaveis !

Viam-se-lhe nas negras, limosas muralhas, vestigios das pedras das catapultas, raspões dos virotes, sulcos dos blocos, laivos de pez fervente com que, do alto, os sitiados respondiam aos sitiantes.

Gente aguerrida, as traças de que se servia eram astuciosas e sempre infalliveis.

Chegavam-se as pesadas machinas ás muralhas e começavam a troar os arietes ; as vineas entravam a lançar bombas explosivas ; sibillavam frechas, zuniam pedras e no castello tudo era silencio. Não se via luzir áscuma e de vozes nem pio.

Presto, o inimigo armava escadas e, antes que estivessem bem firmes, os mais afoitos marinham por ellas e tantos eram a subir que as escadas vergavam, rangendo.

Já um delles, agarrando-se ás ameias, bradava

aos de baixo, com orgulho de victoria, procurando cantar no adarve o pendão da hoste.

A subitas, porém, com barbariso féro, surgiam milhares d'homens entre as ameias e eram lascas de rochedos que rolavam sobre a escaleira viva, e jorros de bitume e panellas de polvora estourando no ar, troncos d'arvores, barras de ferro e até cadaveres arremessados, porque tudo lhes servia para a repulsa.

E aos gritos, num inferno de pragas, rolavam ás pencas os sitiantes, quando não se despenhavam todos, d'uma só vez, com as escadas que estalavam, rebolando penedio abaixo ao fundo pedregoso do abysmo que isolava o castello do lado de terra.

Sobre a confusão que se estabelecia no arraial dos sitiantes abriam-se as portas do castello para a surtida de morte. Lanceiros, besteiros, espadeiros, toda a gente de guerra, que se mantivera occulta, sahia de roldão, em grita barbara, arrojando-se no meio do desastre dos inimigos.

E por entre tendas, machinas e carros que ardião em labaredas fumarentas, animaes que galopavam espavoridos, guerreiros que só cuidavam de salvar a vida, alijando as armas, despindo as armaduras para melhor correr, os alões ferozes arremettiam, e em pós elles, a hoste de Créve-cœur, não pará pelejar, porque já não encontrava inimigos, senão miseraveis que se rendiam, de mãos pos-

tas, corria atropelladamente, aos brados, para matar a lança ou acha, em chacina de bruta ferocidade.

Alguns, mais crueis, arrastavam os prisioneiros para a orilha do bosque e degolavam-nos esgargalhando estrondosamente quando os molossos, de enormes colleiras apuadas, se atiravam aos corpos que estrebuchavam gorgolejando sangue.

Os que corriam para o mar bravio lá ficavam nas vagas ou eram por ellas atirados d'encontro ás rochas esphacellando-se em tassalhos. E, durante dias, o castello ennegrecia de corvos e, á noite, desde a praia até o povoado, onde ardiam fogueiras altas, eram alcatéas de lobos uivando, rosnando ou fugindo a arrastar cadaveres, cujos restos ficavam pelos caminhos inficionando pestilencialmente o ar.

Tantas foram as derrotas soffridas pelos barões audazes, que haviam tentado destruir a força e punir a petulancia do senhores de Crève-cœur, que o castello, mais do que pela bravura dos seus homens, tornou-se temido pela lenda que em torno d'elle cresceu e passou ás terras mais remotas nos cantares dos jograes.

Espalhou-se que os defensores da monstruosa mole não eram homens, senão demonios que sahiam a combate cavalgando dragos e basiliscos.

Não só do castello como do mar e das lagôas e maremmas, das cavernas e das brocas das arvo-

res, aos primeiros sons do oliphante, surgiam seres hediondos que só com o halito matavam. Onde quer que passassem logo irrompiam labaredas e o incendio alastrava.

As lendas terrificas e ainda as crueldades commettidas pelos de Crève-cœur foram afugentando os villões e o solar, dantes animado, com as suas lavouras de vinho, azeite e pão, com os seus pastos coalhados de rebanhos, com o seu casario alegre, foi-se, aos poucos, despovoando.

As terras tornaram-se mortorios, casas de muros de pedra e cabanas de lodo ruiram. Os caminhos, por entre hortas e lavouras, onde dantes, do romper da manhan á tarde, grasinava o falario das mulheres, casquinava o riso das crianças, frades cruzavam-se com bufarinheiros, rinchavam carros ou appareciam viajantes em mulas de almatricha, seguidos de escudeiros, que eram logo disputados para que, á noite, á beira do fogo, bebendo canécos de hypocrás, contassem historias de longe, ficaram em silencio, desertos.

Desappareceu de todo a animação do burgo. Nunca mais accorreu gente á praça onde, aos domingos, a feira era festa louçan, com musica de violas, rotas e doçainas, cantares e danças, improvisos de jograes e, ás vezes, espectaculos de saltimbancos que exhibiam gigantes, anões, serpentes e ursos, que bailavam.

Primeiro aservas damninhas, depois arvores frondosas foram, pouco a pouco, retomando o terreno e, onde povoado prospero rumorejara cresceu o macegal, frondejou a floresta e os lobos, descendo dos algares serranos, alapardaram-se nas ruínas do casario.

O proprio castello perdeu a antiga arrogancia e, negro, tismado do tempo, com os dentes das torres e das ameias cravados no céu, á tarde, na ourama do occaso, parecia resto de um incendio, ainda em rescaldo rubro.

Quando o corpulento Eliduc, que se celebrisara no cerco de Antiochia, quebrado d'annos e cego, foi encontrado morto na torre em que jazia, desde que perdera a esposa, a linda Oriana, dos cabellos de sol, Everardo, seu filho, unico herdeiro da Honra de Crève-cœur, orçava pelos vinte e cinco annos. Robusto de corpo, bello de rosto, com o sangue árdego da raça a ferver-lhe nas veias, não pensava em outra coisa senão em restaurar a força e a perdida riqueza da sua casa.

De que lhe serviam aquellas pesadas armaduras, aquelles montantes, aquellas lanças, aquelles punhaes, toda a lustrosa alfagemaria que lhe ornava a sala d'armas, se os homens, com excepção de poucos, que via em volta de si, eram todos anciãos que arrastavam passos lerdos pelos adarves, olhando o céu, ou pelos corredores

obscuros repassando rosarios e murmurando preces ?

Com aquelles, de certo, não se atreveria a commetter arrancadas, a entrar por terras de villões apoderando-se-lhes de toda a colheita, a aforciar mulheres, a raptar donzellas ou a intimar conventos investindo-lhes ás portas para apossar-se, com mão sacrilega, do que era do altar e de Deus.

Eram apenas bocas que devoravam o pouco que lhe restava no cercado e no redil e as milhares da ucha.

Reunindo em conselho a pandilha do seu convivio, tres malandraços volteiros, sempre dispostos para violencias e mangalaças, expoz-lhes o plano que concebera no coração ingrato :

— Temos comnosco esses restos d'homens que não fazem mais que rondar a cozinha, como os alões, e farejar o caminho da adéga onde, infelizmente, não ha senão odres vasio e arganases. Se os conservarmos, dentro em breve seremos obrigados a sahir por ahi de escarcella, como frades mendicantes, esmolando mendrugos para a fome que nos cerca.

— Eis um inimigo que toma de assalto os mais poderosos castellos, ainda que sejam como este que nunca resoou passos de invasores, disse Oliveiro, um dos homens, o mais velhaco e ardiloso da baderna.



— E para tal sitiante não valem panellas de pez, commentou Rogerio, um magro, de olhos de coruja, que tinha a face vincada por um gilvaz profundo.

E accrescentou o terceiro, Hugo, o guedelhu-do, colosso de força bruta, que agarrava um touro pelos cornos e o acabramava a pulso, derrubando-o sem esforço, com um destro golpe das mãos, tão cobertas de pello que pareciam sempre calçadas de guante :

— Panellas para tal sitiante só as que fervem ao fogo com boas viandas, toucinho e hervas.

Riram. E Everardo insistiu :

— Não é justo que andemos todo o santo dia a bater montados, arriscando-nos nos penhascos da serra por um cabrito montez ou corça arisca e tornando, ás vezes, sem uma peça de caça nos alforjes, para que esses velhotes mandriões vivam á tripa forra, cavaqueem á beira do fogo recordando feitos darmas e aventuras galantes, coisas mais proprias de menestreis que dizem contos e recitam lais ao som da róta. Que se vão. Podem viver á farta narrando as proprias vidas, como fazem esses vagabundos que por ahi andam de solar em solar, repetindo o que ouvem a peregrinos e rimando olhos de mulheres com estrellas do ceu. Que se vão ! O que comem faz-nos falta e aos cães que nos acompanham.

Assim falou Everardo em tom rude e decisivo

é, pondo-se de pé, sahiu a dar ordens atroando o castello com a voz trovejante.

E, na manhan seguinte seis velhos, entre os quaes o frade, quasi centenario, que baptisara o jovem descaridoso e lhe ensinara a ler e a escrever nos pergaminhos, passaram arrastadamente a levadiça, alcançaram a planicie, embrenharam-se na matta e desapareceram.

Os poucos villões que restavam não se atreveram a recolhe-los receiosos de que o senhor levasse a mal esse procedimento. Mas nas cabanas humildes commentou-se timidamente a acção ingrata do mancebo e, porque alguém ouvisse as palavras de um dos solarengos e as levasse a Everardo, na manhan seguinte os lenhadores que passavam para a floresta viram o corpo do misero pendurado do ramo do carvalho senhorial, á cuja sombra, outrora, os senhores de Crève-cœur faziam justiça e recebiam os dizimos e as coimas dos seus vassallos.

A vida no castello tornou-se mais pesada e mais triste porque os velhos sempre enchiam as horas com os seus racontos heroicos ou com as lendas tragicas de bruxas e demonios.

O frade, principalmente, que andara nas cruzadas com Ricardo Coração de Leão, era interessante descrevendo as terras santas, os lugares evangelicos que Jesus trilhára, espalhando milagres, as fontes á sombra de palmeiras, onde vira mulheres

que lhe lembraram Nossa Senhora falando, com maravilhada admiração, dos valentes cavalleiros muslins, de armas rebrilhantes, que entravam nas batalhas seguidos de enormes escudeiros negros, que eram demonios.

Sós, na immensa sala d'armas, escarranchados em escanos postos diante do immenso fogão, onde ardiam tóros de carvalho, os quatro homens aborreciam-se melancolicamente.

Os alões, estendidos, com o focinho entre as patas, rosnavam ás sombras que bailavam nas paredes de pedra, e, fóra, na noite negra e fria, atravez dos ululos do vento e do frondejar estrondoso das carvalheiras, os lobos uivavam famintos.

— Tambem aquelles pedem cibo !

— Já não ha guerras para nutri-los.

— Estão como nós.

— Estão . . .

E os molossos, ouvindo os uivos das feras que fariscavam em volta das choças miserrimas dos derradeiros moradores da antiga póvoa, levantavam-se de pello hispido e, fitando as orelhas, arremettiam ladrando ou punham-se a ganir desejosos de combates.

Uma noite — o inverno ia rispido — achavam-se os quatro homens diante do fogão, em cujo lume

fervia uma caldeirada de ervas, que outra coisa não haviam elles trazido da neve em que andaram atollado durante o dia, tiritando e amaldiçoando o vento que os anavalhava e os galhos das arvores, que lhes rasgavam as capas, -- quando Oliveiro, que era subtil e conhecia todas as trilhas e recavões da serra, disse sombriamente, de cabeça baixa, falando dentro das barbas ruivas :

— Estamos aqui a soffrer fome. Vai para quatro dias que não sentimos gosto de carne, emtanto de boa selvagina sei eu que só espera um virote de bésta ou um pontaço de chuço para dar-nos assado que nos delicie e farte.

Os tres outros, que se mantinham cabisbaixos, com as mãos estendidas para o fogo, aprumaram-se improvisamente encarados no que falava. E Hugo perguntou carrancudo :

— Desvairas, Oliveiro ? Falas com juizo ou deliras com fome ?

— Falo porque sei, porque ainda hontem, perto da fonte dos sobreiros, vi pégadas na neve. Não fôsse quasi noite e estar eu engelhado de frio, e teria ido na pista da selvagina de que falo e juro-vos que, a esta hora, em vez de estarmos aqui á espera de um caldo chilro insipido, estaria, cada um de nós, com o seu naco de carne e o somno que hoje dormissemos seria consolador.

— Irra ! Dize de vez o que sabes, bradou Eve-

rardo com um murro á côxa. Estás ahí a palrar á tôa e poderias falar até que se te despegasse a lingua se as tuas palavras me não trouxessem agua á boca. Vá de mysterios ! Dize de uma vez o que sabes ou cala-te porque não é prudente provocar estomagos vasios.

— Sim, não é prudente, confirmou, em resmungo, Hugo, o guedelhudo.

E Oliveiro falou com palavras pausadas.

— Sabem vocês que não me engano em rastros — sei onde pisa o lóbo e onde salta o cabrito e no meio do patinhar de um rebanho distingo a péga-da de um veado ou corça. Pois foi de corça o rastro que hontem vi na neve, junto á fonte dos sobreiros. Que ella existe, sei eu ; sabem-no todos os que andam pela serra. Perguntem a qualquer lenhador por ella e logo dirá o que dizem todos — que é animal docil, de tanta brandurá e mansidão que sahe ao chamamento e aule aos que lhe passam perto, como a saudá-los.

— E esse animal não achou ainda caçador que o quizesse ? perguntou, com riso incredulo, Rogerio, o mais galhofeiro dos homens. Não vá ser tal bicha do diabo, se não o proprio diabo em tal fórma.

— Nem diabo, nem do diabo : animal sagrado, é que é, e dum santo.

— Santo ! Onde os ha neste tempo ? Decidi-

damente tens odre escondido porque, ou muito me engano ou velho vinho anda a arvoar-te o juizo.

— Vinho . . . ! Tivesse-o eu ! Pois já que duvidam preparem-se, encham-se de coragem e amanha, antes que nasça o sol, se nascer, ponhamos a caminho e não quero eu que me tenham por homem de honra se eu os não puzer na pista do animal. Não digo que o matemos, porque a caça é como a mulher — quando mais certos estamos de a ter segura, foge-nos por uma vereda, mette-se por uma tóca ou engana-nos com uma mentira. Eu, de mim, não receio maldições. Se algum de vocês teme balelas melhor é que se deixe ficar onde está para não pôr escrupulos no coração dos mais. Camponio, sei eu, não ha nenhum que se atreva a attentar contra a vida desse animal, pelo respeito que todos têm ao santo, que vive em uma cova da serra, com a corça por companheira.

— Eu não temo santos nem demonios ! rugiu Hugo.

— Nem eu ! bradou Everardo.

— Nem eu ! disseram, a um tempo, os outros dois.

E Rogerio accrescentou :

— Selvagina de santo deve ser milagrosa e talvez nos mate a fome de uma vez.

— Isso não ! contraveiu Hugo, o guedelhudo, porque, deixem lá, não ha como um bom assado de

cabrito ou anho regado a vinho velho. Eu, se fôsse homem de posses, teria sempre mesa farta, servida dia e noite. Não ha prazer maior !

— Quando se tem fome. Eu, de mim, prefiro o amor. Uma linda mulher, hein, Oliveiro . . . ?

-- Homem, a seu tempo . . . Agora, se me dessem a escolher entre a tal Armida, de que falam os que foram a Jerusalém, e uma perna de cabrito assada, não hesitava um instante : votava pelo cabrito.

II

Envoltos em grossos gabões, acapulhados, até as orelhas, por enormes barretes de pelles, com o que se lhes avantajava, agigantadamente, a estatura, as pernas enrodilhadas em trapos, os quatro homens, atafulhando os pés em neve, caminhavam em silencio, curvados contra o vento rispido e geoso, tacteando o piso com a ponta dos chuços.

Levavam béstas a tiracollo e facalhões á cinta.

Hugo, o guedelhudo, atravessára ás costas o arco, em que era destro.

Nevava. Toda a paizagem triste e erma, de gravetos e arvores seccas, com os galhos trapejados de neve, alvejava, livida.

Aqui, ali, irrompiam penhascos laivados de carambina. O corrego reluzia petrificado. Só o ge-

mido do vento na galharia esqueletica quebrava a monotonia do silencio.

Os cães, magros, rafados, andarilhavam ás ton-tas, de focinho rente á terra, em farejo. Mettiam-se pelos carrascaes, trepavam ás barrancas, precipita-vam-se nos vallos atolando-se, ganindo.

Ás vezes estacavam de orelhas tesas, como se acuassem ; agachavam-se fariscando aos bufidos e, cainhando, punham-se a raspar a neve em frenesi de afurôo.

Tanto se encarniçavam em taes buscas esfomeadas que não attendiam ás vozes dos homens nem ás buzinas roucas, sendo necessario que os apuassem a chuço, tirando-os das tocas diante das quaes obstinadamente amarravam.

Bandos de corvos sulcavam o nevoeiro.

Hugo, homem fragueiro, conhecedor de todos os recantos da serra, dos picos mais levantados aos carcavões mais fundos, disse, de repente, ao vêr as aves negras em volteios :

— Isso é resto de carniça que por ahi ficou, porque os lôbos andam atrevidos. Ha dias, vinha eu pela garganta dos álamos — era ao cahir da tarde e havia um resto de sol pallido — quando, ao chegar á fonte, dei de frente com um delles. Era um senhor lôbo ! Um desses que abocanham um carneiro, atiram-no ás costas e vão-se por fragas e alcantis comer socegradamente no seu fojo. Firme

nas patas, tomando-me o caminho, olhava-me com ar de desafio. Eu podia tê-lo atravessado com uma frecha. Não quiz. O bicho era galhardo, e não me ficava bem derrubá-lo de longe. Não! Havíamos de lutar peito a peito.

Arranquei da adaga e fui-me direito á féra, que me esperava impassível, franzindo, de quando em quando, o focinho como se risse da minha ousadia.

O bicho arreganhou as fauces mostrando-me os dentes e a guelá. Era o mais possante dos que, até hoje, tenho visto (e conto os lóbos mortos á faca e frecha por mim pelo dobro dos annos que tenho, e pela candelaria completarei trinta e cinco). Confesso que senti as carnes arripiarem-se.

Dum salto cahi-lhe em cima e toda a faca enterrou-se-lhe pelo dorso. No arranco em que se levantou pensei que me viesse abocanhar. Mas o golpe fôra seguro e direito ao coração. Elle ainda lá deve estar e se vocês quizerem vêr um verdadeiro rei de algares é só uma volta pelo castanhal e estaremos na fonte.

— Nada! Nada! contrariou Oliveiro, não foi para vêr lóbos mortos que sahimos com este frio que me está a anavalhar as carnes. Já os beiços me sangram e, se não fôsse a malga de vinho quente e mel que tomei ao sahir, não sei se teria sangue para continuar esta caminhada. Vamos. É a hora em que a corça vem beber e agua só ha ali na fon-

te, onde nasce, porque a mais, que na primavera canta por essas pedras e ri no fundo desses mattos, está agora a dormir inteiriçada.

Hugo concordou e, de novo, curvados, proseguiram em silencio.

A neve cobrira os caminhos e não fôsse Oliveiro, que conhecia os sitios pelas arvores, certamente os homens se teriam extraviado naquella alvura sem róta, toda ella uma só côr, um só lance niveo, serra acima.

Metteram-se por um pinhal tão retravado de galhos e tão atulhado de neve que, ás vezes, atolando-se, algum bradava aos companheiros para que o ajudassem a sahir do fojo.

Com fatigado esforço conseguiram chegar á clareira toda branca, onde mariscavam passaros.

— E se nos ficassemos por aqui ? lembrou Oliveiro. Não ha outro caminho para a fonte. Quer ella desca, quer suba, se a sêde a fez madrugar á beira d'agua, terá de passar por aqui. O caminho, d'ora por diante, é aspero e, quanto mais alto subirmos, mais frio sentiremos.

— Pois fiquemos, concordou Hugo.

E logo, tirando o arco das costas e escolhendo duas frechas bem aguçadas, pô-los junto do tronco de um pinheiro, ao alcance da mão.

Rogério subiu a um teso para vêr melhor e olhava quando um dos cães, voltando-se, de repente, de

orelhas fitas e olhar duro, firmou-se, immovel, nas patas.

Os homens movimentaram-se cautelosamente com signaes de aviso, tomando posição junto ás arvores. Rogerio, que vigiava, agachou-se, escondendo-se entre urzes.

Ao alto, descendo pelas arestas que formavam escaleira, a corça appareceu.

Movendo graciosamente a cabeça como que examinava os caminhos alvos antes de nelles atrever-se. Descia um degráu e parava, voltando-se, ás vezes, para cima como desconfiada e querendo tornar. Os cães rosnavam. Foi preciso contê-los e Hugo, chamando-os, a um por um, baixinho, atrelou-os, acenando-lhes intimativamente para que não ladrassem, com o que espantariam a caça que vinha vindo á espera e não escaparia desde que entrasse no circulo da clareira.

Todas as béstas estavam armadas e os homens esperavam, cosidos com os troncos. O frio fazia-os tiritar ainda que o sol, um sol pallido, mortico, esgarçasse, de leve, o nevoeiro rebrilhando em irisações nos pingentes dos ramos.

Aves piavam tristemente na espessura do pinhal, cuja ramagem resistia aos rigores do inverno, verde e rija.

Um aulido longinquo e a corça, que o soltara, como em presaga despedida á montanha, ou de ale-

gria por vêr a neve rebrilhar com o sol, poz-se a descer a escaleira aos saltos.

Um momento Rogerio, que lhe acompanhava todos os movimentos, perdeu-a de vista. Teria, por acaso, pisado em falso precipitando-se em algum dos abysmos em que se abria a montanha ?

De novo, e mais perto, o animal fez-se ouvir. Os cães arremetteram d'arranque. Hugo, porém, susteve-os, aquietou-os, forçando o maior a deitar-se. De repente Rogerio, que se mantinha agachado, arrastou-se até a beira do teso e, inclinando-se para os companheiros, em baixo, sussurrou :

— Ella ahi vem . . . ! Todos armaram as béstas e, d'olhos fitos no caminho ingreme, esperaram. Hugo, sem poder deixar os cães, affligia-se com a idéa de perder um tiro como o que se lhe offerecia. Mas ao menor movimento que fizessem os animaes, confiados á sua guarda, todo o trabalho daquella manhan seria prejudicado e teriam de curtir um dia mais de fome.

A demora, porém, começava a irritá-lo. Tinha impetos de soltar a canzoada açulando-a, correndo com ella pelas escarpas até achar um ponto de onde pudesse, com segurança, desferir a frecha. Tudo dependia de vê-la, porque pelo tiro, isso se responsabilisava elle.

Mas Everardo, de onde estava, acenava-lhe para que se aquietasse e tivesse os cães bem seguros.

Os gravetos estalejaram; um ramo baixo de pinheiro tremeu de leve, e, justamente na orla da clareira, soou o balido da corça e logo o seu vulto airoso appareceu entre as arvores dourado pelo sol.

Tres virotes silvaram a um tempo e, em arremettida desapoderada, rugindo, os cães, lançaram-se ao animal.

Os quatro homens seguiram-nos certos de que não teriam que correr muito porque nenhum delles duvidava da propria pontaria.

Foi, porém, com verdadeiro espanto, que viram a corça galgar as arestas, rapida, vingar abysmos em saltos prodigiosos, trepar em rochas quasi a pique e os cães, que a não podiam seguir, ladravam desesperadamente, indo e vindo, nos passos difficeis, procurando veredas por onde se aventurassem.

Um, mais afoito, tentando vingar um precipicio, entre duas rochas lisas, resvalou e, volteando no espaço, perdeu-se nas profundezas.

Foi então que Hugo, o cabelludo, firmando-se em uma barranca, atesou possantemente o arco e esperou que o animal apparecesse a descoberto para disparar a frecha.

Os companheiros, que lhe conheciam a destreza e a segurança da mira, aguardavam. A corça apparecia um momento, logo sumindo-se, ora numa

volta de rochedo, ora num grupo de pinheiros. Hugo, porém, não descorçoava — sabia que ella havia de mostrar-se no alto, antes de saltar de um pico para a chan em que se estendia a montanha, onde, nos dias da primavera, elle costumava chegar com os seus cães para caçar gallinholas.

Não havia outro passo. Esperou sereno, attento, sem pestanejar. O largo peito parecia de pedra; nem se lhe sentia a respiração. A subitas, um silvo: a frecha partira.

A corça empinou-se nas patas trazeiras, volteando, e os homens viram-lhe, fincada no flanco, ainda vibrando, a arma certa do guedelhudo.

— Ferida! exclamou Oliveiro.

— Bello tiro! louvou Everardo.

Os cães, em baixo, ganiam freneticos, procurando trilhas, viezes nas rochas por onde subissem. Mas a corça sacudiu-se, pinoteou e, pungida pelo dardo, cuja ferida sangrava, arremessou-se aos galões e desapareceu.

— Peste! rosnou Rogério, atirando uma punhada a um tronco de pinheiro.

— Tudo foi o vento que me desviou a frecha. Apontei-a ao coração e é a primeira vez que me falla um tiro. E, surdamente, supersticiosamente: Bem se vê que é animal de santo.

— E tu crês, Hugo? perguntou Everardo.

— Homem, se queres que te diga... não sei!

É a primeira vez que, em distancia como esta, perco um tiro.

— Perdê-lo, não ; não o perdeste.

— Considero tiro errado, tiro perdido. Apon-tei ao coração. Devia ter ido ao coração.

— E agora ? perguntou Oliveiro.

— Agora . . .

— Já que chegamos até aqui só temos uma coisa a fazer — segui-la.

— E porque não ? É possível que a encontremos em caminho, porque, com o sangue que vai perdendo, não terá forças para ir muito longe. E se fôr sei eu onde a acharemos.

— Onde ?

— Pois onde ? ! Na cova do tal santo.

— E tens coragem, Oliveiro ?

— Queres que te diga ? santos, enquanto andam cá por baixo, são homens como nós, e homens não me fazem medo.

— Pois então a caminho, e presto, antes que algum lobo, que elles andam por aqui ás alcatéas, encontrando o prato feito, no-lo coma, disse Rogério a rir.

— A caminho !

— E trate, cada qual, de agarrar-se como puder porque temos de fazer de cabritos montezes por essas pedras acima, accrescentou Everardo, abrindo a marcha, pinhal a dentro.

O chão balôfo era um gélido tremedal encoivado de folhas podres. Aves sinistras esvoaçavam pesadamente, pousavam nos ramos estalejando o bico ou, abrindo as azas negras, arrufadas de colera, inclinavam-se em attitude hostil, como ameaçando investir sobre os homens, que caminhavam a passadas lentas, afundando os pés em atoleiros.

O guedelhudo, amazorrado, remordia-se, resmungando, rugindo o furor que lhe flammejava nos olhos redondos e duros de ave de rapina.

Por fim, fincando o chuço num comoro de neve, aprumou insolentemente a cabeça bradando :

— Só mesmo por sortilegio ! Nunca, em tal distancia, em prêa menor, perdi tiro. Aguias tenho-as eu atravessado no vôo e, uma vez, perseguindo uma antilope, ia a soltar a frecha quando o animal formou o pulo d'uma para outra barranca. Vareia no ar e fui busca-la no fundo da cárcova, com a frecha no coração. E essa, a cem passos, em plena luz . . . Não comprehendo ! . . .

— Nada de zangas ! disse Rogerio. O tiro foi bom, não te amofines. Não trocara eu, ainda que me dessem em ouro o peso do castello de Crève-cœur, a minha vida pela da bichinha do santo. A esta hora já deve ter rolado por algum barranco, se não acabou ali mesmo onde a feriste.

— Foi-se, que eu bem vi, rosou Hugo.

— Pois melhor ! exclamou Oliveiro. Se teve

pernas para chegar á cova do santo nós lá a encontraremos.

Hugo encarou-o de sobreceño carregado. E Everardo, vendo-lhe a attitude arrogante, interrogou-o :

— Porque me olhas ? A apostar que estás com medo ?

— Por Satanaz ! Medo não tenho. Mas sempre te digo que não sou homem para affrontar o que Deus guarda. Ponham-me ahi um urso, mandem-me a um javali, soltem-me no meio de uma alcatéa de lóbos e deixem-me que me arranjo. Isso, porém, de ferir crianças, mulheres ou velhos como esse tal que aqui vive . . . não sei. Falta-me coração.

— Pois eu não tenho taes escrupulos. O que se me oppõe á vontade, seja lá o que fôr, arrédo. Sahimos por uma corça, temo-la ferida, havemos de levá-la, custe o que custar. Santo ou diabo que a queira defender não a salvará da minha faca. Já agora aqui estamos. Teria graça se, depois de tantos sacrificios, regressassemos ao castello como de lá sahimos, e com mais fome. Muito se haviam de rir de nós por essas arribanas os que tanto nos temem por fama de valentia. Toca a subir que temos muito que arrancar por ahi acima.

As palavras do guedelhudo haviam abalado o animo dos homens. Todos conheciam a historia do eremita, a sua vida de santidade naquella solidão,

os milagres que fazia do alto, só com uma flôr que mandasse por mensageiro de soffredores.

A quantos sarara de doenças malignas, a quantos beneficiara em miserias: a este, revicando o campo onde ordenara lançassem um pouco de terra mandada da montanha; áquelle, salvando uma ovelha enferma só com a apposição de uma folha apanhada no chão.

Os lóbos, dizia-se nos serões, iam procurá-lo á cova levando na boca os cachorrinhos para que elle os abençoasse, como se fôsem christãos. Tantas lendas! Tantos milagres... Sempre era um escolhido de Deus, defendido pelas Potencias do Céu e, se assim não fôsse, como resistiria elle ás feras, que eram ali numerosas, ao frio, á fome e a tantos outros males da vida?

Um pastor affirmava haver, certa noite, visto uma estrella descer do céu direita á cova do solitario.

As palavras do guedelhudo haviam despertado na memoria dos homens todos esses racontos da fé e elles sentiam-se enfraquecer.

Mas Oliveiro, sempre revél, proseguia a largas passadas fincando o chuço na neve para amparar-se nos resvaladouros.

Subito, na entrada do espesso bosque, como a uma lufada de vendaval, que estortegasse os ramos, estardalhaçaram farfalhos rumorosos. Voltaram-se,

de golpe, os homens, d'armas á mão, á espera do que fôsse e viesse.

Latidos crebros e cainhos lastimosos annunciaram cães.

Eram os alões e lebreus que, tornando dos penhascos, até onde haviam seguido a corça, não os achando na clareira, romperam desapoderadamente pelo rastro, brenha a dentro, humilhados com a artillosa escapada em que lhes fugira a prêsa.

À medida que se aprofundavam no pinhal sentiam mais intenso o frio. As juntas aperravam-se-lhes, doiam-lhes as carnes, os olhos ardiam-lhes como á fumarada de fogueiras; tinham os pés dormentes, as mãos insensíveis e uma impressão de arrocho nas temporas.

A neve, dura, vitrea, laivada de lôdo, subia a meia altura das arvores, achaparrando-as, e os flocos não cessavam de cahir, apegando-se esfarpeladamente aos galhos, com o que o bosque tomava o aspecto maltrapilho de um vasto estendal de farrapos. E a surdina molle, crebra da nevada era contínua como o tiritar do arvoredos.

Os homens caminhavam passo a passo, firmando-se aos chuços, amparando-se aos troncos.

Por vezes, um delles parava tolhido, resmungando pragas; punha-se a esfregar as mãos, sopra-

va-as e o halito morno sahia-lhes em jacto de fumo, pulverisando-se esfarinhadamente. Outro debatia com os braços, abrindo-os e fechando-os d'encontre ao peito ou sapateava em tripudio sobre a neve. Os cães sacudiam-se ganindo surdamente.

O silencio impressionava. Pinheiros enormes, escarchados d'alto a baixo, davam a impressão de fantasmas.

Hugo, sempre calado e taciturno, era o ultimo da fila, retardando-se propositadamente.

Homem terrivel, possante como nenhum outro, capaz de estrangular um urso peito a peito, de desmandibular um lobo, estremecia arripiadamente se ouvia piar um mocho.

Se tinha de recolher á noite ao castello alargava uma grande volta para evitar a lagôa, á beira da qual um cruzeiro tosco assignalava a cova de um assassinado.

Ia sorumbatico, meditando na aventura a que o levavam.

Aquillo do tiro preocupava-o como aviso do céu. Meneava a cabeça sem comprehender como errara, frechando tão de perto. Animal de santo. Óh ! sim . . . Animal de santo ! Tinham razão os camponios.

E haver elle de o perseguir, elle, antigo ^mcruza-do, que fôra ás terras do Evangelho, que se batera pelo Santo Sepulcro, que ainda conservava agua do

Jordão, conchas das praias por onde Jesus andara, um galho da arvore do martyrio ; elle, christão de fé, havia de varejar o asylo de um santo, profana-lo com affronta e derrame de sangue innocente ?

Uma ave negra, estranha, abalando do fundo nevoento do bosque, atravessou o ar gélido por entre os pinheiros entrapalhados de neve. Elle acompanhou-a com olhar supersticioso e o coração aos impetos no peito largo. Violenta rajada passou nos ramos quebrando os lividos aranhões de neve e, muito tempo, as folhagens lustrosas ficaram balançando com estalidos.

Os companheiros já iam longe e elle persistia parado, indeciso, a olhar em volta a muda solidão merencorea. Pensou em retroceder. Uma suspeita, porém, afuzilou-lhe nalma. Tomariam elles por medo ? Rilhando os dentes, com um rugido cavo, de furor, fincou o chuço em um comoro de neve, e riu sarcastico : « Ai ! daquelle que ousasse lançar-lhe em rosto allusão que o pudesse melindrar no brio. Medo ! Medo de uma corça, medo de um velho centenario, que mal podia com o peso de uma bilha ou com um feixe de ramas . . . ! Medo ! . . . Não, medo não era. Mas sabia lá !

Era um santo, protegido de Deus. Anjos visitavam-no ; em noites frias estrellas baixavam do céu e cercavam-no, brilhando como brasas de crystal. Os lóbos procuravam-no mansamente, levan-

do-lhe os cachorrinhos na boca ; as aguias feridas rojavam-se-lhe aos pés, de azas espalmadas, e elle, correndo-lhes, de leve, a mão por entre as pennas ensanguentadas, arrancava as pontas das frechas com que haviam sido atacadas. Era dôce, piedoso como Jesus. Não ! Não ! »

Sentou-se em uma pedra, encostando o chuzo a um tronco e ali ficou pensativo.

Brados atroaram prolongadamente, rolando em echos pelas quebradas. Eram os companheiros que o reclamavam. Ainda hesitou. Venceu-o, por fim, o brio. Bem podiam ser feras, urso ou lôbo, que, com tal inverno, esfomeados como andavam, os houvessem salteado. Levantou-se, abocou a buzina e respondeu ao appello. As veredas invias, impervias difficultavam, a mais e mais, a marcha — eram troncos atravancando as passagens, tapigos de galhos, atoleiros.

Por entre fragas, rumorosa e empolada em cachões de espumas, precipitava-se uma torrente. Atravessou-a sobre rochas e alpondras resvaladias. Adiante engargalava-se um abysmo ao qual enorme tronco de pinheiro servia de ponte. Foi-se por elle e, alcançando o lado opposto, sitio aspero, escabroso, todo de pedras, retumbando fragores d'aguas profundas, que rolavam engasgadas no vão do penedio, avistou os companheiros que trepavam pelas arestas de um alcantil, agarrando-se a raizes,

algumas das quaes, soltas da pedra, estendiam-se no ar em grifas emmaranhadas.

Os cães arquejavam aganados, latiam, como de medo, girogirando em procura de trilha por onde subissem. Ao verem, porém, os donos guindarem-se, arrancaram d'enfiada, rapidos, tomaram-lhes a frente e foram esperá-los em cima, bordejando o abysmo, a acenarem com a cauda, ladrando alegres, como se animassem os homens.

Hugo alcançou-os. Cançados, sentaram-se em pedras, abriram os farneis, talharam as brôas e puzeram-se a comer atirando bocados aos cães, que os abocavam no ar.

Ainda havia muito que subir até os grandes pinheiros do cimo. E a neve cada vez mais densa.

Everardo, observando o ar mazorro de Hugo, que não comera miga, e, de cabeça baixa, raspava distrahidamente a neve com a ponta do chuço, disse, em tom de chacota :

— Á lá fé que te estou desconhecendo, D. Fel-pudo.

— A mim ? E porque ?

— A modo que os figados te ralam por dentro, porque, além da carranca que mostras, mastigas raiva. Se é porque tens pressa de dar fim a esta partida não te afreimes que pouco falta. Estamos a chegar. Mais uns galões penhas arriba e teremos

a bicha á mão. Os cães já a sentem e antegozam o fartão do encarne.

— Nanja eu ! resmungou sombriamente o colosso e, depois de uma pausa ferrenha, accrescentou de má sombra : Só mesmo cães poderão cevar-se em tal carne, não eu, que sou christão baptisado e trago commigo, ao peito, reliquias da Terra Santa.

— Que dizes, D. Felpudo ? ainda gracejou Everardo.

— O que devo. E, levantando-se resóluto, declarou : Não irei contigo, senhor de Crève-cœur, daqui nem um passo mais em tua companhia. Despedido-me para outro rumo. Não sou herege que profane santuarios.

— Santuarios ! ? E onde os ha aqui ? perguntou Oliveiro.

— Onde ? Onde ides, vós todos.

— Chamas santuario a um covil do monte ?

— Cova tambem é o sitio em que nasceu Jesus e, todavia, não ha basilica maior. Se no covil habita um santo, santuario é, e digno de veneração.

Os tres homens esgargalharam-se tão estrondosa e descompassadamente que os cães, julgando que brincassem, atiraram-se-lhes ás pernas, ladrando-lhes em rosto, alegres. Mas o guedelhudo, firmando-se ao chuço, encarou-os, a um por um, com entono atrevido e, sem conter a colera, que provocara tal rinchavelhada, intimou :

— Eh ! basta de riso. São demais taes cachinadas. Não sou jogral que divirta villões com facecias e momos. Se saio a terreiro é antes para fazer gemer.

Pasmaram todos da subita mudança nos modos do guedelhudo e, entreolhando-se, ainda com o rosto em sorriso, interrogavam-se reciprocamente. Por fim Everardo, avançando um passo, falou em voz pausada no silencio dos homens :

— Hugo, ninguem zomba de ti. Mais do que pela força do teu braço mereces tudo de nós pela lealdade do teu coração. Não te interrogo. Não quero saber que houve contigo. Sahiste um do castello e aqui nos appareces outro. Posto que eu sempre haja duvidado de milagres, força é aceitar um, pelo menos, porque o vejo. Vivemos sempre como bons amigos e não será um animal vil que ponha a discordia entre nós. Não insistirei contigo para que nos acompanhes. O que se não faz de bom grado sempre resulta mal feito e traz, não raro, o arrependimento. Viva cada qual á sua maneira — tu, com a alma presa á Fé ; eu, com a minha solta e livre.

Disse e estendeu a mão aberta ao companheiro. A serenidade do castellão abrandou o gigante que, depois de um momento, falou em tom presago :

— Fazes mal, Everardo. Não se vive sem Fé.

Queres ir. Pois vai. Eu torno pelos mesmos caminhos por onde vim, até a planície e de lá confiarei o meu destino a Deus.

Assim dizendo, fez o signal da cruz ; depois, estendendo a mão a cada um dos cavalleiros, despediu-se e deu volta.

Instantaneamente, um raio de sol, rompendo o nevoeiro espesso, desceu ao solo fendendo a neve e, por vereda enxuta, entre muralhas rutilas, tão altas que, por vezes, o escondiam, viram os tres homens, maravilhados, o gigante partir, passar de penedo a penedo em alor de vôo, deslizar pelos alcantis, desapparecer, por fim, no pinheiral e, posto que não mais o vissem, seguiam-lhe a direcção pelo raio de sol que, rebrilhando nos flocos do arvoredor branco, fendia a neve diante delle abrindo-lhe caminho claro e facil.



III

Quando os tres homens, galgando esforçadamente as ultimas escarpas, chegaram ao planalto da cumiada, pasmaram de a encontrar coberta de relvagem sem vestigio de neve, com as arvores todas verdes, algumas floridas.

Pombos mariscavam mansamente em volta e, entre os galhos viçosos, eram constantes as vozes de aves — arrulhos, gorgeios, como nos dias amenos da primavera.

Esquilos marinhavam pelos troncos. Daqui, dali, no meio das hervas altas, perdizes levantavam vôo, descreviam circulos no ar luminoso e tornavam aos ninhos. Ia-se abrindo em ouro a claridade do sol e as nevoas adelgaçavam-se fluindo e dissolvendo-se.

Everardo estacou, olhando em volta, arvore a

arvore e não calou o espanto que lhe produzia aquelle espectaculo maravilhoso :

— Porque será que não se resente do inverno a terra aqui em cima ? Dar-se-á que o vento, em taes alturas, sopra mais rijo levando para longe a neve ?

Rogério e Oliveiro conservaram-se calados, reparando em tudo, sombriamente.

Os cães, que haviam subido sofregos, qual mais ardego e mais afoito, mal chegaram á chan virente, farejando a relva fresca, foram-se tornando tímidos, acovardados e, em vez de investir no rastro da corça, como lhes ordenava o castellão agulando-os com raiva, agacharam-se d'olhos humildes, meneando submissamente a cauda.

Rogério trocou olhares com Oliveiro ; por fim, adiantando-se, disse a Everardo, que maltratava, a pontapés e chuçadas, os alões agachados :

— Senhor de Crève-cœur, quer-me parecer que os cães procedem melhor que nós. Dizem que os animaes têm a vista mais aguda e percebem o que nos escapa aos olhos. Lembrai-vos da jumenta de Balaão, que via o Anjo, invisivel para o propheta. Nós vemos apenas arvores verdes em pleno inverno, arvores cobertas de flores num só trecho da montanha, quando toda a mais floresta está carregada de neve. Os cães, que não avançam . . . quem sabe á. Hugo é homem temerario e retrocedeu, guiado

per um raio de sol, que foi diante d'elle abrindo caminho na neve como um ariete. Porque ? Medo ? Não ha naquelle coração lugar para covardia. Agora são os alões ferozes, que não temem ursos nem javardos, que vão aferroar os lóbos nos fojos e trazem-nos batidos até a ponta dos nossos chuços que ali estão como podengos vis, de rasto. Eu, de mim, digo que não recuei jámais diante de perigo algum. Os que me viram em combate sabem que o meu lugar preferido em campo foi sempre a linha dianteira e nos assaltos a torres nunca vi na minha frente outro, escada acima. Entretanto não me sinto com animo de proseguir. O coração ordena-me que abandone esta aventura.

Everardo remordeu-se de odio e ia replicar a Rogerio, quando Oliveiro exclamou :

— Sangue de Christo ! Tambem eu não vou. Sempre descri das palavras dos villões, agora, porém, diante do que vejo, tenho-as por verdadeiras. Tambem não vou !

Everardo, que contivera a colera até ali, não a poudes mais sopitar e explodiu violento :

— Não ides porque o guedelhudo desistiu diante dos perigos da montanha. Não ides porque os cães se acovardaram. Sois da mesma raça, digovos eu ! A culpa é minha que, em vez de buscar para companheiros homens de prol, fidalgos como eu, aparcirei-me com villões.

— Senhor! bradaram, a um tempo, os dois homens, levando a mão ás facas.

— Não vos abafeis por tão pouco, retrucou-lhes, com escarneo, Everardo. Não ha insulto em chamar aos rafeiros, cães; ao villão, covarde. Se se tratasse de entrar em palhiço de servo, á hora em que o homem estivesse a lavrar no campo, para arrombar-lhe a ucha, ou aforciar-lhe a mulher ou a filha, como não haveria risco, não se vos levantaria o coração honrado. Trata-se, porém, de mostrar coragem e só porque ha arvores verdes, relva em chão, aves nos ramos, signaes de milagre ou sortilegio, e porque a cachorrada vil se acovarda, eis-vos ahi pallidos de medo, agarrando-vos á cruz de Christo, ou á Fé, para vos não arriscardes na aventura. Pois ide e levai comvosco a cainçalha, porque della não careço, nem de vós, para fazer o que devo. Ide. Talvez vos appareça, como ao outro, um raio de sol que vos guie. Ide!

E, acenando um gesto de desprezo, encaminhou-se para a aléa que levava á cova do eremita.

Oliveiro, porém, adiantou-se tomando-lhe o passo e, impondo-lhe violentamente a mão ao hombro, com tal força o deteve que, apesar de toda a arrogancia, não poudo o atrevido mancebo safar-se da empolgadura:

— Conheço-vos de sobra, senhor de Créve-cœur. Sei da vossa valentia com mulheres. Muitas lanças

vos tenho eu visto quebrar em quintanas ; já corri varios cervos em vossa companhia, não me consta, porém, que vos hajais medido em campo aberto ou fechado com cavalleiro algum e estou em afirmar que, de lóbos e ursos, só conheceis a pelle, quando o escorcham os que os caçam. Falo-vos rosto a rosto, tendo-vos á mão e podendo esmagar-vos aos pés, como se faz ás lesmas que destroem as vinhas, para dizer-vos que não vos sigo por Fé e não por medo, porque onde ides, vós que sois a propria covardia, iria eu se me quizesse medir comvosco em miseria.

— E não foste tu mesmo que me propuzeste sahirnos ? Não foste tu mesmo que me falaste da corça incitando-me a tal caçada ? E porque recuas ?

— Recuo diante de Deus.

— Onde o vês ?

— Em tudo. Não acreditava no que por ahi se diz do santo que vive na cova desta montanha. As provas, porém, são taes e tantas que, ante ellas, confesso-me arrependido do mau passo que dei e convidado-te, como christão, a fazeres o mesmo. Não é covardia recuar diante da fraqueza ; covardia, é, sim, affrontá-la. Torna comnosco, ainda é tempo de te reconciliares com Deus diante do qual todos nos devemos curvar. Os proprios cães sentiram o prestigio do Céu. Ahi os tens a todos agachados

e, por mais obedientes que sejam, duvido que os leves contigo.

— São cães ! rosnou o castellão.

— Já te não intimo, falo-te em som de paz, com interesse de tua alma. Vem connosco.

— Vem, insistiu Rogerio.

Everardo mediu-os a ambos com um olhar cheio de desprezo e colera e, mostrando a aléa, toda crivada de sol e sonóra de cantos de aves, que esvoaçavam de ramo a ramo, perguntou Oliveiro, em tom escarninho :

— Tu que nos trouxeste a tal caçada deves conhecer o caminho que leva á cova do santo. É tanto quanto te peço. Dize-me : É este ?

— Esse é, respondeu Oliveiro.

— Pois por elle vou. Ficai-vos com os cães. E encaminhou-se soberbamente para o arvoredó. Ainda, porém, voltou-se e disse : Se me não acontecer desastre, convido-vos para a ceia de hoje, que será bem guisada e farta.

— Não serei eu quem se assente á mesa de tal convite.

— Nem eu ! rosnou Rogerio.

— Em tal ceia só o Diabo vos poderá acompanhar, senhor de Créve-cœur.

— Pois que appareça e será bemvindo e achará carne que farte.

Disse e, com uma gargalhada, que echoou sinis-

tra e longamente retumbou com um ruído de pedras que rolassem, desapareceu no bosque.

Os cães puzeram-se, a subitas, de pé, com o pelto arripiado e levantaram um uivo lamentoso como se chorassem o senhor perdido.

Um momento ainda os dois cavalleiros estiveram olhando o bosque todo em sol, per fim Oliveiro disse :

— Foi o milagre que nos salvou, Rogerio. Sé um espirito damnado não se converteria com tantas maravilhas como nos mostra o céu. Regressemos.

— Tornas para o castello ?

— Nunca mais ! Nem as torres lhe quero vêr. Prefiro acabar ao tempo, debaixo da neve, a dormir, uma noite que seja, em tal alcácer de maldição.

— Tambem eu.

— Deus nos guie e se amerceie de nós.

E tornaram pelas veredas escarpadas que haviam vingado e, com elles, contentes, os cães, ladrando e saltando.

Everardo caminhava apressadamente com a colera a remorder-lhe o coração. Sentia os prodigios com que Deus se manifestava — o verdor da espessura, as subitas mudanças nahna dos companheiros, a obstinação dos cães em não o seguirem.

Comprehendia que a aventura ia-se tornando mal agourada, mas o orgulho impellia-o. Tantas afrontas ! As palavras de Hugo, o gesto insultuoso de Oliveiro e o abandono em que o deixavam, tudo o incitava a levar por diante a temeridade.

Já, então, a dois passos da cova do eremita, não retrocederia. Acontecesse o que acontecesse !

Os ramos roçavam-lhe pelo rosto, como se o afaçassem ; o sol aquecia-o e as vozes dos passaros tornavam-se mais afinadas entre os ramos.

Tudo era brandura acceitosa. As silvas exhalavam aromas e, por vezes, uma garça, muito alva, atravessava lentamente o caminho, detinha-se contemplativa, abria as azas e voava desapparecendo acima das franças altas.

Crystallino reflexo rebrilhou no fundo do arvoredo : fórma humana, graciosa, entre duas enormes flammas, que eram azas. Elle parou aturdido. Mas a visão esvahiou-se e tudo voltou ao primitivo aspecto. Deu com um carreirinho, foi-se por elle — devia ser a senda para o retiro do cenobita. Que aroma no silencio manso das altas arvores !

Não andou muito. A uma volta suave descobriu a clareira no meio da qual immenso castanheiro frondejava, e, logo adiante, toda rendada de silvas floridas e com um enxame de aves sarilhando em frente, a caverna do santo. O coração bateu-lhe a impetos.

Parou hesitante, medroso, com o espirito turbado por idéas mysticas. E se um anjo lhe sahisse ao encontro, com uma espada de fogo, para defender a entrada do sagrado latibulo ! ?

Firmou-se ao chuço, para senti-lo, apalpou o carcaz das settas da bésta, desembainhou a meio o facalhão de matto. Animando-se, avançou direito á caverna, pisando cautelosamente e relanceando olhares em redor.

Sentindo-o as aves abalaram em alvoroço, correu um arripio frulhante pelas arvores como se impetuosa rajada as houvesse agitado. Parou de novo, dubio. Voltar ? Não ! Que diriam os que o vissem chegar sem caça ? E os homens : Hugo, Rogerio e Oliveiro ? Não ! Tendo chegado até ali força era continuar, tivesse, embora, de lutar contra o Céu. Melhor ! e, assim pensando, caminhou para a caverna com decidida resolução.

IV

Matto bravio, espesso, tramava-se emmaranhadamente, em tapigo quasi intransponivel, diante da rocha alcantilada e lisa que formava o ácume da montanha. Depois de muito o rodear, procurando vereda, Everardo avançou afastando ramos, detorando, a facção, o cipoal e lianas que se enliçavam em sébe impenetravel.

Raízes, em resalto á flôr do solo, obrigavam-no a acrobacias arriscadas e, quanto mais penetrava aquelle recesso selvagem, mais se lhe dificultava o andar.

Repteis colleavam nos ramos, esfusiavam aos silvos pelo solo hirsuto ; grulhos soturnos de aves troavam sinistramente. Por fim descobriu a entrada da caverna hispida de hervagens.

Não era mais que uma fenda por onde apenas podia passar um homem, ainda assim insinuando-se apertadamente entre os bordos arestosos. Esgueirou-se de esguelha.

A claridade escasseava e, para o fundo, tudo era bruno. Pelas paredes escabrosas escapuliam lezardos, lagartas corcoveavam e um bafio humido inteiriçava. Apesar das bravatas com que respondera aos companheiros, sentia o coração transir-se. Que haveria ali dentro? Seria, em verdade, um velho anachoreta o habitante daquelle aspero tugurio ou algum espirito maligno que realisasse prodigios com o intuito infernal de attrahir incautos? Sabia de generosidades praticadas por feiticeiros e pelo proprio Diabo. Não fôsse elle cair em alguma cilada de adversia. Lembrou-se, então, de premunir-se contra o poder satânico e fez o signal da cruz.

A escuridão dissipou-se instantaneamente — as rochas tornaram-se crystallinas e de varias côres illuminando um corredor angusto e os olhos do castellão encandearam-se com o brilho faiscante das muralhas e da abobada denticulada de stalactites em pingentes de coral e ouro.

Proseguindo chegou a um andito vasto, á maneira de nave de igreja, com reentrancias nas paredes á feição de nichos e, ao fundo, verdadeiro altar sobre o qual incidia um raio de sol, envolvendo

em luz um cruzeiro tosco, cujos braços estavam ennastrados de flôres.

Um leito palhiço, uma bilha, um tambo e rolos de vime eram os bens de tão miserrimo abrigo.

O castellão relanceava o olhar perquiridor em volta. Não lhe escapava minucia, tudo via, examinava: chanfraduras, lócas, fendas, os menores orificios, os tarдозes asperos, os sulcos e lesins da pedra. Ruido fino, estridulo, como de insecto, rinha continuo no silencio.

E o eremita e a corça? Teriam abandonado a caverna na previsão da busca ou haveria ali esconderijo onde se houvessem refugiado? Poz-se a percorrer o recinto lentamente, olhando as paredes d'alto a baixo, apalpando-as, sondando-as, com o maior cuidado quando descobria alguma escabrosidade ou vão suspeito.

De repente ouviu um balido surdo. Ficou á escuta, attento. De novo soou, mais meiga, a voz dolente, sahindo do solo calcareo, todo arrugado em crustas. Guiado pelo som foi-se pé ante pé, curvado, agachou-se rente á terra, afuroando, até que descobriu uma aberta dissimulada por folhagens e ramas. Esticou-se no chão a fio comprido e, inclinándose sobre a abertura, olhou.

A principio pareceu-lhe tudo negro, em caligem, pouco a pouco, porém, foi-se-lhe a vista abrindo e divisou um vulto que se movia e distinguiu-lhe a

voz consoladora. Falava docemente, carinhosamente. Devia ser o eremita. Resolveu-se a descer.

Sentando-se, então, á borda da abertura, apoiou-se ao chuço e, firmando-se nas quinas da pedra, como em degraus, foi descendo. Não havia mais que uns oito ou dez palmos de altura. Em pouco achou-se diante do anachoreta que, de joelhos, com as longas barbas brancas quasi de rojo, pensava a corça ferida, falando-lhe como a filha :

— Então ! Bem te dizia eu que não fôsses longe. Tens aqui herva e agua e campo para retouçar. A tua teima havia de sahir-te cara. Ahi tens o que arranjaste. Agora não me deixarás tão cedo, só depois de curada, e a ferida é funda, ha de custar a sarar.

A corça balia. Everardo, que se postára por traz do velho, examinando-o, longe de impressionar-se com a piedosa ternura com que elle tratava o animal, achou-a ridicula.

Aquelle era o santo ! E porque, se realizava os milagres que lhe attribuiam, não estancava o sangue de uma ferida de frecha ? E porque, se era tão poderoso e assistido de Deus, vivia em tamanha penuria ? Se era santo, em verdade, como não o detivera, fóra, com o seu prestigio e, tendo-o ali a dois passos, como o não sentia ?

Isto pensava, quando uma voz contraveiu, falando-lhe no coração :

« E Jesus ? Não era Elle o proprio Deus ? Não dispunha de todas as Forças do Céu e não foi injuriado, arrastado nas ruas, maltratado e por fim crucificado ? Se tal se dera com o Filho de Deus que muito era que se repetisse com um santo ? » Não vingaram, porém, taes vozes, as ultimas da Fé, e o endurecido coração do mancebo cerrou-se no proposito cruel.

Então, batendo com o chuçõ no solo, despertou a attenção do solitario, que se poz de pé.

Era um velho alto, macilento, pallido. As pommas do rosto saltavam-lhe em relevos duros, os olhos, entre sobrancelhas densas, eram dois lumes, que ardiam, e a barba despejava-se-lhe, caudalosa e alva, pela palhaça que o vestia.

De pé, lembrava uma pequena méda das que os ceareiros formam no campo quando ceifam, e, do meio da vestimenta de palha, sahia-lhe a cabeça hirsuta. Ao ver diante de si aquelle homem arrogante, o eremita não se perturbou e, adiantando um passo, saudou-o christãmente, em nome de Jesus.

— Não se trata aqui de religião, retrucou-lhe o caçador com entono. Vives em feudo meu e tens de prestar-me contas, como servo, que és, do meu brazão.

O solitario inclinou-se com humildade, sem ou-

tra resposta mais que o gesto de respeito. E o mancebo intimou-o :

— As terras e tudo que nellas ha em volta de Créve-cœur pertencem-me. A ninguem é permitido tocar em ramo d'arvore ou desviar agua de correjo sem consentimento meu e tu, que nada pagas ao villico ; tu, que me deves préstamo, em vez de cumprires o que a lei ordena, tentas lesar-me.

— Em que, senhor, tentei eu o de que me accusais ?

— Em que ? perguntas, tendo ahi comtigo a prova da tua rebeldia ? Com que direito dás couro a animal que persigo ? Anda o senhor á caça, sahe-lhe o villão á trilha e sonega-lhe a prêa. Que é isto ? O que eu devia fazer, pelo que me concede o fôro de Créve-cœur, era, não só tomar o que me furtaste, como vou fazer, como ainda prender-te e estampar-te na espadua o estyigma com que se ferretêam ladrões. Vá ! arreda que o dia vai alto e tenho de tornar ao castello com a caça que me pertence.

Disse e, violentamente, afastou o velho, caminhando direito á corça, que se encolhia em um monte de folhas, tremula.

Interpoz-se o eremita súplice, de mãos postas :

— Que ides fazer, senhor ? O animal que ahi vêdes é a companhia unica que tenho neste deser-

to. Vive commigo, por misericordia de Deus. Inofensivo e docil, delle, decerto, nunca vos levaram queixa, porque não ataca rebanhos, não entra em lavouras e os que o encontram por ahi, por esses rochedos, em vez de o perseguirem, afagam-no e dão-lhe migas do pão que trazem nos taleigos. O mal que lhe fizerdes será feito á minha velhice ; se a matardes, o mesmo golpe que a ferir me levará da vida. Peço-vos perdão para o animal que ahi está combalido. Fazei ao vosso servo a esmola dessa vida. Se é pela caça, Deus vo-la dará em tanta quantidade que, ainda que chameis á montanha todos os vossos servos, não conseguireis levar todas as peças que abaterdes. Essa, porém, deixai-a viva, tanto por ella como por mim.

E, treínulo, com as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos, ajoelhou-se humilimo, de mãos postas.

Não se commoveu o mancebo. Convencido, pelas palavras fracas que ouvia, de que era um simples homem, e não santo, o que ali tinha diante de si, mais se lhe eufunou a arrogancia e sem dizer palavra, escarnecendo do ancião com um riso de chacóta, foi-se aonde se achava a corça que, ao vê-lo, tentou levantar-se. Não lhe deu tempo á fuga o perverso : embebeu-lhe o facalhão entre as espaldas, arrancou-o ensanguentado e, como o animal tombasse a jorrar sangue, de novo o atravessou pelo peito.

Não fez o ermitão o gesto mais leve — como se achava ficou.

Irritado com tamanha humildade, Everardo voltou-se e, olhando-o de frente, riu-lhe em face, escarninho :

— Então ? Onde está o teu poder ? Tu que curas leprosos com uma folha de castanheiro que envias pelos que te buscam ; tu, que revijas trigoas e vinhas ; tu, que fazes milagres como os fazia o Christo quando andava no mundo, porque não te vales do teu prestigio contra um simples homem, como eu ?

— Senhor, respondeu o solitario, o mesmo perguntaste, ha pouco, ao vosso coração e nelle, o que restava de bondade, respondeu ao vosso animo cruel com o exemplo do mesmo Christo. Que mais posso eu dizer-vos ? Seja feita a vossa vontade. Sou servo, devo obediencia ao meu senhor e aqui estou para obedecer. O animal ahi jaz morto. Se ordenardes que eu o leve ás costas, porque não é de senhores carregar selvagina, pedirei forças ao céu para que não me accuseis de revél, e irei deixar á porta do castello, ou onde determinardes, o que vos aprouve abater sem pena, diante dos meus olhos e regressarei para morrer na solidão. Ordenai !

— Ordenar que leves daqui a corça... ? ! E Everardo desatou a rir ás cascalhadas. Homem, estou quasi exigindo que o faças só para divertir-

me um bocado. E, firmando-se ao chuço, a balançar a perna, fitou o olhar no solitario com ar de mofa e desprezo.

— O servo espera a palavra do seu senhor, insistiu humildemente o eremita.

Everardo enfesou-se e, batendo com o pé, bradou colerico :

— Eia, pois ! Já agora, para que não te rias de mim, digo-te que se não fizeres o que arrogantes terás sorte igual á da tua companheira. Vá, basta de bravatas ! toma a corça e acompanha-me. De golpe ergueu-se o ancião com agilidade, que seria admiravel em mancebo fragueiro, tomou a corça pelas patas, atirou-a, por cima da cabeça, aos hombros e, adiantando-se, disse :

— Aqui vou, senhor. Caminhando, então, direito á escaleira por onde, com tanta difficuldade, descera Everardo, sem amparo algum, como se mysteriosa força o alasse, ascendeu. De cima, erecto, falou ao castellão que se guindava com esforço, agarrando-se ás arestas. Aqui vou, senhor.

Ainda que maravilhado de vêr aquella decrepitude proceder com tanto desembaraço e força facil, o orgulho, que o dominava, não consentiu em arrependimento. Todavia, um tanto abrandado pelo prodigio, que assim se manifestava, como a apregoar as virtudes do homem meigo, que elle insultara, chegando ao alto, sentiu-se o castellão ve-

xado e, não querendo encontrar os olhos luminosos, que vira brilhar no rosto do eremita, disse-lhe :

— Vamos ! Deves conhecer os melhores trilhos. Eu sigo-te.

— E se vos chegardes á minha sombra ireis presto e sem sentir a agrura do caminho.

Disse e adiantou-se com a sua carga e, diante delle, as intrincadas silvas desenliçavam-se facilitando a passagem e Everardo seguia-o peado á sombra que o seu corpo estendia na terra humida.

O sol tornou-se mais luminoso, as trilhas desnevaram-se. Á beira dos abysmos, se havia arvore que, deitada, alcançasse as duas bordas fronteiras, logo se inclinava sobre as raízes á maneira de ponte levadiça — se era nú o terreno, as proprias rochas, duma e doutra banda do abysmo, achegando-se, uniam-se e o caminho não se interrompia.

E o ancião proseguia em passo firme e agil, sem denunciar fadiga. Nem uma vez se voltou, taciturno e a sua sombra ia levando o mancebo. Logo que passavam entre alcantis de despenhadeiros, as arvores que se haviam derreado facilitando-lhes a travessia, tornavam farfalhantemente á posição primitiva ou, de novo, se apartavam os muralhões rochosos reabrindo os córtes profundissimos.

Everardo estava convencido do prestigio do solitario, mas era tarde para arrepende-se. A caminhada parecia-lhe mais um vôo : sentia o solo

fugir-lhe sob os pés, debaixo da sombra do ancião. Em menos de dez folegos achou-se á vista do castello. Sem aviso algum, silenciosamente, começou a arriar-se a levadiça. O eremita atravessou-a lesto e quando Everardo, que se demorara, um instante breve, fóra, chegou ao pateo interior, viu apenas a corça estirada nas lages. Procurou o ancião, bradou por elle. Servos acudiram e, interrogados sobre o santo, pasmaram da pergunta. Ninguem o vira. Ninguem ! Havia desaparecido.

Commentando os acontecimentos mysteriosos daquelle dia amatilhavam-se na vasta cozinha senhorial servos, sergentes, velhos homens d'armas, os poucos fieis que restavam da numerosa e aguerrida hoste de Créve-cœur, forte, nos seus dias famosos, de mais de quinhentas lanças, afóra besteiros e fundibularios, peões de chuço e arco, gente de carriagem e rèveva.

Velhas donas e raparigas cirandavam afreimadas entre os homens exprobrando-lhes, por vezes, com esconjuros, a irreverencia da linguagem.

Lebreus rugiam abocando moscas ou cainhavam, freneticos, coçando-se, remordendo-se enrodelhadamente ao pruir da lepra, que os gafava.

O fogão, enorme como uma caverna, atochado

de troncos, tinha a atravessá-lo immenso espeto no qual podia rechinar um vitello, sobrando ainda espaço para caldeirões e marmitas, sertans e caçarolas, acceso espalhava agradável calor no recinto, concentrando em circulo palreiro a gentalha solarenha.

O bezôo das vozes misturava-se confusamente com o ruflo das chammas, cujo clarão tremulo vermelhejava as paredes tismadas de fuligem, fendidas em frinchas por onde o vento entrava, aos silvos, gélido.

Um velho alfageme, homem taciturno, que se conservara em silencio, açacalando o ferro de uma bisarma, levantou-se do tambo onde se achava e, adiantando-se, a lentas passadas, para o meio do circulo, falou gravemente. Fez-se logo silencio e todos voltaram-se para ouvi-lo, porque era homem avisado e de poucas, mas acertadas falas :

— Tão certa quizera eu ter a salvação de minh'alma como tenho que houve ali por esses fragedos coisa que ainda levantará rumor. Esperai, vos digo eu, que a noticia virá por si mesma, como vêm, a seu tempo, o dia e a noite.

— Porque falais, Theruldo ? Sabeis de alguma coisa ?

— Tanto como vós. Digo-vos, porém, que a corça é a do santo. Isso vô-lo juro eu porque a conheço como as palmas das minhas mãos. Muita

vez, andando a monte, encontrei-a nos caminhos, cabritando pelos penhascaes. Que é ella affirmo. Agora se foi elle que a trouxe isso é que não adianto.

— Só se algum anjo o ajudou, interveiu um monteiro, porque, com o peso da idade, que já deve andar pelos cem annos, não sei se terá forças para vir até cá abordoado ao cajado, quanto mais com um animal ás costas ; além de que a distancia é grande e os caminhos são rudes, principalmente com a neve.

— O caso é que o bicho ahi está.

— Isso é que é.

— Alguem o trouxe.

— Sem duvida.

— E os homens ? Hugo, Oliveiro e Rogerio ? Que será feito delles.

— Terão rixado por motivo da caça ?

— Ainda que tal se desse não seria o nosso donzel quem se desfaria de tres galhardos como aquelles. Não são de palha, que os quebre qualquer ribaldo. Só Hugo . . . ai ! de quem lhe cahir nos guantes !

— E os alões que não tornaram !

— O proprio senhor, accrescentou o alfageme, quem o viu entrar, como eu vi, não póde ter duvidas sobre os successos de tal caçada. Que ha nella mysterio, isso ha e havemos de conhece-lo em breve. Depois de perguntar pelo eremita e de o mandar procurar por todo o castello, até com brandões,

recolheu-se sombrio á torre em que dorme, dando ordem para que lhe levassem um odre de hypocrás.

— Se o bebeu todo, affirmou o velho uchão, não o teremos tão cedo a dar ordens cá em baixo. Levei-o eu proprio e do mais temperado que havia na adega.

Uma das velhotas, que se agachara a um dos lados do fogão com o rosario, rosnou do fundo do bioco que lhe amantelava o doairo de bruxa :

— Maldade de coração duro. Se não ha nisto castigo do céu não quero que este lume me aqueça. Para que havia o senhor de matar o animal do santo, animal que até os ursos e os lóbos respeitavam ? Esse, Deus me perdôe, estou em dizer que se lhe apparecesse o proprio Espirito Santo varava-o com um virote. Coração duro ! Que o digam os pobres ahi por esses casaes.

E o alfageme, raspando a ferrugem da bisarma, rosnou :

— De uns tempos a esta parte tantas têm sido as desgraças neste solar que estou a vêr o dia em que todos, com elle, nos precipitamos pela terra a dentro até o inferno.

— Cruzes ! Credo ! esconjuraram as velhas per-signando-se.

— Onde tendes vós o juizo, Theruldo ? São lá coisas que diga um christão lavado nas aguas do baptismo ?

— Se, para isto, acompanhastes os cruzados á Terra Santa pouco lucrastes com tal viagem e podeis devolver ao mar as conchas que trouxestes. Não sabeis que o demo não perde palavra do que dizemos e vem por ellas como lobo ementado ao balido de ovelha ?

— Ora, o demo ! Deixai em paz o demo. Ando de dia e de noite por essas mattas e charnecas e nunca o vi nem lhe achei rastro das patas de bode. Demo temo-lo nós comnosco, no treso que ahi anda. Esse, sim. Se o não reconheceis nesse a quem chamamos senhor, viltá que é de uma Honra de tanta nobreza em tempos idos, é porque já perdestes de todo o faro, que nem o enxofre do inferno sentís.

Que mais nos falta acontecer ? Se se arma tempestade todos os raios das nuvens despejam-se sobre estes já desmantelados muros fendendo-os, esbarrondando-lhes as ameias. Entram-lhes pelas setteiras como virotões e ahi estão nas salas e até nas carcovas os destroços de taes armas que se não são diabos que as arremessam então é melhor rendermo-nos de uma vez á morte, porque temos Deus por inimigo. Os telhados rotos, tudo em ruínas. Não se póde caminhar nos adarves, porque todas as frinchas estão cheias de bichos peçonhentos e descer aos subterraneos é tanto como affron-tar lacraus e viboras.

Tudo aqui perece ou estraga-se. Animal que se encurrale nas tranqueiras, se entra de manhan e alcança a noite é milagre. Mal chega começa logo a tremer como azeado, bambêa nas pernas, tomba e em minutos é carniça de corvos. O vinho azeda, a farinha cobre-se de bolor, o fruto apodrece. Tudo degenera aqui dentro. O proprio aceiro — e d'isso posso eu falar, porque todo elle me passa pelas mãos — é preciso trazê-lo sempre untado senão esfarinha-se em ferrugem, como já tem acontecido a muitas das melhores armas dos velhos cavalleiros, que figuram nas panoplias. E porque tudo isso? Outros solares conheço eu, antiquissimos, que resistiram ás hordas dos hunos e ás dos reis cabelludos que desceram do Norte, e ainda estão de pé, com os seus muros firmes, os seus fóssos cheios, as suas torres a prumo, promptos para a defesa dos seus donos. E este, que não é tão velho assim, está a ruir. Vão-se-lhe as pedras e as suas carcovas entopem-se. Porque? Desleixo? Sabe-se lá!

— Praga! Maldição de Deus! bradou uma das velhas benzendo-se com o rosario.

— Tantas mortes! tantos tormentos! acrescentou outra.

E um velho, que aticava o fogo com immensas tenazes, preparando-o para receber a corça, já esfolada e temperada para o assadouro, regougou em rabugem:

— O sangue que tem corrido só nos subterrâneos deste castello, posto em odres, seria carga para uma recova de cem azemolas. Quem lá vai abaixo, quando sobe, traz nos sapatos uma lama vermelha, que é sangue.

Antigo archeiro, homem que fôra da confiança do velho Eliduc, o bravo Gualtero, relembrou com saudade :

— Sou do tempo em que, lá de cima, dos adarves, lançando a vista por essas terras em redondo, alegravam-se-me os olhos com o verdor das campinas, com o viço dos vinhaes e dos olivedos, com o ouro das searas, com a gadaria solta pelos pastos que se estendiam onde agora só ha urze e espinhaes. Não havia villão que não tivesse o seu pomar cercado, a sua horta, o seu aprisco e o forno senhorial cosia pão para toda a gente. Era tal a boa fama deste senhorio que vinham forasteiros de longe pedir agasalho ao senhor e ficavam contentes e orgulhosos de servir na mesnada de Créve-cœur.

— Tambem sou desse tempo, disse o alfageme. Entretanto andavamos sempre em alvoroço de guerras — umas vezes em arrancadas contra arrogancias de senhores que ousavam mandar gente sua, como esculcas, ás nossas fronteiras ; outras vezes a conter invasores que desciam das montanhas ou então sahindo com os reis para a obra pia da libertação do Tumulo do Senhor na Terra Santa. Não

eram tempos tranquillos, isso não ! mas as guerras eram de valentia e não de rapinagem : ia-se de lança contra escudo, de maça sobre bacinetes, não de punhal a peitos descobertos, nem em assalto a honra de mulheres, como agora. Antigamente o som do oliphante fazia-nos ferver o sangue de enthusiasmo, hoje . . . até nos envergonhamos de vestir armaduras para os feitos a que nos obrigam.

Um rumor de vozes fez com que se calassem os que conversavam á beira do fogo : eram dois rapazes que avançavam com a corça para o fogão.

— Campo ao bicho ! bradava um delles. Cá vai a corça ! Bom será que vos arredeis do fogo porque se fôr coisa do diabo, em se apanhando no seu elemento, é capaz de resuscitar e tê-la-emos ahi aos pulos e aos berros até estourar e metter-se nas profundas dos infernos.

Dizendo taes motejos, iam levando o animal para o espeto e os que se acercavam do fogo abriam-lhes caminho.

Era noite alta quando o sino da torre poz-se a badalar em alarma. Logo se levantaram servos e sergentes, que dormiam achegados ao lume e um delles, arrancando um dos brandões á argola que o prendia á parede, foi-se a correr, deixando atraz de si um nastro de fumo.

Atravessando o longo corredor escuro dirigiu-se á torre de onde partiam os sons, e, mal chegado á escada, ouviu os brados enfurecidos do senhor que praguejava em cima. Ao avistar o clarão, que avançava pelos degraus da escada, mais se lhe irritou a colera :

— Mil raios ! Assim me deixais em treva como a captivo !

— Dormieis, senhor. Varias vezes subi a vêr-vos, bati sem resposta. Viestes fatigado da monteria, deixei-vos estar.

— Fatigado, villão ! Fatigado estou eu de aturar-vos a todos. Já me soam mal as vozes que ouço, que valem tanto como o chiar dos arganazes em volta dos celleiros. Ratazanas é o que sois. Ratazanas. Chegai-vos mais que não vejo tico diante dos olhos.

Adiantou-se o servo e Everardo, amparando-se-lhe ao hombro, ainda témulo, cambaleando, veio descendo os estreitos degraus por entre as paredes negras e humidas, que reluziam ao clarão do archote. E resmungava :

— Nem uma acha para aquecer-me, cães ! Não fôsse o frio que me despertou, e eu passaria do somno á morte. Sucia ! E é com tal gente que hei de levantar a Honra de Crève-cœur.

Riu escarninho, entre dentes. O servo não dizia

palavra, caminhando vagarosamente para amparar o senhor.

Quando chegaram á cozinha, onde apenas haviam ficado o velho uchão e dois moços para o serviço, já a corça, espostejada, em enorme gamella, occupava o centro da mesa á qual estavam appostos dois escabellos, tendo cada um em frente uma pada de trigo, á maneira de prato, um garfo de ferro, um cangirão e a conca para o vinho.

Ao vêr tal disposição o mancebo relanceou o olhar em volta, como á procura de alguém; por fim, encarando o velho uchão, perguntou:

— Porque duas padas? Dar-se-á que te queiras sentar commigo á mesa, velho mocho? Se tivesses mulher ou filha eu te faria vêr que se não zomba de mim. És um bruto! Arreda, antes que eu te empurre da vida com o meu punhal.

Atreveu-se o velho a responder-lhe:

— Senhor, sempre assim fiz no vosso serviço e por ordem vossa. Esse é o lugar do hospede, que póde vir.

— O hospede...! Pois se assim é, que venha.

Disse e sentou-se á mesa, servindo-se logo de um naco de carne, enquanto um dos moços lhe enchia a conca de vinho. E poz-se a comer soffregamente, lambusadamente.

— Não é má a corça do santo: febra tenra e sabe á hostia, disse e estalou uma gargalhada.

O uchão arredou-se para um canto e, no escuro, de modo que o não vissem, fez o signal da cruz para defender-se de possiveis vinganças do Céu contra tamanho sacrilegio.

— Hospedes não chegam nem ha quem, com tal noite, se atreva a viajar. Não haverá por ahi mulher que se venha sentar á mesa commigo ? Não houve resposta. E Everardo continuou, cada vez mais injurioso, dirigindo-se aos moços que o serviam :

— E vós ? Não tendes, por acaso, irmans ? Porque as não trouxestes ? Seria para ellas grande gaudio e honra sentarem-se á mesa da ceia com o senhor de Créve-cœur.

Disse e esvasiou, de um trago, toda uma conca de vinho.

Depunha-a á mesa quando um som rouco, entre uivo de lobo e gemido de agonisante, rolou prolongadamente na noite fria, vindo echoar, soturno, na sala vasta que as labaredas vivazes do fogão e as chammass dos archotes pareciam manchar de sangue.

O uchão estremeceu estarrecido e, juntando as mãos, como em prece, balbuciou tremendo :

-- Estranho som !

Os moços estacaram hirtos de pavor. O proprio castellão, como se a embriaguez se lhe houvesse dissipado, voltou-se no escabello e, carregando o

cenho, com a mão instinctivamente apposta ao cabo do punhal, rosnou, como se farejasse perigo :

— Estranho som . . .

— Deve ser alguém que pede agasalho. Peregrino de Jerusalem, talvez.

— Ou jogral vagabundo. O som não é de oliphante de cavalleiro.

-- Que se lhe dirá, senhor ? perguntou o uchão.

De novo o som lugubre atroou a noite e Everardo, encolhendo os hombros, falou ao famulo :

— Se vier só, que entre, seja quem fôr. Trará novas com que me distraia.

Foi-se o uchão em passos ageis e os moços, vendo que as chammas amorteciam, recorreram á pilha de troncos e, escolhendo dois dos maiores, rolaram-nos para o fogão. Ouviu-se o ranger aspero das correntes da levadiça e logo um côro de uivos lamentosos. Seriam os alões que houvessem voltado ?

Da lenha do fogão levantaram-se espadanadamente grandes labaredas esparrimando estrepitosas fagulhas por todos os angulos obscuros da sala ; as chammas dos archotes esticaram-se em longas linguas lambendo as paredes fuliginosas e luzidias, que rebrilharam como se fôsem de ferro. O vento da noite enfiou, silvante, por todas as abertas e frestas dos grossos muros e um bando de corujas passou tão perto, chirriando tão alto e zombeteiramen-

te, que um dos moços, avançando para o senhor, pallido, com uma voz que se lhe engasgava na garganta, disse-lhe :

— Senhor ! Não acolhais a quem chega tão mal anunciado. Vêde que o proprio fogo se levanta e os agouros da noite são de aviso sinistro.

— Cala-te, poltrão ! Seja quem fôr, venha de onde vier, ainda que traga mensagem do inferno, dei ordem para que o recebessem e assim se fará. Em vez de tremer torna, de prompto, á adega e traze dois outros cangirões porque estou farto de dormir e conto passar a noite a ouvir historias que me divirtam. Se fôr jogral cantará, se fôr saltimbanco fará sortes ageis, seja quem fôr, sempre me trará novidade que me alegre.

Foi-se o moço ao mandado. O outro metteu-se a um canto, encolhido como animal acuado.

Não passou despercebido ao moço o subito alvoroço em que se agitaram espadanadamente as labaredas do fogão e as chammás dos archotes. Dir-se-ia que um vento aspero lhes dava em cima ora inclinando-as, ora distendendo-as esgalgues e cada vez mais rubras. E ruflavam debatendo-se espadanadamente em linguas que se fendiam como as das serpes, revolviam-se em sarabanda e mais se irritaram e accenderam como fogareu de forja quando o velho uchão appareceu á entrada do corredor abobadado com uma tocha erguida acima da

cabeça para alongar a claridade, e annunciou o hospede que o precedia :

— Senhor, aqui vem o forasteiro que ordenastes fôsse recebido.

— Que entre ! rosnou Everardo em voz avinhada.

Afastou-se humildemente o velho dando passagem a um gigante esguio, todo enrolado em negro manto que se lhe abicava á cabeça em bioco, levantando-se atraz, em cauda, alçado por uma farran-cha. A sombra que de tão estranha figura se projectava na parede era exacta a de immenso corvo que caminhasse soberbamente empinado.

Inclinando-se diante de Everardo, aguardou em silencio a sua palavra de acolhida. Convidou-o o castellão a sentar-se. Não se fez rogar o vindiço, logo amesendando-se com olhares gulosos á gamella acogulada de carne e ao cangirão que lhe ficava ao lado, junto á pada em que havia de comer.

Everardo mirava-o attentamente achando graça á sem cerimonia com que se servia. Por fim disse-lhe :

— Vindes de longe, de certo.

— De mui longe, senhor. Os que vão ao paiz de onde venho não tornam, nunca mais !

— É tão seductor assim para que os prenda ?

— É como um labyrintho onde se entra e do qual, por mais que se busque, jámais se encontra a

porta de sahida. Fizeram-no assim para que os seus segredos, que são muitos, não sejam conhecidos do resto do mundo.

-- E como conseguistes sahir ?

O hospede casquinou um riso chocarreiro, tomou o cangirão, encheu a conca e esvasiou-a de um trago.

-- Muito haveis de ter visto em tão longo caminhar.

— Tudo que se póde vêr neste mundo e alguma coisa mais porque, chegando ao reino dos nigromantes, subi com ellés a uma montanha de onde se avista o Além e vi as sombras que gemem.

— E que sombras são essas ?

— As que sahem da vida : o fumo das fogueiras ephemerias, que somos nós.

— E gemem ?

-- Se gemem . . . !

Estendeu o braço para espetar o garfo em um naco de carne e o castellão notou-lhe as unhas longas, grifanhas, incandescentes.

— Como vos rebrilham as unhas !

— É de tanto lidar com ouro.

— Lidais com ouro ! ?

— É do meu officio.

E riu esgargalhadamente enchendo, de novo, a conca e, levantando-a para brindar Everardo, viu-lhe este os olhos accesos e fagulhantes.

— Estranhos olhos tendes : ardem como brasas.

— É natural, senhor. Tanto lapido diamantes que, de os fitar, encheram-se-me os olhos de chispas.

— Sois tambem lapidario ?

— De officio, senhor : torturo.

Disse e rinchavelhou escancelladamente. Logo : porém, sisudo, repetiu,

— Torturo. E outra coisa não faz o lapidario, pois não é ? O ouro é difficil obter-se : só com muito e penoso trabalho em minas, que é quasi tanto como dizer : em tumulos e, ainda assim, o que se consegue é tão pouco ! Para ter ouro bastante, e sempre, decidi-me a buscá-lo não em tumulos, mas na propria morte.

— Como na morte ?

— Na morte, sim : no arcano dos arcanos, no paiz de onde se não torna. No Além.

— E conseguistes ?

— Se consegui ? ! Certamente, e mais ainda — sem o que não estaria aqui comvosco a saborear esta selvagina e este clarete perfumado, gosando o calor deste fogo que já me fez esquecer os tormentos que passei por esses caminhos agros.

— Mas dizei, dizei . . . Como conseguistes atravessar o Além da Morte ?

— Como ? Para que um homem atravessasse um

deserto arenoso, todo esterilidade, de que deve elle munir-se ? de alimento, para a fome ; de agua, para a sêde. Para atravessar o Além da Morte muni-me do que commigo trago em elixir : Vida.

— Vós ? !

— Eu . . . Parecer-vos-á estranho que um lapidario de gemmas, como eu, e manipulador de ouro ande mais roto que jogral ou mendigo, e só, sem um escudeiro, ao menos, para defendê-lo. Não ha melhor defesa que a miseria. Que valem armas ? Por maior mesnada que eu arrolasse — e poderia estipendiar exercitos como os que marcham sobre Jerusalem — mal corresse a noticia de que taes aprestos eram para garantir o ouro que eu trouxesse, outras mesnadas se ajuntariam, mais numerosas e fortes, e não só o meu thesouro como a vida ir-se-iam levados pelos salteadores, se os meus proprios homens não se conluiassem para despojar-me na primeira charneca. Assim como ando, quem se lembrará de assaltar-me ? Os meus farrapos valem mais do que áscumas e espadas e quando atravesso um povoado, em vez de se chegarem a mim, evitam-me, com receio de que lhes peça um pouco de pão ou qualquer migalha que ainda possa ser aproveitada na cevadeira dos porcos. Os avaros têm razão. Não andam mal vestidos porque sejam sordidos, se não porque sabem que, para esconder thesouros, nada é melhor do que rasgões na samarra.

Tenho andado muito, meu senhor, e uma das minhas riquezas chama-se experiencia.

Tomou, de novo, o cangirão, encheu a conca e ia levá-la á boca quando Everardo me susteve a mão, dizendo :

— E se cortasseis o vinho com um golpe de mel ?

— Sabería melhor.

— Esperai pois.

Bateu as palmas e o moço, que se achegara ao lume, correu sollicito ao chamado. Voltou-se o senhor de costas para o hospede e, com um rapido, mysterioso signal ao servo, disse-lhe apenas, em voz de mando :

— Mel !

Foi-se o moço e, arrancando um archote a um dos argolões da parede, metteu-se pelo corredor. Foi então que o hospede, correndo o olhar em volta, para certificar-se de que estavam sós, chegou-se muito a Everardo e, inclinando-se para falar-lhe em rosto, disse-lhe em palavras surdas :

— Não quero que me tomeis por louco nem que possais imaginar que pago tão generoso acolhimento com zombaria de farçante. Falo-vos de riquezas que não apparecem porque, além dos trapos que mal me cobrem e desta farrusca ferrugenta, trago apenas commigo este boldrié de couro no qual, ainda muito atochadas, não caberiam cem moedas.

Pois aqui onde a vêdes, esta bolsa contém mais ouro do que todas as minas da terra e mais vida do que todo o amor. Sois fidalgo, leio em vossos olhos a lealdade e conheço as regras da Cavallaria que garantem ao hospede toda a segurança.

— Toda a segurança ! O castello de Crève-cœur foi sempre um solar de honra e antes que vos chegassem, não direi com a ponta de uma arma, mas com a viltade de uma affronta, quem quer que fôsse, ainda que viesse com um exercito como o que acompanhou Ricardo á Terra Santa, cahiriam, até á ultima, todas as torres, pereceriam todos os seus homens e o coração ferido sangraria sangue verdadeiro no pendão em que se acha atravessado pela frecha que nos lembra um odio que se não applicará jámais. Falai, dizei e das vossas palavras tirarei apenas o encanto que ellas me dão.

— Senhor, conheço-vos de fama. Nem viria pedir-vos hospedagem se não tivesse por outros informações de quem sois. Pois aqui vos digo e repito que neste boldrié ha mais ouro do que em todas as minas da terra e mais Vida do que em todo o amor.

Disse e, abrindo rapidamente o boldrié, tirou dois pequenos frascos de crystal e, antepondo-os á luz, fez vêr ao castellão os liquidos que continham — um, côr de ouro e rebrilhava fulmineo ; outro rubro, e era como sangue. E, com o primeiro fras-

co á altura dos olhos, virando-o, revirando-o disse orgulhoso :

— Ouro ! Fleuma de ouro, essencia de ouro. Uma gota deste fluor sublime é quanto basta para transformar em ouro um escudo-de aço ou qualquer peça do mais vil metal.

— Qualquer metal ? ! exclamou Everardo maravilhado, apoiando-se á mesa sobre as mãos ambas, todo inclinado para o frasco como se o quizesse furtar com os olhos.

— Qualquer metal, affirmou o hospede com um sorriso que lhe descobria os dentes longos e agudos como pontas de frechas. Dai-me a vossa adaga.

Com mão tremula arrancou Everardo da cinta a arma requerida e entregou-a ao hospede que se poz a examiná-la meneando com a cabeça a gabar-lhe, em gestoslouvaminheiros, a tempera da lamina e o precioso trabalho da empunhadura :

— Linda peça, senhor. Com franqueza, acho melhor fazermos a experiencia em outra arma que o aço que aqui tendes não ha ouro que o valha. Alfagemes de taes primores são hoje raros, se os ha !

E examinava a adaga com verdadeiro encanto.

Everardo não conteve a impaciencia e, atirando um murro á mesa, bradou :

— Mil raios ! Que importa o ferro ! Vamos á experiencia.

— Talvez vos arrependais, senhor.

— Não ! Não ! Vamos á experiencia, e presto !

— Seja !

Lentamente, sorrindo, o escanifrado hospede abriu o frasco e, tomando a adaga, pingou na lamina uma gota. O liquido rechinou férvido no aço, que, instantaneamente, amarelleceu, como encandecido ; estrias vermicularam-no á maneira dos vivos fuzis que rabeam no papel queimado. Por fim toda a lamina rebrilhou, de ouro, e o hospede, acocorando-se, poz-se a bater com ella no lagedo da sala, notando triumphante e a sorrir para o castellão :

— Voz do ouro. Ouvis ? O aço não sôa assim. Ouro . . .

E Everardo, inclinando-se, com as mãos nos joelhos, acenava com a cabeça, affirmativamente, maravilhado :

— Sim, é o som do ouro, é . . . e bom ouro !

— Bom ouro ! Fôsse um elmo ou escudo e seria o mesmo. Para a transmutação basta uma gota.

E, aprumando-se, de cabeça alta, relanceando a sala desde a abobada até os angulos mais escuros, o estranho homem abrangeu tudo num gesto largo, dizendo :

— Se todo este castello fôsse de ferro e eu deixasse cahir aqui, nas lages que pisamos, um pingo deste liquido, logo todo elle se tornaria de ouro,

desde as ameias das torres mais altas até o mais profundo dos seus alicerces.

O mancebo não dizia palavra : d'olhos esboga-
lhados fitava o chão como se já o visse mudado em
ouro e a respiração oppressa offegava-lhe no peito
estertorosamente.

Levantou-se de golpe, demudado e, encarando
o hospede, cada vez mais sereno e risonho, pergun-
tou em voz rouca :

— E o outro ? O outro frasco ?

— O outro ?

Caminhando para junto do fogão o hospede
levantou o segundo frasco diante do lume para que
a claridade o atravessasse e falou :

— Parece sangue o que nelle se contém, não é
verdade ? Sangue ! E sacolejava-o sorrindo. É
vida, senhor ! Vida ! Aquelle que beber uma go-
ta, uma só ! deste precioso elixir, será tanto como
Deus, porque não morrerá. Os tempos passarão
por elle como pelos rochedos passam as aguas dos
rios.

— Tanto como Deus ? !

— Ou como o diabo, que é tambem eterno.

E a gargalhada, com que acompanhou tal phra-
se, como que foi repetida, em ruflo, pelas assanha-
das labaredas do fogão e pelas linguas de chammas
dos archotes. Os dois homens pareciam medir-se,
encarados : o hospede sorrindo, com a dentuça á

mostra ; o castellão aperrando as mandibulas, agadanhando-se frenetico, como a conter-se, em furor de morte. Mas o moço appareceu com o pote de mel, Everardo arrebatou-lho das mãos, serviu-o nas duas concas, depois o vinho e, carrancudo, em voz soturna, brindou :

— Pela ventura desta noite maravilhosa !

— Pela honra do vosso agasalho, senhor !

O hospede emborcou a conca, sem notar que a outra era despejada, de jacto, a um canto.

— É tempo de recolher. A noite vai alta e deveis estar fatigado.

Voltando-se, então, para o moço, que se conservara quedo á entrada do corredor, Everardo perguntou :

— Preparaste a torre do Norte ?

— Tudo está como ordenastes, senhor : o lume acceso e o leito prompto.

— Ide ! disse, estendendo a mão ao hospede. O servo vos alumiará. Bôa noite !

Zumbriu-se em zumbaia o hospede e, aprumando-se, com entono, seguiu o moço desaparecendo no escuro do corredor.



VI

Ouro ! Ouro ! E Everardo mirava, remirava a adaga fulgida. Correu com ella ao fogão, expô-la ás chammas e ali se ficou sorrindo, deslumbrado com o brilho do que, momentos antes, não era mais que uma lamina de aço tauxiada, que só valia pela bôa tempera e o açacalado com que a brunira o al-fageme. Ouro ! E ouro seria todo o aceiro que ali tinha a enferrujar-se : armaduras completas que acobertavam o homem e o seu ginete, cotas de malha, saiões imbricados, lorigas, elmos e bacinetes, escudos e rodellas, coxotes, braçaes, manoplas, montantes, faixas, bisarmas, punhaes, e ainda feixes de virotões e ascumas, ferros de lavoura, quicios e laminas, blindagens e correntes, tudo, tudo !

E relanceava desvairadamente o olhar em volta como á procura de mais ferro.

Quizera fôsse tudo metal, não só o castello, as terras do burgo, a montanha, com o seu denso arvoredo, e elle a correr dum para outro lado com o frasco maravilhoso, transformando selvas e agros de penedios, lavouras mirradas, ruínas de casaes, palheiros e curriças tudo em ouro !

Poz-se a medir a vasta cozinha a largas passadas, brandindo a adaga em delirio, a rir, sonhando com o dominio do mundo. Ouro e vida, mais do que vida, immortalidade !

Que principe poderia competir com elle em grandeza e poder ! E accendeu-se-lhe a ambição, o orgulho assoberbou-o. Levantaria um castello como nenhum outro, grande como uma cidade. A sua mesnada seria um exercito e elle só, com o seu poder, não por devoção, mas por vaidade, para realisar o que tantos reis não haviam conseguido, abalaria com a sua hoste formidavel para a Terra Santa, a libertar o Santo Sepulcro e faria recuar toda a força pagam diante do pendão de Crève-cœur

E que receio podia elle ter, se levava comsigo o que tudo vence e um desafio á Morte no elixir de immortalidade ?

E para tanto bastava um golpe cerce, durante o somno.

Estalou uma gargalhada. « Bom somno ha de elle dormir, não acordará senão ao som das trom-

betas do Juizo Final ». Foi a um dos cangirões, encheu uma conca e virou-a. Desvariava.

As sombras que tremiam nas lages e dançavam nas paredes afiguravam-se-lhe, ora homens armados que o ameaçavam, ora mulheres que se lhe ofereciam. Tudo girava, movia-se em torno — os archotes deslocavam-se das argolas e corriam hirtos, de um para outro ponto, sarabandeavam com as chammas dobradas á maneira de pennachos; labaredas destacavam-se do fogão e deslisavam colubreantes. Subito toda a fantasmagoria serenou e, diante dos seus olhos, ficou apenas a adaga, rutila, de ouro.

O homem já devia lá estar. Conhecia a camara com o grande leito senhorial, a mesa de carvalho, panoplias e o fogão em que ardiam feixes de sarmiento. Fatigado, como se achava, de mais a mais com todo o vinho que bebera e temperado subtilmente como elle o fizera com o mel narcotico, ainda que entrassem roldas com estrondo d'armas o hospede não acordaria. Quanto ao mais... um mendigo.

Quem daria pelo sumiço de tal farroupilha? E chegara tarde, já com os casaes adormecidos, o burgo em silencio, á neve. Nem os cães, de certo, o sentiram. E se alguém soubesse... senhores têm sempre razões para justificar um crime.

Começava a impacientar-se com a demora do

moço. Não fôsse elle adiantar-se furtando-lhe o que elle já considerava bem proprio. Remordeu-se de raiva. Teria o villão ouvido o que lhe dissera o hospede ? Em impeto de cólera avançou para o corredor e, justamente chegava á entrada, quando percebeu o clarão do archote que se projectava no chão e rebrilhando nos muros humidos como paredes de mina. E o moço appareceu triumphante.

Não se conteve Everardo e, correndo-lhe ao encontro, soffregou, indagou em voz surda :

— Então ? !

— Foi de mais o mel, senhor. A fadiga bastava porque já para subir as escadas foi preciso que eu o ajudasse. Abria a boca que nem um lobo e roncava a dormir. Mal chegou á camara logo se atirou ao leito e lá o deixei.

— E estás certo de que dorme ?

— Tanto como um defunto.

— E as armas ?

— Armas ? ! Não tinha mais do que uma velha farrusca. Era isso e um saquitel de couro que não houve arrancar-lhe das mãos. Tambem pelo que deve haver ali dentro . . .

Desconfiou Everardo do moço e, travando-lhe de um braço, interrogou-o, rilhando os dentes ;

— Viste ?

— O que, senhor ?

— O que havia no boldrié ?

— Não lhe toquei. Quiz arrancar-lh'o das mãos e, como disse, parecia que o diabo o tinha preso com cordas de canave ou ferros, porque não houve meio de lh'o tirar. Só se lhe cortasse ambas as mãos, porque com as duas o apertava ao peito. Mas se me houvesseis ordenado que o trouxesse elle aqui estaria, ainda que viessem com elle os gadanhos que tanto o aferram. Mas, ainda que vos pareça atrevimento, não tomeis por tal o que vos vou dizer. Acho que vos ides cançar em vão porque em tal magriço, senhor, (e não deixei de o apalpar dos pés á cabeça, porque bem sei como taes meliantes sabem esconder o que trazem), juro-vos que não encontrei mais que farrapos.

— Nem eu procuro valores, disse dissimuladamente o castellão. Ha coisas, porém, que, achadas, não ha thesouros que as paguem.

O moço encarou-o hebetado. E o castellão, cahindo em si, corrigiu-se de prompto :

— Os tempos são de guerra e os espias disfarçam-se de mil modos. Quem nos diz que esse mendigo tão bem falante não é emissario de traição, portador de mensagem a inimigos ou esculca que ande a vêr as forças de que dispomos para as denunciar a alguém que nos tenha em mira ? Se hoje não affrontamos senhorios nem andamos com cartéis de desafios ahi por esses solares, o velho odio que ha contra a nossa casa ainda não serenou. **E**

justamente por nos haveremos enfraquecido é que nos devemos acautelar contra possíveis assaltos. Se eu desconfiava desse mendigo, mais desconfio agora depois do que me disseste do seu apego á bolsa que, aparentemente, nada vale, mas que póde valer tanto como a nossa vida e Honra.

— Se assim é, senhor, tornemos á torre. Talvez que agora, a dormir, se lhe tenham afrouxado os dedos e se ainda os tiver atenazados ha meio de os fazer abrir.

— Não, se fôr necessario, irei eu.

— Só ? !

— Que tem ? Não dizes que dorme . . . ?

— Que o deixei a dormir, disso estou eu seguro. Mas . . . seria somno ou esperteza ? Esses que são escolhidos para taes mandados são sempre homens de experiencia e destros nas armas . . . e para taes galfarros nunca é demais um que saiba, a tempo, saltar dum canto e metter-lhe pela gorja dentro um palmo de ferro. Já por aqui andou um, e demais era velhote, que poz em debandada um rol de moços deixando a uns tantos cahidos na estrada, á espera de sacramentos. Cautela, senhor. O lóbo a dormir não deixa de ser lóbo.

— Pois se queres vir, vem.

— E armado . . . Já agora, com o que dizes, começo a desconfiar, porque, em verdade, nunca vi dormir tão de prompto e com tanto aferro. Mas

agora tambem já é tempo do mel haver começado a fazer effeito e eu carreguei no tal sumo. Que elle tem para dormir até sol nado, lá por isso juro eu.

Cabisbaixo, de mãos para as costas, Everardo perlongava a sala a lentos e largos passos. O moço continuava a galrar inutilmente porque elle não lhe ouvia palavra da verbiagem.

— A mim, póde ser engano, mas o que me pareceu foi que as mãos do tal vagabundo lançavam lume, tinha nas pontas assim uma coisa a modo de brasas que, no escuro, alumiaava ; talvez anneis . . . não vi bem. Cheguei até — salve-me o Senhor ! — a pensar no diabo. Emfim . . . Aquillo lá por cima, com tantas historias que se contam da torre, faz medo e quem tem medo cria imaginações. Para mim foi isso. Mas que me pareceu, pareceu. E quando vim agarrei-me com Deus e cobri-me com o signal da cruz, por causa das duvidas.

Voltou-se inopinadamente Everardo e, encarando o moço, exclamou em tom em que havia desconfiança :

— O diabo !

— Não digo que o seja, digo que me pareceu. Elle nunca se mostra como é. Umas vezes vem rico que nem um principe e vai apparecer adiante em fórma de mulher, quando não se mette no corpo de um animal, como já tem sido visto ahi por esses campos e nos caminhos do monte. Quem sabe lá !

Lembrou-se Everardo da corça e foram-se-lhe os olhos para a gamella onde ainda restavam grandes postas da selvagina. Seria!? pensou. E se fôsse, em verdade, o Diabo que o viesse buscar pela maldição que contra elle lançara o eremita? Um tremor agitou-o. Sentiu-se acovardar. Sim, um simples homem, não teria poder para tantas aventuras como as que tentara e vencera aquelle maltrapilho. E porque, possuindo elle dois talismans, havia de andar miseravel e faminto, correndo estradas quando podia, com mais facilidade do que o mais poderoso dos reis, ostentar a magnificencia que o ouro dá? E senhor do elixir de immortalidade, de que lhe valeria, a elle, Everardo, attentar-lhe contra a vida, com armas, se elle devia ter nas veias o poder de resistir á Morte? Emfim... Conter-se, não lhe era mais possivel. Vira a fortuna, sentira a Vida, havia de tê-las ou então... Resolveu-se e, voltando-se para o moço, que esperava ordens, disse-lhe imperativamente:

— Vai. Deixa-me só.

— Não quereis que vos acompanhe?

— Não!

— E se, em vez de um homem a dormir, encontrardes um traidor?

— Saberei defender-me. Vai.

O moço ainda hesitou. Mas o mancebo bradou energico:

— Vai! Deixa-me só. Aconteça o que acontecer . . . !

Retirou-se o moço. Everardo ficou um momento d'olhos no chão, remordendo os punhos. De repente foi a um canto, apanhou um manchil e, tomando um dos archotes, metteu-se afoitamente pelo corredor.

Entrando de repellão, como em arrancada, tropeçando em lages, que oscillavam, frouxas, aos esbarros nas arestosas pedras das paredes, Everardo parecia mais um fugitivo que corresse diante de perseguidores do que homem animado de disposições de affronta e luta.

Resfolgava alto, a haustos, com o coração opprimido, esmurraçando-lhe, aos esbarrões, o peito.

Ao chegar ao primeiro degrau da estreita e tortuosa escada que levava á torre esmoreceu e, então, da treva dos cantos, lambidos pelos lampejos do archote, viu elle sahirem vultos.

Encostou-se á parede espavorido, com o manchil em guarda, e reconheceu que o que lhe havia parecido figuras não era mais que o fumo do mesmo archote que ondulava rastejando, elevando-se, rolando no ar em bulções.

Foi-se escada acima, degrau a degrau, contendo o folego.

Enormes arganazes desciam atropelladamente,

chiando ; passavam-lhe pelos pés aos bandos, em fuga desapoderada. O silencio era de tumulo.

Chegando ao alto viu pela fenda da porta que havia luz na camara. E se o hospede a tivesse fechado com a pesada tranca ? Então nem que contra ella investisse a machado conseguiria lascá-la, sequer, porque era de rijo carvalho e blindada de ferro.

Encostou o archote á parede e, agachando-se, foi avançando ás surdas, de rasto, até a porta. Impelliu-a, sentiu-a ceder, mas os gonzos rangeram com estrépito. Retrahiu-se encolhido e, um momento, quedou á espera, apertando nervosamente o cabo do manchil. O silencio continuou. Empurrou mais a porta abrindo passagem bastante para esgueirar-se e, sempre reptando, entrou na camara. O lume ardia vivido no fogão aquecendo agradavelmente o interior. Foi indo.

Na grande mesa, ao centro, viu a farrancha do hospede. Adiantou-se. Deitado de travéz no leito, com as longas pernas para fóra, o vagabundo dormia, apertando ao peito o boldrié de couro. Erguendo-se, tentou Everardo retirá-lo, puxou-o ; o homem, porém, agitou-se com um resmungo rouco, apertando mais fortemente o seu thesouro. Então, no receio de que despertasse e resistisse, não hesitou mais tempo : agarrando o manchil a mãos ambas vibrou tão violento golpe que a cabeça saltou do

tronco, cahiu do leito e rolou no largo tapete com um clarão que alumiu toda a camara e, em vez de sangue, o que jorrava, aos borbotões, do corpo sacudido em estrebuchos era uma torrente de fogo que refervia e chiava.

Everardo recuou até um dos cantos e ali ficou encurralado, a olhar a serpente de lava que reluzia colleando, enrodilhando-se em volta da cabeça do assassinado, cujos olhos, muito abertos, espirravam faiscas.

De repente a face do morto contrahiou-se em agonia, abriu-se a boca e um regougo lugubre atroou sinistramente a camara.

O mancebo, sempre encantado, tremia. Cahiu-lhe da mão o manchil e, longo tempo, ali esteve sem poder mover-se, estarrecido e gelado, com os dentes taramelando.

Mas a immobilidade do corpo animou-o. Adiantou-se até a cabeça decepada que jazia no meio da sala, tocou-a com o pé. Ouviu um como rechino férvido de brasa mergulhada em agua. Chegou-se depois ao corpo : lá estava hirto, com o boldrié agarrado a mãos ambas.

Foi um trabalho para separar os longos dedos que empolgavam a bolsa. Quando conseguiu arrancá-la, rapida, nervosamente, abriu-a, procurou os dois frascos. Achando-os, correu com elles á lareira mirando-os ao lume e reconheceu os elixires.

O ouro e a vida ! Senhor do mundo ! Igual a Deus ! Apoderou-se d'elle uma alegria delirante e ali, sobre o sangue que coalhara no tapete, de um rubro amarellado, de fogo, em volta da cabeça refoufinhada, poz-se a saltar e a rir. Por fim, serenando, levantou o tapete, achou uma argola, tirou por ella abrindo um alçapão. Correu ao leito, arrastou pelas pernas o corpo do degolado e, chegando com elle á abertura do alçapão, impelliu-o. Com o pé foi levando a cabeça ao mesmo lugar, no momento, porém, em que ella mergulhou no escuro, o estardalhaço duma gargalhada repercutiu na profundez.

O mancebo estremeceu de pavor. Que importava ! Que se risse, ainda que fôsse o proprio Diabo ! Tinha comsigo a Vida, a Immortalidade e o Ouro. Que mais ! Fechou o alçapão, repoz o tapete e triumphava feliz quando ouviu um triste balido no silencio, como ouvira na caverna do solitario quando atravessara com a sua enorme faca o coração da corça.

VII

Sem lembrar-se, sequer, do archote, que ardia, fumarento, appenso a uma das argolas da parede, lançou-se Everardo para a porta, abriu-a de repelão e mergulhou na treva.

Tacteando os muros asperos e humidos, apalpando com os pés o piso, caminhava vagarosamente ás cegas, até que encontrou o primeiro degrau da escada estreita e ingreme. Guiando-se pela parede, que se retorcia em voltas de caracol, foi descendo até que sentiu as lages frouxas, bambas da galeria. Então precipitou-se, a correr, e os seus passos resoavam retumbantemente no tunnel obscuro.

Mas a sombra como que se diluia em ouro e, subito, a claridade da cozinha appareceu e o castellão respirou desafogado.

Não restava viv'alma. Todos os servos já se haviam recolhido. Tanto melhor! Arrastou um escabello para junto do fogão, sentou-se escarranchado e, tirando do bolso os dois frascos maravilhosos, poz-se a mirá-los com enlevo, ora um, ora outro. Chegando, então, á luz o que continha o elixir do ouro tanto se lhe arrebatou o espirito ambicioso que, através do liquido, que os hermeticos chamavam fleuma, viu todo o mundo transformado em immensa mina.

Já não eram apenas os metaes que se transmudavam, mas tudo: eram as montanhas, com o arvoredo, que se tornavam flavas; eram os rios que rolavam ouro liquido; eram os campos, os casalejos, a ermida em ruínas, os proprios homens e os animaes que reluziam, tudo em ouro! E dentro dessa riqueza universal, a immortalidade!

Via-se no alto de uma das torres, entre as ameias, lançando, á rebatinha, aos villões que se apinhavam em volta do fosso, moedas, barras de ouro, espalhando a fortuna com a mesma prodigalidade com que o sol diffunde o seu clarão.

Levantou-se airado. Custava-lhe esperar a manhan. Queria, desde logo, dar começo á grandeza e como o que ali havia de ferro eram apenas utensilios de cozinha, foi-se a uma caçarola, pingou uma gota. Instantaneamente operou-se o prodigio. Ouro! Ouro! Em ouro mudou-se o enorme

espeto, tornaram-se de ouro as sertans, as marmittas, o vasto caldeirão com a grossa corrente que o suspendia ao fogo. Afastou-se para contemplar o que ali tinha ! Quando dariam, em moedas, aquellas velhas peças !

Lembrou-se da sala d'armas, onde se perfilavam as armaduras completas de todos os cavalleiros antigos, honras de Créve-cœur, e o que ainda havia nas panoplias e toda a ferragem existente no castello, a de armas e a da abegoaria. Seria, porém, melhor deixar tudo como estava para que os servos, dando pelo encantamento, não se rebellassem, ameaçando-lhe a vida.

Tal pensamento, porém, fê-lo sorrir. Que poderiam contra elle aquelles velhos decrepitos, aquelles mancebos pusillanimes, aquellas mulheres humilimas ! Exercitos que se levantassem cercando, escalando o castello, tomando-o de assalto, poderiam destruí-lo não deixando pedra sobre pedra, contra elle, porém, não teriam poder o fogo nem o ferro porque o elixir de vida valia por escudo impenetravel.

Uma idéa, porém, sinistra, atravessou-lhe a mente. Não seria aquillo astucioso ardil do inferno para escravisar-lhe a alma ? A traça era bem tramada. Enganado com o ouro não hesitaria em servir-se do outro elixir mais prodigioso, e uma gota que tomasse rendê-lo-ia, para o sempre, ao De-

monio. Não ! Melhor seria experimentar primeiro onde houvesse vida. Nem um servo, nem um cão. Estava só.

Poz-se a caminhar preocupado. Chegou-se a um postigo e ali se ficou a olhar pensativamente até que começou a alvorecer. Já divisava a montanha esfumada no fundo do nevoeiro, arvores, colmados, fumo de choças. Era a manhan, manhan de inverno, pallida, cortada de vãos de corvos.

Que fazer ? Como experimentar aquelle elixir de tanto prestigio, mais valioso que o da fortuna ? Resolveu sahir. Encontraria, de certo, algum servo ou animal acordado, e faria a desejada experiencia.

Atabafou-se e desceu ao pateo do castello. Deserto. A um canto, porém, num espaço de terra onde, outr'ora, sua mãe, a boa castellan amiga dos pobres, cultivava uma roseira, achou a planta quasi morta, sem uma folha, mas, como por milagre, com uma linda rosa aberta num galho secco.

Estranhou a singularidade, logo, porém, disse comsigo :

«A rosa vive e morre e esta não durará, de certo, mais que um dia. Quem sabe se não foi minha mãe que a fez nascer para que eu nella faça a experiencia e assim me salve da cilada infernal ! Se o elixir fôr de morte a flôr maravilhosa m'o denunciará. »

Chegando-se, então, á planta com o frasco do elixir lentejou-a na corolla.

Retrahiu-se instantaneamente a flôr encolhendo as petalas como crestada ao fogo, e cerrou-se em botão. Pouco a pouco, porém, foi-se, de novo, abrindo mais viçosa, com a côr mais viva e exhalando arôma tão forte que perfumou todo o pateo.

Reconheceu Everardo o prodigio e, contente, quasi convencido, esteve, por pouco, a tomar o elixir. Lembrou-lhe, porém, que, áquella hora, já a sua gente devia estar de pé, na cozinha, e, certamente, teria visto a transformação que se operara, achando tudo em ouro.

Decidiu subir para evitar que algum dos miseraveis commettesse furto. Tornava a passos apressados quando descobriu, no vão de uma carcova, sofrego bando de corvos derriçando uma carniça. Deteve-se a olhar a luta vulturina e, de novo, para maior segurança, pensou em experimentar o elixir em uma daquellas aves. Foi, pé ante pé, cosendo-se com a parede e, quando chegou ao enxame, presto e agil, empalmou a que se achava mais proxima.

Sentindo-se empolgado, debateu-se o corvo aos crocitos, bicando enfuriadamente a mão que o prendia. Agarrou-o Everardo e, tolhendo-lhe as azas, abriu-lhe o bico vertendo-lhe na garganta uma gota do elixir.

O animal enlangueceu, cerrando os olhos e, posto em terra, ficou immovel, como morto. O man-

cebo contemplava-o e notou-lhe a arfadura do peito, um leve riçar das pennas, tremores ; por fim reabriram-se-lhe os olhos amortecidos, papejou, viravoltou sem, todavia, poder levantar a cabeça. Vivia. Lembrou-se, então, o mancebo de o assignalar para reconhecê-lo em qualquer epoca, caso o encontrasse, e, tirando de si uma medalha presa a uma corrente de ouro, passou-a ao pescoço da ave que forcejava para levantar-se cambaleando, sacudindo a cabeça atordoada, caminhando ás tontas pelo pateo, tropega.

Deixou-a ir até que a viu ensaiar as azas, partir em corrida e abalar em vôo. Não se manteve no ar, pousando pouco adiante. Esteve um momento quieta, de repente, em arranque arrojado, alou-se, elevando-se a prumo até as ameias das torres, pairou um momento, orientando-se e desapareceu no espaço.

« Grande poder ! Grande poder ! Abate, mas para dar maiores forças. Com que arrojo voou . . . ! Nem uma aguia ! Se uma só gota tanto faz, que não fará todo o conteúdo do frasco ! Vai-se, mas não irá tão longe que eu o perca para sempre. Ha de tornar e pela medalha reconhecê-lo-ei. Demais o que eu queria verificar era se o elixir opera como força vital ou como destruição. Não me restam duvidas. Para experiencia bastam duas vidas — a da rosa e a do corvo. Amanhan mesmo poderei veri-

ficar a sorte da primeira, quanto ao outro . . . virá a prova a seu tempo ».

Assim pensava caminhando a passos lentos para a escada do castello quando, no interior, estrondou ruído de tumulto : vozeirada, gritos, blasphemias, entrechoques de armas. Dir-se-ia que a alcaçova fôra invadida e que se combatia renhidamente em todos os angulos.

Lembrou-se logo das peças de ouro que deixara na cozinha. Entrepresa, assalto de inimigo não podia ser. Certamente os servos, acordando e indo a serviço, haviam descoberto os objectos de ferro transformados em ouro e disputavam-nos.

Levando a mão á adaga, arremessou-se escada acima e, á medida que subia, mais se lhe firmava no espirito a suspeita que tivera.

Sim ! a luta era na cozinha.

Antes de lá chegar viu um confuso bando que vinha aos tropellões disputando presa ou saque. Luziam ferros, gritos de feridos atravessavam agudamente o rumor. Tropeçou em um cadaver ; adiante era um moribundo que estertorava agarrando, a mãos ambas, as entranhas deventradas. Escorregava em sangue. Por todos os lados corriam vilões fugindo com alguma coisa. Combatia-se em toda a parte. Quando o reconheceram os servos, allucinados pelo ouro de que se haviam apoderado, investiram brandindo as armas. Elle comprehen-

deu que toda a resistencia seria inutil. Quiz retroceder, fugir. Mas os villões avançavam e, sentindo-o fraco, acovardado, mais se assanhavam como se quizessem, não só garantir a fortuna que haviam encontrado, como tambem vingar-se dos maus tratos e affrontas, de todos os tormentos e viltas com que elle os tratava. Sentindo-se perdido, com os chuços, lanças e bisarmas apontados ao peito, lembrou-se do talisman que tinha. Levou rapidamente o frasco á boca e esvasiou-o dum trago.

Sentiu a garganta em fogo, como se houvesse engulido pez fervente, corriam-lhe chammas pelas veias, ardiam-lhe as entranhas. Levou afflictamente as mãos á gorja apertando-a em estrangulamento, aos uivos.

Vendo-o em tamanho desespero, aos rebolcos no chão, rugindo, escabujando, erguendo-se sobre os joelhos, a agitar afflictamente os braços para, de novo, rolar em terra em ansia cada vez maior, os servos contiveram-se á distancia, estarecidos.

A pouco e pouco, relutando os movimentos, o corpo foi-se aquietando até que se immobilisou hirtto, de braços abertos em crucificação nas lages. E ali ficou o dia todo em abandono, como cadaver esquecido.

Começava a escurecer, já as corujas chirriavam e os morcegos voavam, aos trissos, em volta das torres desertas, porque as proprias sentinellas ha-

viam abandonado os seus postos, deixando as lanças nas cárcovas e sahindo com a multidão que se lançara em seguimento dos que haviam logrado abalar com furtos, quando Everardo abriu os olhos, estendeu os braços e começou a mover-se sem dores.

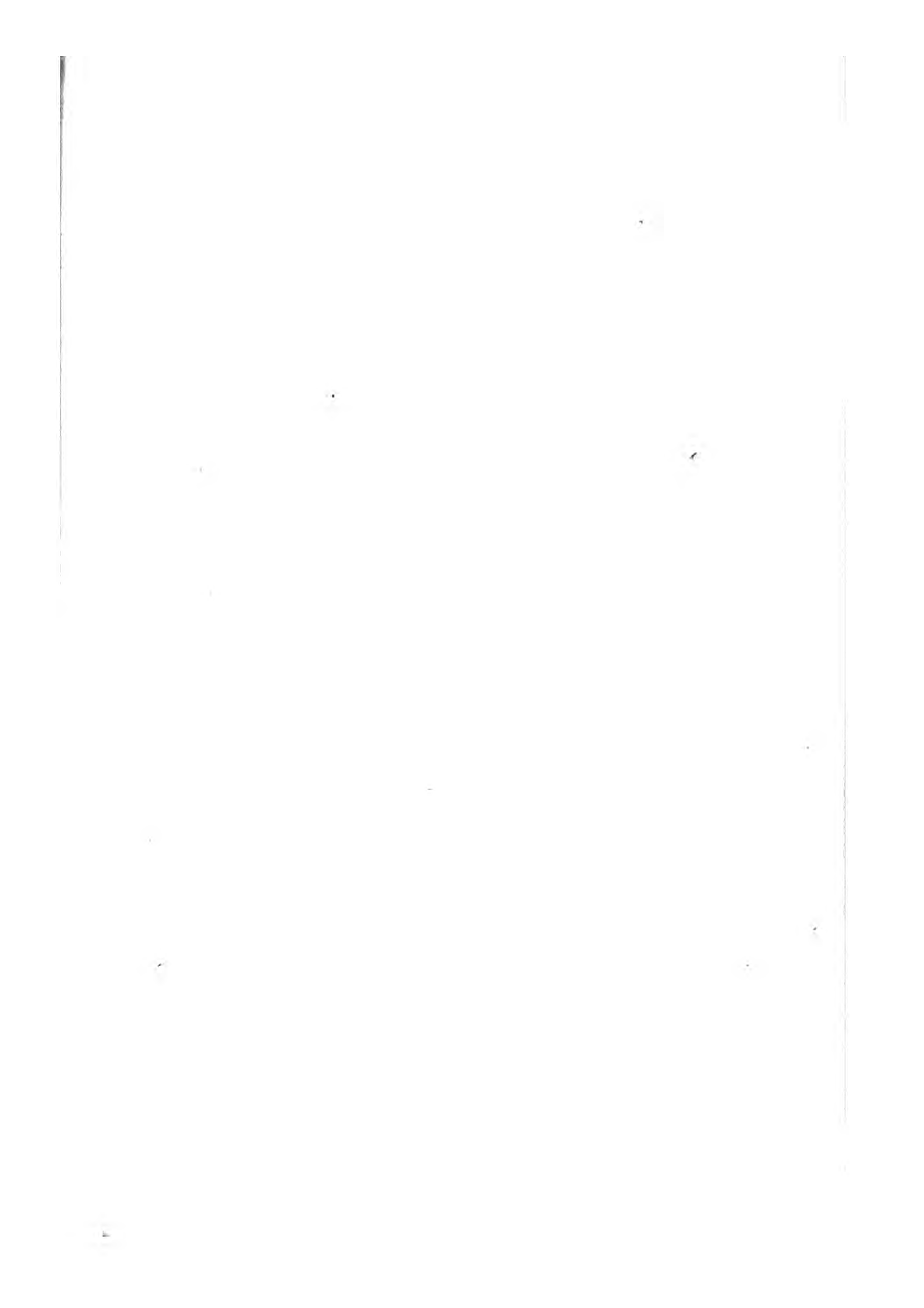
Nada sentia. Era como se não tivesse corpo e fôsse apenas espirito. Levantou-se, olhou em volta. No fogão morriam as brasas derradeiras. Ainda que não desse pelo frio, o habito levou-o a manter o lume. Foi á pilha de troncos e, querendo rolar um dos mais grossos, levantou-o como se fôsse uma palha. Atirou-o ao fogão e outro, mais outro.

Começou a lenha a crepitar e, em pouco, grandes labaredas rugiam e, por mais que elle se lhes puzesse adiante não via a sua sombra, perdera-a, levara-a o elixir.

Só então comprehendeu o mysterio da ausencia da projecção da materia — é que a sombra, reflexo da morte, não póde acompanhar o eterno e elle deixara de ser um ephemero desde que bebera o elixir de immortalidade.

Lembrou-se então dos frascos, procurou-os no bolso : lá estavam, o do ouro ainda cheio, o outro, porém, completamente vasio.

SEGUNDA PARTE



I

O silencio de mortorio em que jazia o immenso e abandonado senhorio de Crève-cœur, com as suas terras todas a monte e a floresta descendo avassaladoramente da montanha e tomando os alfobres, dantes prosperos, acordou, uma manhan, em alvoriso com a chegada de alegre povareu que logo se foi espalhando pelas chans em ruidosas almofallas, como um rio em cheia, que transborda e alaga extensamente as margens. Acampados a esmo, começaram os primeiros vindiços a abater o arvoredó para construir moradias e, emquanto as iam levantando, nos proprios carregões em que haviam chegado com as familias, aposentavam-se á noite, prendendo em volta os bois de canga, os cavallos de sella e os muares cargueiros e ainda o almalho

miudo, guardados por enormes alões que velavam rondando o pouso, attentos aos lóbos que, pela calada, evitando o clarão das fogueiras, vinham sorrateiramente farejar os cercados onde eram recolhidos os rebanhos de ovelhas.

E sempre novas levas surgiam, gentes estranhas, falando idiomas rudes. Ás vezes, noite alta, alvroçava-se o acampamento aos ladridos furiosos dos molossos: eram bandos que chegavam aclarando os caminhos com archotes, araviando, e assentavam rancharias onde encontrassem terreno vago.

Nos pousos e estalagens já ninguem se surpreendia com a passagem de taes migrações, porque era publico que o senhor de Créve-cœur despachara emissarios em varios rumos afim de contratarem trabalhadores peritos em toda a obra para restaurar o castello.

O que se não explicava era a origem mysteriosa da fortuna de quem, mezes antes, esfarrapado e em farandula de máus homens, corria as brenhas caçando para comer ou varejava os casebres dos villões matando por um resto de farinha que encontrava no fundo da ucha, por uma ovelha que avistava escondida em baledo, fiscellada, como podengo, para não balir.

Corriam lendas. Diziam jograes que o castellão descobrira um thesouro nos subterraneos do solar; os frades mendicantes davam-no por pactuado com

o demonio, provisio, que se vendera ao inferno pelo peso em ouro da albarran do castello. Ao certo, porém, não se sabia como, de um dia para outro, sem que sahisse em expedição de guerra e apresamento, conseguira o fidalgo tão largos haveres. A verdade, porém, era o que se via : todos os homens contratados traziam nas bolsas de couro soldadas de adiantamento e louvavam a generosidade de tão bom senhor que não ratinhava salarios, offerecendo um terço mais, e pago á vista, do que lhe era pedido pelos jornaleiros.

E ali se ajuntavam os mais habeis mesteiraes e artifices : canteiros, britadores de pedra, alve-neis, carapinas e ferreiros, pintores, acafelladores e mestres em alfagemeria e em obras de couro e ainda homens barbarescos, de tez acobreada, falando uma aljamia arrevesada, muito entendidos em construcções de alcaçovas, sabendo a arte de retorcer labyrinthos nas cárcovas, abrir e amear quadrellas, fender setteiras, por onde não penetrassem frechas lançadas por inimigos, cavar subterraneos com sa-hidas no campo pelos quaes rompessem, cahindo de surpresa em pleno acampamento dos sitiantes, os homens de Créve-cœur.

E, acompanhando os operarios, vinham mercadores, bufarinheiros, musicos, saltimbancos e ras-côas de vida airada, que se ajuntavam em comadrio devasso attrahindo aos seus amores obsce-

nos os mancebos e os libertinos da população errante.

E o burgo, até bem pouco deserto e calado, povoou-se instantaneamente.

A fama das enormes riquezas de Everardo, levada de póvoa em póvoa, attrahia gente de toda a casta ao senhorio e todos pediam trabalho, e, desde a madrugada, começava o movimento. A floresta atroava com a derrubada dos troncos, tiniam ferros nas bigornas, a serra ringia sem cessar folheando taboas ; era constante o ranger dos carros rilhando as estradas e os muros do castello, reforçados de blocos de pedra, alargavam o seu ambito porque o senhor resolvera, não só reparar o que ameaçava ruir, como tambem dar mais grandeza ao alcácer e orná-lo com fausto, não só de madeiras raras como de mosaicos preciosos e pinturas heroicas e amorosas.

A sala das cerimonias passou de grupo a grupo de artistas — entalhadores que insculpiram a madeira do tecto, fazendo descer por ellas folhudas ramagens nas quaes ourives engastaram flores de ouro e prata esmaltadas de pedrarias ; tapeceiros, vindos do Oriente, que lhe alfombraram o soalho ; marceneiros e ebanistas que a mobilaram, caprichando apuradamente no solio, verdadeiro throno, sob um esparavél todo de ouro, com sanefas de filigrana tão fina e leve que ondulava ao vento, como se fôsse de sêda tenue.

A sala d'armas, com o seu aspecto severo, toda revestida de ouro, que era dado aos fundidores em barras, grossas como troncos, quando se accendia o enorme fogão de marmore, reluzia em reflexos flammineos. E as armaduras inteiras, em numero de cem, lisas, tauxiadas ou as solhas escamosas, que emprestavam aos guerreiros aspecto truculento, formavam como uma guarda silenciosa de heroes, cada qual com uma philacteria escaqueada, ao gosto byzantino, de quadriculos de lazulite e ouro sobreposta á cabeça, com o nome e os feitos de cada um dos donos a que haviam pertencido. E mais : eram sações e briaes, laudeis e lorigas imbricadas, panoplias eriçadas d'armas e, aqui, ali, em estudado abandono, elmos, celadas, morriões, almafres, guantes ; escudos enormes, triangulares, e rodellas, braçaes, coçotes, gorgelins e acobertamentos de aceiro ou leves, cheios de ornamentos, para torneios e bufurdios.

E todas as peças do formidavel baluarte, Honra das de maior nobreza e fama, eram trabalhadas com igual primor.

Não só da residencia se occupou Everardo senão tambem da administração que lhe convinha, distribuindo os varios cargos do governo a officiaes da sua confiança e assim nomeou senescal e bailio, mestre d'armas e uchão e criou uma côrte, como a de principe, com cerimonia e fausto.



Determinou o beneficio das terras e logo os vaqueiros e os alagadiços desappareceram com a esforcada labúta de centenaes de servos, que sahiam ao nascer do sol e só recolhiam, esfalfados, quando a buzina da sentinella soava a hora de Vesperas e as sombras frias desciam da montanha.

Era então de vêr-se a lenta fila de gente de lavoura, e os densos rebanhos, e as manadas de potros e os armentios robustos por entre os quaes caracolavam ginetes destros, com os peitos e os ventres acobertados contra as investidas dos touros.

Os campos cobriram-se de searas, reviveram os olivedos que as hervas maninhas haviam abafado, reenfolharam-se pampinosamente, carregando-se de cachos, as vinhas cujas cepas pouco mais eram que varas retorcidas. As estradas lisas, achanadas, tornaram-se suaves aos viajantes, as pontes, corregidas, zombavam das cheias primaveris, quando as neves dos montes desciam fundidas em torrentes tumultuosas. E o que era outrora sitio mal assombrado, recortado de veredas e andurriaes, e temido, onde só por transvio apparecia um caminheiro, fez-se o mais frequentado da região, não só pela abundancia da terra, em tudo fertil, como pela bondade do jovem senhor, que parecia esquecer os prestamos que lhe eram devidos porque, raramente, o villico era encontrado nas estradas, com a sua tabella de cobrança.

Assim, quando Everardo apparecia, entre os appostos cavalleiros da sua guarda, montando negro e garboso alfario de jaezes de ouro, com um falcão no punho, sempre alerta a vôos que scindiam o ar, prestes a partir em prêa, a matilha de alões e lebreus contida por monteiros de pulso rijo, acudia gente das casas e das lavouras a abençoá-lo e elle sorria á medida que dois pagens, que sempre o seguiam em mulas, carregadas de ceirões de couro, atiravam moedas de ouro aos velhos e ás crianças em gestos largos e indifferentes de simples semeadores de grãos em terras de lavoura.

O castello, com o seu balsão desfraldado na torre, mostrando a signa de Crève-cœur, um coração rebentando em chammas, com as sentinellas em roldas e sobre roldas vigiando nas cárcovas e quadrelhas, com a levadiça blindada, sustida nos cunhaes de granito por grossas correntes de elos de bronze, com o fosso profundo, escavado na rocha, era uma verdadeira cidadella fortemente amantellada, guardada de bastimento bellico e de viveres e de homens como se se apercebesse para uma guerra esforçada e longa.

As ucharias estavam abarrotadas; nos paiões empilhavam-se fardos e caixas; potes e vasilhas de varias fórmias enchiam as prateleiras; toneis e cantaros atupiam a adega. Havia curraes onde poderiam invernar mil rezes, apriscos, corveiros, possil-

gas. Nas estrebarias quinhentos ginetes ficariam folgados. E o que havia de pez e polvora para repellir assaltos e blocos de rochas, e armas de todos os feitios, para todos os combates !

Nos canis, gradeados de ferro, latiam, ferozmente, duzentos molossos adestrados. E a gente da mesnada, forte de mil lanças, bem paga, não fazia mais que exercitar-se no immenso campo de tavalado, uns ferindo a quintana, a todo o galope de corceis fogosos, outros atesando arcos e mandando frechas a alvos minimos para firmarem a pontaria ; baleares vibrando fundas de couro, bésteiros varando a virotes frutos fincados em postes, á distancia, ou pombos lançados em soltada de morte ; brutamontes que sarilhavam, a um só punho, largas e longas espadas de duas mãos e gigantes, trazidos das terras geladas do Norte, lentos e sorumbaticos, que acabramavam touros a pulso ou divertiam-se jogando quartos de rocha com mais facilidade do que os pagens lançavam o disco nos campos da malha.

Contaria, por acaso, Everardo com assaltos de visinhos ou ousío de villões para que assim se armasse tão aguerridamente ? Não ! Nada constava. Pedidos de alliança tinha-os elle de todos os barões de quarenta leguas em de redor, isso sim. E os presentes que, de todas as partes, lhe chegavam, eram sainetes de paz e não carteis de desafio. E quem

ousaria affrontar senhor de tanto poder, para quem o ouro valia menos que o barro que rola das montanhas com as enxurradas de inverno ?

Todo aquelle apparatus era de ostentação, vaidade de grandeza tão sómente, não cautela de prudencia. Demais, que lhe importava, a elle, a força dos homens ? Fôsse ella tanto que conseguisse dar em terra com a formidavel mole, em cuja construcção haviam entrado rochedos e, além da argamassa que os ajustara ainda os uniam grossos pegões de ferro ; não ficasse vivo um só dos seus mercenarios, nem um só dos seus cães, que poderiam contra elle, superior, que era, á propria morte, o poder mesquinho dos homens ? E Everardo sorria superiormente.

Quanta vez, á noite, subindo á barbacan, onde luziam almenaras, debruçando-se sobre as ameias, ficava a olhar o burgo picado de lumes, que eram os fogos do casario, pensando nas dôres e nas tristezas daquelles lares de onde saham gemidos e preces que se dissolviam no silencio como se dissolvem no ar o fumo das fogueiras.

A Morte rondava aquella vasta habitação, era o lobo em farejo aos redis : volta e meia o sino da ermida soava a finados : era um que lá ia.

Quantos vira elle passar para a cova : trabalhadores robustos, donzellas no viço da belleza, mãis que deixavam filhos em orfandade, mendigando

pelas estradas, velhos e crianças e elle sempre o mesmo, firme na furia do tempo destruidor, como um penhasco no meio das vagas.

Lembrava-se dos antigos dias ephemeros nos quaes tambem vivera, com o mesmo destino dos homens, no mesmo matadouro, á espera sempre do golpe que o havia de prostrar e transia-se como o que se salva de um perigo e, ao recordar-se do risco em que se achara, ainda vibra e estremece arripadamente.

Lograra fugir da terrivel prisão dos condemnados elle só, o unico, e, de fóra, perlongando a muralha em volta, ouvia os clamores afflictos das miseras victimas, elle, o eterno como a luz, eterno como Deus.

Nem dôres, nem enfermidades, nem velhice, nada que o igualasse á Humanidade triste senão a fórma e o vigor para o goso.

O goso sim, o goso ! Esse mesmo, porém, que para o commum dos homens era a sensação de um instante, logo vencida pelo enfarte ou pela fadiga, nelle não tinha descontinuação.

Para renovarem constantemente o seu gyneceu andavam navios pirateando, infestando as costas em pilhagem de donzellas e hordas que, de improviso, invadiam cidades e, emquanto uns combatiam, ateiavam incendios estabelecendo o panico, outros varejavam palacios raptando mulheres, as

que vissem mais dignas de ornar com a sua belleza as orgias do senhor.

E eram infernaes esses lubricos festins de Crève-cœur, aos quaes acudiam, de longe, a convite do senhor, fidalgos libidinosos.

As musicas soavam reveesando-se no estrado as tangedoras; bailadeiras orientaes, em requebros obscenos, volteavam núas, coroadas de rosas, a grande mesa, lautamente servida, toda em baixella de ouro e, no mais exaltado do brodio, quando os vinhos allucinavam os convivas, abriam-se largamente as portas e grandes negros, com os rins apenas cingidos por um sendal de lan, entravam empurrando brancas mulheres nuas ou arrastando-as pelos cabellos e atiravam-nas de borco no meio dos homens como se jogassem carne a feras.

E entre ellas quantas havia princessas de sangue, puellas de nobres casas que preferiam morrer a degradarem-se em tamanha viltá e resistiam até serem subjugadas ou então mortas por entre gargalhadas do lubrico contubernio.

Everardo divertia-se com taes espectaculos ferozes e como lhe não bastasse a affronta de tantas fraquezas, suggeria infamias ainda mais torpes, propondo cavalgadas a povoados para rauso e matança, assaltos a mosteiros arrancando as monjas ás cellas, tomando-as á garupa dos ginetes e partindo, de tropellão, estrada fóra, deixando muitos dos com-

panheiros mortos a frechadas, para recolher com os demais, ao solar nefando.

E, a pretexto de passatempo, para gosar a morte, espalhava a discordia entre os solares vizinhos, intrigava ardilosamente, offerecendo a ambos os partidos o soccorro da sua gente e quando sabia, pelos seus esculcas, que as duas hostes haviam sahido a campo, ria-se, prelibando o spectaculo do morticinio, para elle sempre divertido.

E, certo como estava da sua invulnerabilidade, vestia as armas, e, á frente de uma mesnada escolhida, partia para combater. E assim passava o tempo o rico e nobre senhor de Créve-cœur, dono de um thesouro que todos affirmavam vir do inferno, porque, quanto mais elle o prodigalisava mais se lhe augmentava nas arcas de onde, diariamente, o mordomo arrecadava barras das quaes uma só daria para pagar um troço de cem lanças que engrossasse o exercito dos reis christãos em marcha sobre Jerusalem.

A armadura que o acobertava diziam-na encantada, porque jámais o velho physico sarraceno fôra chamado para pensar-lhe a mais leve ferida, posto que elle entrasse em todos os combates, sempre na vanguarda, expondo-se temerariamente aos golpes — o primeiro sempre a subir pelas escadas de assalto, a galgar os parapeitos, a saltar nas quadrelhas e, rolasse de toda a altura das muralhas sobre

as rochas pontudas, jorrassem sobre elle catadupas de bitume férvido, amolgassem-lhe o elmo e a couraça blocos de granito lançados das torres, crivassem-no de frechas e de virotões, findo o combate viam-no alegre e fresco, como se sahisse de um torneio de cannas ou de uma batida a cervo nas charnecas da montanha.

II

Haveria ainda alguma coisa que elle não conhecesse ? Tudo que a terra, em todos os seus climas, produzia ou os homens mais industriosos fabricavam vinha-lhe ter ás mãos ; capricho que lhe occorresse, por mais bizarro que fôsse, havia de ser satisfeito.

Raro era o dia em que as sentinellas, que vigiavam nas torres, resguardadas do sol pelas guaritas de pedra fendidas em setteiras, á noite por almenaras, tantas que, avistado de longe, o castello parecia coroado de fogo, não annunciassem, ao som de buzinas, a aproximação de récovas ou carriagem.

Eram filas e filas de azemolas carregadas de fardos, ceirões, caixas, embolhas e odres ou lentos carros cobertos de pelles, tirados por numerosas

juntas de bois, trilhando sulcos profundos nas estradas com o peso que transportavam. Precediam-nos, ladeavam-nos, seguiam-nos na reçaça cavallarianos cataphractus, armados de compridas lanças e archeiros acobreados, de barba longa, em tranças, com enormes arcos e aljavas de couro ás costas, apinhadas de frechas.

Os proprios almocreves e carreteiros, além das fendas que lhes badalhocavam á ilharga, traziam chuços e azevans, que a uns serviam como de cajados e a outros de aguilhada. E uma canzoada feroz amatilhava-se em volta das caravanas, pastoreando almalho ou investindo, ao primeiro açulo, se succedia apparecerem, á vista dos dianteiros, vultos que se desemboscavam com ares de salteadores.

Em taes transportes vinha de tudo — desde mulheres raptadas ou compradas em mercados levantinos até os mais exquisitos animaes; pannos do maior preço, tapeçarias as mais raras, alfaias, obras de cinzel e de machamartilho, armas adamacadas e joias de rajás; vinhos, licores de fabrico mysterioso, conservas de frutas, guloseimas de serralhos e mil especies de essencias para perfume e arómata.

A chegada de taes comboios alvoroçava o burgo e o castello e eram necessarios dias para fazer-se a descarga dos carros, esvasiar bruacas e côfos, abrir caixas, acanteirar odres,

Tudo, porém, era distracção para um minuto breve e bocejado. Por mais que os servos procurassem interessar Everardo no exótico que iam desfardelando, muito era se delle conseguiam um vago olhar tedioso. As mulheres, escolhidas entre as mais formosas das varias raças, desde as das costas asiaticas e dos littoraes da Grecia e das ilhas, industriadas nas didascalias venustas, até as negras retintas que acuavam, ariscas como feras, afuzilando olhares ameaçadores, não o tiravam do aborrecimento. E ainda não haviam concluido a arrumação de um cargueiro e outras réguas annunciavam-se e rompiam carros chiando pelos andurriaes.

Espairecendo, uma tarde, no terrapleno do castello, viu Everardo um grupo de homens acercado de velho psylo, que falava animadamente gesticulando e tripudiando como se reproduzisse uma scena heroica. Interrogando um dos da roda, teve a interpretação do que via que era a narrativa dramatica feita pelo hindú de uma caçada de tigres nos juncaes de Bassora, a languida cidade dos perfumes.

Interessando-lhe o episodio logo pensou em pô-lo em pratica, experimentando os perigos de tão ousada monteria e ordenou lhe trouxessem, fosse como fôsse, o maior numero possivel de taes feras.

Sahiram emissarios. Dois longos annos correram sem noticia dos enviados e já os tinham todos

por perdidos quando, uma tarde, o burgo atroou roncoss como de trovoada ao longe. Gente, que recolhia das lavouras, estacou aturdida d'olhos no céu azul, sem nuvem. E o rumor repetiu-se mais proximo, soturno.

Soou o oliphante no castello. Então viram um grande carro que vinha solavancando pela estrada cercado de homens escuros, de turbante, com arco e lança, montando alfarios vistosamente ajaezados.

Os mais curiosos correram a vêr o que havia no carro, mas, ao aproximarem-se, tal foi o rugido que delle sahiu, que todos debandaram espavoridos.

Nessa mesma noite soube-se, por um dos pagens do castello, que haviam chegado das terras dos Reis Magos os tigres encommendados pelo senhor. Foi um alvoroço entre os solarengos. Everardo sentiu, então, vivo prazer : era uma novidade, não só para elle, como para todos os fidalgos da região e decidiu, desde logo, convidá-los para a grande caçada que pretendia fazer.

De todos os castellos visinhos vieram, em grande aparato, os mais experimentados batedores de mattas com os seus monteiros e as suas matilhas. Abriram-se festivamente os salões do castello e, antes da noite em que deviam ser soltos na montanha os tigres para serem corridos na manhan seguinte, foram banquetes e trebelhos, jogos d'armas, saraus de musica, bailados e orgias nas quaes appareceram

mulheres, cuja estranha belleza deixou os convivas maravilhados.

O prazer de Everardo era vê-los disputarem as lindas escravas que elle lhes offerencia. E, no mais fervido da luta, quando já se injuriavam, ebrios, os cavalleiros empenhados na posse da que lhes atrahira o olhar e nelles accendera o desejo, abria-se outra porta e outro bando de mulheres irrompia qual mais formosa e mais seductora desfazendo, com o prestigio da belleza airoza, o encanto produzido pelas anteriores.

E Everardo sempre a ordenar surpresas divertindo-se com o que faziam os seus hospedes.

Na noite em que os tigres deviam ser levados á montanha, e soltos, o castello repousou. Todos os cavalleiros prepararam-se para a luta terrivel em que se iam arriscar. O carro partiu para a montanha á tarde e á hora em que começou o banquete, foi chamado o psylo para que descrevesse a caçada como a faziam nos juncaes da India os homens da sua raça.

E o velho hindú, inclinando-se diante dos commensaes, esteve um momento de bruços, com a fronte de rojo, as mãos espalmadas no chão, como se rezasse.

Por fim levantou-se e poz-se a araviar em voz plangente a narrativa heroica, que um interprete ia traduzindo. E descreveu como os poderosos

naires, montados em elephantes e seguidos de numerosa companhia de guerreiros, embrenhavam-se nas florestas, procurando os juncaes onde os tigres se alapardam. Disse da belleza das selvas millenares do seu paíz sagrado, do emmaranhado dos ramos, das lagôas profundas, coalhadas de flores e cercadas de aves. De repente, transfigurando-se, aos galões daqui, dali, ás upas, ás investidas, poz-se a imitar o tigre quando, descoberto pelos caçadores, em vez de os evitar, affronta-os atrevidamente.

Os cavalleiros ouviam-no interessados, acompanhando-lhe, attentos, todos os movimentos. E o velho rugia, agatafunhava, com os dedos em garras, o rosto secco, encarquilhado em rictus, os olhos alumando esbrasidos. E aos pulos léstos, a bracejar desatinadamente, dava a impressão de repellir ou então, acocorando-se, a escavacar com as mãos grifanhas, arrancava alguma coisa que lançava para os lados, como entunas que deventrasse. Por fim, como ferido, rolou no chão, rebolcou-se, um momento escabujou até quedar inerte.

Esteve assim um instante, no silencio dos cavalleiros, attentos ao interprete que traduzia a narração e explicava os meneios, gestos e attitudes que elle fizera. Levantou-se por fim, e posto em joelhos, de novo curvou-se tocando o solo com a fronte, sempre de mãos espalmadas, até que se poz de

pé, fatigado, inclinando-se respeitosamente com os braços em cruz no peito. E, arrastando as sandalias de palma, desapareceu por uma das portas guardada por dois gigantes negros, com cimitarras núas.

Convencidos, pelo que acabavam de ouvir e vêr, que teriam de se avistar com animaes mais fortes e ageis e muito mais ferozes que o urso, os cavalleiros, por bravata, levantaram as copas de ouro, nas quaes espumava um vinho louro e, saudando o generoso fidalgo, que lhes ia proporcionar prazer novo e digno de valentes, emprazaram-se para a madrugada.

Já os alões e os lebreus, com as suas colleiras pregueadas em pontas de aço, latiam furiosamente no pateo do castello e as trompas ensaiavam-se em hallalis heroicos quando Everardo mandou sellar os cavallos para a grande aventura.

Por elle, nada receiava. Ia para divertir-se. Queria vêr aquelles heróes ás voltas com os animaes terriveis e antegosava o espectáculo de sangue que preparara e que o psylo tão bem descrevera com a sua mimica simiesca.

A estrella da manhan empallidecia no céu e a lua já se havia recolhido quando a ponte levadiça, com um rilhar sonoro das correntes de bronze, abeirou-se e bateu pesadamente na margem, toda de pedra, da cárcova. Os monteiros passaram com as

trellas de cães e, logo em seguida, a cavalgada dos senhores estropeou na ponte.

O que foi a horrivel extravagancia disseram-no, com o exaggero criado pelo medo panico, servos e montarazes irrompendo espavoridamente no burgo rotos, escalavrados, escapos da carnificina que fizeram na montanha as feras.

Posto o carro em uma clareira, retirados os bois que o haviam penosamente arrastado por veredas revessas, um hindú, que se refohara em ramas na coberta, ao signal de uma buzina, annunciando que os carreiros e o gado de tiro já haviam atravessado uma estiva, sobre profundo abysmo, feita de modo a ser retirada após a passagem, pondo entre elles e os belluinos um vão intransponivel, puxou por uma das quatro correntes que tinha ás mãos.

Houve estrepitoso ranger e uma das portas do carro alçou-se e, de salto, afuzilando côres afogeadas, monstruoso tigre lançou-se em terra, estacando, a olhar em volta, deslumbrado. Outro juntou-se-lhe. Olharam-se os dois arreganhando as fauces em ameaça; outro, porém, surgiu, possante, descendo vagaroso, como desconfiado; por fim o ultimo enorme, fulvo, hispido.

Estiveram, um momento, parados, farejando o chão, aspirando, a sorvos estrondosos, o ar puro e,

como se se alegrassem com a liberdade, deitaram-se espojando-se, rugindo surdamente.

Um delles levantou-se, poz-se de pé junto de uma arvore raspando-lhe o tronco a unhas, como se afiasse as garras ; outro, encolhendo-se, corcoveado, firmou salto e, em galão elastico, galgou a distancia de mais de dez covados cahindo silenciosamente nas folhas com a leveza de um flóco de neve. Os dois outros rondavam o terreno e, como se houvessem sentido o cheiro do hindú, que continuava escondido entre folhagens, na coberta do carro, levantaram as enormes cabeças, fariscando aos búfidos.

Um delles, porém, caminhou para as arvores, embrenhou-se ; os demais seguiram-no lentamente com as caudas de rojo.

Soou na brenha o oliphante ; atroaram latidos. Os tigres recuaram do arvoredado para a clareira, de orelhas murchas, como presentindo inimigo. Aproximava-se o tropel da cavalgada, já se ouviam vozes bradando e quatro ou cinco alões romperam furiosamente da espessura investindo aos felinos.

Os tigres encolheram-se arripiados e foi instantaneo o combate. Apesar de robustos e valentes não resistiram os cães ás garras e á dentuça das feras e estraçalhados, estripados, rolaram longe estrebuchando. Enfurecidos com o imprevisto ataque irritaram-se os animaes e, aos pulos, rugindo estrondo-

samente, ora raspando troncos, ora acirrando-se nas carnes quentes dos cães moribundos, estrafe-gando-as, derruçando-as como que se vingavam do atrevimento da acommettida, quando outros cães appareceram com os monteiros e, logo em seguida, os cavalleiros, que incitavam as matilhas a vozes bradadas ou a clangor de buzinas.

Os tigres, acuados, responderam ao ataque furiosamente.

Lançando-se no meio dos cães, que recuavam acovardados, devastaram em pouco a matilha; os mais ageis fugiam ganindo. Os monteiros que mais se haviam adiantado nem tiveram tempo de servir-se das armas. As feras derrubavam-nos avançando, de preferencia, contra os cavalleiros, cujos ginetes, diante de animaes que nunca haviam visto, tremiam nos jarretes, arrifavam ás upas, amedrontados.

Na confusão attonita que se estabeleceu tiveram vantagem as feras. Os fidalgos, aturdidos, sem poderem conter os cavallos, que desobedeciam ao governo, procurando salvar-se dos tremendos inimigos, chocavam-se nas arvores, tombavam das sellas ou eram desmontados pelos monstros que, saltando á garupa dos cavallos, agadanhavam ou abocanhavam os cavalleiros deixando-os mortos, com enormes feridas jorrando sangue a golfos. E o rumor tragico crescia: clamores dos aterrados, ga-

nidos dos cães, guais ! de moribundos, relinchos dos corseis e, sobretudo, os rugidos dos tigres, cada vez mais ferozes, matando escarnificadamente á garra ou dente, aos que se atreviam a affrontá-los.

O sangue corria em ribeiradas, empoçava-se bal-seiro, corpos jaziam hediondamente lacerados e, no atordoamento da fuga, muitos iam d'encontro ás arvores, outros precipitavam-se em algares, rolavam de barrancos perecendo esmagados ao peso das proprias montarias.

E os tigres, senhores do terreno, galopavam de um para outro lado por entre as arvores e, onde percebiam ser vivo, homem ou animal, arremettiam em grupo e a chacina era rapida.

O ginete de Everardo fôra um dos primeiros alcançados pelas feras — uma saltou-lhe á garupa rasgando-lhe laceradamente as ancas, outra abocanhou-lhe o pescoço. O animal empinou-se com um fraco relincho e tombou como rebentado, tanto era o sangue que se lhe esguichava das veias. O cavalleiro, ainda que attingido em varias partes do corpo, não sentia os golpes — as feridas sangravam um momento, logo, porém, fechavam-se como bocas que emmudecessem.

Varias vezes rolara sob os immensos e pesados corpos dos felinos, sentira-lhes o halito nidoroso, ouvira-lhes, de perto, cara a cara, o rugido colerico ; vira as suas carnes fundamente alanhadas, espos-

tejadadas, logo, porém, que os animaes o deixavam, correndo a outro inimigo, levantava-se refeito sem que no corpo lhe ficasse o menor vestigio de ferimento, como não fica na agua signal do barco que a sulca e no ar indicio do vôo d'ave que por elle passa.

Quando, vencedores, ainda que feridos, os tigres se ajuntaram na clareira e deitados, com as enormes cabeças a prumo, attentos, pareciam guardar a vasta mortualha de homens e de animaes espalhada em volta, Everardo, que se encostara a uma arvore, olhando o sanguineo espectaculo, sorriu orgulhoso.

Elle só escapara, elle só . . . ! Todos os fidalgos que o haviam acompanhado naquella aventura ali jaziam, mortos. Elle só regressava para contar o que fizera e o que vira.

Então, apanhando um chuço ensanguentado, tomou por uma vereda, entre penhascos, e desceu da montanha. Tivera, emfim, um prazer, alguma coisa que o distrahira, melhor, sem duvida, que as guerras e as orgias, os incendios de villas e cidades, os assaltos a mosteiros, um grande crime novo e formidavel, crime como jámais houvera!



III

O luto em que ficaram tantos e poderosos senhores ligou-os em odio contra Crève-cœur. Velhos rancores foram esquecidos, firmaram-se pazes, reataram-se allianças para que todos, com as forças que pudessem ajuntar, constituissem um só exercito capaz de accommetter a pugnacissima fortaleza.

Reunidos em conselho todos os nobres que haviam perdido parentes no que affirmavam haver sido traição combinada com o demonio, porque não acreditavam que taes feras, como as descreviam os poucos homens escapos da carnagem, houvessem vindo do Oriente, senão do proprio inferno, resolveram levar a guerra a Everardo, não só assaltando e desmantellando-lhe o castello, sem que delle fi-

casse pedra sobre pedra, como arrasando o burgo, moradias e lavouras, lançando fogo ás florestas e aos pascigos para que só restassem ruínas e cinzas do que fôra solar e feudo de tanta grandeza e fama.

Todos os villões, chamados ás signas senhoriaes, abandonaram os campos, e os cavallos alvoroçaram-se com a azáfama bellicosa dos aprestos.

Velhas machinas de sitio, de todo esquecidas : vineas, ouriços, ballistas e catapultas, torres montadas sobre rodas, manganellas e arietes, tudo foi trazido ao sol, restaurado nas ferragens e nos vigamentos. As forjas dos alfagemes flammejavam dia e noite e os martellos soavam, resoavam nas bigornas. Eram ás pilhas enferrujados montantes, bisarmas recomidas de mugre, lanças, piques, adagas, manchis, maças, flagellos, foices, béstas e arcos ; elmos e morriões, escudos, couraças e todas as demais peças de armadura ; e aventaes de couro e fundas. Das pedreiras desciam carreados blócos de granito. E eram balas de ferro e de chumbo, virotos, frechas e garrochões, feixes de chuços. Cubas de pez e de vinagre acanteiravam-se nos pateos, onde os servos fechavam caixotes de polvora, resguardando-os em barracões. As damas desfiavam o linho para as feridas e, nos serões, á luz das tochas, não eram as menos irritadas contra o perverso matador.

O ovençal aforçurava-se em ajuntar a maior

quantidade possível de farinha para as grandes padas e pastores separavam as melhores rezes.

Conhecendo a possança do inimigo e a resistência do castro que iam combater, preparavam-se convenientemente para sitio longo.

Durante mezes cruzavam-se nas estradas com mensagens e avisos esculcas e alfaqueques e, parando um momento á sombra das arvores, communicavam-se o que se fazia nos respectivos solares e, ainda que soubessem que, reunidos todos os ricos-homens com as suas hostes e mesnadas, cobririam o vasto burgo de Crève-cœur até as raízes da montanha, receiavam pela victoria por saberem, por vezes que corriam, que o demonio combatia pelo fidalgo e ainda: que o ouro, que elle espalhava a mãos rotas, lhe grangearia forças para resistir, com homens e provisões de guerra, ao proprio rei, que, apesar de tudo quanto d'elle sabia, não se atrevia a affrontá-lo.

As noticias do movimento armado não abalaram Everardo. Recebeu-as com o mesmo ar com que ouvia dos seus pegureiros a contagem dos gados ou dos seus seareiros o calculo das ceifas. Tinha em volta de si o que bastava para esperar os atrevidos — homens destros em todas as armas, bastimento de guerra e provisões para dois invernos. Assim, quando, uma manhan, um escuita, vindo a toda a brida, parou o cavallo diante da albarran,

annunciando a aproximação das forças aliadas, Everardo mandou empavesar o castello desfraldando em todas as torres o balsão heroico e fazendo soar ao longo das muralhas todos os oliphantes das sentinellas.

Dir-se-ia que a chegada era de hospedes amigos que vinham a invite de festa e não de inimigos acirrados com disposição de pôr tudo raso.

A tarde esmaecia quando um luzido troço de cavalleiros estacou os ginetes diante da levadiça, levantada aos silhares de pedra e, fazendo soar tres vezes as buzinas, chamou gente á mensagem.

Everardo mandou o seu bobo ao adarve e o bufão, debruçando-se no vão das ameias, disse que levava ordem do senhor para perguntar aos mensageiros como queriam ser corridos das terras de Créve-cœur — se a cães, se a vergalho. E, rindo, despejou do alto sobre o alferes do bando um vaso de immundicias.

Tornaram sem mais palavra os cavalleiros e, momentos depois, ainda o sol se não havia apagado de todo, começaram a levantar-se labaredas em varios pontos do burgo e gritos espavoridos atroaram o campo. Era o começo das hostilidades.

Á noite foi um immenso fogareu e, no clarão vermelho, através dos rolos de fumo, avançavam as machinas de assalto, immensas, atravancadas, movendo-se como insectos enormes que esperne-

gassem fugindo ao incendio, e a mó de gente que formigava em volta de taes moles, revestida de aço, rebrilhava ao relume das labaredas.

Everardo mandou servir vinho á sua horda e deu-lhe folga para que se regalasse á farta antes de entrar em combate e, para maior goso, ordenou que lhe fôsem entregues todas as mulheres do seu gyneceu, exceptuando apenas as que, por maior formosura e graça, reservava para sua companhia. As desgraçadas, muitas das quaes ainda virgens, sabendo o destino que iam ter entre aquelles brutos, lançaram-se desapoderadamente pelos corredores bradando pelo senhor em vozes de misericordia.

Elle viu-as entrarem, prostrarem-se de braços estendidos, chorando, e não se commoveu diante das lagrimas, da mocidade e da belleza das infelizes e, acenando aos eunuchos, que as haviam acompanhado, deu ordem para que as fizessem seguir para o campo do tavolado e para o pateo dos besteiros onde os seus homens d'armas, já ebrios, esperavam o melhor do regabofe.

E os eunuchos, desenrolando da cinta látegos de couro, cahiram sobre as mulheres, como se dessem em récova de mulas e as miseras, avergoadas, feridas, precipitaram-se aos gritos, amaldiçoando o homem cruel, que ria entre dois alões que rosnavam, de dentuça á mostra, como á espera de os açularem tambem para arremetterem ao bando. Mas

o tropel cessou com a grita que foi esmorecendo á medida que as miseras trambolhavam pelas esca- leiras escuras que as deviam levar onde os macha- cazes as reclamavam aos urros.

Em voltá do castello, emtanto, iam os inimigos dispondo em palanque as machinas de assedio e a indiferença com que Everardo os esperava, com almenaras accesas e poucas sentinellas rondando nas quadrellas ou vigiando nas guaritas, mais os aferava. Acostaram-se as machinas ás muralhas com o auxilio de soldados empavesados e entraram os arietes a marrar, as balistas e as catapultas, ou- riços e manganellas a apedrejar e bombardear as torres; içaram-se longas escadas pelas quaes subiam temerariamente bandos e bandos de frechei- ros e baleares. De cima respondiam ao assalto com arremesso de lagedos, blocos enormes de pedra que rebentavam as machinas esmagando aos que nel- las se achavam, ou eram pelouros, catadupas de pez rolando aos bulções em flammias com fumarada ne- gra e fétida.

Frechas e virotes cruzavam-se no ar zunindo e o estrondo dos choques, que percutiam nas mu- ralhas, era incessante, noite e dia. Com a mortan- dade de parte a parte o ar tresandava a podridão e os corvos e outros abutres circulavam em nuvens pousando nas ameias do castello, baixando ao cam- po onde se fartavam.

Everardo divertia-se com o espectáculo hediondo. Mais de uma vez sentinellas bradaram por elle para que se acolhesse ás guaritas, não se expondo, a peito descoberto, aos projecteis que choviam nas quadrellas e adarves. Elle não dava attenção ás vozes timidas e, certa vez, como se inclinasse entre as ameias, para vêr uma vinea que se adiantava, um dardo silvou, fincou-se-lhe no peito, fundo. O soldado que vigiava lançou longe a lança e correu a acudir ao senhor bradando para que o viessem retirar, certo de que dali o levariam morto. Chegando, porém, ao ponto em que elle se achava, pasmou ao vê-lo agarrar o virote a duas mãos balançando-o e arranca-lo das carnes como se desencravasse da terra velho espeque devolvendo-o em seguida, com asco, ao inimigo.

Um dia, enfarado daquelles combates sem brilho, desejando mais tumultuoso espectáculo, decidiu-se a empresa ousada, ordenando á sua gente que se aprestasse para inopinada surtida, á noite, contando cahir no arraial de surpresa em accommettida violenta. Dispuzeram-se todos para a façanha com os molossos de guerra á frente.

Moveu-se a mesnada : lanceiros ageis acostados aos gigantes armados de pesadas maças e manchis de gume e ponta, archeiros, besteiros e baleares. Desfilaram pela carcova e entraram no subterraneo.

A travessia lenta e difficil na estreiteza do andito era alumiada por archotes, cujas labaredas lambiam a abobada negra. Depressa encheu-se o angusto corredor de fumo suffocando aos que caminhavam de mão á boca. As voltas succediam-se, os angulos zig-zagueavam prolongando o caminho e os homens, na ansia de respirar, recuavam aos empurrões e as armas chocavam-se estrondosamente.

Alguns, asphyxiados, debatiam-se, tentando romper a fila de tornada, esbarravam, porém, na mó de gente e os cabos, excitando os que retrocediam, apontoavam-nos a conto de lança.

Á boca do subterraneo os cães, arrancando-se das correntes em que iam atrellados, lançaram-se desapoderadamente nas avançadas do acampamento inimigo, pondo em alvoroço os sitiantes. Alarmados com o furioso ataque dos animaes, deram immediatamente pela traça e, acudindo, a tempo, em grandes massas á sahida por onde eram vomitados os guerreiros, tontos, deram-lhes em cima com tanto furor que não lhes consentiram tomar pé e a matança foi grande e facil, quasi sem resistencia.

Sahindo aturdidos da fumaceira e cahindo logo no meio dos inimigos, eram abatidos a machadadas, frechados, alanceados até que o accumulo de cadaveres entupiu a passagem contendo os que ainda se achavam no apertado e fumarento labyrintho.

Por mais que vociferassem e lutassem, os encurralados não conseguiram mover-se, contidos á frente pelos mortos e por traz pelos que avançavam. Muitos pereceram e os mais felizes desandaram alucinadamente para o castello e, no espavorido recúo, feriam-se querendo, cada qual, passar adiante, ainda que á custa da vida de um companheiro.

Em tal derrota succumbiram mais de dois terços dos homens de Crève-cœur. Na manhan seguinte, ante o estado de miseria e desanimo em que achou a sua gente, Everardo resolveu vencer de qualquer modo, custasse o que custasse, os arrogantes senhores que se haviam atrevido a sitiá-lo. Se não lograsse abatê-los com o ferro das armas, tinha o recurso de mudar esse mesmo ferro em ouro e com espias astutos, que mandaria ao acampamento, fácil lhe seria comprar a traição das hostes, uma de cada vez, e lançá-las umas contra as outras com o engodo que não falhava.

Meditando tal plano achou-se, por acaso, no canto do pateo onde verdejava a roseira que sua mãe plantara. Viu-a toda secca, sem folhas, ostentava, entretanto, uma linda rosa aberta e tão fresca como se houvesse desabrochado naquella mesma manhan em que Everardo reconheceu a flôr em que houvera feito a experiencia com o elixir de vida.

Era a sua companheira de immortalidade, seria eterna como elle, sempre viçosa ao sol e á neve. Ou-

tro havia a voar e voaria para o sempre. Lembrando-se delle levantou os olhos.

Nuvens de corvos rondavam o espaço, attrahidos pela podridão dos cadaveres. As ameias negrejavam com os centenares de abutres, nas torres eram innumerous crocitando e as sentinellas enxotavam-nos. Ás vezes era um besteiro que os alvejava e, com rumor d'azas, levantavam-se espalhadamente, indo pousar adiante. Entre elles devia estar, com certeza, aquelle em que elle experimentara o elixir e que assignalara com a medalha.

Lembrou-se de colher a rosa. Arrancou-a da haste, levou-a consigo. Era já o começo do outono. Subiam as primeiras nevoas e, na sala d'armas, estalejava a lenha no fogão enorme. Sentou-se Everardo meditando na traça que imaginara: de vencer pela peita os inimigos. Onde, porém, acharia emissario tão ardiloso que conseguisse penetrar no acampamento e espalhar entre os homens a perfida semente da discordia? Lembrou-se de um villico, sujeito esperto e atrevido. Chamou-o, expoz-lhe o seu plano, deu-lhe um sacco de moedas e, nessa mesma noite, fê-lo sahir, disfarçado em vendedor de balsamos contra feridas d'armas.

Esperou dias e dias. Uma manhan soaram buzinhas junto das muralhas já falhas em muitos lances e um homem d'armas acudiu ao recado. Era um troço de cavalleiros, entre os quaes, manieta-

do e com uma canga ao pescoço, o villico chorava supplicando misericordia. Então, adiantando-se aos mais, um jovem guerreiro, elevando a voz, falou em nome de toda a nobreza e do povo que ali estavam para vingar a morte de tantos fidalgos e desaffrontar a honra de tantos solares :

« Ide e dizei ao villão, teu senhor, que todos os traidores da laia do que aqui temos, pagarão com morte vil, como a que este vai soffrer, as infamias que tentarem. » E, fazendo recuar o ginete, porque no alto da torre assomara um homem com uma cuba de pez, afastou-se com a rolda de cavalleiros que levaram de rasto pelo campo o villico condemnado.

Um anno mais decorreu sem que, de parte a parte, houvesse vencedor ou vencido quando, uma noite, o ovençal procurou mysteriosamente Everardo para dizer-lhe que não havia viveres para mais de um mez e que a agua da cisterna começava a escassear.

— Que se divida o que houver em rações e distribuam-nas apenas áquelles que se puderem bater. Os velhos, os feridos e as mulheres são bocas inuteis. E a fome e a sêde, inimigos inexpugnaveis, entraram na grande praça.

A grita que se levantou entre os condemnados foi tamanha que era ouvida no arraial e Everardo, para que os sitiantes não conhecessem a situação afflictiva em que se achava, ordenou aos archeiros

e besteiros que, do alto dos adarves das muralhas, dessem cabo daquelles vociferadores inuteis que se apinhavam no pateo rugindo, chorando, blasphemando. E sob a chuva de frechas e de virotões cahiam aos montes os que, pela excessiva magreza, já semelhavam esqueletos.

Então revoltou-se Everardo e só, trancado na sala d'armas, pensava na inutilidade daquelle elixir do qual possuia ainda o frasco quasi cheio. De que lhe servia o fluor prodigioso, que convertia em ouro o ferro mais sordido, dando-lhe riqueza como jámais tivera rei algum se, dentro em dias, elle estaria em condições mais precarias do que a do mendigo que vaguêa nas estradas que esse, ao menos, pode bater a uma porta, esmolar um mendrugo e fartar-se d'agua fresca nos riachos dos montes? Elle, com todo o seu poder, começava a sentir-se assediado por um povo de famintos e sedentos, sem miga de pão, sem uma gota d'agua com que os acalmasse?

Como continuar ali, naquelle horror de morte fétida, com o cheiro nauseabundo da putrilagem a persegui-lo em toda a parte, por mais que se encerrasse em camaras as mais resguardadas, aspergisse os tapetes de essencias e queimasse resinas aromaticas?

Foi então que resolveu abandonar o castello, sem ser presentido dos que ficavam. Sahiria, á noi-

te, por uma porta de traição, disfarçado e, ainda que o atacassem, que lhe importavam frechas e virotes ? Atravessaria o rio a nado e, alcançando a outra margem, iria pelo mundo com o bastante para conquistá-lo.

Esperou a noite e, tomando um roupão ligeiro, a adaga e o boldrié onde escondeu o vidro com o elixir do ouro e a rosa, sempre fresca, desceu a um subterraneo, do qual tinha a chave, atravessou-o ás escuras e desembocou na margem deserta do rio.

Voltando-se, então, teve um olhar indiferente para o castello que, com os fogos das almenaras nas torres, parecia arder na escuridão da noite.

IV

Sem perda de tempo, poz-se logo a caminho preferindo os crespos mattagaes ás trilhas batidas, com receio de encontros, porque os inimigos, acautelando-se contra possiveis reforços de acontiadados, traziam as cercanias do castello constantemente vigiadas, principalmente depois da frustrada surtida. Terços de cavalleiros percorriam os campos, embrenhavam-se nos bosques, seguidos de cães de guerra treinados na caça ao homem, indo por elle até os latibulos mais absconditos onde se refugiavam os foragidos do burgo, para os quaes não havia mercê.

A noite fria, de aspero vento que retorcia estortegadamente os ramos do arvoredos, protegia-lhe a fuga.

Às vezes, na treva, accendiam-se intermitten-temente lumes esverdeados, errando dum a outro ponto á guisa de pyrilampos e Everardo reconhecia as pupillas fúlcites dos lôbos que vagueavam abandonados, attrahidos pelo cheiro do sangue.

Fôsse covardia dos animaes ou porque os dominasse o prestigio do homem que, sem hesitação, os affrontava, nenhum ousava avançar e o fugitivo passava por entre as alcatéas como pastor pelo meio de rebanho docil.

A escuridão adensava-se a mais e mais, cortada de uivos lugubres e de silvos e pios agoureiros. Everardo seguia lentamente, ás apalpadellas. Por vezes as suas mãos tocavam cerdas hispidas como espinhos, pellos encaracolados e sentia corpos monstruosos que se esgueiravam estalejando os mattos. Azas frias roçavam-lhe pelo rosto ou os pés embaraçavam-se-lhe como em raízes que se lhe enroscavam agilmente nas pernas aos sibillos, e, a subitas, desenrolando-se, esfusiavam pelas hervagens, e eram serpentes.

Caminhou toda a noite sem a mais breve parada. Ao esbater-se a sombra, quando as cotovias começavam a ruflar azas rompendo em vôo a prumo as névoas ondulantes e a massa escura da montanha foi, pouco a pouco, desvendando-se esboçada na bruma, resolveu buscar abrigo onde se escondesse até, de novo, cerrar-se a escuridão.

Retumbante marulho avisou-o da proximidade de certa cachoeira onde costumava chegar em cavalgada de caça perseguindo cervos. Enveredou pelo matto e logo avistou, por entre a emmaranhada ramaria, o lanço d'aguas espumosas que se despenhavam aos golfões do alto de um penhascal.

Ali, de certo, acharia vão, onde se mettesse. Tão agreste era o sitio na selvageria da floresta espessa, na aspereza das rochas luridas que ninguem suspeitaria homem algum capaz de aventurar-se em tal abysmo. Foi-se pelos entalhes das rochas seguindo-lhes as depressões, agarrando-se, ora a uma chanfra, ora a uma aresta e aproveitando-se das cuspides que culminavam á flôr dos grossos reboleiros d'agua, como alpondras em rio e, saltando de uma em uma, chegou a uma abertura onde a lomba, escavada em socaleos, formava escaleira que levava a um antro agasalhado e enxuto, acima do qual a formidavel massa d'agua curvava-se em crystallina abobada.

O estrondo era soturno e contínuo, em resôo cavo. A toalha liquida que se despenhava em frente, acortinando o sumidouro, rebrilhava e, com a incidencia dos raios do sol, que sobre ella inflectiam, laivava-se de listas prismaticas, num irisamento maravilhoso. Everardo estacou deslumbrado. Todas as riquezas do seu castello pareceram-lhe

mesquinhas comparadas ao que ali lhe deparava a natureza caprichosa.

Sentou-se num resalto granítico e poz-se a pensar na sorte da sua castellania e dos que nella se achavam. Que fariam elles, os seus homens, quando dessem por sua fuga? render-se-iam, certamente, e toda a força e a immensa riqueza do soberbo solar seriam presas dos sitiantes.

E via-os invadindo tumultuosamente as salas grandiosas, destruindo, depredando o que não pudessem roubar e, em todos os pilares e forcas corpos oscillando, sangue a jorros e, por fim, estalando envolto em labaredas, a forte mansão, alcaçova e paço, sem igual em todo o reino.

Lembrou-lhe, então, o fluor prodigioso. Abriu o boldrié, tirou o frasco, levantou-o entre os dedos diante dos olhos e poz-se a mirá-lo. Que lhe importavam o prejuizo de um castello e as vidas que nelle deixara se tinha o frasco quasi cheio? Quantas gotas gastara para levantar a mole possante, enriquecê-la, povoa-la de apaniguados e escravos? nem lhes sentia a falta. Lograsse elle passar além das montanhas, que eram as divisas dos seus domínios e, em outros senhorios, onde não o conhecessem, refaria, e com maior grandeza, a fortuna perdida. E, em vez de lamentar a desgraça que o forçava a exilar-se dos pagos nataes, rejubilavam com ella.

Ali já começavam a boquejar sobre o mysterio da sua subita riqueza explicando-a por pacto demoniaco. Temiam-no. Homens em que elle confiava, tendo-os por fieis, desertaram o castello espalhando por villas, burgos e cidades noticias dos horrores que elle commettia, muros a dentro. E a noticia da caçada traidora, motivo da guerra que, contra elle, haviam levado tantos senhores, correu todo o reino, não como em verdade fôra, mas acrescentada de horrendos lances, nem os tigres eram apenas quatro como, em verdade, haviam sido, mas tantos que, espalhando-se pela montanha, tornaram-na defesa ao homem que não mais ousava chegar-lhe á orla para lenhar, como dantes faziam tranquillamente villões e servos.

Que se ficasse Crève-cœur ! O mundo era vasto e, para conquista-lo, escravisá-lo, aos seus caprichos, tinha elle comsigo o infallivel talisman. Mirou-o ainda durante um momento, orgulhoso, e, como abrisse o boldrié para guardá-lo, seus dedos sentiram um contacto macio e fresco. Retirou o que tal sensação lhe dera e viu, tão bella e viçosa como se estivesse na haste viva da planta, exhalando arôma, a rosa eterna que colhera e guardara. Contemplou-a longamente e lembrou-se do corvo, que, certamente, voava nos ares, descia sobre a carniça da guerra e havia de voar e cibar-se de podridão até o dia do Juizo Final,

quando elle tambem seria chamado á presença de Deus.

E tentou alongar-se pela immensidade dos tempos vindouros, dos seculos ainda não annunciados, rompendo-os como o peregrino rompe, em marcha, horizontes que se prolongam no infinito.

Sentiu fome. Trazia apenas no taleigo uma pada e um pouco de carne. Comeu. Bebeu da agua da cachoeira e, para não se aborrecer na solidão esperando a noite, estendeu o gabão no solo, deitou-se e adormeceu.

Acordou repousado como se houvesse dormido, não sobre a pedra dura, forrada apenas pelo gibão que nella estendera, mas sobre acitara acendrechada ou cócedra fôfa, de plumas.

Deixou-se estar mollemente espichado, preguiçando, com os braços por baixo da cabeça, mirando o tecto aspero do antro. Por fim sentou-se. Foram-se-lhe logo os olhos para as aguas que rolavam na frente e pareceram-lhe como um velario de prata.

Que claridade seria aquella de esplendor argentino ? luz de sol ou luar ? luar, de certo, porque devia ser noite. Bom somno dormira ! Sahir, porém, com tão vivo clarão seria o mesmo que arriscar-se durante o dia. Emfim . . . Ali é que não podia permanecer. Decidiu-se e, tornando por onde fôra, achou-se, em breve, nas cristas do penedio.

Era noite. A lua enorme banhava toda a pai-

zagem d'alvor e as aguas scintillavam como se perellas rolassem diamantes. Via tudo claro como ao sol pleno e não lhe foi difficil refazer a caminhada achando-se, não mais á beira da floresta, mas na orla de um caminho liso, bem tratado, que a luz da noite fazia como de marmore.

Pasmou do que via sem comprehender tamanha mudança em horas tão breves como as que dormira. Sem duvida, sahira em outro ponto e, sem mais deter-se em preoccupações, avançou, certo de encontrar a densa floresta que atravessara. Tudo, porém, tinha aspecto novo — algumas arvores antigas ainda frondejavam escurentando sitios, mas eram tantas as trilhas, cruzando-se, tantos os caminhos, alguns largos como estradas senhoriaes, que elle hesitou, medroso. Teriam os nobres acertado com o seu rastro e, perseguindo-o, houvessem mandado a sua gente acharar pelos invios silvedos tão doces caminhos, detorando as ramagens para que o não protegessem com a sua sombra quando o tivessem de perseguir?

Como explicar aquelle maravilhoso desbastamento de selva tão robusta de troncos que seis homens, de mãos dadas, em circulo, não abarcariam? O receio de cahir prisioneiro dos terriveis barões que, de certo, o fariam soffrer supplicios atrozes e, mais que tudo, descobririam a sua immortalidade, fazia-o hesitar. A morte, não a temia, mas a picota

affrontosa, os ferros, o potro, o ergastulo, o captivo humilhante, todas as degradações com que elles, por não o poderem matar, haviam de vingarse, tornavam-no fraco, medroso. Regressar ao antro, enclausurar-se na lapa da cachoeira... até quando? Não! Era forçoso seguir, acontecesse o que acontecesse. E poz-se a caminho.

A estrada facil e limpa estendia-se, alva, ao longo da matta e Everardo respirava a haustos o ar puro, perfumado a alfazema, com os olhos presos ao céu formosamente estrellado.

Tão doce era a noite e tão agradavel o caminho que elle, depressa, esqueceu os perigos que o ameaçavam. Subito, porém, um latido de cão atravessou o silencio. O fugitivo parou attento, á escuta. De novo ouviu a voz de alarma. Deviam ser guerreiros com os terriveis molossos afuroadores que andavam a bater a montanha. Mas já teriam dado por sua fuga? Certamente, talvez denunciada pela propria guarnição do castello.

Encostou-se a uma arvore, prompto a guindarse ao mais alto das suas franças para refolhar-se e já cingia o tronco com os braços quando viu uma luz tremula, que riscava a ouro a sombra da matta, e ouviu uma voz serena a cantar. O cão latia mais perto.

Não! Não era gente de guerra. O vulto aproximava-se e á distancia de uma lança, elle reconhe-

ceu um lenhador que recolhia com o feixe de lenha e o machado, seguido de um mastim. Viram-se e o matteiro, sem perturbar-se, e contendo o cão que investia, saudou-o christãmente, depois, levantando a lanterna diante dos olhos, de modo a vêr-lhe bem o rosto, estranhou-lhe as vestes antiquadas sem, todavia, dar mostras da sua surpresa. E concluiu, de si comsigo :

« Isto é, de certo, homem que veiu á cata de raízes para cura de algum mal. Ainda que o dia não seja proprio para colheita, porque as plantas só têm virtude quando arrancadas á meia noite de sexta-feira, póde dar-se que não saiba. Agora o que elle vai é em caminho errado. » E, com tal pensamento, querendo pôr em bom andar quem julgava perdido, disse :

— Se é a estalagem da « Pêga » que demandais, e outra não ha por aqui, nem pouso algum onde vos aposenteis, ides errado. O caminho que lá vai ter é este mesmo por onde vim, porque de lá torno á minha arribana. A estrada que seguis vai de longada ao solar do Milhano, castellania do rico e bom senhor, dono de todo este feudo. Se bem andardes, sem um instante de descanso, lá chegareis com o dia.

— Mas esta não é a matta de Crève-cœur ? perguntou Everardo.

Recuando num salto, o matteiro persignou-se

estarrécidamente, como se lhe houvesse soado uma das taes palavras sortilegas que, no dizer das velhas, pronunciadas por bruxos, transformam os homens em fôbos ou petrificam-nos em rochedos.

— Crève-cœur ! Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo . . . Se eu não estivesse a vêrvos a pelle moça e os cabellos louros, dir-vos-ia da raça de Mathusalem, que viveu não sei quantos seculos. Meu avô não era ainda nado quando os barões, fortalecidos por Deus, arrasaram aquelle ninho do demonio. E eu, onde me vedes, conto festejar, na proxima vindima, os meus quarenta annos. Crève-cœur . . . ! persignou-se de novo e entrou pela matta, seguido do mastim, que rosnava desconfiado.

V

Pasmado do que ouvira ao matteiro, que caminhava murmurando esconjuros, Everardo ficou longo tempo estatelado á sombra dos ramos que se inclinavam sobre a estrada. Relanceou vagarosamente o olhar em volta, como para certificar-se de que não sahira em caminho errado, mas no mesmo em que entrara de madrugada, em demanda da cachoeira.

Os rochedos lá estavam, reconhecia-os a todos na bruteza em que se levantavam, lembrava-lhe, porém, que para os alcançar muito tivera de romper talhando ramos que se emmaranhavam e enliços de cipoaes, porque a floresta ali cerrava-se densamente e, fóra do arvoredó, as hervagens, por entre as quaes atravessara abrindo-as a braçadas,

eram tão altas que, por vezes, o afogavam. E tudo, então, lhe apparecia a descoberto, com as arvores alinhadas em alameda, beirando a estrada lisa e tão longa que, da altura em que elle se achava, vindo-a á claridade da noite, colleando, a espaços interrompida em sombra para reapparecer adiante, alva, parecia-lhe uma torrente espumosa que se precipitasse até a planicie com o marulho das arvores formando-lhe como o proprio murmurio.

Diante de tal evidencia não havia duvida possivel. Que prodigio, então, fôra esse, realizado em horas tão breves, que tudo transformara no sitio agreste ?

A brenha era asylo de feras, sentira-as quando por ella passara — vira-lhes os vultos monstruosos : ursos que se afastavam lentamente, lôbos que refugiam e outros animaes entrevistos em fuga, e ali estava offerecendo caminhos faceis e tão frequentada de homens que já no seu recesso se mantinha uma estalagem.

E aquella castellania do Milhano em seus dominios ? . . . Como explicar tal usurpação ?

Lembrou-se de correr pelo matto no encalço do matteiro, intimá-lo de arma ao peito a dizer-lhe tudo que sabia, mas perdera-o de vista no intricado do arvoredos. Então resolveu tentar o que elle lhe aconselhara, enveredando pela trilha por onde o vira vir com o mastim.

Assim decidido poz-se a caminho.

Receiava encontros. E se, em tudo aquillo, andasse insidia dos inimigos para o colherem vivo? Se aquelle mesmo homem não fôsse mais do que um adaíl que lhe houvesse seguido os passos e, receioso de o atacar, usasse do ardil da estalagem fazendo com que, por seus proprios pés, elle se fôsse entregar aos que o buscavam?

Olhava, porem, a estrada e dizia comsigo: «Não, obra tamanha não a fariam homens em tão curto tempo, ainda que nella trabalhassem todos quantos se acham assediando o castello. Para tanto só o poder de Deus ou do diabo . . . »

Um mover de ramo traçou na estrada branca a sombra esguia do homem que elle recolhera ao castello e assassinara na torre despojando-lhe o cadaver dos frascos maravilhosos. Fôsse manobra do inferno ou illusão dos sentidos, a verdade, porém, foi que elle ouviu a sombra rir estridentemente, com duas brasas no lugar dos olhos.

Estarrecido de pavor, sentindo necessidade de vêr gente, de ouvir voz humana, metteu-se resolutamente á selva. Não andou muito entre arvores porque logo lhe appareceu uma sébe e cães ladram annunciando habitação.

Seguiu mais sereno e, rompendo por uma aléa de sobreiros, vislumbrou á distancia, tremeluzindo na sombra, brilho de lume e logo appareceu um ca-

sarão baixo, com uma columnata de troncos por entre os quaes circulavam vultos.

Era a estalagem da « Pêga ».

Assim o homem não lhe mentira. Por cautela recorreu ao boldrié, no qual se lembrava de haver trazido algumas moedas de ouro. Achou-as. Tinha o bastante para a pousada. Caminhou direito ao diversorio.

Na área fronteira estacionavam enormes carroções e numa cerca de grossos esteios repousavam bois de tiro e muares, signal de que na estalagem havia hospedes de qualidade.

Á medida que se adiantava mais se lhe accentuava a surpresa. O villico nunca lhe falara de tal serventia e como podia um atrevido installar-se em seus dominios, abrir casa, sem lhe pagar fôro ?

Ao chegar ao alpendre, que uma candeia alumiaava, achou-se em meio de ruidosa turba que fazia a bôa chira em algazarra : eram menestreis maltrapilhos, beguinos de sacola ao flanco, palmeiros que descreviam as terras de Jerusalem e mostravam vieiras e reliquias, goliardos, saltimbancos e musicos ambulantes. Rapazes, sentados em volta de uma mesa cheia de picheis e infusas, jogavam a marella discutindo.

O albergue estava apinhado e era tal o entretenimento dos hospedes, uns ao jogo, outros em conversa ou galanteando com as moças que serviam,

que ninguem se apercebeu da chegada de Everardo.

Entrou na sala immensa onde as mesas, todas occupadas, diziám da sciencia do alberguista, tal era o arôma de assados que se espalhava no ambiente.

Ao fundo ardia o fogão junto ao qual um rapazola vigiava o espeto ; ao lado as pipas de vinho eram constantemente procuradas pelas moças que retiravam os tapulhos recebendo em cantaros os jorros espumosos.

O estalajadeiro, gordo, com uma papeira que se lhe derramava em refegos sobre a golla, ao vêr o novo hospede, desceu lentamente do estrado onde se achava para dizer-lhe, com ar penalizado, que o não podia receber por não haver aposento algum desoccupado. Ao encará-lo, porém, mudou-se-lhe a expressão do rosto.

O traço de Everardo causou-lhe estranheza e, medindo-o dos pés á cabeça, de nariz franzido, deu-lhe as costas dizendo :

-- Nem no palheiro ha lugar. Tenho a casa cheia.

E tornava ao estrado quando o senhor de Crève-cœur, conhecendo o prestigio do ouro, agarrou-o por um braço e, fazendo-o voltar-se, poz-lhe na mão uma moeda, com estas palavras :

-- Preciso descançar e ouvir-te. Dá-me um aposento e vem commigo e, se responderes ás minhas

perguntas com sinceridade, terás outra peça igual a esta.

O estalajadeiro, examinando a moeda, abriu enormemente os olhos e, boquiaberto, a sorrir, encarou o hospede.

— Ha muito que me não entra em casa moeda de tal cunho. Isto é bom ouro, ouro do tempo do rei Phelipe. Disto não ha mais. Conservo uma, que me ficou de meu pai, e tenho-a como chamaríz. Esta é a segunda que vejo em toda a minha vida. Bemvinda seja.

E atafulhou-a no bolso zumbrindo-se, com todo o carão balofo aberto em riso.

— Pois terás outra se me disseres toda a verdade.

— Por tal preço, meu senhor, não vale a pena mentir. Mente-se para ganhar a vida, se, porém, me pagam, a verdade até contra mim mesmo a direi.

— Leva-me, então, a um quarto onde fiquemos á vontade e ninguem nos interrompa.

— Será o meu.

Chamou uma das moças, deu-lhe uma ordem e, tomando uma candeia, convidou Everardo a segui-lo. O estalajadeiro, que o ouro havia abrandado e ainda para fazer jús a outra moeda que lhe fôra promettida, tornou-se servilmente sollicito, todo zumbaias e sorrisos. Alçando a candeia acima da

cabeça para alumiar o hospede precedeu-o rebolidamente e, como chegassem á boca de um corredor, escuro como carcova de subterraneo, voltou-se, blandicioso, a avisar :

— Não vos dê cuidado o que virdes. Como por estas alturas os ladrões são muito frequentes, não ha remedio senão a gente acautelar-se, resguardando o pouco que tem. Por isto, antes da noite, recolhho os porcos a este corrilho. Vamos passar por elles.

E seguiu.

Effectivamente, de espaço a espaço, era um cevado ou varrão que se levantava grunhindo e, acuadao ao muro, de cabeça baixa, tomava attitude de defesa. O estalajadeiro falava-lhes e os enormes suínos, reconhecendo-lhe a voz, aquietavam-se espaçando-se de novo no solo humido.

Chegaram, por fim, a uma estreita escada de poucos degraus resvaladios. O estalajadeiro passou á frente e, do alto, inclinando-se com a lanterna, convidou Everardo a subir. Era ali o seu quarto — cubiculo baixo, com o telhado em descahida tão rasa ao fundo que um homem não se podia ter de pé. Um postigo arejava-o. O leito, em gaveta, estava vendado por um panno surrado, resto de capa que o avaro aproveitara. De moveis : uma mesa, um escano, uma arca. E era só. Depondo a lanterna sobre a mesa, disse o gordalhufo :

— Eis tudo quanto vos posso offerecer, meu senhor. Dormireis no leito em que nasci. É o que posso fazer para mostrar o gosto que tenho em servir-vos.

Inclinando-se com humildade, notou que Everardo trazia nos pés ponteagudos sapatos de velludo bordados a ouro e rebrilhantes de pedrarias dos que eram chamados « estivaes », usados apenas pelos grandes senhores, e viu-lhe as bragas de velludo e o perpoem de mangas golpeadas e cinta de malhas de ouro, e comprehendeu, pela experiencia que tinha da vida e conhecimento dos homens de todas as castas, que o que ali estava era um fidalgo de raça.

Everardo, depois de examinar o aposento, fechou a porta com o grosso loquete e, sentando-se no escano, falou ao estalajadeiro :

— Dizes que vou dormir no leito em que nasceste . . . !

— Sim, meu senhor. Aqui nasci eu, ha cincoenta e dois annos, em vespas do Natal.

— Ha cincoenta e dois annos . . . ? !

— Sim, meu senhor.

— És, então, vassallo do senhor de Crève-cœur.

— O senhor de Crève-cœur ! Mas de quem falais vós ?

— Pois não pertencem estas terras á castellania de Crève-cœur ?

— Ora esperai . . . Já vos digo. Baixou a cabeça e poz-se a repuxar o beijo como se por elle tirasse a memoria. De repente exclamou radiante : É isso ! Faz hoje justamente um seculo que tudo aquillo estourou, com mil diabos ! Foi no dia da Assumpção da Virgem. Ha um seculo justamente, faz hoje.

— Como um seculo !

— Um seculo . . . Mas chiton ! Não convem que esses malandrins, que se acham lá em baixo em comesaina e beberronio, saibam do que vos digo senão, a pretexto de festejarem a liberdade, são capazes de exigir que lhes eu dê de graça o que tanto me custa ganhar. Fiquemos por aqui, senhor. E agora interrogai-me no que fôr de vosso agrado e eu responderei como souber.

— Pois o que quero de ti é justamente que me contes a historia desse castello e do seu dono e senhor.

— Posso contá-la porque a ouvi de meu avô, que esteve no assedio áquella mansão infernal e viu-a cahir, da torre mais alta até a ultima pedra, e tudo que ali se passou.

— Fala ! intimou Everardo

O estalajadeiro sentou-se na arca e falou :

— Com a morte do conde Eliduc, que era homem justo, temente á Deus e de muita caridade com os vassallos, que até visitava os servos, quando adoe-

ciam, o senhorio de Crève-cœur passou ao seu neto, Everardo de nome, mancebo perverso e vicioso que, em poucos annos, esbanjou, em orgias com outros da sua igualha, o pouco que lhe ficou, porque, com o preparo de uma mesnada que o conde levou a Jerusalem, quasi se lhe esgotaram de todo os cofres. Os maus tratos que o mancebo infligia aos vassallos fizeram com que os melhores delles fôsem abandonando o burgo, onde apenas ficaram velhos e mulheres, gente sem força para os trabalhos da terra. O resultado foi os campos esterilizarem-se e as lavouras, que eram ricas, desapparecerem em maninho. E veio a miseria, não só para o villão, como para o proprio senhor.

Dizia meu avô que ouvira a um homem do feudo que, certa manhan, varados de fome, elle e os companheiros, que eram homens bravios, que, mais tarde, arrependidos de o haverem acompanhado em tal aventura, recolheram-se a um mosteiro e todos se fizeram monjes, resolveram caçar na montanha uma corça que era companheira de um santo eremita. Apesar dos rogos do ancião, que implorava com lagrimas a piedade do malvado para o animalzinho, o moço Everardo matou-o obrigando ainda o pobre velho a transportar a caça desde o alto da montanha até o castello. Dizem alguns que não foi o santo que fez o carroto, mas um anjo, enviado por Deus.

Os companheiros do perverso, tomados de remorsos, abandonaram-no na montanha, de onde elle regressou só ao castello para fartar-se na carne do animal sagrado. O que houve depois ignora-se, posto que corressem vozes affirmando que, nessa mesma noite, o Diabo, disfarçado em peregrino, entrara no castello e, trancando-se com o senhor em uma das torres, fizera com elle pacto dando-lhe tanto ouro quanto elle quizesse em troca da alma que lhe pertenceria por toda a eternidade.

São vozes, meu senhor, vozes do povo, postas em cantares pelos jograes. A verdade, porém, é que o mancebo, que não tinha no celleiro um grão de farinha para uma pada, tornou-se, de um dia para outro, o homem mais rico de todo o reino, senão do mundo.

O castello, que começava a cahir em ruinas, foi restaurado e augmentado. As riquezas nelle contidas eram tantas que não havia contá-las e, em vez de elle cobrar foro e dizimo aos vassallos, tanto era o ouro que lhe sobrava, mandava distribuir moedas, como se atirasse sementes á terra. E, constantemente, chegavam-lhe maravilhas. Navios navegavam por conta d'elle e traziam-lhe os mais preciosos objectos e escravos, mulheres que elle mandava raptar nos paizes onde ellas são mais formosas.

Um dia, porém, lembrou-lhe a maior das perversidades que só poderia imaginar um espirito ins-

pirado pelo Demonio : mandar buscar, não se sabe onde, uns animaes ferocissimos, soltá-los na montanha e convidar para caçá-los, em batida de morte, a todos os jovens fidalgos das mais nobres casas do reino. O que isso foi, meu senhor ! Uma carnificina ! Os parentes dos que succumbiram em tal cilada, que não foi outra coisa a monteria, resolveram tomar vingança e, ajuntando-se todos, puzeram cerco ao castello.

Durante dois longos annos, dia e noite, foi um pelear sem treguas. Tomar á força a formidavel praça era quasi impossivel, dada a resistencia dos seus muros. O que restava fazer era rendê-la pela fome e foi o que decidiram os alliados. Uma manhan uma sentinella, acenando da torre albarran, chamou á fala um cavalleiro que rondava perto do fosso e atirou-lhe de cima uma mensagem na qual ia a proposta da rendição. Foi-se o cavalleiro aos chefes tornando, momentos depois, com as condições : garantia de vida aos poucos homens que ainda resistiam á fome e á sêde e entrega do castello com Everardo e todas as riquezas.

Rangeram as correntes da levadiça, a ponte desceu pesadamente á borda do fosso e um homem d'armas, trazendo, em vez de lança, um ramo verde, apresentou-se como parlamentar ; e disse que « elle e tres outros, que estavam a perecer á mingua, além dos corvos que se fartavam nos cadaveres,

eram os unicos seres vivos que ali havia, porque o senhor desaparecera sem que se soubesse como, logo que começara a fome ».

Não acreditaram os senhores no que ouviam e quizeram vêr. Entrando, porém, no castello e correndo-o, desde os mais fundos subterraneos até as torres mais altas, não acharam vestigio do perverso. Os esqueletos formavam pilhas nos pateos, no campo de tavolado, na cêrca onde os pagens jogavam a pélla e o fétido da podridão entontecia.

Cumprindo o que haviam promettido, os senhores deram liberdade aos quatro homens e, sahindo do castello para resolverem sobre o que deviam fazer áquella alcáçova de tão má fama, se conservá-la ou destrui-la, discutiam na tenda do mais velho dos fidalgos accorridos á campanha, quando um estrondo, que fez tremer a terra e deslocou rochedos da montanha, alvoroçou o arraial : fôra o castello que explodira desmantellando-se tão ao raso do chão que os proprios alicerces desapareceram.

Dissipado o fumo negro, que se levantou em rolos toldando o céu tempestuosamente, abatida a poeirama, correram todos ao castello e só acharam o que lá está assignalando o sitio maldito em que avultava a Honra de Crève-cœur : uma fonte d'agua enxofrada e fervente que borbulha aos borbotões, como subida das caldeiras do inferno.

Assentaram, então, os senhores em erigir ali

uma capella e em dividir, igualmente, entre todos, os vastos dominios de Crève-cœur. E foi o que fizeram. Esta parte coube ao bom senhor Conrado, em cujo pendão devera figurar uma pomba e não um milhano, porque não ha outro como esse fidalgo, cujo valor na guerra contra os infieis só se póde medir pela bondade do seu coração com os vassallos.

Eis quanto vos posso dizer de Crève-cœur. Faz hoje justamente cem annos que foi pelos ares esse castello maldito. Disse e estendeu a mão para lembrar a Everardo a moeda promettida.



VI

Quantas transformações se lhe foram deparando ao longo do caminho, desde a estalagem onde passara a noite insomne, a pensar no raconto do alberguista, até o primeiro povoado em que entrou, no sopé da montanha.

Tudo que, na vespera, deixara em bravio : charnecas e abafeiras era, então, abruptella semeada e viçosa. Os mattos, dantes selvaticos, só de lóbos, haviam sido desbravados e, reverdecidos em pastigos serenos, nutriam armentios e rebanhos.

Onde, na vespera, se adensavam selvas, reuniam-se sociavelmente cabanas e as granjas succediam-se com os seus trabalhadores alegres, os seus engenhos rusticos em faina ; o fumo subia dentre pomares annunciando moradias e ás cercas bem

tramadas, fechando almoinhas, acudiam rafeiros ladrando.

Tudo era novo. O homem entrara com o machado pelo arvoredado e as lavouras estendiam-se chans, douradas no amadurecimento dos trigos ou ondulando em hervagens de centeio e linho. Os proprios saloios que encontrava eram outros, diferentes dos que elle deixara quando sahira de Crève-cœur.

Alguns paravam na estrada olhando-o surpresos e as vozes que, entre si, trocavam, soavam-lhe diferentes.

Sentou-se junto de uma cisterna, á sombra de alto castanheiro e ali ficou pensando no inexplicavel mysterio do seu grande somno.

Como se poderia comprehender que, em tão breves horas, tantas mudanças se operassem ?

De que vespera viria elle ? Seria possivel que houvesse atravessado todo um seculo a dormir ? Somno assim só o da morte, e o seu acordar valia tanto como uma resurreição.

Teve vontade de vêr o seu castello, verificar no terreno se o estalajadeiro lhe dissera a verdade, convencer-se, não por palavras, mas pelos olhos.

Receiou, porém, que tudo aquillo fôsse traição, cilada dos inimigos, bem urdida, para que elle lhes cahisse vivo nas mãos. E meditava quando viu aproximar-se airoso moço com a bilha á cabeça,

encaminhando-se para a cisterna, a cantar. Resolveu interrogá-la, certo de que não lhe mentiria. Ao vê-lo a moça deteve-se desconfiada, e já fazia menção de retroceder quando elle a chamou docemente.

A camponia encarou-o examinando-o vagarosamente. « Não, leproso não é, disse de si consigo, porque não lhe vejo a matraca nem o panno branco á cabeça. Palmeiro será, de certo, dos que fazem romagem a Jerusalem. Taes peregrinos trazem sempre reliquias virtuosas e contam historias da Terra Santa ». E, levada pela curiosidade do mysterio, a moça aproximou-se de Everardo, dizendo-lhe a sorrir :

— Pelo traje que tendes, vejo que sois peregrino ?

— Peregrino, dizeis bem, e de longa romaria.

— Vindes de longe ?

— De mui longe.

Ao pronunciar taes palavras, mais suspiradas que faladas, deu o fidalgo com os olhos em um velhinho encarquilhado, que seguia lentamente pela estrada arrimado a um bordão ; e logo accrescentou :

— Andei mais em uma só noite do que tem andado, em toda a sua vida, aquelle que ali vai e que mal vê o sólo em que pisa.

Voltou-se a moça para o indicado, e, vendo-o, não poudo conter o riso alegre.

— Sois, então, feiticeiro, exclamou, porque esse que mostrais é dos que nasceram no tempo do Diabo. Mais de cem annos deve ter. Todas as arvores que daqui vemos são mais moças do que elle.

— E porque dizeis que nasceu no tempo do Diabo ?

-- Porque sim.

— E que tempo foi esse ?

— Foi o tempo triste em que estas e outras terras, para lá das montanhas e além do rio, eram suzerania do maldito de Crève-cœur. Tão mau foi elle que, duas leguas em volta do terreno em que se erguia o seu castello, não vingava herba, agua não corre, a não ser a da fonte quente em que as bruxas se banham em noites de sextas-feiras. Quando ha tempestade é ali que cahem todos os raios. É o campo da maldição de onde fogem as proprias viboras e as pedras são negras, como crestadas ao fogo.

— E esse homem, que fim teve ?

— Foi-se, de certo, para o inferno porque, quando lhe arrasaram o castello, por mais que o buscassem, não houve encontrá-lo.

— E isso foi . . . ?

— Ha cem annos.

Ouvindo palavras taes, que confirmavam as do estalajadeiro, Everardo dobrou a cabeça e tão absor-

vido ficou em pensamento que, ao tornar a si, já a moça ia longe, cantando, com a bilha á cabeça.

Pela primeira vez sentiu o canção da vida. O corpo derreava-se-lhe como ao peso do seculo que atravessara a dormir. E invejou a mocidade d'aquella rapariga que ia, tão contente e louçan, por entre as hervas floridas, cantando como as aves vivazes que atravessavam os ares.

Levantou-se pesadamente e, a passos tardos, dirigiu-se a uma lagôa que se abria entre juncaes. Nunca mais se vira em espelho desde a noite tragica da sua fuga e receiava que o tempo decorrido no somno lhe houvesse vincado o rosto. Apalpava-o e, ainda que o sentisse liso, queria vê-lo, mirando-se num pouco d'agua.

Ao abeirar-se da lagôa um bando de gallinholas levantou-se em vôo estrepitoso. Lavadeiras batiam roupa nas pedras, estendiam-na pela relva, chalrando alegremente. Elle evitou-as, atravessando os mattos mais densos e, chegando a um remanso, amoutou-se para não ser visto.

Agachando-se, então, inclinou-se á agua e a imagem que viu era a do seu rosto de sempre, jovem e energico, sem vestigio de velhice : os mesmos cabellos ruivos, os mesmos olhos esverdeados, a mesma boca vermelha, os mesmos dentes brancos. E porque, então, aquella fadiga ? Olhou pensativamente a lagôa e comparou-se com ella.

Sim, a vida tem o seu destino : para ser vida deve correr para a morte, como os rios correm para o mar. A parada é o estagno, como a lagôa que não vai além das suas margens, eterna no meio dos juncaes, reflectindo sempre a mesma paizagem e enchendo-se de folhas mortas, que se tornam em lôdo.

Todas as aguas que recebia do céu e dos corre-gos misturavam-se com as do rebalso e, em breve, tornavam-se, como ellas, turvas, porque as escurentava o mesmo fundo lobrego, de lôdo.

Assim elle ! De que lhe servia viver eternamente se, em verdade, todas as impressões que tivesse, assentando na lembrança do tempo em que, verdadeiramente, vivera, haviam de ser absorvidas, turvando-se como as aguas da lagôa ? Onde acharia elle um bem, um talisman que o levasse á felicidade ?

Melhor seria, de certo, dormir, dormir sem nunca mais acordar, como na morte.

Os rios passavam cantando, variando de aspecto, correndo direitos ao mar. A triste lagôa, não : jazia parada, sem uma onda, sem um friso, com a immutabilidade das pedras. E aquillo era a vida.

Arrependeu-se do que fizera. Como, então, libertar-se da prisão em que se trancara para o todo sempre ? Que fazer para fugir ? O meio unico de que dispunha para passar o tempo era lançar-se

de novo no delirio das guerras e das devassidões. Para tanto tinha o elixir.

Levantou os olhos para o céu. O proprio azul pareceu-lhe outro, outros pareceram-lhe os montes, outros os bosques; os proprios homens, outros, Parado na correnteza da vida, como um rochedo no meio do rio, veria impassivelmente passarem gerações e gerações, seculos e seculos cada qual com as suas idéas proprias, com as suas emoções, tristezas ou alegrias e elle, sempre alheio, indifferente a tudo, aferrado ao seu tempo, como a rocha ao fundo em que está cravada.

Começava a abrumar-se a tarde. A gente da lavoura recolhia-se conversando de sementeiras e frutos, qual mais contente do dia bem mourejado no alfobre que se ficava em repouso para dormir ao luar, abrir flores, que são os sonhos das plantas.

Carros rangiam ao lento andar dos bois e as cabanas, onde estallejavam as pinhas, respiravam para o céu violete as espiras de fumo.

Um sino soou ao longe na melancolia do silencio mystico. Everardo olhava em volta, como quem visse girar um carrocel, sem reconhecer os que nelle volteavam.

Não era a sua vida aquella, era de outros, de outros que haviam vindo depois. O seu tempo passara, fôra-se, e elle ali estava esquecido. Sentiu

um pungir fundo no coração, lembrança maguada, e a alma voltou-se-lhe toda para o passado.

E ter de viver, de viver sempre, sempre !

Caminhou. Que rumo tomar ? Para onde seguir ? Não conhecia a terra, mudada como estava ; não conhecia a gente, os proprios costumes. Estrangeiro no tempo ! Do passado era elle o unico no mundo. Os homens de outras terras entram no convivio dos hospedes, affazem-se-lhes ao viver, ligam-se-lhes por sympathia ou amor ; elle, porém, vindo de outro seculo, como se havia de adaptar ao tempo novo ? Como ?

Escurecia e o reverso, sentindo a felicidade daquelles rusticos que se recolhiam aos lares, uns para a ventura, outros para soffrimentos — este, sendo acolhido á cancella pelo bando dos filhos, entrando com elles na sala agasalhada, onde já recendia o caldo do jantar e espalhavam arôma as maçans maduras ; aquelle correndo a saber do doentinho que deixara a gemer, quando sahira, de madrugada, para a labuta agraria ; todos, emfim, com um cuidado, um interesse que os prendia á vida. E elle ?

Assim pensando invejava, com odio, toda aquella gente : invejava-lhe o riso sonóro, o doloroso gemido, o canto ou a lagrima, a humanidade, emfim. E, passando ao longo das cercas, ouvindo ladrarem os cães, tinha impetos de raiva. Foi-se pela noite a dentro e os pios das aves na escuridão e o monotono

coaxar dos sapos nos aguaçães acompanhavam-no na marcha sem destino.

Nem a fadiga, ao menos, a languidez que leva o trabalhador ou o caminheiro a encostar a um tronco o ferro do trabalho ou o bordão da jornada, escolher um canto macio, estirar-se na herva e dormir. Nem isso. E caminhava.

As estrellas do céu viam-no seguir, olhavam-no do alto. As feras desviavam-se quando o sentiam. Lembrou-se, então, do peregrino que hospedara no castello, o estranho viajante que lhe dissera ter vindo de muito longe, de terras mysteriosas onde conquistara os elixires que o haviam tentado e pelos quaes elle commettera o assassinio na torre.

Bem vingado estava o morto. Oh ! bem vingado ! deixando-o no mundo aprisionado á vida, como a um penhasco, sem poder desligar-se e sem esperança de que o libertassem. Mais do que nunca detestou os homens e o odio, que lhe refervia no coração, inflammou-se em colera como das brasas, ao sopro do vento, rompem e espadanam labaredas rubras.

Então, rangendo os dentes, fechando convulsamente os punhos, sem sentir o caminho que trilhava, foi gisando terriveis planos de maldade. Tinha metal peor que o ferro para auxiliá-lo nos seus desejos — ouro.

O ferro mata apenas ; o ouro infama, avilta,

deshonra. Com elle moveria exercitos em terras, lançaria frotas pelos mares, teria mercenarios e apañiguados, cúmplices para todos os crimes, asséclas para todas as conjuras ; profanaria templos, revolucionaria imperios, conspurcaria lares, subornaria a justiça, subverteria o mundo. Empregaria a sua immortalidade em obra de vilta e em excidios e onde quer que passasse o seu ouro seria como o fogo quando pega em herva e soprado pelos ventos toma toda a campina e arrasa-a.

VII

Forçado espectador da vida, depressa aborreceram-lhe os quadros que ella lhe offerecia — sempre os mesmos episodios em scenarios que pouco variavam ; sempre as mesmas paixões movendo os homens, o interesse renhindo-os em discordia, a vaidade desvariando-os, o orgulho tornando-os intrataveis ; os mesmos amores, os mesmos odios, os mesmos sonhos, as mesmas illusões.

A Humanidade reproduzia-se como a semente das arvores mortas, como a natureza com as suas estações, como o Tempo com as suas horas. Por mais tratos que desse á imaginação não conseguia tirar da Vida algo que fôsse novo.

Avistando muralhas de cidades adoptava um disfarce para nellas apresentar-se. Transpunha-

lhes as portas traçando planos sempre perversos. Em umas, dizia-se mercador e entrava conduzindo récovas carregadas ; em outras apparecia com armas de paladino, narrando feitos de bravura insigne e alongadas viagens pelo mundo ; umas vezes beguino, a esmolar ou obreiro a pedir serviço ou jogral rascando a viola a acompanhar-se em trovas de amor ou tensões heroicas.

Se lhe agradava o sitio installava-se e, aos poucos, iam-se-lhe as mãos abrindo e como ao rico não se exigem fóros de nobreza nem se investiga a folha do viver, porque o ouro basta para o tornar bem-quisto, ninguem cuidava de lhe indagar a origem, nem como adquirira os bens que tão prodigamente dissipava : todos o cortejavam bajuladoramente : do mais altanado fidalgo ao mendigo mais sordido.

E as infâmias mais vís insinuavam-se-lhe rasteiramente aos pés, as propostas affluíam, qual mais torpe, e a sua balança, referta de ouro, pesava honras de nobres e capellas de virgens, traições, perjuros -- as almas desfaziam-se em lôdo na sua presença e elle gosava o aviltamento espalhando o ouro a rebatinha para provocá-lo.

Certa vez, por orgulho, organisou um grande exercito mercenario, assediou com elle uma cidade, cujo principe hesitara em recebê-lo, e, vencendo-o em batalha, depô-lo com affronta, fazendo-se

logo aclamar soberano no throno que usurpára. Preso, carregado de ferros, lançado ignominiosamente nos subterraneos do seu proprio palacio, padceu o monarcha os mais atrozes supplicios desde fome e sêde em immundo ergástulo, até a dôr de vêr a esposa ultrajada pela soldadesca bruta, os filhos degolados ou escorchados no pelourinho, os seus vassallos mais fieis acannaviados ou desmembrados no potro, e, por fim, o mais humilhante dos opprobrios, qual foi o de ser exposto no alto da muralha nú, servindo de mófa ao riso da canalha, até que, succumbindo, mais aos tormentos d'alma que aos do corpo, deram-lhe em cima os corvos, devorando-o. O governo de Everardo foi de crueldade e vilta. Cançado de vexações e soffrimentos, o povo começou a murmurar e muito concorreu para sublevá-lo o commentario dos anciãos, que chamavam a attenção das gentes para a mocidade perenne d'aquelle homem, dizendo : « Quando elle aqui chegou, tal como ainda hoje está, eramos nós crianças que brincavamos vigiadas por aios. Começamos a arrastar os passos, vai-se-nos dos olhos a luz, e elle, mais velho, muito mais velho que qualquer de nós, ahi continúa moço e forte como no dia em que entrou as portas da cidade á frente dos seus villões. Que homem será esse sobre o qual não tem poder o Tempo que as proprias pedras destróe e reduz á ferrugem, que é pó, o mesmo ferro ? »

Tal observação, mais do que as atrocidades e infâmias de Everardo, levantou contra elle o povo amotinado, desde o mais nobre fidalgo até o mais humilde cabreiro da montanha. Abandonado da tropa, dos aulicos e dos famulos, teve de fugir, ganhar as estradas em busca de outro reino, imperio ou simples kraal de barbaros onde entrasse com o seu ouro que tudo conspurcava.

E quanto tempo andou! Quantas terras percorreu! Foi tudo: príncipe coroado; scheick de mehallas, e assaltou caravanas no deserto; capitão de piratas, e invadiu povoados littoraneos arrasando-os a fogo, assassinando os homens e as crianças, violando as virgens, profanando igrejas; fez-se monje em mosteiros e estudou sciencias com os religiosos; inflammou revoltas de camponezes e incitou operarios a insurreições. Viveu nas regiões mais ferteis e nos areaes mais estereis; conheceu todos os climas. Naufragou em mares desconhecidos, estanceou em florestas paradisiacas, habitou montanhas cobertas de gelo, em companhia de ursos, que eram os unicos seres vivos que resistiam ao frio em taes altitudes. Viu nascerem e perecerem cidades e sempre o mesmo jovem e cada vez mais cruel e mais entediado.

Quantas vezes appellou para a morte precipitando-se do cimo de montanhas ao fundo de abysmos, onde cahia como cahe a folha secca que se

desprende do ramo e, fluctuando de leve, pousa no solo, intacta. Lançando-se ás chammias de incendios e nellas jazendo sem lhes sentir a ardencia, sahio do rescaldo como entrara na combustão ; mergulhando no mar, que logo o devolveia á tona, como faz com a bolha de ar que nelle immerge ; rasgando, a punhal, as veias que, instantaneamente, estancavam.

E invejava a morte. Detinha-se diante de tudo que era destruição : uma cova com o seu cruzeiro tosco, um tronco podre, a ossamenta de um animal no campo. Certo de que a vida nada mais tinha para dar-lhe, desejava a morte com ansia.

Que haveria além ? Para onde iria aquella força que equilibrava os corpos, que era o pensamento, as paixões, os desejos, os sentidos todos, a palavra, o sorriso e a lagrima ; a verdura, a flôr e o fruto na arvore, a essencia em tudo ? E olhava as estrellas, interrogava-as no silencio das noites sobre o destino do espirito dos que pereciam.

Onde estariam os que elle vira nascer e morrer, tantas gerações, tantas existencias ? E havia elle de continuar sózinho em um mundo que rolava sem pausa, onde começava a sentir-se tonto como o que rodopia vertiginosamente no mesmo lugar ?

Nas horas de maior amargura, isolado na grandeza ou na miseria, no tumulto das cidades ou na solidão dos desertos, onde quer que se achasse, re-

corria ás duas reliquias que nunca o abandonavam — o frasco do elixir de ouro e a rosa eterna. Contemplava-os com desprezo e odio.

De que lhe servia aquella fortuna que se não esgotava se, com ella, nada mais, de novo, podia conseguir na vida, e aquella flôr, tantas vezes desfolhada, espatifada, lançada ao fogo, pisada a pés, que logo se recompunha, porque era eterna, como elle, se não — o elixir, para mostrar-lhe a vanidade das riquezas e a flôr para provar-lhe a melancolia da vida infinita, a tristeza tediosa de um dia sem occaso ? !

Uma noite — achava-se elle, então, na orilha de uma floresta — as estrellas palpitavam limpidas no céu, com brilho como jámais lhes vira, quando uma das mais claras tremeu, como flôr á aragem e destacou-se soltando-se nos ares, scindiu-o em vôo de frecha e, subito, extinguiu-se. O coração do reprobato bateu precipite, commovido, pela primeira vez, com o fenecimento de uma existencia.

« As proprias estrellas morrem, as proprias luzes do céu apagam-se, têm o seu momento de repouso. E eu ? Esse que dirige a Vida, se existe, porque não faz commigo o que faz com todos os seres e todas as coisas criadas ? Será possivel que o seu Poder seja contrariado e vencido por uma fleuma da terra, um elixir dos homens ? »

Pensava quando uma sombra immensa, nuvem

que tinha a fôrma de estryge, interpoz-se entre a terra e o clarão da lua e pareceu-lhe vêr naquella apparição bruna, que surgira repentina no espaço, a imagem do peregrino que entrara no castello na noite tragica.

Seria elle ! Mas tão desmedido que obumbrava a claridade astral, manchando a noite luminosa ? Seria elle ! Então, a desconfiança, que já lhe rondava o coração, firmou-se em certeza. Aquelle hospede sinistro não era outro senão o Demonio que o tomara a si para atormentá-lo com as duas maiores felicidades — a vida eterna e o ouro.

Levantou-se de punhos cerrados, rilhando os dentes e, no seu odio á vida, bradou em furor energúmeno :

« Se és tu, Espirito do Mal, leva-me, de uma vez, contigo, livra-me desta vida que me peza, faze-me soffrer, porque as tuas chammas não me serão tão odiosas como me são as côres das madrugadas e os gritos das tuas victimas talvez distraiam os meus ouvidos, cançados das vozes humanas e dos cantos dos passarinhos. »

Mas a nuvem passou e, na altura, como o estrepitar do raio nas tempestades, estalou uma gargalhada áspera e escarninha.

Nem o Inferno attendia aos seus reclamos. Era inutil tentar a libertação pela morte.

E proseguiu variando a vida, ora em grandeza,

ora em miseria, em tudo, porém, achava a mesma monotonia, o mesmo rythmo invariavel, a ondulação entre berço e tumulto. Elle só persistia eterno.

VIII

Já começava a rever cidades em que vivera, estradas que trilhara reconhecendo todas as montanhas que barravam o horizonte, todos os rios que saíam das selvas e atravessavam campos e povoados, despejando-se no mar, todos os lagos que espelhavam o céu, todos os valles sombrios ou risinhos, areaes e geleiras, sem que desconhecesse um só dos idiomas que ouvia, porque todos lhe eram familiares, visto que, em tantos seculos andados, percorrera o mundo em todos sentidos.

A terra não lhe offerecia novidade alguma, nem o céu que contemplava ao sol ou estrellado, nem o mar bonança ou em madria. Que lhe restava? embrenhar-se como os penitentes, metter-se na solidão das silvas, entre arvores e feras e ali ficar sem vêr

rosto humano, sem ouvir rumor de vida, vegetando como as plantas silvestres no mysterio obscuro das florestas millenares.

Onde, porém, acharia elle espessura virgem, sem vestigio da passagem do homem ? Em que extremo remoto da terra percorrida pelas caravanas e pelos que fazem commercio e pelos exercitos que devastam e pelos que exploram riquezas, acharia elle esse retiro que o seu desejo almejava ?

O acaso veio em seu soccorro.

Mettendo-se com um bando de mercadores, que tinham de atravessar o deserto de Apaméa, sempre assolado de nomades, que assaltavam os viajantes, uma noite, armadas as tendas de repouso, reuniram-se os homens em volta das fogueiras e, enquanto os mercadores dormiam com servos armados rondando o aduar, os recoveiros, afinando os seus instrumentos musicos, puzeram-se a cantar, revesando-se qual a qual, até que chegou a vez de um velho, tão encarquilhado d'annos que mais parecia uma raíz secca e rugosa, que figura humana.

Quando elle falava, com um fio de voz tenue, voz que se apagava nos ultimos alentos da vida longa, todos se lhe acercavam para ouvi-lo, porque elle alludia a eras tão antigas que a sua palavra tinha o prestigio de revelações do Além, como as vozes dos oraculos.

E foi elle que, fitando os olhos, que eram duas

centelhas, no rosto de Everardo, como que respondeu á ansia do coração do precito, descrevendo uma floresta tão densa, cerrada em tão robusto arvoredado e tão mysteriosa nos seus penetraes que, até aquella hora, homem algum ousara, sequer, chegar á ourela que a cingia, taes eram os fremitos das feras que a povoavam, accrescidos do frondejar das copas alterosas e do raucisono marulho das catadupas.

Era ali que se criavam, em lapas e fojos, os possantes leões, os tigres ferocissimos, leopardos ageis, simios monstruosos que eram o terror dos que passavam nas proximidades de tal viveiro.

Armentios e manadas, inopinadamente atacados pelas feras que taes brenhas vomitavam, eram dizimados sem que os seus pastores ousassem defendê-los e os hervaçaes cobriam-se de ossarias que, depois de esburgadas pelos abutres, ficavam branqueando ao sol.

Tantos e tão continuos foram os assaltos dos belluinos que as estradas vicinaes da selva foram abandonadas e, em breve, a herva cobriu-as, igualando-as com a campina immensa.

E o velho, descrevendo essa grandeza selvatica, essa virgindade que só o fogo poderia vencer, porque expedição de homens nada conseguiria contra ella, affirmava que, no seu obscuro interior, succediam-se as jazidas de diamantes, que havia roche-

dos de topázios e de esmeraldas e que as áreas de alguns dos seus rios eram, em uns de ouro, de prata em outros, brilhando offuscantemente sob as aguas rasas quando lhes dava em cima o sol.

Não pelos thesouros annunciados, que faziam os demais ouvintes suspirar, mas pela aspereza com que ella defendia o seu amago, desejou Everardo a selva brava.

Ali teria o que jámais tivera — o silencio ; seria o homem unico, o dominador e, inatacavel na vida, acabaria por domesticar todos os animaes, tornando-se, assim, rei, como nenhum outro, de um imperio inexpugnavel, defendido por muralhas vivas e com um exercito como não havia igual, nem tão numeroso nem tão forte.

Então, aproveitando-se de se haver o velho levantado para recolher-se á sua tenda de pelles, seguiu-o, chamou-o á parte e, pondo-lhe uma moeda de ouro na mão mirrada, pediu-lhe que lhe indicasse o caminho para tal homisio. O ancião levantou difficilmente a cabeça que lhe pendia á frente, dobrada sobre o peito concavo e, encarando-o a fito, sorriu :

— Porque perguntais ?

— Desejava, ao menos, avistá-lo.

— Não ha que saber. Vedes as montanhas que nos flanqueam, sobre as quaes começa a cahir a poeira de ouro que o sol vem levantando no céu ?

— Sim, vejo.

— Pois a floresta fica-lhes no outro lado. Vencida a altura lá de cima podereis avistar a immensidade verde e ouvireis, de certo, os urros dos animaes bravios que nella se multiplicam.

Não vos arrisqueis tanto em aproximar-vos que possam os ventos levar o cheiro do vosso sangue ao recesso da matta porque, então, não tereis tempo de fugir. Sobre vós correrão abandonados todos os carnivoros e, se vos desviardes dos leões, sereis colhido pelos tigres.

Não disse Everardo palavra alguma em resposta e, desde aquelle momento, resolveu esperar a manhan para partir no rumo que lhe fôra indicado.

Não tardaram os cantos dos passarinhos e os primeiros clarões do dia fizeram scintillar diamantinamente as perolas de orvalho engastadas nas folhas.

Os nomades, cuidando de reunir os animaes e carregá-los para a partida, enrolando as tendas, arrebanhando os gados, não deram por falta do companheiro que se apartava, através do oceano de verdura da immensa savana que ia até a raiz da montanha.

E, quando os guieiros, tomando a frente, bradaram com as lanças altas, rompendo a marcha, já o peregrino alcançava a aba da montanha frondosa, reticulada d'aguas alvas que rolavam d'altura

rendadas de espumas derivando, em baixo, na planície, em corregos e ribeiros múrmuros.

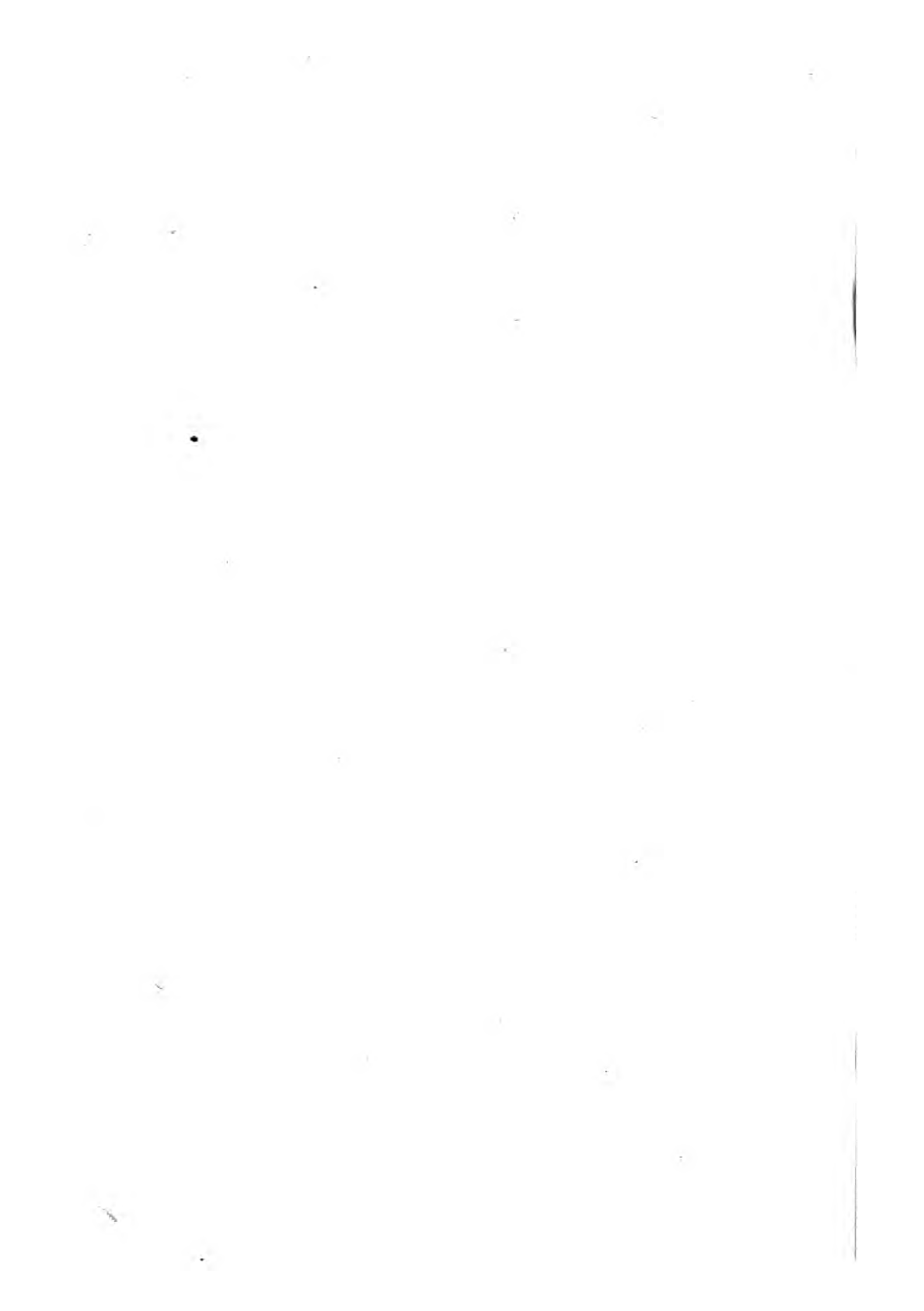
Uros, em grandes manadas selvagens, pastavam reunidos formando largas manchas negras na verdura e, de quando em quando, daqui, d'ali, levantavam-se, em abaladas estrondosas, nuvens alvas de garças ou enxames de codornizes. Era bem a região virgem, paradisiaca de que lhe falara o velho.

Às vezes, junto de uma arvore, parado, extatico, apparecia-lhe um veado ou rapido, correndo aos galões, arrimado a um pau, um simio enorme, de longos pellos negros, fugia roncando.

Andara o dia todo alimentando-se de tamaras, parando, apenas, á beira dos regatos, o tempo necessario para beber.

Quando começou a subir a montanha accendiam-se no céu as primeiras estrellas.

TERCEIRA PARTE





I

Nunca tão bello lhe parecerá o céu como naquella noite, com a transparencia fluida do luar. As estrellas brilhavam entre a nevoa lucida e o azul diaphano como a tremulina que refulge nos lagos. Toda a montanha na sua frondosa cobertura, nas aguas que por ellas se despenhavam alvejava, de prata.

Dentre sombras saham animaes vagarosos, quedavam em extase, contemplativos. Por entre os ramos ainda soavam gorgeios ; aulidos tremiam no silencio.

Everardo caminhava tão enlevado no scenario alpestre que não sentia a ascensão por vezes penosa. Era a primeira vez que seus olhos demoravam tanto tempo no ceu e gosavam as louçanias da terra.

A frescura do ar estimulava-o. Volta e meia era o murmurio de um corrego deslizando por entreervas floridas ou o escachôo d'aguas que rolavam de penha em penha, scintillando com os reflexos do luar.

Nunca sentira o encanto que então experimentava — era como se entrasse em vida nova, com outra alma, sensível á belleza, aberta á ternura.

Detinha-se á beira das fontes olhando enamoradamente a agua buliçosa ou as imagens nellã reproduzidas. Vendo uma garça nivea, que se destacava entre nenuphares, sentiu desejo de a tomar nos braços, afagá-la alisando-lhe as pennas brancas. Sentindo-o, porém, a ave abriu as azas, saltou, em pulo agil, ao lombo de uma pedra e, levantando vôo, foi-se como um coagulo de luar, perdendo-se nas altas franças. Do cimo, espraçando a vista a uma outra vertente viu, dum lado, a planicie que deixara, do outro a floresta a que se dirigia : uma ampla e lisa, outra accidentada na irregularidade das copas, ambas, porém, cobertas da mesma neblina luminosa.

Começou a descer e a montanha como que o auxiliava offerecendo-lhe caminhos mais suaves do que as trilhas asperas e pedregosas da subida. Esperava, a todo o instante, vêr surgir das moutas alguma das feras de que lhe falara o velho, ouvir-lhe, ao menos, o rugido ou o pesado estalejar dos

passos nos mattos. Nada. Só as aguas fluindo continuavam a murmurar na sombra e o leve bracejo dos ramos fazia um sussurro manso. E o céu clareava em tom de perola, abriam-se as vozes dos passaros e rompiam os primeiros vôos.

A alvura lactea do luar coloria-se a pouco e pouco, mesclando-se de rosa ; as estrellas apagaram-se e as primeiras nuvens de ouro laivaram o oriente que se foi incendiando. A natureza despertava. O sol pintalgou as alturas, estendeu pannos de ouro nos penhascos, refulgiu nas folhagens humidas e, subito, com irradiação gloriosa, rompeu de traz da montanha longinqua, que parecia fechar, em distancia que a confundia com o céu, a selva virgem, antro de leões e tigres, vedada bravamente ao homem.

Em verdade não havia ali vestigio humano, nada, em toda a immensa e agreste espessura, que denunciasse transito de nomades. Abertas nas silvas, repiso nos hervaes e macegas assignalavam passagem de animaes confirmada pelos rastros, de enormes pègadas que iam ter aos corregos.

As aves viviam em tão tranquilla liberdade que não occultavam os ninhos e muitos pendiam dos galhos do arvoredos oscillando á maneira de flores. As colmeias zumbiam nos troncos, á beira das covas as lebres aqueciam-se ao sol, tão ignorantes da maldade humana que não se moviam á aproximação

de Everardo e as borboletas, desprendendo-se das arvores, pousavam-lhe nos hombros enfeitando-o com as azas coloridas. E elle seguia deslumbrado e commovido com aquella innocencia confiante.

De repente, em um dos impetos que o accommettiam, tomou entre os dedos uma das borboletas que lhe esvoaçava teimosamente em volta da cabeça. Era enorme, toda azul, fulgida ao sol. Ia esmagá-la, o insecto, porém, conseguiu escapar-lhe, mas, em vez de fugir, rondou-o alegremente e pousou-lhe na mão. Elle apiedou-se, tanta innocencia venceu-lhe a maldade e, para não perturbar o insecto, que assim se lhe entregava, manteve o braço immovel, a mão aberta, caminhando como se levasse uma flôr delicada.

Tudo era novo. O proprio cheiro das arvores resinosas, dos terrenos humidos, das grandes flores que esmalçavam as ramarias não lhe lembravam outros que houvesse sentido, outras que houvesse visto na longa vida vivida em seculos através do mundo.

Seria a natureza que mudara ou elle? Teria, emfim, encontrado uma terra differente de quantas, até então, correria ou seria aquillo novo encantamento, outra insidia que lhe armavam para maior castigo?

Fôsse o que fôsse o bem que, então, fruia era allivio que o acalmava, reconciliando-o com a vida.

Quando deu por si achava-se á entrada da floresta, a grande e inviolavel selva dos leões e dos tigres e de mil outros animaes ferozes.

As serpentes, atravessando trilhas, eram como troncos que se arrastassem ; os crocodilos, acardumados nos lagos, formavam ilhas. Ás vezes, no meio do rio, como um rochedo que se deslocasse, levantava-se um animal monstruoso, ficava um momento á tona respirando, gosando o sol e, lentamente, remergulhava. Antilopes appareciam em lombas, rebanhos de gazellas passavam em corrida tumultuosa. Aves taciturnas, de longas pernas, meditavam á beira dos lagos.

Subito os mattos estalaram e enorme leão, coroadado de abundante juba, surgiu-lhe á frente fechando-lhe o caminho. Sem arma para combater a fera, sem força para subjugá-la, esquecendo-lhe, com o terror, o prestigio que o salvaguardava, tentou fugir. O belluino descahiu sobre o trazeiro e, aprumando a cabeça, encarou-o serenamente. Em volta a selva atroou raucisonos rugidos como se todos os seus ferozes habitantes acudissem áquelle ponto.

Bem lhe dissera o velho ! Então passou-lhe pela mente a idéa da morte e temeu-a. Elle, que tanto a desejava, que tantas vezes se lhe offerecera em sacrificio inutil, ouvindo-lhe a ameaça naquelles frémitos terrificos temia-a.

Fugir-lhe ? Como ?

Quedaram os dois, frente a frente, a fera e o homem. Por fim o leão, repondo-se nas patas, voltou-se caminhando silva a dentro. Entre duas arvores parou e, virando-se como para olhar o homem, meneou com a cauda e um rugido surdo sahiu-lhe do peito forte. De longe, distanciando-se, outros rugidos responderam e Everardo comprehendeu que os animaes afastavam-se. Então, como avisado por presentimento, caminhou nas pègadas do leão e, tanto que o viu em marcha, adiantou-se o animal e com a possança com que rebentava ramos e liames e acamava as hervas como que lhe abria caminho no bosque mysterioso.

Não atinava com a razão de tal prodigio e maravilhado do que via, perguntava a si mesmo, no espanto em que tinha o espirito : « Que força teria elle para assim impor-se ás feras, domando-as a ponto de as tornar dóceis e prestativas servindo-lhe de guia em tão invia brenha ? »

Não se detinha o felino e, sempre no mesmo passo, voltando, de vez em vez, a cabeça a vêr se elle o seguia, entrava pelos mais densos recessos de arvores, tão juntas que os troncos por pouco não se geminavam ou de tão entrelaçadas lianas e enredanças que era necessario rompê-las e então investia a golpes de garras ou arrancava a dentes, desmantelando-as, as grossas teias vegetaes.

Um momento tantas foram as vozes de passaros na galharia de uma arvore em flôr que Everardo parou a ouvir o módulo concerto, divertindo-se com o vôo multicolor das aves que esvoaçavam em volta da arvore, sonora da chilreada alegre.

Mas o leão rugiu e tudo cessou. Calaram-se os passaros e Everardo proseguiu na marcha, já então convencido de que o poderoso animal o conduzia a algum destino. E, novamente preocupado com o que se passava, attribuiu á força vital que tinha o dominio que exercia sobre as proprias feras. E foi-se-lhe, de todo, o medo considerando-se, mais do que nunca, senhor da natureza.

Alimentando-se com o que lhe restava no taleigo e bebendo, a saborosos goles, a agua fresca de uma fonte entre pedras, sentiu-se reforçado e alegre, exultando com a lembrança que tivera de entrar na floresta virgem onde achasse a morte e o que nella começava a encontrar era o gosto da vida. E nas menores coisas : o vôo de um passaro, o galão levipede de um cervo, o remoinho d'agua numa correnteza, em tudo achava novidade e encanto, e parava surpreso, a olhar enlevado, elle que nunca sentira a belleza, que nunca se commovera ante os espectaculos da vida.

O interior do bosque foi-se tornando azul como se o céu se desfizesse em bruma pulverisando-se por entre as arvores. Silenciaram os ninhos e as

vozes das aguas começaram a cantar mais alto na solidão. Era a noite.

Já se distinguiam mal as passagens confundindo-se a brenha em massa escura. De repente, porém, esbrasiu-se a sombra nocturna — enxames de vagalumes romperam em scintillações errantes, a principio dispersas como faiscas de brasido, por fim, unindo-se, formaram uma faixa que se insinuava por entre as arvores luminosamente, colleando, e via-se claro, até ás copas e com a passagem do esplendor em baixo, os passaros, despertando nos ninhos, galreavam como ao romper do dia.

E á frente, sempre vagaroso, o leão proseguia e a sua juba, crespa e alevantada, flammejava alumiando como uma fogueira.

II

A luz da manhã infiltrava-se pelos raros da folhagem fazendo scintillar o orvalho que a emperolava e toda a floresta vibrava hílare com o vivace despertar dos ninhos.

Os aspectos tornavam-se menos agrestes — as arvores eram mais finas, flexiveis, meneando brandamente com as auras leves e, marinhando lépidos pelos galhos, esquilos corriam. De quando em quando abria-se um claro de verdura em alfombra matizada de flores, onde bandos de corças pastavam socegradamente.

Á passagem de Everardo levantavam a cabeça, fitavam-no com os grandes olhos meigos e, de novo, tornavam ao pascigo. Entretanto, não longe, estrugiam rugidos como se os leões e os tigres o se-

guissem traiçoeiramente pelas veredas da brenha esperando sitio e momento azado para o assaltarem.

Distrahido com as varias bellezas que lhe surgiam a cada passo, esquecera de todo o leão que o precedera até ali guiando-o, alumando-lhe o caminho com o clarão da juba fulgurante e não viu mais que as arvores. Olhou em volta. O possante animal desaparecera.

Sentiu-lhe a falta e hesitava em proseguir quando, por entre o arvoredado, já então escasso, avistou um prado por onde fluia meandroso corrego, cujas margens alvas pareciam muradas de neve e, encostada a um outeirinho verde, emplumado de palmares, uma cabana.

Estranhou tal encontro na profundeza daquela selva, assenhoreada de feras. Que homem teria coragem de ali habitar solitario em tanta hostilidade? Ainda que não visse um só dos monstros, cujas vozes o haviam acompanhado na travessia, certo elles ali haviam de chegar e a fragil construção de palha e ripas ser-lhes-ia um brinquedo para as poderosas garras.

Atreveu-se, entretanto, com a curiosidade aguçada, e sahiu da matta pisando o tapiz macio que ia desde a ourela florestal até a frente da habitação silvestre.

Caminhava na risonha clareira, contente de vêr

o azul do céu e o sol, quando o alvor, que se estendia em fimbria ao longo do ribeiro, estremeceu e, subito, com estrondo d'azas, levantou-se em nuvem alargando no espaço um toldo niveal. Eram garças e maçaricos e, na abalada em que foram, pouzando no outeiro, mudaram-no instantaneamente em duna, tão alvo ficou com as azas que o cobriram.

Antilopes e corças partiram aos galões, veados galheiros, rompendo a hervagem, dispararam; foi um bulicio arisco em todo o sitio.

Everardo, cada vez mais curioso, caminhou direito á cabana, á cuja frente subia por troncos, alastrando em ramaes pampinosos, folhuda vinha que afundava, concava, ao peso de enormes cachos. Fios de fumo azul esgarçavam-se do tecto palhiço annunciando vivenda humana.

Que receio podia ter de homens quem sahira illeso dentre feras? Fôsse quem fôsse! demais a mais não temia a morte. E caminhou direito á habitação.

Entrava justamente na sombra da latada quando viu illuminar-se repentinamente a porta da moradia. Estacou deslumbrado e, fitando o olhar no esplendor, viu-lhe fórma humana, de tanta nobreza que não conteve o gesto de pôr as mãos. Olhando affirmadamente, reconheceu no vulto graciosa donzella, e o que lhe parecera luz não eram senão os

longos cabellos louros que ella trazia soltos, envolvendo-a até os pés, á maneira de um manto. Tanta era a alvura purissima do seu rosto que parecia brilhar e os seus olhos grandes e cheios de innocencia tinham a melancolia do azul do céu ao pôr do sol. Vestia leve tunica de linho ajustada á cinta por um nastro de flores e, olhando Everardo, a sorrir, ameigava uma pequenina corça que se roçava por ella carinhosamente buscando-lhe os olhos com o dôce olhar.

Que apparição seria aquella ! Mulher commum não o era, de certo, porque, tão fragil, não resistiria em meio tão bravio. Fada, devia ser, dominadora daquelle reino encantado, senhora das arvores, rainha das feras. Só com poder sobrenatural podia elle comprehender que tal criatura vivesse em tão inhospita paragem. Entre receioso e feliz encaminhou-se para o limiar da choça e nunca mulher alguma, elle que tantas vira e possuira, fizera o seu coração bater tão presto e tanto lhe perturbara o espirito.

Não podia explicar o que sentia : o sangue fervia-lhe nas veias e, subito, gelava-se-lhe ; sentia que se lhe entorpeciam as pernas hirtas, como transidas em neve ; não lhe occorria palavra e, encarado na apparição, quanto mais a olhava mais lhe parecia formosa.

Parou sem forças para proseguir e foi ella que

se adiantou ao seu encontro, risonha, estendendo-lhe a mão lírial.

Dava-lhe a aragem nos cabellos e, com a luz do sol, toda se tornou radiante. Frente a frente, olhando-se encarados — elle perplexo, ella risonha, não se diziam palavra e foi a corça que poz uma voz no silencio.

Ouvindo-a, Everardo estremeceu e, num vislumbre, todo o scenario se lhe transformou ante os olhos — em vez da cabana appareceu-lhe uma caverna ; em vez da virgem achou-se diante de um ancião e a voz da corça era gemido de morte.

A visão, porém, rapida como se gerara, desvaneceu-se restabelecendo-se o primitivo e gracioso quadro. E a donzella olhava curiosamente o hospede da brenha, sorria-lhe com meiguice, contente de o vêr, quando, á porta da cabana, assomou o vulto de um grande velho, de longas barbas brancas, porte altivo, posto que já se lhe sentisse nos hombros largos o alquebramento dos annos. Dando com Everardo, ensombrou-se-lhe severamente a fronte e, descendo do limiar até onde se achavam os dois, com brandura afastou a donzella, sempre encarada no vindiço e, olhando-o em face, interrogou-o :

— Quem sois e como lograstes chegar a estes lugares não sabidos dos homens ?

Havia tal magestade no todo do ancião que Everardo, bem que atrevido, sentindo o prestigio de

fão augusta presença, respondeu em palavras brandas, dizendo da travessia a que se afoitara, desde o aduar de Apaméa até aquelle recesso. De si nada revelou, senão as razões que o induziram a seguir pelo que ouvira ao velho nomade : enfaro do mundo, desejo de exilio em solidão, longe dos homens e de todo o rumor da vida.

O ancião ouviu-o com serenidade, ao terminar, porém, a narrativa aventureosa, notou-lhe Everardo um sorriso ironico que parecia reflectir suspeita.

— Para que, assim tão jovem como mostrais ser, disse elle, tanto detesteis o mundo é, de certo, porque nelle achastes motivos de o aborrecerdes. Ou muito soffrestes ou gosastes de mais. O soffrimento remitte-se : ha sempre balsamos para as dôres, consolo para os desesperos. O tédio, esse é que, difficilmente, se cura porque, quasi sempre, é lia que fica dos prazeres. Seja porque fôr, viestes ter a mim, não vos recuso agasalho. Guardo-me de exigir o vosso nome, nem indago de onde vindes, visto que vos fechais em segredo. Ficai e podereis andar livremente, sem receio algum : os animaes rondam em volta da floresta e só passarão dos limites que lhes são traçados se eu os chamar a mim ; as arvores são de flores e de frutos ; todas as aguas são puras. Ficai. Imponho-vos apenas uma condição.

— Falai. Aqui estou para ouvir e obedecer.

Descendo, então, lentamente, os largos degraus

de pedra da porta da cabana, o ancião encaminhou-se direito a um bosque de arvores de flores que pareciam de ouro e Everardo seguia-o.

Chegados, que foram, ao acceitoso retiro, sentou-se em uma pedra musgosa á beira de limpido regato, sentando-se Everardo em outra. E disse o ancião :

— Tudo vos permitto, não opponho óbice algum aos gosos que vos offerece esta estancia — nada vos faltará e o vosso desejo será ordem logo cumprida, salvo se nelle houver sentimento impuro. A condição que vos imponho é a de não vos aproximardes da donzella que vistes á porta da cabana, e que ainda lá está. Não estranheis tal exigencia. Não ha nella desconfiança de que ouseis attentar contra a virtude de uma innocente. Procedo assim por amor de mim e em defesa de tudo que neste paraiso vedes.

Sois o primeiro ser humano que aquí penetra, trazendo comvosco esse mysterio que agita o mundo, que é força de vida e de destruição, o bem e o mal — o amor, e eu receio que o coração da virgem se deixe tocar por elle.

Se tal se der — e só se poderá dar se Deus intervier santificando o que é sublimidade, quando puro, e torpeza se o incende a luxuria — todo o encanto que vistes desde a montanha : a brenha com as suas arvores e as suas aguas, os animaes que só

arremettem ao vicio, os passaros de canto sonoro, as flores de belleza e arôma sem iguaes, tudo, emfim, desapparecerá e eu desapparecerei com a natureza, eu proprio.

Não é que lamente deixar a vida, porque na velhice que me póde ella offerecer? lamento, sim, apartar-me da criatura cuja alma, virtude a virtude, foi instruida por mim, aperfeiçoada como o lapidario pule o diamante sahido da rocha.

Onde haverá alma tão pura que se possa irmanar com essa innocencia? Criada, de tamanina, nesta selva, as suas companheiras de infancia foram as aguas, as flores, as aves e os animaes que a acompanham docilmente. Sentada á beira dos correjos direis que conversa com elles; os ramos, quando ella passa, agitam-se alegremente; as aves pousam-lhe nos hombros e as corças vêm balar á porta da cabana chamando-a para que lhes vá vêr os filhos, onde os têm. Entende a todos e a tudo e, de voz humana, a minha apenas tem ouvido até hoje. Ignora a existencia do mundo e está certa de que, além da floresta, tudo mais é vasio e deserto como o espaço que nos separa de Deus.

Essa criatura é a razão da minha vida — vivo do seu amor e se ella o der a outro perecerei como a arvore ferida nas raízes.

Tendes uma vastidão, escolhei nella o sitio que vos aprover para moradia e nelle ficai o tempo que

quizerdes. Não vos aproximeis, porém, da que eu defendo do amor, mas que já o adivinha e sente na aragem, na luz, nas vozes das coisas e dos seres.

A surpresa em que a vistes foi mostra de que ella vos tomou pela realisação do sonho que já lhe perturba o animo, dantes socegado e contente. Chegastes em hora má, em hora comprometedora e encontrais um coração aberto e vasio. Não vos será difficil apoderar-vos d'elle, e tal é o meu receio.

Ouvindo falar o ancião Everardo sentia surgir-lhe ante os olhos a figura meiga e candida da donzella, com o sorriso com que o recebera sem espanto, como se o esperasse e, aquella prohibição, desde logo, fê-lo deseja-la. Era uma mulher como nunca possuira, alguma coisa como uma flôr e, mentindo aos pensamentos que já o desvairavam, respondeu com brandura hypocrita :

— Não é difficil cumprir o que me impondes, tanto mais que vem á feição do proposito com que me aventurei a travessia de tanto risco. Determinai, vós mesmo, o lugar em que deva habitar e ahi ficarei buscando o de que houver necessidade para meu agasalho e sustento. Se abandonei o mundo, com os gosos que elle offerece, foi para viver só e só viverei. A vós mesmo, que me recebeis, não procurarei senão quando me chamardes. Dizei onde devo ficar e ahi ficarei.

Levantou-se o ancião e, seguindo por entre as

palmeiras, foi guiando o hospede a um bosque dentro do qual a luz era tão azul como o céu e o canto dos passarinhos soava continuamente.

Riachinhos ligeiros reticulavam scintillantemente a relva, casquinando sobre pedras brancas que se aljofravam de espumas ; as rochas, vestidas dagua, irradiavam iris ao sol. Aqui, ali eram veados espertos que appareciam, espiando ; esquilos que funambulavam nos ramos, simios amarellos que se balouçavam em redouças de lianas ; e grandes aves brancas, atravessavam lenta, airosamente as veredas floridas, detendo-se, curiosas, para olhar os dois homens.

A calma era perpetua e o ambiente trescalava.

Ao sahir do embrenhado, num sitio emplumado de palmeirinhas fléxiles, viu Everardo uma caverna, tantas, porém, eram nella as silvas e todas em flôr, que elle parou um instante a contemplá-la, maravilhado. Mas o ancião proseguia. Acompanhou-o.

O solo, fôfo e macio aos passos, recordava-lhe os felpudos tapetes dos salões de Crève-cœur. A relva, porém, respondia ao piso com o arôma e, quanto mais calcada, macerada aos pés, mais recendia a alfazema, a hortelan, a tomilho. A caverna ampla, toda branca, com relevos estranhos, uns em fórma de escanos e tamborettes, outros alongados em poiaes e reclinatorios, com uma mesa ao centro, sobre uma

stalagmite, parecia trastejada a moveis de marfim e laca, com frisos de ouro que eram filetes de sol.

Era bem um palacio natural e ricamente montado. Andaram os dois homens por elle e, a cada canto, detinham-se ante nova surpresa: era um fio d'agua crystallina correndo, em bebedouro, por uma ponta de calcareo, lançada á maneira de gárgula; era um vão, mettido entre muros alvos e lisos, ao fundo do qual largo socalco offerencia a amplitão de um leito; era, a uma volta, entre chanfras, uma passagem em céu aberto, com o chão forrado de musgo e uma vinha que se agarrava pelas anfractuosidades e arestas formando tendal de onde pendiam cachos e, em volta, redondas, com os ramos quasi de rastos, laranjeiras carregadas.

E, como havia ninhos pelos galhos e por entre os pampanos, a passagem que conduzia a uma segunda gruta menor e mais agasalhada, resoava alegremente como um viveiro. Ainda que habituado a maravilhas, não se fartava Everardo de olhar e quanto mais via mais se encantava do que devia ser a sua habitação. Em tudo aquillo, porém, faltava alguma coisa.

O ancião, sempre grave, sem dizer palavra, levava-o de canto a canto, fazendo-lhe vêr o que havia e elle sempre a relancear os olhos em volta, procurando algo. Ao tornarem da gruta para a caverna, passando por baixo da vinha, elle avistou

uma claridade : era um vulto de mulher, a mesma figura graciosa que lhe apparecera á porta da cabana. Precipitou o andar e só então comprehendeu que fôra victima de illusão.

O que lá estava não era mais do que uma faixa de sol. E a imagem ? o rosto formoso, os grandes e lindos olhos azues, os longos cabellos louros, toda ella, emfim . . . ? Toda ella estava, não ali em corpo ou em apparição, mas dentro d'alma de quem a não podia esquecer e que, em toda aquella belleza, só a ella desejava.

O ancião encarou-o sereno e elle respondeu ao olhar interrogativo com assentimento satisfeito :

— Se este é o abrigo que me destinais, nelle fico e agradecido porque, em verdade, nunca esperei encontrar, em selva como esta, riquezas como as que aqui vejo.

— Aqui ficareis agasalhado e nada vos importunará. Ficai. E que Deus vos guarde a alma de pensamentos maus, que não careceis de quem vos defenda o corpo. Disse e despediu-se.

Ia a sahir quando uma voz triste, dorida, ressoou, plangente, no bosque. Everardo estremeceu, estacando como apavorado. Não passou ao ancião despercebido tal movimento e, para tranquillisa-lo, disse :

— Deve ser alguma corça. Ellas são muitas por

aqui. Não fazem mal e dão companhia agradável na solidão.

Nunca um desejo se lhe cumprira tão á risca como o que o tirara tediosamente do mundo levando-o áquelle refugio abscondito. Só ali poderia elle achar a solidão que almejava, o socego sonhado, pondo-se, para o sempre, longe da vida de modo a não vêr as mudanças que o tempo nella operava. Tudo ali lhe era servido, de prompto e á farta, pela natureza sollicita.

Para alcatifar o leito em que se deitava era só colher braçadas de macias, avelludadas folhas nas quaes vinham sempre flores de perneio ; agua, tinha-a perto, clara e pura, cantando continuamente no bicamente natural ; frutos, lindos e saborosos, dobravam até o chão, com o peso, os ramos do arvoredo e, de manhan e á tarde, corças e gazellas entravam-lhe pela caverna, rondando-o com as tetas tumidas, apoiadas de leite. Onde quer que fôsse achava encanto para os olhos e delicia para os ouvidos : eram os aspectos da paizagem, eram os cantos da passarada, era o conforto de sombras redolentes.

O dia passou-o a deambular pelo bosque sem, todavia, gosar o que elle de mil maneiras lhe mostrava. Que importava aos olhos o scenario maravilhoso se nelle faltava o principal ? Ia e vinha, sentava-se nas pedras á beira do corrego, desinteressado.

de tudo, pensando apenas na virgem da cabana. E via-a em toda a parte — no interior das moutas verdes, no cimo dos rochedos, no fundo das aguas, no proprio espaço.

Se dormia, via-a em sonhos ; acordava e logo a avistava. O esfrolar leve das folhas lembrava-lhe o seu macio pisar ; os raios do sol eram como os seus cabellos ; o perfume da matta, toda em flôr, era menos fragrante que o seu halito.

Que força possuiria aquella criatura para assim domina-lo, impôr-se-lhe á alma, assenhorear-se-lhe do pensamento, prendendo-o todo a si como escravidado ?

Do seu espirito tudo se havia varrido, as proprias recordações, que tanto o torturavam, não mais o perseguiram. Assim aquella criatura entrara-lhe pelo coração como consolo e martyrio — consolo, porque o livrava de tudo que, com o tempo longo, se lhe havia accumulado na memoria ; martyrio, porque a promessa que fizera ao ancião não lhe consentia vê-la, senti-la, ouvi-la de perto.

Passaram-se dias e, quanto mais avançava o tempo, mais lhe crescia a ansia de rever a virgem.

Uma noite — o luar reluzia argenteo nas folhas tremulas, — sem poder conciliar o somno, resolveu sahir, chegar tão perto quanto possivel da cabana quando, para mais não fôsse, ao menos para olhar o ninho em que dormia a donzella. Assim con-

tentaria a alma sem faltar á palavra compromettida.

Sem mais pensar poz-se a caminho pela claridade nocturna. Os rouxinóes afinavam módulos concertos ; animaes caminhavam docemente na alvorura.

Guiando-se pelo ribeiro, que passava em frente da cabana, foi-se apressadamente, com o coração em alvoroço, temendo que amanhecesse antes de haver alcançado o ponto a que era attrahido.

Tudo, dentro da noite serena, como que se referia á formosa innocencia e tão embebido levava elle o espirito naquella belleza mystica que não tinha nos olhos outra visão, embora a natureza illuminada estivesse de molde a commover o coração mais indifferente.

Mais rapido do que imaginava fez o transito desejado e, ao avistar o palmar, onde estivera com o ancião, estugou os passos, logo descobrindo a cabana que, batida em cheio pela luz da lua, parecia um bloco de neve.

Insinuou-se pelo bosque e, passo a passo, pé ante pé, evitando as folhas acamadas no chão para que, com o estalido, não o denunciasses, chegou á cerca florida, cinto de verdura que encerrava o ninho do seu encanto. Quedou um momento a olhar a residencia quieta.

Qual daquellas janellas seria a do seu aposento ?

Por todas ellas subiam, enmoldurando-as, os galhos das roseiras que vestiam a casa. Defronte de uma, porém, o coração prendia-o, talvez porque em arvore que a enfrentava um rouxinol desferia languidas volatas.

Ali se ficou embevecido no gorgear do passaro. De repente sentiu rumor, estrepito na altura. A janelle abriu-se lentamente ao clarão pallido, como se um pouco de sol se intromettesse no luar, e elle viu apparecer a donzella com os cabellos soltos, inclinar-se ao peitoril, onde pousou os cotovellos para ouvir o cantor da serenata. E, estranha força! elle, que não temera as feras na floresta, que se não arreceiara das aparições que lhe haviam surgido em caminho, tremia regelado.

Não ousou mover-se, sumindo-se na sombra das arvores, cosido com um dos mais grossos troncos.

Ó maravilha! Vãos ruflavam numerosos vindos de varios pontos e todos paravam na arvore em que cantava o rouxinol, como descem em fruteira opima os passaros ao cibo. E tal foi a gorgeiada que elle a tomou por denuncia, aviso da sua presença áquelle que guardava, como a propria vida, a que, então, como que tambem lhe entrara, como senhora, pela alma.

Quiz fugir, sentiu-se, porém, tão fortemente preso á terra como as proprias arvores.

Seria influencia do desvelado protector que,

ainda de longe, só com o espirito, vigiava e defendia a donzella ou prestigio da belleza pura ante a qual se rendia a propria natureza ?

Longo tempo ali esteve d'olhos fitos no ponto luminoso e mais lindo que o céu, e tal era o enlevo em que se arrebatava que não sentia fadiga nem deu pelo esmorecimento da lua e das estrella que se foram apagando pouco a pouco. Já as arvores se destacavam com as suas côres proprias, appareciam desnevodados os longes da paizagem, levantavam-se aulidos, cantos de aves vibravam annunciando a manhan e elle ali preso, sem animo de arredar-se, com o olhar captivo da imagem que, entretanto, já lá não estava, e desde quando ?

Ter-se-ia elle illudido com a luz da lua, tomando-a pela figura formosa ? E pasmava do que se estava passando comsigo. Nunca se prendera a amor algum, não se lembrava de haver, jámais, detido os olhos em rosto de mulher mais que o tempo de a vêr para escolha do seu capricho ephemero, e ali estava vencido, ali passara toda a noite longa e ali ficaria até sol nado se não receiasse ser surpreendido pelo ancião.

Afastou-se com pena, retomando o caminho por onde viera, aljofrado de orvalho e trescalando o aroma vario do junquillo, da violeta, da hortelan e da alfazema e o dôce perfume dos lirios que as auras traziam dos corregos e dos lagos.

Bandos de gazellas ageis desciam a beber, nuvens de passaros affluam ao ribeiro, e elle seguia vagaroso, ainda que quizesse ser apressado, triste, como um expulso lançado ao degredo. De quando em quando parava, voltando-se para olhar a cabana, já escondida pelas arvores.

Quando chegou á caverna, o sol rompia no céu, alagando de ouro o puro azul e o verde de selva e campo. Não teve descanso. Poz-se a andar em idas e vindas como os leões nas jaulas — desde o limiar da caverna até a vinha e tornava. Sentou-se no soalco que lhe servia de leito e ali, com os cotovellos nos joelhos, a cabeça entre as mãos, ficou a pensar, a imaginar meios de apoderar-se da donzella, trazê-la para a caverna, procedendo com ella como fazem os tigres e os leões com os antilopes, colhidos de assalto e arrastados para os antros de carniceria.

Que resistencia lhe poderia oppôr o ancião, a elle, mancebo forte, habituado a lutas ?

Se assim pensava, o coração oppunha-se com o sentimento, reagindo enternecidamente contra a inspiração cruel. Como maltratar aquella fragilidade ? Como fazer soffrer aquella doçura, pôr lagrimas naquelles olhos, tirar gemidos daquella boca, fazer arfar em angustia aquella collo ? Não ! Levantou-se remordido de remorsos como se, em verdade, houvesse commettido o que apenas lhe passara em idéa pela mente.

Recomeçou os passeios e, em dado momento, ouvindo rumores fóra, sahia a vêr que era e achou-se diante do rebanho de corças e gazellas que chegavam com as crias pequeninas pondo-se-lhe mansamente em volta, offerecendo as tetas fartas. Compreendeu, então, que era o carinho da natureza, a bondade da vida que o buscava, o alimento trazido pelas amas selvagens, tão generosas como as arvores que lá estavam convidando-o para o banquete de frutos nos seus ramos.

E, diante de tanta ternura, envergonhou-se de si mesmo, da sua maldade, de tudo que pensara com relação áquella que o vencera e dominava.

III

Não se lembrava de haver jámais vivido horas tão longas como as daquelle dia moroso. As sombras como que se prendiam á terra, fixas, tal se fôsem pintadas. No silencio canicular de quando em quando tremia um pio d'ave. Os ramos mantinham-se inmoveis, adormecidos ao sol.

E, ansioso pela noite, porque não ousava aventurar-se ao sol nas visinhanças da cabana, Everardo procurava distrahir-se.

Tentou dormir ; o somno não lhe chegou aos olhos ; poz-se a andar vagamundeando, ora no cerrado, ora na campina ; aborreceu-se. Tudo era o desejo de vê-la, ainda que de longe, respirar o mesmo ar em que ella trescalava o halito, contemplar-lhe a prefulgencia dos cabellos louros, ouvi-la, se possível fôsse.

Tal ventura, porém, só lhe seria dada á noite, quando cessasse a vigilancia do ancião. Revoltou-se contra o inflexivel guarda e gisou planos de violencia : invadir a cabana, tomar a si a donzella, disputá-la a mão armada e sahir com ella preada para o amor que o seu sangue ardego reclamava, a estos.

Ao mesmo tempo, porém, como se outra alma lhe houvesse nascido no coração e se batesse com a antiga, afeita a arrogancias, imperativa e tyrannica, retrahia-se lembrando-se da meiguice da donzella, tão fragil na sua innocencia.

Não ! brutalisá-la não seria vencê-la pelo amor, senão conquistá-la pela força e o que elle sonhava era a rendição carinhosa : queria-a sorrindo e não chorando, tal como a vira no primeiro encontro.

Ao cahir da tarde, quando os passaros começaram a recolher chilreando alegremente nas arvores e o céu pallido se foi serenando como o rosto de quem adormece, elle deixou o retiro nemoroso e, sahindo á planicie, ficou contemplando as corças que desciam arrebanhadas para as margens dos ribeiros, os alces, os antilopes, os graciosos veadinhos, todos os doceis animaes que se iam dessedentar nas aguas limpidas.

E imaginava-a ali, acompanhando-o, os dois juntos, unidos, de mãos dadas, gosando aquelle espectáculo suave da natureza.

E porque não havia de ser assim ? Aquella fron-

dosa e florida verdura, com os seus recessos discretos, as suas chans aleatufadas de relva, os seus outeiros de velludo, os seus rios, as suas fontes, seria como um Paraiso.

A noite descia branda e silenciosa, recamada de estrellas e o coração de Everardo precipitava as pancadas, ansioso pelo instante feliz de sentir a criatura que o attrahia.

Não lhe sobrou paciencia para alongar a espera e foi-se, ainda que vagaroso, parando a espaços, sempre receioso de encontrar o âncião que o detivesse. Só quando a lua chegou ao meio do céu, redonda e fulgida, caminhou desembaraçadamente.

Com que alvoroço avistou a morada querida ! Tudo nella lhe pareceu revestido de graça. As arvores que a cercavam eram mais lindas do que quaesquer outras, o ar mais fino e mais saturado de arômas, o ribeiro defluia cantando ; havia harmonia no lento bulir das folhas.

Acostou-se ao mesmo tronco junto ao qual passara a noite da vespera, com os olhos fitos na janella debruada pelo roseiral. Não se notava na cabana minimo ruido. Um galho que estalava fazia-o estremecer, unindo-se mais ao tronco. Às vezes parecia-lhe vêr abrir-se a janella ; firmava o olhar contendo a respiração. Nada. E a lua caminhava no céu levando a noite.

Um pio de ave abriu o cantico da alvorada, ou-

tro soou mais longe, cruzaram-se em vôo as mais madrugadoras. Corças baliram. E começou o despertar. A luz foi-se abrindo em côres no céu macio, a terra apparecia estendendo os seus vargêdos, aprumando as pômas das suas collinas, scintillando nas suas aguas ligeiras e elle, revoltado por não haver, sequer, avistado aquella por quem passara a noite toda em vigilia, já se dispunha a partir, sentindo o proximo desabrochar do sol, quando viu abrir-se a porta da cabana e apparecer no limiar a virgem, acompanhada da corça.

Toda de branco, com os cabellos soltos, dir-se-ia uma visão de nevoa atravessada por um raio de sol. E sorria ao céu, de mãos postas, como se rezasse. Desceu os degraus e, pisando de leve, com os pequeninos pés, muito brancos, calçados em sandalias de cortiça, atravessou o roseiral, colheu as rosas mais frescas e, dando-as á corça, que a seguia, foi-se em direcção ao ribeiro.

Um pensamento iniquo e impuro atravessou, em relampago, o cerebro de Everardo. Compreendendo que ella se ia banhar, imaginou immediatamente esconder-se entre os juncos para vêr-lhe o corpo despido, fartar lascivamente os olhos na nudez daquella carne virgem. E, quasi reptando, escondendo-se nas hervas, sem, todavia, a perder de vista, seguiu-lhe os passos, viu-a chegar á margem, subir a uma das pedras sobre a qual se inclinava,

carregado de corymbos de ouro, um ramo de acacia, e já antegosava a maravilha quando uma nevoa, em fumarada espessa, foi subindo das margens do ribeiro, tão densa que tudo occultou.

Nada se via através da muralha fluidica, nem sombra d'arvore ; excitando, entretanto, ainda mais a curiosidade libidinosa de Everardo, chegavam-lhe aos ouvidos os borbulhos d'agua chapejada pela donzella, o seu riso crystallino e o som harmonioso da sua voz, como se cantasse em duetto com a corrente feliz que lhe beijava o corpo.

O desespero do fidalgo subiu de ponto e ter-se-ia, de certo, atirado á agua se lh'a não vedasse o nevoeiro, que a occultava. Nem mais atinava com o ponto por onde ella descera. O ar, em volta, parecia enflocado de espuma, formando intransponivel barreira de defesa.

Resignou-se a esperar : vê-la-ia, ao menos, á sahida, fresca e córada das aguas. E viu-a.

A nevoa rompeu-se instantaneamente e ella reapareceu alegre, saltando de pedra em pedra, seguida da corça, levando á cinta, ajustando-a delgadamente, um ramal de açucenas.

Chamá-la, detê-la . . . Não se atreveu.

Taes escrupulos pusillanimes irritaram-nó. Não se comprehendia a si mesmo, sentia-se outro. Que prestigio exerceria sobre elle aquelle ser fraco que, em suas mãos, seria tanto como uma libellula ? Que

poderoso encanto, que sortilegio incontrastavel possuiria aquella fragilidade? Porque não havia elle de vencê-la?

Pensava retorcendo nervosamente as mãos e, ao mesmo tempo, desejava-a e detestava-a; queria-a para cobri-la de beijos, mas estrangulando-a com odio. Não se comprehendia. E viu-a atravessar de novo o roseiral, subir os degraus e desaparecer na cabana. E foi como se uma nuvem houvesse empanado o sol, que já brilhava radiante.

Vergado, como a uma maldição, deixou o esconderijo em que se occultara dirigindo-se para a caverna. Nada via, nada ouvia — caminhava em sombra como se fôsse por um subterraneo. Tudo lhe parecia morto. Quando atravessou a aléa que levava á sua soledade sentiu encher-se-lhe o peito de ansia e, encostando-se ao tronco de uma arvore, com a cabeça no braço, ficou remordendo os labios e, de quando em quando, do fundo dos mattos, vinha-lhe aos ouvidos, em vibrações alegres, o riso crystallino que, atravéz da muralha de nevoa, que se levantara nas margens do ribeiro, annunciava-lhe a presença da criatura encantadora.

Seriam os espiritos florestaes que zombavam do seu soffrimento? os genios das selvas que se escondem debaixo das folhas e tudo vêm e denunciam? Olhava em volta. Solidão. Sentou-se, e, distrahidamente, abrindo o boldrié, sentiu o frasco

do elixir do ouro e, junto delle, um corpo macio, que lhe afagou os dedos. Tirou-o. Era a rosa.

Era a mesma no viço e no arôma, como se elle a houvesse colhido naquella manhan. Era a sua triste companheira de immortalidade, flôr do seu destino, sempre viva, para que fim? Olhou-a com pena. Lembrando-se, então, de outro, no qual tambem fizera a sinistra experiencia, levantou os olhos e, através dos raros da folhagem, viu o céu azul, impassivel, o céu immutavel e eterno, sempre o mesmo, com o dia e a noite, o sol, a lua, as estrellas, invariavelmente o mesmo. E elle, o corvo? por onde andaria com tantos seculos nas azas, voando, voando, voando?

IV

Tantas — e sempre baldadas — as vigílias de Everardo uma manhã, enfim, tiveram o êxito almejado. Do abrigo em que se refugiava viu elle, como de costume, a donzella descer alegre para o ribeiro. Seguiu-a com o olhar alongando-o extasiadamente até que, ao alcançar ella a margem, toda em açucenal, logo, enoveladamente e espessa, subiu, occultando-a, a barreira de nevoa. Viu-a sair, risonha, a brincar com a corça que, aos saltos, tentava abocanhar um ramo de acacia com que ella a fustigava.

De repente enorme borboleta azul rompeu do bosque e a corça, mal a avistou, lançou-se a persegui-la — ora tentando alcançá-la no vôo, se ella o baixava, ora seguindo-lhe, ao rés-do-chão, a sombra iterativa.

A donzella acompanhava, com interesse, as viravoltas rapidas do animal, que se acirrava, a mais e mais, na perseguição absurda. Vendo a corça encaminhar-se na direcção do seu esconderijo, sentiu-se Everardo tão acovardado como se, em vez do innocente animal, fôsse uma das feras que vira ou sentira na travessia da floresta. É que a donzella, seguindo-a, fatalmente o descobriria.

Ia a corça aos galões no rumo da borboleta quando, a subitas, deu com elle. Estacou de golpe, orelhas fitas, timida. A donzella alcançou-a de prompto. Ia lançar-lhe a mão, mas, estranhando-lhe a attitude arisca, seguiu-lhe o olhar medroso e descobriu Everardo.

Estremeceu de susto, logo, porém, reconhecendo-o, sorriu-lhe graciosamente. Foi tal a commoção do fidalgo que os olhos se lhe arrasaram d'agua, e, de todo deslembrado do que promettera ao ancião, ficou diante della, immovel e mais tremulo do que a pennugem das grammineas que fremiam arripiadamente á brisa.

E foi ella que o tirou do enleio, falando-lhe docemente na sua voz harmoniosa, afinada em meiguice :

— Sois vós ! Elle olhava-a como petrificado, sem achar palavra para responder-lhe e o coração batia-lhe a modos de querer arrebentar-lhe o peito. Porque, se tão perto estais, não vindes até nós, a

dois passos daqui? Cuidava, que, por enfaro da solidão, houvesseis regressado para d'onde viestes. Nunca mais tive a ventura de vêr-vos, ou antes, via-vos sempre, mas não vos podia falar. Eramos como duas sombras.

— A mim!? Vieis a mim? Onde!? Como!? exclamou Everardo tomando-lhe as duas pequeninas mãos nas suas.

— Via-vos no somno, em sonho.

— A mim?

Ella acenou affirmativamente, acrescentando:

— Sim e tanto me era grato vêr-vos que eu suspirava pela noite para ter, mais depressa, a alegria de encontrar-vos. Se nos fatigassem as caminhadas que fazemos em sonho eu não me levantaria com o primeiro canto dos passarinhos por mui cançada de tanto comvosco andar e correr pela floresta, pelas campinas, pelos outeiros, porque, todas as noites, percorremos taes sitios de mãos dadas. Quando acordo e não vos vejo a meu lado entristeço. E os dias parecem-me tão longos! O sonho é como as imagens que se reflectem n'agua. Depois do dia em que me appareceste, hoje é a segunda vez que vos vejo ao sol, e já agora quero bem á luz porque não vos leva de mim.

Falava sorrindo e a candura da sua alma transparecia-lhe no azul dos olhos.

Everardo ouvia-a deslumbrado. De quando em

quando relanceava o olhar em volta como desconfiado de tamanha ventura. Não estaria sonhando? Trazia-a tanto no pensamento que acreditava mais em um delírio do que na verdade. Beijou-lhe as mãos, uma a uma; e ella sorria.

— E se agora, acordados, como estamos, caminhassemos ao sol, como caminhamos em sonho, dentro do somno?

Elle encarou-a com medo. Temia levar consigo, pela solidão, tanta innocencia, como quem receia atravessar caminhos difficeis com uma criança ao collo. Aquella pureza, que assim se lhe entregava confiante, causava-lhe pavor.

Olhou em volta. O bosque cerrava-se, cada vez mais denso, sem aberta por onde penetrasse sol. Chegou a desejar que lhe apparecesse o ancião, ao mesmo tempo, porém, ouvindo estalos de gravetos, ringir de ramos, esfrolar de folhas estarrecia-se com a idéa de o vêr, severo, interpellando-o sobre a sua desobediencia.

Que lhe diria? Como justificaria a sua presença naquelle sitio que lhe fôra vedado? Quiz recusar-se á proposta da donzella. Não teve animo de o fazer, e ali ficou captivo, humilde, de todo vencido, receiando dar um passo, fazer um gesto como se ao mais leve movimento se desfizesse o que lhe parecia encanto. E a corça, como se adivinhasse perigo, olhava ora a dona, ora Everardo, e balava.

— Como vos chamais ? perguntou.

— Everardo. E vós ?

— Lilia é o meu nome. Baptisei-me no remanso do ribeiro, onde sempre ha lirios, por isto o que me baptisou deu-me o nome das flores.

— E bem se vos ajusta.

Sentaram-se. A acacia chovia petalas sobre elles e, dentro em pouco, a pedra em que se achavam e o circulo em volta ficaram como se fôsem de ouro.

— Desde quando viveis aqui ?

— Desde quando ? Desde que nasci.

— E vossa mãe ?

Ella encarou-o surpresa, sem comprehender a pergunta e toda a sua resposta foi um sorriso. Elle insistiu :

— Como nascestes ?

— Como nasci ? Nasci como tudo nasce : como nascem as flores, como nascem as aguas, como nascem os passaros. Não sei mais. Lembro-me de pequenina, brincando com as corças novas, como do rebanho, dormindo aquecido por ellas.

— E esse ancião ?

— Elle ? Elle é o creador, meu pai e pai de quanto aqui vive. A sua vontade é que tudo governa. Elle é que abre, em tempo proprio, as flores e faz dellas sahirem os frutos ; elle é que distribue as aguas ; elle é que faz o calor e o frio, o dia e a noite.

Everardo pasmava de tanta e tão ingenua ignorancia. E interrogou-a commovido :

— Tende-lo, então, por Deus ?

Ella poz-se de pé e, com severidade graciosa, respondeu, apontando o céu azul :

— Deus ? Não ! Deus está lá em cima, como o sol. Elle vive na terra, como o fogo : é a luz que tem fim, a luz que se apaga : brilha, aquece e morre. Deus vive sempre. Para vê-lo é necessario subir, subir muito, e como é alto o céu, a gente, para o alcançar, precisa deixar na terra o peso do corpo e então, de degrau em degrau, chega-se lá em cima. Como se passa de um dia a outro, através da noite, dormindo, assim tambem se vai da vida á eternidade, morrendo. Deus apparece-nos no fim da morte como o sol se nos mostra ao amanhecer, que é o final da noite.

— E pensais em morrer ?

— Se é um destino. Não se espera a tarde e logo depois da tarde a noite ? Porque não se ha de esperar a morte ?

— E não tendes medo ?

— Medo ? Medo de que ? Quem pode ter medo de dormir quando se deita em leito macio e com a certeza de acordar ?

— E os que não dormem, por não terem somno ? E os que não morrem, por não poderem ?

Lilia meneou a cabeça incredulamente :

— Não, todos dormem ; as proprias pedras dormem. Tudo perece. As mesmas estrellas hão de, um dia, apagar-se.

Everardo inclinou a cabeça e assim quedou largo tempo com a triste preocupação da sua immortalidade, daquelle envenenamento de vida com que a si mesmo se malsinara, tanto que foi necessario que a donzella o chamasse para que sahisse da meditação dolorosa.

— De onde viestes ? Como chegastes até aqui ? perguntou ella. O jardim em que nascestes é como este ? Porque o deixastes ?

— Jardim ! exclamou o mancebo. Não, não venho de um jardim, como este, onde tudo é socego : venho do mundo tumultuoso, do mundo immenso, de gosos e tormentos que não podeis imaginar ; venho dentre feras mais crueis do que as que andam na matta que vos defende da Maldade Humana.

E ella, abrindo muito os lindos olhos, perguntou :

— Que é a maldade ?

Se um cego lhe pedisse a descripção da côr ou um surdo a impressão do som não se sentiria tão embaraçado o mancebo como se sentiu naquelle momento para responder a tal pergunta.

Como definir a maldade a uma innocencia ? Como representá-la á candura de modo que ella a entendesse ?

Christo interrogado sobre o que era a verdade, calou-se.

Everardo olhou em volta de si como se procurasse no que o cercava inspiração que lhe valesse. E Lilia olhava-o curiosa, sorrindo.

Tumultuosamente, e no instante rapido do fulgor de um relampago, passou-lhe pela memoria toda a vida que elle arrastava através de seculos, sempre pelos caminhos tortuosos do Mal.

Se a descrevesse como a tinha fixa na lembrança, sem omittir um só dos episodios que a denegriam daria, não a idéa, mas a representação exacta da maldade com a crueza, a protervia, a indiferença á dôr, senão o goso em vêr o soffrimento, fôsse de corpo ou d'alma.

Sentiu-se vexado diante da virgem—toda a torpeza da sua alma perversa subiu-lhe á consciencia, como afflue á tona das aguas de um pantano o rebalso que lhe assenta no fundo, se alguem o revolve.

Baixou a cabeça, humilhado, e deu um passo como se quizesse deixar aquelle sitio onde, diante de uma criança formosa, sentia, pela primeira vez, a vergonha do que fizera e temia.

Não passou despercebida a Lilia a sua perturbação. Adiantou-se mais, tomou-lhe as mãos ambas e, como elle se mantivesse de cabeça baixa, ella curvou-se para espiar-lhe os olhos, buscando nelles a resposta que os labios recusavam.

E Everardo sentiu-lhe o aroma dos cabellos de ouro. O sangue accendeu-se-lhe no coração. Tremulo, desprendendo-se-lhe das mãos delicadas, tomou-lhe a cabeça. Instinctivamente ella fez-lhe o mesmo e os dois rostos, frente a frente, olhos nos olhos, sorrindo, ficaram tão immoveis no extase que um parecia o reflexo de outro, como se, em vez de ali estarem, demorassem á beira d'uma agua tranquilla.

A attracção, porém, os foi aproximando. Já os halitos se confundiam, misturaram-se os cabellos, tocaram-se, de leve, os labios, confundiram-se os halitos e, no silencio sublime daquelle encantamento, as proprias folhas aquietaram-se.

Abriu-se, porém, a ramagem e a figura do ancião appareceu, cercada de sol. Estremeceram os jovens e, ainda que não houvessem visto o vigia veneravel, haviam-no sentido. Voltou-se Everardo de impeto. O seu primeiro movimento, impulsivo, foi de violencia, procurando na cinta o punho da adága de ouro. O ancião, porém, conteve-o serenamente, estendendo o braço, espalmado a mão no ar, como a abençoá-los.

Lilia tremia, humilima. Longe, entre as ramas, um animal parecia chorar e ella reconheceu a voz da corça que se fôra e distanciava-se a mais e mais. Quiz chamá-la, não teve voz. De repente, sentindo encher-se-lhe o coração, levou as mãos ambas aos

olhos e as lagrimas correram-lhe por entre os dedos, como rolam dos interstícios das pedras as aguas dos penedios. Avançando, então, o ancião dirigiu-se a Everardo em palavras graves, sem colera :

— Tudo vos permitti, óbice algum oppuz a vossa vida, offerecendo-vos, não só a immensidade das terras deste paraizo como tudo que nelle se contém. Só vos prohibi que vos aproximasseis da donzella que tocastes com o vosso beijo. Promettestes cumprir o que vos eu ditara e não só não o fizestes por amor da pureza como ainda, com a vossa desobediencia, quebrastes o encanto deste lugar que, desde agora, deixou de ser a mansão de innocencia, que era, tornando-se, como todos os sitios da terra, dominado pelo amor.

E mais : Como vos disse, a minha vida dependia da innocencia do coração da virgem, criada no meu afago desde que abriu os olhos á luz. Quebrastes-lhe o encanto d'alma. Já agora a vida não lhe será possivel sem o beijo que lhe destes a provar em vossa boca. Por mais que eu busque tornar-lhe os dias agradaveis e distrahidos, as noites serenas e repousadas, sem a vossa presença tudo lhe parecerá tristonho e dissaborido : as vozes das aguas, que lhe soavam como canto, soar-lhe-ão em choro ; os passaros, outr'ora alegres, hão de parecer-lhe enfadonhos. Em tudo lhe faltará alma, vida, porque a alma, a vida, a sua mesma razão

de ser, e unica, essa será, d'ora avante, o beijo que lhe destes.

E esse beijo, assim como será para ella a vida, foi, como vos eu disse que seria, a morte para mim. Seja como quizestes. Não me revolto contra vós, aceito resignadamente o que determinou o destino. A natureza é mais forte do que eu. Cumpra-se a sua lei. Antes, porém, quero que um vinculo sagrado vos una para o todo sempre, e vou ligar-vos no amor perante a Luz, diante da mesma natureza que a viu nascer e a criou. Disse e caminhou sereno.

Os dois seguiram-no de mãos dadas e, assim como atravessavam a espessura, iam as arvores e as hervas rebentando em flores, sahiam os passaros dos ninhos, desciam em correria os animaes da floresta, as aguas borbulhavam, como se fervessem e os lençóes das cachoeiras tornavam-se mais volumosos despejando-se das alturas com fragor retumbante.

E as duas margens do ribeiro, limpido, crystallino como jamais o fôra, cobriram-se apinhadamente de animaes, desde os leões e os demais felinos carniceiros, que pareciam flammejar ao sol, até os pequeninos esquilos ; desde as aguias possantes até a menor das aves e a mais pequenina das borboletas.

Chegou-se o ancião á sombra de uma acacia, toda desabrochada em cachos de ouro e, fazendo apro-

ximarem-se os dois jovens, tomou-lhes as mãos, juntou-as e, depois de commovido silencio, com os fundos olhos marejados de lagrimas, disse em tremulas, vagarosas palavras :

— Seja, d'ora avante, a vida uma só e a mesma para vós ambos. Que um reflecta tudo quanto haja de alegria ou pezar na alma do outro. Andem sempre os corações unidos e acertados como as duas azas de um passaro, que o levam no mesmo vôo.

Vivei como duas flores nascidas no mesmo ramo e se uma murchar e desfolhar-se, fique o seu lugar vasio, porque a haste que, uma vez, floriu não reflorece mais. Ide ! Que um seja a sombra viva do outro, com uma só vontade, um só pensamento.

Sellastes um juramento que só a morte poderá desfazer. Ai ! d'aquelle que o quebrar. Agora vinde commigo. Não podereis cóntinuar nestas terras, porque o que era vergel vai encrespar-se em silvedo ; o que era mansidão, será, em breve, ferocidade e tereis de lutar contra os espinhos que ferem, contra os repteis que envenenam, contra os animaes carnivoros que devoram.

O que fizestes foi visto e será imitado e assim como se vos mudou o coração, mudar-se-á, em tudo a natureza.

Tomai o caminho do vosso novo destino. Eu vos levarei até as lindes que separam este paraíso do mundo. Eu fico, torno ao que sou, ao de que

vim. Não vos posso acompanhar, nem de mim receeis. Que a vossa vida nova não vos dê saudade do bem que deixais.

Adiantando-se, então, aos dois, foi-se pela campina.

Passando diante da cabana notaram que a roseira brava, que a vestia de flores, começava a murchar vendo-se-lhe por todos os galhos as pontas dos espinhos.

Ganharam a floresta. Já as arvores se cobriam de ervas damninhas e dentre as suas raizes sahiam aspides; aranhas enormes teciam teias nos ramos e escorpiões esfervilhavam nas folhas seccas.

As vozes dos leões eram de tal rancor que, de todos os lados, rompendo atemorizadamente os matos, saltavam veados, antilopes e corças fugindo ás tontas. O proprio vôo das aves já não era sereno — viam-se falcões perseguindo pombas e manchas de sangue polluiam a verde alcatifa onde, dantes, só havia flores e orvalho.

Everardo e Lilia caminhavam calados. Elle conhecia o mundo para onde tornava; ella, ainda que se sentisse feliz na companhia d'elle, seu esposo, tremia e, de instante a instante, voltava os olhos meigos para as arvores, como a despedir-se dellas, e os ramos cobriam-na de flores.

Chegados, que foram, á ourela da floresta, na aba da montanha, deteve-se o ancião para os adeu-

ses. Attrahindo Lilia ao peito, apertou-a longamente nos braços, beijou-a nos cabellos e, em voz de muita doçura, disse-lhe :

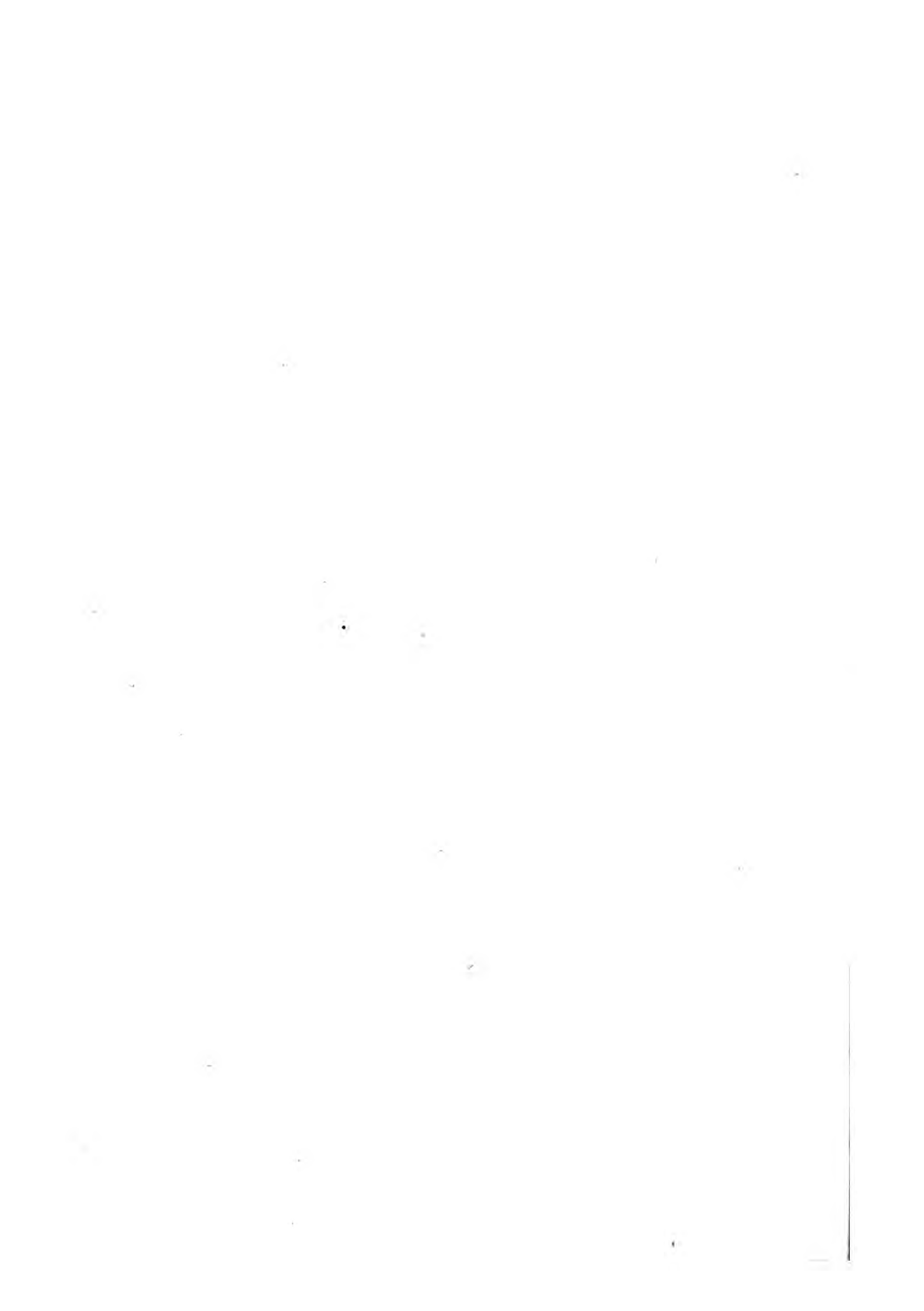
— O que elle não te soube explicar, quando lhe pediste, vais agora conhecer. Apartemo-nos. Deixo de mim contigo o unico bem que te posso deixar — a minha lembrança. Que ella te sirva de consolo na tristeza, se a tiveres. Vai. Eu esperava esta hora. Procurei conjurá-la, fiz o que pude para que não a sentisses. Nada consegui. Adeus ! O mundo começa d'ahi. Segue o teu destino. Eu tórno ao que sou, regresso á natureza.

E despediu-a. Foram-se os dois, montanha acima e o ancião, emquanto os poudes vêr, acompanhou-os com os olhos. Por fim desapareceram.

Encheu-se a floresta de vozes medonhas e o pavor substituiu a serenidade antiga.

Começava a anoitecer melancolicamente.

QUARTA PARTE



I

Transida de frio, com os pés martyrisados da agrura dos caminhos, mal abertos na montanha hispida, Lilia tiritava aconchegando-se soffredoramente a Everardo. Em certos pontos tão ingremes se aprumavam os acclives que os dois, para vencê-los, viam-se forçados a ir de rastos, agarrando-se a arestas e raízes rijas que cordoveiavam as rampas.

O vento anavalhava. A escuridão picava-se de lumes esverdeados que eram o luzir das pupillas das feras em farisco.

Lilia, por muito que se esforçasse e ainda animada pelo esposo, que a incitava carinhosamente para chegarem ao cimo, deixou-se cahir nas folhas seccas, chorando e tiritando com o rigor da noite.

Como agasalhá-la, aquecê-la naquella solidão

agreste ? Passando a mão em volta, Everardo ajuntou uma pilha de ramas e, tomando dois seixos, poz-se a entrebatê-los. Saltavam faiscas, logo apagando-se, até que uma, mais viva, cahindo em ramusculos de fétos, finos como plumas, inflammou-os. Um laivo de fogo serpenteou, communicou-se ás folhas, mordeu-as e Everardo, estendendo-se de bruços, poz-se a soprar a faúla. Uma chammazinha surtiu, cresceu, insinuou-se nas versas. De repente levantaram-se labaredas alegres alumando o homisio d'arvores e aquecendo os peregrinos.

Everardo arrepanhou, então, gravetos, ramos e outras accendalhas que havia pelo chão e a fogueira desenvolveu-se rubra, estrallejando alegre e fazendo reluzir, em ouro, as ramas humidas. Então, despindo a samarra de lan e estendendo-a no solo, fez nella deitar-se Lilia, ficando-lhe de sentinella ao somno, attento á ronda dos grandes carnívoros, que os farejavam. E a virgem adormeceu.

Sentando-se, então, junto á fogueira, alimentada, de instante a instante, e cada vez mais enamorado da belleza graciosa da que lhe fôra dada, poz-se Everardo a pensar na vida que faria ao sahir daquella natureza agreste. Com o prestigio do elixir teria ouro abarrisco, podendo adquirir tudo quanto o desejo de Lilia imaginasse, comprar, a peitas e conjuras, reinos e imperios ou conquistá-los á força d'armas e ella seria soberana de povos

numerosos e, no esplendor que a cercasse, de certo esqueceria a simpleza de que sahira. O fausto e os prazeres haviam de matar-lhe na memoria todas as lembranças do passado, da vida de innocencia na floresta, entre animaes e flores, na companhia mementorea do ancião austero.

Recorrendo, então, ao boldrié, que sempre trazia ao flanco, procurou o frasco do elixir e apenas encontrou a rosa immarcessivel. Levantou-se de salto e todo o horror da vida em penuria ali se lhe afigurou, a subitas, na mente.

Assim como conhecera o poder do ouro, vira a miseria, vira o trabalho rude — quanto de esforço para conseguir um tecto de palha e uma côdea de pão ! Quanto de sacrificio e de subserviencia para merecer as graças de um potentado, humilhações e aviltamentos até a deshonra para lograr um beneficio !

Conhecia a escada de degraus amassados em lôdo pela qual se subia no conceito dos homens. Seculos que vivera mostravam-lhe a vida tal qual era — farta e requestada se assentava em ouro ; faminta e desprezivel se era de pobreza.

Onde teria elle perdido o talisman da fortuna ? Onde ? Tê-lo-ia deixado na caverna ou cahira-lhe pelo caminho ? Estaria roto o boldrié ? Examinou-o. Não, não estava. E se voltasse percorrendo vagarosamente as mesmas veredas por onde viera

até a cabana e de lá até a caverna ? Pensava, porém, nas palavras do ancião que o prevenira de que, com o beijo, que dera e vencera o coração da virgem, quebrara o encanto daquella estancia, tudo nella transformando, não só a natureza, como o proprio instincto dos animaes que embraveceriam ferozmente destruindo-se em lutas carniceiras e tornando inacessiveis ao homem aquellas paragens onde entrara o amor.

Como tornar se a herva crescera rapida escondendo todos os trilhos da floresta e dos campos outr'ora amenos ; se as arvores, alargando, distendendo os ramos, haviam fechado todas as passagens ?

Raivava arrancando os cabellos, atirando punhadas aos troncos das arvores, sem saber como tirar-se das difficuldades que se lhe antolhavam.

De tudo que possuira restava-lhe apenas a adá-ga. Quanto lhe dariam por ella ? Com os olhos ardendo e inundados de lagrimas, o rosto contrahido em rictus de colera, apoiou-se a um tronco, pensando. Elle que, na vespera, poderia converter todo o ferro do mundo em ouro ali estava reduzido á condição miseravel de mendigo, sem uma côdea, ao menos, no bernal, para a primeira ração. E que faria para manter-se, e a ella ? Nunca exercera trabalho algum, não conhecia, como os villões que grangeam lavouras, os segredos agrarios — como

se prepara a terra para receber a semente, como se aduba o alfobre, como se trata a planta na medrança, como se fazem as colheitas ; nem tão pouco sabia falquejar um tronco, serrá-lo em taboas, acepilhá-las ; ou forjar o ferro, tecer o panno, cozer um pão, ao menos. E ali se achava despojado, mendigo, em maior penuria do que os jograes que erravam nas estradas cantando e dormindo, por misericordia, nos palheiros das estalagens quando não pousam nas curriças dos campos.

O alegre rumorejar dos ninhos annunciou-lhe a madrugada e, com o nascer da luz, maior se lhe tornou o desespero. Lilia continuava adormecida. As arvores douravam-se com o sol, sahiam os passarinhos, toda a natureza enfeitava-se, feliz, e elle, pensando no que o esperava além, revoltava-se contra o destino que o trahira, levando-lhe a fortuna, justamente no momento em que se lhe tornava mais necessaria para fazer-se amar da que lhe fizera nascer no coração o amor.

Quiz despertá-la. Teve pena. Via-a tão soccagada, sorrindo no somno, sonhando, talvez, com os dias felizes que vivera antes que elle lhe apparecesse. E se o amaldiçoasse ! Se se arrependesse do que fizera ? Não teve remorso de a haver arrancado do Paraiso, medo, sim, medo de perdê-la nas seducções do mundo, tantas, todas terriveis — os prazeres, o goso, o luxo e ella, com a formosura

que trazia em tão esplendente mocidade, certo havia de attrahir os voluptuosos, accendendo-lhes no sangue a concupiscencia. E os ricos e poderosos armar-lhe-iam ciladas, fariam como elle fizera, outr'ora, com tantas desventuradas, chamando-as com o tinir de moedas e com o esplendor de joias, como se attrahem ao cibo os animaes sacudindo mancheias de grãos.

E, contemplando-a, imaginava-a raptada. Via-a entre homens armados que a arrebatavam, içando-a á garupa de ginete sofrego e partindo com ella para orgias como as que elle, tantas vezes, fizera em Crève-cœur e ainda ao longo da vida multi-secular, sempre devassa, que, fastidiosamente, arrastava desde que entrara na posse dos elixires.

Tão alto cantaram as aves nos ramos que Lilia abriu os olhos, azues como o céu e, vendo-o perto de si, estendeu-lhe os braços brancos, acariciou-lhe o rosto com as finas mãos macias. Elle beijou-as uma a uma e, afagando-as, sentindo-as tão delicadas, pensava :

« Pois será possivel que taes mãos se callejem em trabalhos ? que olhos tão lindos derramem lagrimas de tristeza ? que os gemidos passem por esses labios, os primeiros em que senti o sabor do beijo e que esse pequenino coração, feito para a ternura e o amor, se sobresalte presago em temores de **miseria ? »**

— Que tendes ? Porque vos mostrais tão triste ?

Elle encarou-a, sem animo de lhe dizer palavra. E que lhe poderia dizer ? Ella attrahiu-o a si e insistiu, mais meiga :

— Nunca vos vi assim. Que tendes ? Falai. Não disse elle, na hora em que nos uniu, que a vida para nós, desde aquelle instante, seria uma só ? Que a alegria de um se reflectisse em sorriso no rosto do outro ? Que os corações andassem sempre acertados como duas azas de um passaro em vôo ? Não foram taes as palavras que nos elle disse ? Sim, foram. É necessario que as tenhamos sempre em mente e assim como eu de vós exijo que as cumpraes quero tambem cumpri-las. Dizei pois : Que tendes ? Porque desviais os olhos de mim ?

Everardo, vencendo-se, respondeu-lhe amarguradamente :

— Lilia, o que nos espera no mundo, para onde vamos, por mais que eu te descreva não comprehenderás e ainda que eu nomeie todas as dôres, fale de todos os tormentos e te diga que ha mais lagrimas na vida do que ha agua em todos os rios que descem desta montanha, não direi tudo, porque sempre ficará alguma angustia esquecida que lá nos appareça. Eu não te devia ter tirado do teu berço de felicidade.

— E lá nesse mundo nunca me faltará o teu amor, dize ? perguntou sorrindo, com intimidade



que ainda a tornava mais meiga. Elle olhou-a espantado. E ella, feliz, insistiu na pergunta : Terei sempre o teu amor ?

— Sempre ! exclamou elle, vencido pela ternura.

— Então ! Que posso eu desejar mais ? Nem foi por outro bem que sahi contigo. Não conheço o mundo para onde me levas, conheço-te a ti e isto basta-me. Se fôres feliz, sê-lo-ei contigo ; se fôres desventurado partilharemos o soffrimento. Dois braços podem mais do que um e o peso allivia-se quando ha quem nos dê auxilio.

Everardo não podia comprehender tamanha abnegação. Olhava a esposa maravilhado e já não era sómente amor o que por ella sentia : adorava-a. Puzeram-se corajosamente a caminho, á luz do sol que rebrilhava nas frondes e, quando attingiram o cimo da montanha, alongando a vista e vendo a extensão de terras frondosas, até o perfil azulado da serrania longinqua, Lilia estremeceu e, agarrando-se a Everardo, com os lindos olhos arrasados de lagrimas, murmurou, entre deslumbramento e medo :

— É maior do que a floresta em que nasci.

E elle, cingindo-a pelos hombros :

— Não compares, Lilia. Isto é apenas o que os olhos alcançam de longada. Como o tempo, que é um só, tem as noites a dividi-lo, o espaço tem os

horizontes. Depois da noite vem a madrugada, portadora do dia, como além dos horizontes continuam, indefinidamente, terras e mares, sempre limitados pelo alcance curto dos nossos olhos. Tu deixaste a felicidade, que é pequenina, um quasi nada, menos que um segundo numa hora ; a vida é o que vês: o immenso ! e toda essa extensão está cheia de males, tudo é ahi interesse, tudo é ahi maldade e os homens, peiores que as feras, que se perseguem nas mattas, não se dão treguas. Não sentirias os males que nos esperam se eu não houvesse perdido o meu talisman, infelizmente, porém . . .

E baixou a cabeça succumbido. E ella, passando-lhe o braço em volta do pescoço, disse-lhe, com um beijo puro :

--- Dá-me o teu amor, não peço mais, porque terei o que me basta para ser feliz.

Impressão identica á que tivera ao sahir do antro formado pelos penhascos na cachoeira em que se refugiara nas suas terras de Crève-cœur teve logo ao chegar ao sopé da montanha, na planicie que, pouco tempo antes, atravessara, no rumo indicado pelo velho da caravana.

Já não era o latifundio vago, a monte, todo de hervagens e pantanaes, mas terreno arroteado, de bom plantio --- searas e pasturas, vinhaes e olive-

dos, e gado solto pelas campinas e pendores, o solo arregoado, canaes de rega, curriças de agasalho e, de espaço a espaço, fumegando, palhoças e casas cobertas de cavaco, com alpendres, latadas em volta, abelhas voando, signaes de vida activa e farta.

Não andaram muito em solidão porque, antes do cahir da tarde, ainda o sol aquecia, avistaram um solar atorreado e homens que para elle se encaminhavam em grupos, carros de lavoura, rebanhos.

Lilia, ainda que fatigada, distrahida com o que via e ainda com a esperança com que a alentava Everardo, de acharem agasalho em algum daquelles casaes e alimento que os confortasse, porque se tinham, até então, valido de frutos silvestres, seguia sorrindo, a esconder o canção que a derreava.

Ao anoitecer deram em uma arribana e como, á porta, que era um trançado de palha, Everardo visse uma mulher com uma criança ao collo, adiantou-se para pedir-lhe pousada, ao menos por uma noite.

Mirou-os a mulher, attentando-lhes, com desconfiança, nos trajos desacostumados — o delle, velha samarra e gorro; o della, tunica roçagante de grizisco. Ainda que a belleza candida de Lilia a tivesse impressionado, recebeu acolhê-los dizendo, em desculpa, que o não podia fazer, por achar-se o marido ausente. Esperassem, todavia, que elle

não devia tardar : além de já se ir cerrando a noite, ameaçava aguaceiro. Sentaram-se na eira e era tanta a fadiga da donzella que não resistiu ao somno e, inclinando a cabeça ao hombro de Everardo, depressa adormeceu. Era noite negra, e levantara-se um grande vento de temporal quando o homem chegou cambaleando.

Ao dizer-lhe a mulher que se achavam fóra dois estrangeiros que pediam agasalho, irritou-se e, a bradar que eram ladrões, que os não queria em seu terreno, lançou mão de um estadulho e sahiu a corré-los, como a cães.

Procurou a mulher contê-lo, falando-lhe da donzella, defendendo-a com piedade e, para que elle a visse e se commovesse com a sua belleza, tomou da lanterna e sahiu a alumiá-lo.

Lilia dormia tranquillamente. Vendo aproximar-se o homem Everardo levantou-se com humildade, mas não lhe deu o outro ensanchas a falar porque logo o expulsou com violencia, ameaçando-o com o fueiro que levava e ainda com os cães se insistisse.

« Fôsem para a estalagem ou arranjassem-se no campo, aberto a todos os vagabundos. Não faltavam vallos onde se pudessem deitar e dormir bom somno até que as cotovias os acordassem. »

Não houve razões nem rogos que o dobrassem e forçoso foi que Everardo despertasse Lilia e sahisse

com ella para a noite afuzilada de relampagos, já apedrejada pelas primeiras bagas de chuva. E o aguaceiro apanhou-os no escampado.

Aturdidos com a violencia da tempestade, flagellados pelos ramos das arvores que espadanavam ao vento, sem nada verem na escuridão, atolando-se em lameiros, zurzidos pelas cordas d'agua, decidiram deter-se achegando-se á copa de uma arvore que rumorejava estrondosamente.

Os raios zebravam a treva e Lilia que, até então, não conhecera o medo, abraçou-se com Everardo, apertando-o a si, e elle sentia-a tremer, e ouvia-lhe o choro humilde.

Então revoltou-se contra a crueldade do villão. Que lhe custava permittir que se aposentassem no palheiro onde se refugiavam cães e ovelhas? E o odio ferveu-lhe no coração. Sentia, não por elle, senão por ella. O que lhe doía era tê-la ali encharcada, a tiritar de frio e com fome; era senti-la tremer nos seus braços, era ouvir-lhe o choro humilde, e, mais do que nunca, doeu-lhe a perda do elixir de ouro.

Ah! que se o tivesse que vingança tiraria do miseravel que assim os expunha á inclemencia do tempo, tomando-lhe as terras, lançando-o a ferros em ergastulo, fazendo-o padecer, por minutos da angustia longa que supportava, torturas ainda não experimentadas, que tudo, bem o sabia elle, pôde

realisar o ouro quando espalhado á larga, como o faria. Mas miseravel, só com uma adaga cujo valor ignorava! **Emfim . . .**

E ali passaram a noite terrivel e quando amanheceu, manhan livida, tristonha, sentiu que o corpo fragil, que se lhe alquebrava nos braços, queimava como uma acha retirada da fogueira e, procurando os lindos olhos azues da criatura adorada, não os viu, apenas as palpebras que os encerravam como em dois casulos. Chamou-a — ella sorriu tristemente e, em voz que desfallecia, poz-se a pedir-lhe que a levasse ao ribeiro, que a ajudasse a procurar a corça que se extraviara nos mattos. E beijava-o com meiguice e, por entre as palpebras cerradas, brotavam pequeninas lagrimas.

Elle, então, comprehendeu que ella delirava.

Apavorado com a idéa de perdê-la e sem contar com a piedade dos homens, julgando-a pela do vilão que os repellira, decidiu vender a adaga fôsse a quem fôsse, pelo preço que lhe offerecessem para salvar a vida da criatura amada. E como, através do nevoeiro da chuva, que abrandara em mollinha, avistasse um casario denso, aldeia ou cidade, aconchegou Lilia entre as possantes raízes da arvore e, desenrolando o fino véu em que envolvia os cabellos louros, subiu pelos ramos acima e, na ponta do mais alto, prendeu-o para que o vento, agitando-o, lhe assignalasse de longe o sitio em que deixara o

seu amor. E, sem mais pensar, deitou a correr em direcção ao povoado.

Logo ao entrar na cidade, em escura e sordida calleja, deparou-se a Everardo uma tenda de adelo, cacifro sombrio e tão atravancado de cacareus, ferragens e bugigangas que nelle era difficil andar sem abalrões.

Havia de tudo em desordem e poeirama : moveis de varias fórmãs, caldeirões de cobre, obras de sellaria e machamartilho, peças preciosas de alfagemeria : armaduras inteiriças, outras desarticuladas ; camisotes, gibanetes de malha, arnezes, couraças, elmos de camal e morriões pesados ; montantes, lanças, ascumas, faixas e bisarmas, maças e manchís ; vasos e tapeçarias, rimas de incunábulo ; fatos de lemiste e grizisco, perpões de velludo golpeados, gorros, balugas, guantes, um mistiforio de bazar, a esmo. Ao fundo, encafuado em uma especie de nicho, um velhote rachitico, de pelle apergaminhada, oculos no nariz em bico, amarfanhado em pelóte ruço, folheava um cadeixo. A rodella que tinha ao peito assignalava-o de judeu.

Sentindo Everardo, levantou a cabeça redonda e calva, de abutre, e verrumou-o com dois olhos pequeninos e terebrantes. Aquelles olhos . . . onde os virá elle ? O mancebo, que tinha pressa, não perdeu tempo com palavras e, expondo a adaga, offerceu-a á venda. Tomou o judeu a arma, poz-se a

examinar-lhe a bainha cinzelada, o punho, tirou-a e, chegando com a lamina bem aos olhos, ainda que dissimulado, mal disfarçou a admiração que lhe causava o precioso objecto.

Levantou-se, foi a um canto, tomou a coticula e o frasco de mordente e experimentou o metal. Satisfeito do exame achou, todavia, que dizer :

— Antes a lamina fôsse de aço. O ouro é bom, mas para instrumentos como este, melhor é o aço. Trinta moedas, nem mais um escudo.

E, antes que Everardo respondesse, abriu a gaveta e contou, em ouro, a somma que propuzera.

Tomou-a o moço e foi-se a correr. Á porta, porém, lembrou-se de informar-se da melhor estalagem, onde pudesse agasalhar Lilia, tratá-la com os cuidados que pedia o seu estado e, achando, a dois passos, o que lhe convinha, combinou com o estalajadeiro o transporte da enferma, fazendo-se acompanhar de dois homens, com umas andas.

O tempo serenara e com o vento o véu que elle prendera aos altos ramos da arvore desfraldava-se tremulamente no ar, guiando-o.

Pobre Lilia ! Quem por ali passasse e a visse estendida nas raízes da arvore, immovel, d'olhos fechados, marmoreamente pallida, tê-la-ia por morta. Á voz, porém, de Everardo, a pobrezinha sorriu e, abrindo os olhos, estendeu-lhe os braços.

Posta nas andas levaram-na os homens para a

estalagem, onde um physico a examinou, prescrevendo os mais rigorosos cuidados, porque a vida se lhe ia extinguindo aos poucos, como a luz de uma lampada que vasqueja á mingua de oleo.

Quinze dias longos e de sobresaltos passou Everardo á cabeceira da enferma, sem descuidar-se um instante de cumprir o que lhe determinara o physico, até que, uma manhã, contente, ajudou-a a sentar-se no leito e viu-lhe as rosas das faces renascidas, annunciando a volta da saúde. Mais alguns dias e levantou-se, ensaiou os primeiros passos de convalescente, sahiu ao sol, revendo o céu.

II

A alegria de Everardo ao vêr a esposa restabelecida, com a belleza, que tanto se lhe desbotara, em pleno reviçor, sombreou-se de presagios lugubres. Contemplá-la na gracilidade frágil e pensar no que lhes reservava o futuro era encanto martyrisado. Como havia elle de conjurar a penuria que os aguardava se não tinha prestimo para serviço algum e tudo ignorava do que fôsse trabalho ?

Das moedas que recebera do adélo restavam-lhe apenas oito e, se não se resolvesse, de prompto, por uma decisão, em breve esse pouco lhe iria da bolsa para as mãos do estalajadeiro. Então sahiu á aventura, offerecendo-se como simples braceiro nas obras, como cavador nas granjas, ou para servir nas armas, como apaniguado do solar, mas em todas as voltas que deu só achou recusa.

Sem outra esperança lembrou-se da terra, sempre generosa, e, adquirindo instrumentos de lavoura, metteu-se corajosamente á brenha da montanha, escolhendo um sitio bem cerrado d'arvores e com aguas vivas brotando de penhascos.

Emquanto derrubou arvores, falquejou toros, fincou esteios, entrecruzou vigamentos para colmar a cabana, dormiram em folhedo, aconchegados ás raizes das arvores. E Lilia sorria feliz como agradada do viver agreste. Um fruto que elle lhe offerecesse era motivo para que ella o enlaçasse com os braços, pagando-lhe com beijos o carinho.

Construida que foi a cabana, installaram-se contentes e a vida começou trabalhosa e minguada.

Cedo, antes do sol luzir, sahia Everardo a lavrar a terra, preparando-a para a sementeira e, nas horas de mais sol, chegando-se á sombra do arvoredado, armava laços e alçapões para a caça. Ia á fonte por agua, trazia ramos seccos para prevenir-se no inverno e, aprovisionando-se cautelosamente, sempre que chegava á lavoura pequenina, achava motivo de alegrar-se : era o trigo que vinha a flux, eram as oliveiras que se desenvolviam com a sua folhagem pallida, eram os ramos da vinha que já se enroscavam nos troncos dos sobreiros. Abelhas desciam a rondar-lhe a moradia e elle preparava cortiços que logo se enxameavam,

Lilia, sempre contente, cuidava dos mistéres caseiros e não havia miseria que lhe empanasse o sorriso. E Everardo, encorajado por tão dôce amor, começou a achar encanto na vida. A primeira vez que desceu á feira com uma carga de favos andou ás tontas de tenda em tenda. Percebendo-lhe a inexperiencia, deram-lhe pelo que levava menos da metade do valor ; todavia, recebendo as moedas, as primeiras que adquirira com o trabalho, sentiu alegria tamanha como, talvez, não experimentasse se, entre os ceirões e alcofas, odres e corbelhas, montes de frutas, cargas de legumes, caixas de bufarinhas, gaiolas de aves, todas as mercancias que atupiam a feira encontrasse o frasco do maravilhoso elixir que perdera. E logo, ajustando uma ovelha gorda, que amamentava um anho de poucos dias, foi-se por trilhos que só elle conhecia e, á noite, sentados sob o pequeno alpendre, os dois sorriram felizes ouvindo, pela primeira vez, no silencio silvestre, a voz sociavel dos animães.

Era a felicidade que vinha vindo annunciando-se pelo arôma da florada precursora das messes e pelo balar da ovelha que era promessa de rebanhos. Everardo interessava-se por tudo, á medida, porém, que a lavoura medrava, sentia que o seu esforço, por mais que o dobrasse, era pouco para attender á fertilidade da terra, sempre a expluir em hervas que compromettiam a seara e a almoinha e

as proprias arvores frutiferas, que já se toucavam de flores.

E pensava em levantar uma azenha para moer o trigo e um forno para cozer o pão, poupando-se, assim, a caminhadas longas até o castello senhorial, e em outras mais bemfeitorias quando, uma noite, no aconchego do lume, Lilia, attrahindo-o a si e baixando meigamente os olhos, murmurou-lhe um segredo feliz.

Era, emfim, a ventura longa, ansiosamente esperada. Desde esse instante resolveu Everardo, que se não poupava ao trabalho, furtar mais algumas horas ao somno e, cedo, ao primeiro cantar do gallo, punha-se de pé, alérta, e lá ia para a labuta na terra, mourejando que nem servo de mau senhor.

Mas a propria força do alfôbre que, a principio, o alegrava com o viçor das plantas, tornou-se-lhe, em breve, hostile, inutilisando com a fecundidade todo o esforço com que o propiciava ás messes.

Era uma luta desigual entre um homem e a natureza uberrima que logo rastreava de hervagens o terreno por onde elle passara em carpa. E elle sentia-se impotente para conter a explosão fecunda, como quem pretendesse sustar, com represa de pedregulho e saibro, o curso impetuoso de um caudal. E, por vezes, enfurecido, arrojava de si a enxada ou o podão, amaldiçoando a terra bruta e sentando-se na corcova das raizes, ficava-se a olhar as

hervas damninhas que mattejavam os talhões, enroscavam-se nos troncos ou pendiam dos galhos das arvores.

Uma tarde, já ao escurecer, recolhendo de um dia afadigado, ao chegar á casa deu pela talha quasi secca e, apesar de lhe dizer a esposa que o que restava era bastante para a noite, tomou a bilha e foi-se á fonte.

Ia descendo o caminho anfractuoso quando, numa volta, entre grandes arvores, percebeu um vulto que se esgueirava arisco. Estacou surpreso. Rapido, porém, levou mão da bésta e ia desfechar o tiro na pista do que lhe fugira quando ouviu tinir de ferros e uma voz a bradar na sombra dos espessos ramos :

— Detende-vos! Detende-vos, por misericordia!

E logo, rastejando, a arrastar correntes que se prendiam ás raízes das arvores, viu elle um homem de aspeito bravo, hirsuto que, rojando-se-lhe humildemente aos pés, lhe disse : — que viera de outra castellania, fugido á infamia e á morte injusta por haver sido calumniosamente denunciado de furto por um pagem que lhe ameaçava a honra no corpo da mulher, moça e formosa. Passara o dia ali com ella, amovados, porque só se atreviam a caminhar á noite por silvedos e anfractos, com receio de maus encontros. Já se dispunham a proseguir quando elle surprendera a coitada.

Lembrando-se Everardo do que soffrera quando, ao descer da montanha, fôra duramente repellido para a noite áspera, acolheu o casal, agasalhando-o no palheiro. Ali ficaram dias pensando as feridas, que traziam, de pedras e espinhaes. Tanto, porém, afeiçãoou-se Lilia á misera mulher que, ao ouvi-la falar em partir, abraçou-se com ella e romperam as duas em tão sentido pranto que não houve aparta-las.

Então Everardo, que se agradára do homem, que era robusto e entendido em lavoura, como quem sempre em tal lidara, propoz-lhe ficasse auxiliando-o no amanho da terra que lhes daria, á farta, para viverem. E, desde logo, em clareira proxima da residencia, foram os dois chantando esteios, cruzando vigas, espalhando colmo e, em dias, surgiu na espessura frondosa novo lar. E a vida tornou-se mais facil e distrahida.

Lilia e Florisa (tal era o nome da mulher, e o do homem Organte) da manhan á noite, intimas, era dobando linho, cardando lan, fiando, tecendo ou em cuidados caseiros e lá fóra, na leira, os maridos lavrando.

Á noite, á beira do lume, ceiavam do mesmo caldeirão e a conversa em que se entretinham, se não era sobre a vida que lhes corria serena ou lembranças recordadas por Florisa e Organte do que elles e os demais servos padeciam no feudo, de onde

se haviam evadido, sempre avexados de coimas e sob ameaças de affronta, tortura e morte, era sobre lendas, superstições ouvidas a jograes, aparições de trasgos e almas penadas ou rondas de bruxas nos ermos e encruzilhadas. Por fim Organte, se não havia luar, accendia uma candeia de greda e iam-se os dois, felizes, a caminho da cabana onde apenas se recolhiam para dormir, como os passaros aos ninhos.

A belleza de Lilia expandiu-se com a maternidade como se realça a da flôr quando, de todo, desabotôa. Everardo tanto se commoveu quando viu o pequenino ser nos braços da esposa languida que, pela primeira vez, se lhe marejaram de lagrimas os olhos, até então estereis. E a vida sorriu-lhe e todas as torturas do passado como que se lhe esvahiaram em esquecimento. Era uma menina, em tudo a mãe: a mesma alvura na tez, os mesmos olhos azues, a mesma boca pequenina e vermelha. Tão enlevado ficou nos encantos da filha que esqueceu a terra e para que as hervas maninhas não compromettessem a lavoura em viço foi necessario que Organte o avisasse, levando-o a vêr o matto já crescido, que afogava os novedíos, o rebalso que se accumulava no ribeiro, represando-o e fazendo-o transbordar em algarás, o folhedo e ramas que se

emmaranhavam na azenha e os cortiços que pediam crésta.

Então, a rogo da esposa, com pena de deixar, por horas, a filha que se desenvolvia a olhos vistos, linda e grácil, retomou os ferros abegões. Trabalhando, ainda assim não tirava o pensamento dos seus amores e, olhando em volta, alegrava-se com a florada e mais com o que Organte ia calculando tirar em pão e azeite, mel e cera, linho e frutas. E pelas verdes rechans pascia o seu pequeno rebanho.

Uma tarde, deixara o serviço e dirigia-se para a cabana, quando lhe pareceu ouvir baládo, como de corça. Estacou de golpe, á escuta. O aulido repetiu-se mais ao longe, mais triste e o coração retransiu-se-lhe presago.

Nunca ouvira tal voz desde que ali se installara. Seria que alguma ovelha ou animal corrido houvesse chegado até tal sitio ou haveria naquillo aviso funesto? Recolheu tristemente á cabana e, nessa noite, em vez de acariciar a esposa e brincar com a filha, como costumava, deixou-se ficar fóra, sob a latada do alpendre, pensando. E, correndo com a memoria através dos seculos, lembrou-se da caçada fatal, do que fizera na caverna do eremita e do mais que lhe succedera em tão longo curso de tempo.

Anoitecendo sem que elle apparecesse, Lilia

sahiu com a filha ao collo para esperá-lo, descobrindo-o, então, onde ficara em tristura. Interrogou-o, forçando-o com meiguice a confessar a causa do seu acabrunhamento e elle, occultando a verdade, alludiu apenas a presentimentos que o preocupavam. Lilia sentou-se-lhe ao lado, aconchegadamente, passando-lhe a filha aos braços e, com a ternura do seu natural, procurou serená-lo :

— Que importam vozes ? Eu não as ouço, e são muitas as que sôam em volta de mim, longe e perto, porque a tua, que me fala ao coração e a de minha filha, que é, por emquanto, um som vago, onde ainda se não formaram palavras, não me deixam ouvir outras. É natural que ouças os animaes do rebanho e os que erram na floresta, tão chegada, como está, á nossa vivenda. Se alguma coisa receias, vamos amanhan, ao romper d'alva, á capella, até porque ainda não agradecemos a Deus a graça que nos concedeu mandando-nos um dos seus anjos para acompanhar-nos.

Disse e, levantando nos braços a filha, que tartareava, cobriu-lhe o rosto de beijos.

Everardo accedeu, a principio, ao carinhoso pedido, mas, instantes depois, levantando-se do poial em que se assentára, escusou-se com o trabalho que o reclamava. O inverno vinha perto, já as tardes cahiam cerradas em bruma, as andorinhas começavam a emigrar. Urgia apressar a colheita.

Em verdade, porém, outro era o motivo que o fazia negar-se a acompanhá-las em tão commovedora sahida. Aterrava-o a idéa de entrar em um templo, olhar de frente um altar, ouvir um sacerdote. Sempre que avistava torre de capella ou ermida ou ouvia soar de sino, estremecia estarrecidamente, tomado de remorso. E concluiu :

— Fôsem as duas com a pequena, ella e Florisa. Podiam alcançar a primeira missa, que era a dos humildes, servos e mesteiraes.

Lilia ainda insistiu. Teima baldada.

Ao raiar da manhan sahiram os dois á porta da cabana, onde já os esperavam Florisa e Organte. As cotovias cantavam dentro da névoa. Separaram-se com adeuses — seguindo, os homens para a lavoura e as duas mulheres, mais a pequenita, em direcção ao burgo.

Não iam ellas ainda tão longe que de certo Lilia lhe ouviria a voz, se elle a chamasse, e já Everardo arrependia-se de a haver deixado partir.

Innocente, desconhecendo, de todo, as maldades do mundo, como as evitaria e as possiveis traições ao que trazia tão exposta, a seduzir, que era a sua belleza ? A castellania era de má fama.

Os filhos de fidalgo, mancebos desabridos, volteiros e depravados, sempre em cavalgadas de oppressão e infamia, corriam o feudo praticando toda a sorte de maldades e villanias sem que o velho con-

de, que nelles se revia com orgulho, os chamasse á razão. Se algum vassallo, affrontado no lar ou prejudicado nos bens, ousava levantar murmuração ou, mais atrevidamente, levar queixa ao castello, em vez de tornar com a justiça ficava na picóta, avergoado a tagante, a ferros nos ergastulos se não na forca senhorial, para exemplo do que se devia em respeito aos nobres.

Que seria della no meio de tal gente !

Não conseguiu trabalhar. Volta e meia corria á cabana, punhã-se a andar, airado, conjecturando, consultava as sombras que mediam as horas. Cresciam-lhe os cuidados, enchia-se-lhe o espirito de imaginações e, afflicto, já se dispunha a descer ao burgo quando ouviu vozes. Correu á barranca e avistou as duas mulheres que yenciam lentamente o tortuoso e ingreme caminho fechado em silvas. Foi-lhes ao encontro e, tomando a filha nos braços, lançou-se ladeira acima, a rir, contente. E Lilia descreveu-lhe todo o seu dia feliz — como fôra a cerimonia do baptismo, na linda capella enfeitada de flores, onde a pequena recebera o dôce nome de Celia, a gente que vira — damas e fidalgos, os formosos cavalleiros e os pagens galanteadores.

Everardo, ouvindo-a falar, assombrou-se enciumado e, nessa noite, apesar da fadiga, que o vergava, não conseguiu conciliar o somno. Levantou-se pé ante pé e, sahindo ao alpendre, na escuridão

friissima, ficou a pensar nas palavras da mulher. A manhan encontrou-o no poial, desperto.

E não houve mais tranquillisar-se-lhe o coração. Desconfiava de todos e de tudo, espreitava a mulher, contemplava-a durante o somno a vêr se lhe surprendia alguma confissão em sonhos, um sorriso que denunciasse pensamento occulto. Se a via em conversa intima com Florisa logo lhe acudiam suspeitas de confidencias amorosas. Tornou-se taciturno, fechado, sempre com o pensamento no que ella lhe dissera dos pagens e dos cavalleiros que vira.

Uma noite, tarde, achava-se no poial, como de costume, quando lhe pareceu ouvir rumor no silvado das cercanias, como se alguém por ali andasse. Correndo presto a certificar-se, receioso de animal em ronda ao aprisco, porque ser humano jámais se atrevera algum em tal braveza, percebeu um vulto a esgueirar-se sorratamente. O coração bateu-lhe d'impeto.

Seria algum dos filhos do fidalgo ou emissario que viesse pelo rastro da esposa? Correu tudo em volta e deixou-se ficar vigilante, tocaiando o quer que fôsse.

Recolheu-se de madrugada. Lilia dormia tranquillamente com a pequenita achegada ao seio. Evarardo tomou a candeia e, com o rastilho de luz que inflectia sobre o rosto formoso, luz menos brilhante

do que os fartos cabellos louros que se espalhavam no travesseiro, ficou a contemplá-la e, em tal extase, mais se lhe accendeu o ciúme.

Fôra, de certo, gente do castello que por ali andara e, sem duvida, tornaria. Medroso de qualquer cilada, resolveu montar guarda á casa na seguinte noite. Com o espirito em alvoroço, o coração áler-ta, não poudo pregar olhos. Antes de sol nado já andava pela eira apprehensivo, examinando o terreno em busca de pégadas ou outro vestigio qualquer que o puzesse na pista do visitante nocturno.

Lilia percebeu-lhe a turbação do espirito e interrogou-o carinhosamente. Fugiu-lhe Everardo á pergunta, dizendo apenas sentir-se de fadiga e, para illudi-la, tranquillizando-a, forçou a alegria, pondo-se a brincar com a filha, que começava a ensaiar os passos. Á tarde, porém, voltaram-lhe a as apprehensões.

Antes de recolher-se, armando-se de um cutello, sahiu a bater os mattos circumjacentes, mettendo-se a fundo no arvoredado, descendo afuroadoramente a grótas e algares, varejando cerrados.

O ziar dos insectos fazia-o parar á escuta, indo pelo som ao ponto de onde o sentia ; estalos de ramos, murmurio d'aguas, revôos d'aves entre as folhas, o menor bulicio que ouvisse sobresaltava-lhe o coração. Seguro, porém, de que não havia vival-

ma, regressou vagaroso, ainda preocupado. Rodeou a cerca do aprisco e o alfeire na suspeita de lóbos ou raposas que ali rondassem. Nada. Então dirigiu-se á cabana, sempre sorumbático, entrou, correu os travessões de madeira que trancavam portas e janellas e, sentido das prolongadas vigílias, recolheu-se ao leito adormecendo a somno solto.

Lilia ficou a fazer serão junto ao berço de verga em que dormia a filha, e que ella trazia sempre achegada a si, onde quer que se achasse. O seu prazer maior era trabalhar para a pequenita, as horas corriam-lhe felizes quando fiava ou tecia para vesti-la.

Entretida em tão mimosa tarefa e habituada ao farfalhoso ramalhar das arvores ao vento não deu attenção a crebros estalidos que, de quando em quando, crepitavam na quietude. E que podia ella receiar da noite e da natureza ?

Animaes eram raros : só no inverno, acossados pela fome, lóbos, por vezes, uivavam perto, nos alcantís ; gente nenhuma se atrevia a ali chegar porque, além da aspereza dos caminhos, tinha a montanha, para defendê-la, lendas que a tornavam temida.

Continuou entretida no trabalho. Os ruidos, emtanto, amiudavam-se, ora surdos, por vezes estrepitosos. De uma feita ella levantou a cabeça, á escuta, mas o silencio que, então, se fez serenou-a

de todo. E como havia de temer maldade quem jámais a conhecera ?

Passo a passo, entretanto, ás surdas, cosendo-se com as paredes, vultos avançavam agachadamente na sombra, rastejando lentos, á maneira de répteis.

Subito, como se o tecto da cabana houvesse aluido, sentiu-se Lilia abafada. Uma mordaca trançou-lhe a voz, braços possantes enlaçaram-na, arrancaram-na, á bruta, do escano em que se assentava e, num ápice, á luz mortíça da candeia de argilla, ponde ella vislumbrar homens mascarados que a rodeavam como matilha aferrada á presa e, contida a pulsos vigorosos, emquanto um dos bandidos levantava o travessão da porta, abrindo-a, pé ante pé, vagarosamente, outros foram-na levando, como a um fardo. Sentiu o vento da noite fria, viu o céu estrellado. Chorava, debatia-se em vão.

Guindaram-na a um ginete e o cavalleiro, que o montava, recebeu-a nos braços. A violento sacallão das redeas e picado a esporas levantou-se o animal em upa, lançou-se á disparada e, em pós elle, partiram outros, tumultuosamente embrenhando-se na matta.

III

Aos gritos de Celia, que chorava pela mãe, Everardo despertou em sobresalto, correndo logo á sala. Um golpe de ar frio, dando-lhe em cheio no peito, fê-lo olhar na direcção da porta. Vendo-a escancarada estarreceu attonito, pasmado, com um presentimento, que se firmou em certeza, ao dar com a pequenita sentada no berço, a chorar. E Lilia, que nunca a abandonava ?

Chamou-a a brados, correndo a choça, canto por canto ; lançou-se desapoderadamente para o terreiro atroando o silencio com o seu desespero. Tornou á cabana, poz-se a interrogar a filha, afflicto. A criança estendia-lhe os braços, reclamando, em pranto, a mãe.

Que se teria passado ? Não havia signal de luta,

vestigio algum de violencia. E ella, então ? Um riso rispido, frenético, ringiu-lhe entre os dentes. Sim, fôra-se ! Ella propria abrira a porta. Lá estava o travessão encostado a um canto. Partira, naturalmente com algum dos filhos do fidalgo, vezeiros em taes aventuras affrontosas. Corroborava, ainda mais, a certeza da traição o facto de não haver despertado com o rumor da sahida, elle, cujo somno era tão leve como o dos passarinhos. Propinara-lhe, com certeza, a perfida algum narcotico. Aquillo mesmo de se haver deixado ficar em serão concorria para convencê-lo da connivencia infame. Todavia, ainda em duvida, sahiu a explorar as cercanias, clamando por ella.

A madrugada achou-o entre as arvores, amaldiçoando a hypocrita que, durante tanto tempo, o embahira com fingido amor. Aquella descida ao burgo, a pretexto do baptisado, não fôra senão ardid para combinar com o amante o plano da fuga. E não lhe parecia que tudo houvesse sido ajustado naquella breve entrevista. Certamente em outras já se haviam encontrado, ali mesmo, emquanto elle mourejava na lavoura. Bem lhe parecera ter sentido gente entre as arvores !

O choro da criança acirrou-lhe, ainda mais, a raiva no coração. Que o enganasse, a elle... Conhecia a fragilidade feminina, tantas vezes a puzera á prova, mas ainda nas peiores mulheres, nas mais

lascivas, nas mais endurecidas em vícios, se eram mãis, o sentimento materno vencia, sobreexcedendo a tudo. E aquella, tida por elle como a propria pureza, immaculada, não só no corpo como no espirito — desertava despudoradamente o lar, abandonando a filha, para seguir, em ésto vulgivago, o primeiro que lhe acenava para o vicio, como a nomades que elle vira nas caravanas passando de tenda em tenda, de homem a homem com a passividade cynica dos animaes.

Celia chorava e elle, commovido com a orfandade em que ficava a pequenita, ia tomá-la ao collo quando ouviu o balido sinistro, a voz dolorosa sempre vaticinadora de desgraças. Estacou aterrado, attento ao ermo de onde partira o aviso tragico.

Em tal instante de pavor romperam-lhe da memoria todos os rausos e violencias ultrajantes que commettera: granjas varejadas, lares invadidos e postos a saque na melhor fortuna, que era a honra — donzellas arrancadas aos braços dos pais, esposas violadas ante os olhos dos maridos, crianças, mal desabotoadas na puberdade, servindo-lhe de pasto á lascivia, todas as suas victimas, quantas! como que resurgiam da morte exprobrando-lhe os crimes.

O que elle fizera a tantas faziam-lhe então e com mais rigor, pensava, porque as outras eram aforcia-
das e Lilia, pelo que apparentava a casa, em ordem,

sahira de « motu-proprio », e contente, rindo-se delle, talvez, nos braços do seductor.

Pobre Lilia ! Levava-a cingida ao peito, no ginete ágil em que galopava por veredas na floresta e desfiladeiros sinistros, o mais audaz e sanguinario dos filhos do fidalgo. Homem de instinctos crueis, violento e desapiedado, era o terror da castellania. Os olhos negros e duros, que chispavam áscuas, eram bem os espelhos da alma damnada que o animava. Sem pronunciar palavra e picando de esporas o ginete, fazia-o correr desensoffridamente por atalhos e trilhas asperas para abreviar a viagem ao ponto que demandava. Chegando a um cimo aspero, estacou o animal e deu ordem aos da sua mesnada para que retrocedessem, esperando-o em sitio que determinou.

Apeando-se, então, com a misera dona, pousou-a no chão e, levando o ginete para um hervaçal, prendeu-o de redeas a um tronco secco tornando, então, senhor de si, á que jazia no solo, immovel, como resignada.

Primeiro, pondo-se-lhe diante, procurou abrandá-la com promessas, gabando-lhe a belleza que o desvairara desde que a vira na capella, tão simples no seu traje pobre. Procurou vencê-la pela vaidade, falando-lhe do luxo que lhe daria, dos confortos de

uma vida farta, não em sibana, mas em palacio, cercada de servos e com elle aos pés, como o mais humilde dos seus escravos e, pedindo-lhe perdão da violencia que usara com ella, para possui-la, ajoelhou-se e desatou a mordaga que a suffocava.

Lilia encarou-o serena, olhou em volta de si e, sósinha em tão feia e desolada paragem, comprehendeu que não podia esperar outro soccorro senão do céu e foram-se-lhe os olhos para a altura.

Vendo-a tão docil, sem uma palavra de revolta, imaginou o rausor que ella se lhe entregava, senão por vontade, por medo. E que resistencia podia elle temer daquella fragilidade?

Desatou-lhe as cordas que lhe apertavam vincadamente os pulsos, fê-la sentar-se e, vendo-a sempre quieta, sem um gesto, sem um olhar que denunciasses o que lhe ia nalma resoluta, enlaçou-a com o braço, attrahindo-a amorosamente a si.

Lilia entregava-se sorrindo, olhou-o bem em rosto, examinou-o como se lhe admirasse o traje fino e elle, enlevado na belleza, não percebeu o olhar que ella lhe lançou rapidamente á cinta.

A subitas, porém, em movimento instantaneo, Lilia arrancou-lhe o punhal que lhe pendia á ilharga e, pondo-se de pé, affrontou-o altiva, com a lamina apontada ao peito, direita ao coração.

— Aqui me tendes, senhor. Forçastes uma casa pobre, não fareis o mesmo á honra de quem della

arrancastes. Sois homem e homem de guerra ; eu, uma fraca mulher ; tendes armas, tambem eu estou armada, não para ferir-vos, senão para defender, não direi a vida, que para tanto não me sobram forças, mas a honra, tirando a alma em que tenho a virtude, para não sujeitá-la á torpeza com que a vossa tenção quer manchá-la. O que desejais de mim não vos será negado e para que o tenhais, como presa que fizestes, com a vossa matilha, aqui vo-lo entrego.

Disse, e, sem dar tempo a que o mancebo, que adivinhara o sentido de taes palavras, pronunciadas serenamente, a pulso firme cravou o punhal no coração.

Do espanto em que ficara tolhido passou o mancebo a furor vendo-se roubado no que já considerava possuido, — aquelle corpo sem igual em formosura e desatinado, raivando, como se pudesse conter a vida que se esvahiá em golfões de sangue, atirou-se ao que já era cadaver, estremecendo nos ultimos espasmos da agonia, tentando, em vão, arrancar-lhe o punhal da ferida. Estranho rictus contrahiu-lhe a face, que a colera empallidecia. De que lhe servia aquella belleza sem alma, alma que lhe agitasse os nervos, que a fizesse sentir os seus afagos, que accendesse beijos nos labios e desse voluptuoso som ás palavras que, por entre arquejos, fôsem murmuradas ? Aquillo que ali estava, pal-

lido e tinto de sangue, era tanto como a terra maninha, tanto como os pedrouços do monte.

Sem remorso, senão como pena do goso que lhe escapara, foi ao ginete, tomou-lhe as redeas, cavalgou-o e, sem um regardo, sequer, ao cadaver, que ficava ao tempo, picou o animal de esporas e partiu a galope.

Descobrindo as numerosas pégadas dos animaes do bando que acompanhara na aventura o moço azevieiro, resolveu Everardo seguir por ellas, certo de que o levariam ao castello.

Não contava obter justiça do senhor, conhecendo-lhe, como conhecia, o animo imbelle, que tudo perdoava aos filhos, mas levava tenção firme de por suas mãos tirar vingança do que lhe infamara o lar e lhe roubara o amor.

Antes, porém, de pôr por obra tal resolução, buscando Florisa e Organte, que se não conformavam com o que succedera, affirmando sempre a innocencia da senhora, confiou-lhes a criança, para que a resguardassem até a sua volta. Mas Organte ponderou, com raciocinio assisado :

— Senhor, o que ides fazer será de homem brioso, mas não de quem deve amparo a uma pequenina criatura, que ficará só no mundo, se perezdes. E é mais natural que tal aconteça porque, ainda

que valente, sereis apenas um contra toda a hoste do castello e ainda contra os villões que, não por sentimento, mas por covardia, tomam sempre o partido dos senhores. Melhor fareis deixando-vos estar onde estais e agora, que não ha aqui quem attraia malvados, podereis viver em socego até que se faça mulher a que é hoje uma criança. Até lá, porém, tereis tempo de sobra para resolver sobre o que mais vos convenha.

--- Não te dê cuidado a minha vida, respondeu Everardo; essa tenho-a eu segura: nem toda a hoste do senhor e mais os que a ella se ajuntem poderão tirar-m'a. Confio-te minha filha. Guarda-a, esconde-a bem até a minha volta, porque seguramente regressarei.

Armou-se e, sem cuidar, ao menos, de cevadeira, porque contava que as pégadas o levassem ao burgo, seguiu por ellas.

Caminhando, pareceu-lhe estranho que os vestigios que acompanhava entrassem pela floresta, em vez de descerem em rumo ao povoado. Certificou-se e, como o solo humido conservava profundas as patas dos animaes, convenceu-se de que ia por ellas na direcção que tomara o bando.

Anoiteceu-lhe em pleno bosque. Na manhã seguinte, cedo, poz-se a caminho e outra noite o deteve já na visinhança do desfiladeiro sombrio, amuralhado pelo penhascal.



O terreno, de pedregoso lapêdo, transviava-o, fazendo-o perder o rastro da cavalgada. Elle, porém, obstinava-se em pesquisa, buscando a um e outro lado, até de novo encontrá-lo, em decalques fundos, onde rareavam os seixos deixando a terra exposta.

Nuvens de pombos brancos revoavam no espaço limpido e niveavam as cristas dos rochedos. O coração bateu-lhe presago. Estugou os passos como se sentisse perto o que buscava e, cada vez mais desensoffrido, deitou a correr vencendo, com rapidez, os acclivios trilhos, eriçados de urze.

Pairava no ar um dôce perfume, como o que exhalam os campos na primavera, e, quanto mais elle se adiantava para o sitio, onde distinguia uma fôrma branca, estendida na relva mirrada, mais intenso e agradável se tornava o arôma.

No cimo agreste tudo se lhe mostrou instantaneamente — lá estava o corpo amado, alvo, como de neve, com a purpura do sangue a tingir-lhe o collo, as mãos finas unidas na cruz do punhal, que o mancebo não lograra arrancar da ferida.

Avançou em desespero, soluçando. Um animal, porém, embrulhou-se-lhe nos pés, debateu-se acalcanhado: era um corvo que se emmaranhara em ramos de urze. Olhando-o, descobriu-lhe Everardo uma medalha ao pescoço, presa a uma corrente esgaçada e logo o reconheceu — era o triste

companheiro da rosa immarcessivel, condemnado, como elle e a flôr, á pena da immortalidade. Solto-o.

Foi-se o animal e com elle abalaram os pombos que pareciam guardar o corpo de Lilia, branco e gracioso, de physionomia serena, mais de somno que de morte, sem o mais leve signal do bico dos abutres e nem podia ser atacado pelos que se ceavam na podridão se trescalava como flôr.

Tormento algum, dos muitos que antes soffrera, tanto lhe excrucicara a alma fatigada como o que lhe infligia aquelle quadro lugubre. Toda a ventura de amor que, de momento, se desvanecera, ante o que vira na choupana, tornava em piedade na presença do corpo adorado.

E aquelle punhal que lhe varava o peito, quem o haveria cravado? Que teria havido para que se resolvesse em sangue o que fôra preparado para volupia? Dar-se-ia que o mancebo houvesse querido esconder com a morte a infamia que commettera? Se assim fôsse o mesmo teria elle feito a muitas outras esposas e donzellas que violentara e que lhe amaldiçoavam o nome detestado. O pensamento que, então, lhe occorreu alliviou-o da suspeita que o torturava.

Sim! lembrava-se de tantas que haviam tentado o mesmo gesto quando se viam presas dos seus braços . . . Sim, fôra ella que, estimando em maior

preço, a honra do que a vida, defendera-se da profanação sacrificando-se corajosamente á virtude. Fôra ella ! Pobre Lilia !

E, com pensamento tão consolador, todo o odio do despeito que lhe refervia no coração desfez-se em lagrimas de piedade e, de joelhos, inclinándose sobre o sereno rosto lindo, que a morte ainda tornara mais formoso, cobriu-o de beijos.

Beijos . . . Taes foram as flores com que Lilia foi enterrada na cova aberta por Everardo, entre as urzes do monte. Na pressa em que sahira esquecera-lhe o boldrié. Houvesse-o elle levado e a morta teria tido, para assignalar-lhe para todo o sempre o tumulo, a rosa immortal.

IV

Nos primeiros tempos muito lhe custou conter os impetos do coração rancoroso. Não lhe sahia da mente a idéa de vingar-se do mancebo que o infelicitara, e mais se lhe accentuou o odio depois que ouviu de Organte, que o soubera de um dos besteiros da pandilha do fidalgo, como se dera o rapto e o inesperado e tragico desenlace da sinistra aventura. O que, principalmente, o desviou de tal proposito foi a sorte da filha. Que seria d'ella, tão tenra, tão carecida de cuidados e ternura, sem outro parente no mundo, senão elle ?

Quando a ouvia chorar, chamando pela mãe, commovia-se até as lagrimas e o odio reaccendia-se-lhe em furor. Tomava-a ao collo tentando consolá-la, a criança, porém, na sua linguagem balbu-

ciente, pedia-lhe que fôsse buscar Lilia e apontava para a matta, como a guiá-lo para onde suppunha achar-se a desaparecida. E occorriam-lhe lembranças do passado ! A quantos pequeninos fizera soffrer agonia identica, chorar lagrimas como as que corriam dos olhos de Celia ! Quantos pais, quantos esposos e irmãos haviam padecido o tormento que elle experimentava e na voz da pequenita fundiam-se todas as queixas das crianças que elle orfanara. Ouvi-la era recordar os horrores do passado, os crimes todos, infames, da sua vida multi-secular — roubos, depredações, affrontas e assassinios.

E como respondia elle ás lagrimas das suas victimas, senão depravando-as, e ás preces, ao pranto humilde, aos rogos genuflexos e de mãos postas dos que pediam por ellas senão açulando contra os pedintes os cães das suas trélas ou mandando escorraçá-los pelos seus homens d'armas ?

Cada vez que a criança o procurava para perguntar pela mãe reaccendia-se-lhe a memoria e tudo quanto fizera reapparecia como se as sombras se levantassem da morte para persegui-lo. Chegou a temer a filha, a evitá-la, não por ella, senão pelo prestigio da voz com que a pobrezinha, na sua saudade, revolvía as lembranças tenebrosas que se lhe accumulavam nalma.

Pouco a pouco, porém, a pequenita foi-se afa-zendo á vida nova, ainda que, de longe em longe,

num despertar de recordações, se puzesse a chorar a um canto, como se escondesse a sua tristeza para o não fazer soffrer.

Celia desenvolvia-se e os seus traços, accentuando-se, reproduziam a belleza materna.

Everardo acompanhava dia a dia a resurreição da morta — era ella que voltava na filha, reassumindo o seu lugar na casa, com a mesma graça candida, a mesma voz harmoniosa, o mesmo esplendor dos cabellos de ouro, a mesma doçura dos olhos azues.

Não era só elle, com o seu immenso amor, que a adorava, Florisa e Organte enlevavam-se nella, tanto pela formosura, como pela bondade em que se revelava o seu coração enternecido. Para ella tudo na natureza merecia carinho, qualquer soffrimento fazia-a chorar.

Se um dos homens ia á matta derrubar uma arvore não o dizia a Celia que ella se não oppuzesse, tanto pelo vegetal como pelos ninhos que se agasalhavam nas suas ramas. Tinha pena das proprias estrellas do céu e do sol na tristeza das tardes, quando morria além dos montes.

Á medida, porém, que os annos passavam, trazendo maiores encantos para a filha, Everardo temia por ella, tratava de a occultar, prohibindo aos colonos que falassem della no burgo, ainda que dos mancebos só um restasse, que o mais velho fôra

encontrado morto em uma estrada, sem que se conseguisse descobrir o seu matador e o mais moço, por morte do pai, houvesse herdado o senhorio, desposando a filha de um barão de grande fama pela extensão do seu feudo e força das suas armas, que o obrigava a governar com justiça, respeitando os bens e a honra dos solarengos.

Não fôsse elle, outros seriam : pagens, gente de guerra, vadios de estalagens, andejos das estradas porque a belleza, como o ouro, onde quer que appareça accende a cubiça e attrahe os atrevidos.

Já lhe não parecia segura a choupana. Embora a lavoura, cada vez mais prospera, o prendesse áquelle sitio e os rebanhos crescessem nos pastos que se estendiam em volta, chegou a pensar em aprofundar-se ainda mais, indo esconder o seu thesouro onde fôsse difficil o accesso aos homens. Não dormia tranquillo. Ao menor bulicio punha-se de pé, armado, corria a casa, esquadrinhando tudo ou deitava-se á porta da camara em que dormia a filha.

E não só dos homens se arreceiava — tudo temia : o sol do verão, o frio do inverno, os frutos que ella colhia, as flores com que se enfeitava. Se o céu escurecia, toldado de nuvens, Everardo sobresaltava-se com medo da tempestade ; se ouvia o frondejar das arvores ao vento punha-se de pé receioso de que os esteios ou os caibros da choupana não resistissem ás lufadas.

A menor queixa de Celia punha-o em tal desespero que era necessario que os colonos, sempre sollicitos, cuidassem com mais desvello delle do que da enferma.

E assim vivia, numa felicidade atormentada, sem socego, temendo tudo que a cercava e, mais que tudo, a belleza que cada vez mais se accentuava, tanto nos traços do rosto alvo e florido em rosas como nas fórmas do corpo esbelto.

Um dia, porém, Celia que, desde muito, continha o curioso desejo de descer ao burgo, não para vêr o que nelle havia nas tendas dos feirantes, mas para visitar a capella, que Florisa lhe descrevera com o esplendor dos altares illuminados, as imagens dos santos, que pareciam vivas, e ouvir os canticos religiosos, pediu-lhe que a levasse ou consentisse que ella fôsse com a bôa ama.

A Paschoa aproximava-se, era o tempo mais formoso da Fé e ella, mais de uma vez, na beatitude das tardes, ouvindo doces sons nos ares, como se viessem do céu, ouvira á bôa mulher que eram tangeres de sinos chamando os fieis a Deus. E porque não havia ella de accorrer ao appello, como toda a gente ?

Everardo, a tal pedido, estremeceu como se nelle sentisse annuncio de desgraça e foi a primeira vez que recusou satisfazer um desejo da filha.

Desde esse instante, porém, lembrando-se do

que acontecera a Lilia, mais apertou a vigilancia, exigindo de Florisa que não tornasse a falar do que se passava no burgo e procurasse dissuadir a filha do desejo que lhe demonstrara.

Não houvesse a esposa descido á capella e não teria visto o homem funesto, em cujo coração, instantaneamente, rebentara a cúpida lascivia que a levava a morte. Celia resignou-se, mas tristemente e, sempre que os ventos traziam de longe os sons dos sinos ficava-se, em enlevo, a ouvi-los, d'olhos erguidos, como se os acompanhasse no espaço.

Uma tarde, achavam-se pai e filha sentados no alpendre, olhando o rebanho que se recolhia, quando uma voz maguada gemeu longamente na matta. Ambos voltaram a cabeça na direcção da queixa dolorosa e Celia, levantando-se, á escuta, disse penalisada :

— Será alguma ovelha perdida ? !

Everardo, cujo coração batera d'esbarro ao peito, empallidecendo a mais e mais, immobilisou-se, attento. E a voz repetiu-se mais flebil, distanciado-se.

Elle reconheceu-a. Era da corça, a voz mysteriosa, sempre annunciadora de desgraças. Que aviso lhe traria ella á alma ? A elle que poderia acontecer, defendido, como estava, e para o sempre, pelo elixir ? só a ella, portanto, poderia alcançar o mal que se aproximava.

E qual seria elle ? Assalto como o que levara Lilia ? investida de fera, ataque de animal daninho, ou alguma enfermidade das que chegam no ar, das que penetram o corpo pela sêde, numa gota d'agua ; pela fome, na polpa de um fruto ; pelo resfriamento do cahir da noite ; por qualquer das insidias da natureza, nem sempre generosa ?

Sem dizer palavra levantou-se e poz-se a caminhar pensativo. De novo, ao longe, a voz soou, perdida. Não havia duvida : era a corça annunciadora.

Desatinado, sem ponderar no que fazia, resolveu, de improviso, naquelle mesmo instante, posto que a noite já se avizinhasse, abalar com ella, montanha acima, até uma caverna que conhecia em sitio agreste, tão recondita no arvoredado espesso que o unico vestigio humano que nella havia era o dos seus passos quando a visitara. Ali estaria ella em segurança. E, desconfiado de todos e de tudo, nem aos próprios colonos communicou a sua resolução.

Resguardada no inaccessivel refugio não seria, de certo, attingida pelo mal que a corça plangente vaticinara. Correu á choupana, fez, ás pressas, um embrulho de agasalhos, preveniu-se de provisões para alguns dias e, munindo-se de armas, foi-se direito a Celia que se mostrava curiosa com o que o via fazer.

Mudou-se-lhe a surpresa em espanto quando elle lhe communicou a resolução estranha que tomara.

Porque ? Que mal poderia vir do bosque, que ella conhecia de tamanina, desde as arvores mais altas até o arbusto mais tenro ? das aguas, que eram suas companheiras de brinquedo ? dos animaes tão doces que lhe vinham comer á mão ? Porque tirá-la d'ali, e para onde ?

Everardo mantinha-se calado e sombrio, attento sempre aos rumores, como á espera de novo aviso do animal mysterioso e, forçando o coração diante das lagrimas da filha, fê-la levantar-se. Ella ainda pediu lhe consentisse falar ao casal amigo. Negou-se o pai a attendê-la e partiram, montanha acima, pela escuridão da noite fria, picada de pyrillampos.

Celia, que jámais fizera caminhada tão longa, depressa fatigou-se e, parando de espaço a espaço, o que podiam ter vencido em horas, custou-lhes toda a noite e já começava a desvendar-se o céu á luz do sol quando chegaram á caverna obscura, verdadeiro antro de féra, emmaranhada deervas bravas.

Celia estremeceu ao vê-la, sem animo de nella entrar. Everardo passou as sebes intrincadas, abriu caminho no tapigo selvatico e correu, canto por canto, a lapa certificando-se de que nella nada havia que denunciasse pousio de animal. Tornando, en-

tão, ao limiar chamou a filha e, guiando-a carinhosamente, disse-lhe :

— Aqui ficarás até que passe o perigo que nos ameaça. Nada receies. Vou prevenir tudo de modo a poder fazer-te companhia.

— Mas que temeis, meu pai ? Não ha aqui mais risco nesta solidão do que lá em baixo onde vivemos ? Não vos parece que sózinha ficarei mais exposta aos lóbos e aos ursos que são os senhores da montanha ?

— Peiores que ursos e lóbos são os homens, Celia, e é delles que te defendo.

— E que me podem fazer os homens ?

Everardo não respondeu, mas depois de penosa concentração, disse abraçado á filha :

— As tempestades annunciam-se pelas nuvens que se accumulam no céu as desgraças pelos presentimentos que se nos adensam no coração. Temo por ti. Deixa passar o perigo que nos ameaça e tornarás á casa em que nasceste. Não me interrogues mais. Ouvi a voz do Destino, voz que não mente. Não me interrogues mais.

Arranjando, como poudo, o asylo da filha, estendendo pelles de ovelha que amaciaram um leito e dando-lhe as provisões que levara, passou o dia todo a rolar blocos de granito, sotopondo-os, de modo a formar um muro inabalavel de maceria, cujas frinchas entaipou com folhagens, cruzadas de

cipós. Isto feito ateiou lume para alumiar e aquecer a caverna e, beijando a filha, despediu-se, promettendo regressar á noite.

Celia ficou chorando e Everardo continha as lagrimas ao vê-la tremer de medo em tão inhospito asylo quando, ao galgar a muralha que levantara e quando collocava o bloco que a fechava, ouviu, mais doloroso que nunca, prolongando-se lamentosamente, o balido presago da corça.

Estremeceu e, lançando o olhar em volta, não viu mais que o arvoredado cerrado e as pedras desmoronadas que tornavam o sitio mais agro e temeroso. Hesitou. Não teria elle, na ansia de salvar a filha, errado no que fizera tirando-a justamente do lugar seguro para deixá-la á mercê dos monstros da montanha ?

Não ! Decidido a salvá-la e certo de que faria a viagem á choupana e a tornada á caverna antes que a noite dobrasse, regressando prevenido para ficar com ella o tempo do exilio, do qual dependia a sua salvação, lançou-se a correr pelas veredas da montanha, agil como um élapo perseguido.

Ainda que fatigado da corrida em que viera, mantinha Everardo o proposito de tornar para a gruta logo que se aprovisionasse, para acompanhar a filha conjurando o perigo que a ameaçava e do qual lhe dera aviso a voz mysteriosa. Ao chegar, porém, ao terreiro da cabana, pasmou ao vêr Organte aforcurado em ajuntar lenha e chamiço em pilha de fogueira. Ao ruido dos seus passos voltou-se o colono e, dando com elle, boquiabriu-se, em esgar espavorido, como á vista de um assassino. Notou-lhe Everardo as feições demudadas, os olhos fundos, ourelados de rôxo e, adiantando-se para falar-lhe, estranhou que o homem recuasse, com os braços á frente, em gesto de repulsa.

— Que tens ? perguntou-lhe imperativamente Organte.

— De onde vindes, senhor? exclamou em voz tremula. Por Deus, de onde vindes?

— Da montanha. Mas que tens tu para assim tremeres?

A tal resposta serenou o colono e, em voz que lhe sahia escassa e flébil, explicou:

— A vossa ausencia fez-nos temer nova desgraça. Batemos toda a redondeza em vossa procura, chamando-vos. Sem indício algum de vossos passos erramos até tarde e, a rogo de Florisa, desci ao burgo a procurar-vos. Ah! meu senhor... A Peste... a Peste! Apesar da distancia em que nos achamos, ouvem-se d'aqui os clamores de misericordia e vê-se a fumarada das fogueiras que ardem em varios pontos.

Antes de eu chegar á praça, a um homem que fugia levando, quasi de rastos, uma criança, perguntei que se passava em baixo para que tanto bradassem e tantos fogos accendessem. Disse-me então o homem que, na vespera, á meia noite em ponto, um cavalleiro negro atravessara o burgo ao galope de um cavallo de olhos que eram duas brasas e que a poeira que tal animal levantava nos caminhos, entrando nas casas, espalhando-se nos campos, onde quer que houvesse gente, matava como o peor veneno.

E, em verdade, começou a cahir gente, como ferida por demonios invisiveis. Alguns rolavam ful-

minados e logo ennegreciam apodrecendo ; outros escabujavam aos gritos, agadanhando o ventre como se o quizessem abrir com as unhas. Viam-se muitos correndo, aos uivos. Das casas lançavam-se magotes á rua, iam-se furiosamente como cães damnados e cahiam nas maiores torturas espumando sangue.

E todo o burgo alarmou-se em horas, desde o castello, onde as vozes atroam^{as} abobadas e os sinos tangem a finados, até os mais humildes cardenhos, entre pedras.

O cavalleiro negro não era outro senão a mesma Peste, que passou pelo burgo e foi-se terras além, espalhando o seu halito de morte, que tudo infecciona—a terra, o ar, as aguas, as hervas e o arvoredos.

Tornai, fugi, porque onde ides só achareis cadaveres ou gente que o terror enlouquece. Voltai antes que vos attinja o terrivel veneno e sustendo a respiração para que vos não entre a morte no fogo.

Não prosegui e regressei á cabana ouvindo sempre as vozes dos que bradam aos céus e os gritos dos que se estorcem nos mais horriveis soffrimentos.

Não ha memoria de devastação igual. Nem a peste que assolou a Aquitania e de que falam os jograes ! A peor das guerras não faria, em mezes, matança tamanha como a que fez em horas o sinistro flagello.

O terror desnaturou a pobre gente infeliz — fu-

giam as mãis aos filhos, estes abandonavam os pais, chegando a ameaçá-los com armas, repellindo-os se os sentiam atacados do mal ; os proprios religiosos recusavam-se a attender aos que reclamavam o soccorro supremo. Imaginei, então, que houvesseis sido victimados pela peste, e, sem mais ouvir, tornei aos caminhos da montanha e ainda não havia alcançado as primêiras arvores quando ouvi um grito que me doeu nos ouvidos, como se um ferro em brasa m'os varasse. Voltei-me e vi por terra, rolando na herva secca, aos urros, o homem que me informara e adiante, a criança a correr espavorida, aos gritos.

Vim por ahi acima vencendo a fadiga, para pôr-me a salvo, contendo a sêde, com receio de beber da agua que passara pelo burgo e respirando a custo com medo de que no ar que me entrasse no peito viesse o veneno espalhado pelo halito do cavalleiro negro, que era a Peste. E aqui cheguei.

Assim que falei á mulher o seu cuidado foi logo para a menina, que tanto estremece, e, tendo-a por morta, tanto lhe doeu o coração que abateu em terra e lá está, não sei se viva ou morta.

As palavras do homem causaram tão funda impressão no animo de Everardo que, ainda que forte e certo de que o mal não o attingiria, deixou-se cahir sentado no poial do alpendre e ali se ficou a olhar apalermado aquelle que lhe falara.

Lembrava-se do aviso que tivera — a voz da corça, e louvava-se intimamente da sua resolução tão prompta á qual, sem duvida, devia a salvação da filha. Como, se ella ali estivesse, poderia elle defendê-la do ar pestilento que soprava do burgo e do contagio de possiveis foragidos que buscassem refugio na montanha ?

Lá, onde a escondera, sitio alpestre, de accesso difficilimo, não iriam ter os que lograssem escapar da assolação ; o proprio ar era outro, vinha puro do céu e as aguas brotavam das pedras, limpidas, correndo em veios e ribeiros que formavam o rio, em baixo, em cujas margens passara a galope o cavalleiro de maldição.

Levantou-se pensando na filha. Por tudo era necessario andar presto, não só porque ella ficara sem defesa como tambem para evitar que se lhe apegasse ao corpo o virus do mal que alastrava.

— Trata de ti, disse a Organte. Defende-te como puderes. Em tempo de peste não póde haver misericordia. Não te dêm cuidado a minha e a vida de Celia, tenho-a resguardada onde, estou certo, não chegará o que espalhou e anda a espalhar o fantasma que foi visto. Cerra-te em casa com o que tens — eu levarei uma parte commigo e, enquanto durar o mal, não nos poderemos vêr.

Fôssè eu só e, em vez de esconder-me covardemente, iria prestar soccorro aos que delle tanto ca-

recem, mas a minha vida não conta ; esta, que tenho commigo, nada vale. A minha verdadeira vida é a que anima a minha filha, só a essa estimo e por essa tudo farei. Fujo por ella. Vamos, chama tua mulher, para que venha comnosco ao celleiro de onde quero tirar o que houver em farinha, tanta quanta eu possa levar e em azeite que mantenha o lume em uma lampada durante o tempo em que estivermos no abrigo em que me refugiei.

Á ordem de Everardo foi-se Organte á mulher, que se mantinha de bruços na cabana. Chamou-a. Não teve resposta ; sacudiu-a pelos hombros e o corpo trambolhou no chão, como um fardo e, ficando com o rosto voltado, viram-lhe os dois homens a face denegrada, como tisonada a carvão, os olhos abertos, a boca escancellada em rictus hediondo e esputando um visgo sanguinoso.

Organte estarreceu espavorido e, cravando a vista pasmada no corpo da companheira, levou as mãos á cabeça, exclamando em voz surda :

— É a peste ! E fui eu ! Fui eu que a trouxe commigo. Fui eu . . . !

Foi-se-lhe a physionomia demudando, do aspecto de terror que, a principio, manifestava fixou-se em hebetamento e um riso tremulo, gaguejado, rolava-lhe na boca aberta.

Everardo comprehendeu que tinha diante de si a morte, a morte que se apegava a tudo, que pas-

sava do cadaver ao vivo, porque o rosto do homem começava a mascarrar-se cobrindo-se de placas, a mesma espuma que escorria da boca do cadaver de Florisa já se lhe ia formando entre os labios ; os olhos como que se alargavam e espocavam das orbitas. Era o mal que chegara até ali, que tomara a cabana, que se assenhoreara de tudo e que só não o matava, a elle, por força do prestigio que o defendia. Mas se elle não podia ser attingido, livrar-se de que o mal nelle pousasse, como a serpe se enleia no ramo de uma arvore de onde atira o bote a quem lhe passa ao alcance, isso não podia elle evitar e, como tornar á filha, como regressar á sua companhia, na caverna, com a certeza horrivel de que seria elle, elle que tanto a procurara preservar do mal mysterioso, annuciado pela voz da corça, quem lh'o levaria ?

No desespero que o tresvariou nem um olhar teve para Organte que cambaleava aos ululos, agarrado furiosamente ao ventre, rasgando as roupas como se o requeimassem. Atirou-se ao chão, rolando, a bater com a cabeça e na terra dura, onde se estorcia, ficavam-lhe os vincos das unhas. Por vezes soerguia-se, ajoelhava-se arquejando soffregos, estendia afflictamente os braços a Everardo, supplicando-lhe em voz surda, arrancada : Agua ! Agua ! O eterno nada ouvia e o espectaculo horro-

roso que se lhe impunha aos olhos não lhe chegava á alma, torturada por supplicio maior.

Como tornar a Celia ? Como regressar á caverna ? Que lhe importava o casal que ali jazia : ella, morta ; elle, em estrebuchamento agonico ? Que lhe importava a catastrophe que transformava em campo de podridão o que, ainda na vespera, era um burgo repousado e alegre ? Que tudo percesse, tudo ! contanto que á sua filha não chegasse, sequer, noticia da desgraça para que se lhe não perturbasse o somno, sempre sereno.

Sahiu ao limiar da cabana. Um sol amarellado, luz de fogueira, alumiaava sinistramente as terras, dava ás folhas das arvores um brilho metallico e esturricava aridamente o solo. Abafava. Os proprios passaros recolhiam-se medrosos e, entre os ramos, piavam tristemente, como se sentissem a calamidade ; um cheiro de folhas verdes tostadas passava na aragem adusta como se a floresta ardesse.

De quando em quando rumores surdos trovejavam ao longe. Era a tempestade tétrica de agonia no burgo : eram os que bradavam aterrados, eram os que investiam repulsando os pestosos, fugindo das levas contaminadas, espalhando-se, em derrame, pelos caminhos, tresmalhados como rebanhos que estourassem tomados de panico.

Everardo hesitava, tremendo, sem saber que fizesse. Deixá-la só, sem alimento, desamparada

naquelle presidio, seria condemná-la á morte. Buscá-la, soccorrê-la seria levar-lhe a peste.

Voltou-se para a cabana, o seu lar, outrora venturoso, ninho onde amara, onde, pela primeira vez, sentira a delicia de viver e a ternura do amor ; onde as horas jámais lhe haviam pesado ; onde lhe nascera a maior das felicidades, aquella filha, tão linda, tão meiga, da qual, fatalmente, havia de ser o carrascão — deixando-a morrer abandonada ou transmittindo-lhe a morte, aquella morte dolorosa e hedionda, da qual tinha ali duas victimas disformes e denegridas, ainda quentes e já tresandando, pútridas.

Seria possivel que tantas graças reunidas em tão viçosa mocidade desaparecessem em horror igual ao que lhe causava tamanha repugnancia ? E, enfuriado, reconhecendo a sua impotencia contra a morte, elle, o immortal, não sabendo como salvar a que era a sua unica consolação, o unico e immenso bem que lhe restava, com as lagrimas a rebentarem-lhe dos olhos, poz-se a morder desesperadamente os pulsos, encarado no céu com olhar de louco.

As provisões que deixara na gruta mal dariam para uma semana e, ainda assim, avaramente poupadas. As arvores da floresta eram todas estereis e Celia, criada mimosamente, Celia, cujos desejos, adivinhados, eram logo satisfeitos pelos que se des-

velavam em attendê-la, Celia que até quando colhia uma flôr primeiro alguém examinava a haste ou o ramo, não fôsse ella victima de algum insecto ou vibora ; Celia, ainda que a fome com ella apertasse, não teria iniciativa para buscar sustento em tal espessura brava, onde a natureza, aspera e possante, só se manifestava em força.

Penetrar na gruta mesmo que se não aproximasse da filha, contentando-se com vê-la, falar-lhe de longe, ainda assim seria arriscado visto que o mal, de que estivera tão junto, certamente se lhe apegára ao corpo, como o cheiro seivoso da resina das arvores impregna-se em quem atravessa as matas.

Mas deixá-la morrer inanida, finar-se de fome, morte lenta, extincção demorada e penosa como a da luz da candeia que, á mingua de oleo, vai esmorecendo, crepitando em vascas, diminuindo langue, até fenecer em morrão que se apaga aos poucos, com o vagar de um supplicio, reapparecendo, ás vezes, em tibio clarão tremulo, como os derradeiros haustos dos agonisantes. Oh ! não . . . não !

E Everardo relanceava desvairadamente o olhar em volta, como a pedir soccorro á natureza impassivel. Não lhe occorria idéa alguma. Como salvá-la ? Como defendê-la da morte, delle proprio ? Como tirá-la daquelle carcere selvagem, mais do que carcere : tumulto ?

O desespero allucinou-o e, atirando-se de joelhos, lançou os braços para a altura e, pela primeira vez, com o coração a arder em fé, pronunciou o nome de Deus, implorando a misericordia celeste.

A resposta que teve foi o balido doloroso, a voz sempre fatidica da corça que, por tres vezes, distanciando-se a mais e mais, gemeu entre as arvores, melancolica.

Como se todo o tempo, até então vivido, subitamente rolasse sobre elle do évo, taes as neves accumuladas, que se despenham da montanha em alúde, tudo arrasando no desmoronamento, o desgraçado vergou os hombros e tombou de bruços no chão soluçando, porque a voz lúgubre, que soava nas brenhas, era augurio infallivel, e sempre funesto. Que mais lhe estaria ainda reservado? Só Deus poderia soccorrê-lo e, certo o attenderia se elle soubesse as palayras com que as almas de fé o tornam propicio.

Nunca, porém, as ouvira e se, passando junto de alguma capella, lhe chegavam os sons dos canticos religiosos, desviava-se com remoques, rindo-se dos devotos, quando os não ameaçava interrompendo os sagrados officios com alvoriço de armas. Jámais se dirigira aos céus em preces, nem em pensamentos e as obras de amor, com que se conseguem as mercês divinas, pareceram-lhe sempre ridiculas.

Que fizera elle em toda a sua vida reversa, an-

tes de adquirir os talismans do inferno ? sempre o mal tyrannico — affrontando a pobreza, avexando os fracos, polluindo virgens, rausando esposas, ultrajando monges mendicantes, a muitos roubando a espórtula e deixando-os por mortos nos vallos dos caminhos, varejando mosteiros de religiosas, incendiando lavouras, torturando animaes, gosando com os soffrimentos fôsse dos que fazem correr sangue ou dos que desatam lagrimas, e rindo-se esgargalhadamente dos que se lhe ajoelhavam aos pés.

Tão cruel era nelle o instincto que, á falta de ser em que cevasse a maldade, atirava-se, de animo feroz, ás proprias coisas : ás arvores mais bellas, detorando-as, alanhando-lhes os troncos a machado para as vêr sangrar e murchar, perecendo lentamente ; ás aguas, revolvendo-as para que o lôdo, que dormia no fundo, viesse á tona turvando-as ; ás proprias rochas, escalavrando-as, provocando-lhes a resposta faulhada em centelhas.

Quando se tornou senhor do ouro, fazendo-o, a seu talante, de todo metal que encontrava, além da natural perversidade ainda mais lhe aggravou a crueza o orgulho desmedido.

Esbanjando a mãos rotas, nunca se lembrara de valer a um pobre, de soccorrer um enfermo, de amparar um valetudinario. Toda a fraqueza causava-lhe repugnancia, fôsse a da criança, da mulher,

do ancião ou do invalido. O ouro ia-se-lhe das mãos como as aguas correm das nascentes, as aguas porém beneficiam regando as terras por onde passam e o ouro espalhava-se-lhe em aquisições peccaminosas, em gastos de vaidade ou para suborno a mercenarios que não faziam mais que arrasar e infamar.

Quanto fizera elle soffrer ! Que perdão immenso seria capaz de o remittir de tantas culpas, de o resgatar de tantos peccados ?

Crescendo-lhe o desespero, como o suppliciado que a tudo cede para que o tirem do pôtro, apaguem o braseiro que o requeima ou afrouxem as esarpes que lhe trituram os ossos, para salvar a filha foi aos extremos, bradando evocativamente ao inferno, ás potencias do mal, ás forças do fogo subterraneo a sua rendição. Entregava-se para soffrer as penas eternas comtanto que Celia se salvasse. E, com a esperança naquelle recurso terrivel, levantou a cabeça certo de vêr surgir dentre as arvores o Grande Diabo.

Rumor algum, além do que fazia a folhagem, levemente balançada pela brisa, denunciou a presença do Mau Anjo, que os feiticeiros, com os seus abracalans e signos cabalisticos, fazem subir, entre labaredas, desde as profundezas infernaes. Que lhe restava ? A quem pedir ?

Acabrunhado levantou-se. O' vida ! Vida sem

fim . . . Porque não havia elle, nascido, como todos os seres, de ter o destino que a todos fôra imposto na hora da maldição paradisiaca ? Porque havia elle só de ficar parado, quando os outros proseguiam ; vigilante, quando os outros dormiam ; eterno, quando os mais transitavam ?

Quedara na vida como remóra, no fundo de uma pôça, um olheirão d'agua, remanescente da cheia e ouvia do seu estágno o murmúrio do rio a correr para o mar. Caminhou alguns passos cabisbaixo e titubeante como ébrio, sem animo de enfrentar a trilha, poz-se a caminho para a caverna.

Subiu a um alcantil de onde a vista abrangia todo o burgo. Lá estava elle espalhado, com o seu casario pobre, o seu cabanal palhiço, as suas almoínhas, os seus pomares e campos de pascigo, a igreja com a sua torre esguia e a mole immensa do castello, tudo, porém, tão nublado de fumo que parecia arder em incendio.

Pequeninos vultos agitavam-se na fumarada dos caminhos como as fonas que se levantam dos brazeiros. De quando em quando, ao cambar do vento, chegavam-lhe rumores surdos como escachôo d'agua — era o babareu confuso da gente espavorida, fugindo á peste que devastava. Elle hesitava, aterrado.

Entretanto era preciso partir. Celia devia estar preocupada, porque elle promettera tornar

presto, demorando-se apenas o tempo necessario para enfardelar provisões. E resolveu seguir.

Desceu do penhasco e enveredou pelo silvedo.

Outro lhe parecia o bosque, mudado em tudo : sombrio no seu recesso, metallico na sua folhagem, com os troncos rugosamente forrados de um musgo semelhante á ferrugem.

De animaes, sempre ali frequentes, nem vestigio havia. As trilhas desertas e caladas ; de aves, nem pio. Caminhava e, á medida que se ia aproximando do sitio almejado, mais se lhe retransia o coração em angustia.

A natureza começava a sentir-se da melancolia do crepusculo. Ia-se o sol e as sombras condensavam-se fazendo da selva uma só massa escura. Uivos de lóbos romperam o silencio. Era o fortum da carniça que os attrahia desde as lapas e os fojos mais altos e lá andavam elles pelas cristas dos cerros em alcatéas famelicadas, desciam pelas quebradas, aos saltos de penha em penha, ao farisco, correndo ao burgo onde, além da mortualha, só encontrariam moribundos rebolecando-se nas estradas, estertorando nas choças. E os corvos eram tantos que, ao abalarem, formavam densas nuvens nos ares enfumarados.

Entrou por um atalho enredigado de silvas espinhosas e ia por elle vagarosamente quando topou em um corpo. E logo lhe occorreu : « Resto de prêa,

deve ser, deixado por alguma féra farta, urso ou lóbo ».

Abaixou-se a mirar e mal os seus olhos distinguiram o achado recuou de repellão, horrorizado, com um grito preso na garganta : era o cadaver de um menino, denegrido da peste, a desfazer-se, fétido.

Então até ali já havia chegado a morte ? ! O flagello estava a dois passos do asylo amoroso ! E seria aquelle corpo o unico ? Teria a criança subido sózinha a tal altura, tão invia nas suas veredas ? Não ! De certo fôra em companhia de outros, e, perecendo, ali ficara abandonada.

O coração bateu-lhe soffregio, em presagio. Aproveitando-se dos ultimos clarões do sol correu ansioso em direcção á caverna. Mal a avistou, no mattagal que a ensombrava, percebeu que as pedras que se lhe antepunham á entrada haviam sido retiradas e os ramos com que, pacientemente, elle entaipara todas as aberturas, jaziam em terra espalhados.

Seguramente alguém violara o asylo. Quem ? Féra ou homem ? Féra . . . Como se defenderia a misera na sua dócil fragilidade ? Homem ? ainda peor. Seria a deshonor malfária, o conspurco da innocencia, o aviltamento de um corpo adolescente que começava a abotoar na puberdade.

A raiva fazia-o tremer, com um surdo rugido,

os olhos afogueados, os cabellos hispidos como cerdas. Investiu desapoderadamente e, saltando de penha em penha, com a agilidade dos gamos perseguidos, depressa pisou o chão liso, diante da caverna e, d'olhos desmesuradamente abertos, logo descobriu pégadas. Era o rastro da infamia. E, instantaneamente, imaginou a inísidia, traçando-a por cópia de muitas que praticara.

Algum mescão, dos muitos que havia entre os acontidos do solar ou lenhador atrevido, o vira chegar com a filha e, escondido nos mattos, ficára de tocaia, na pista do mystério de tal levada. Vendo-o, porém, sahir e impressionado com a belleza juvenil da que ficara, logo resolvera aproveitar a ensanchar de tão inesperada fortuna. E fizera-o.

Taes pensamentos torvelinhavam-lhe no cerebro enquanto elle agadanhava, com força bravia, os blocos de rochas, deslocando-os, arrancava establanadamente os ramos, já seccos, bradando por Celia.

Os seus gritos roucos fremiam, mais semelhando rugidos de animal do que reclamos humanos. Os dedos sangravam-lhe escalavrados nas arestas das pedras e elle, insensivel á dôr, ia desmantellando o tapume que levantara e logo que abriu passagem, ainda que angusta, por onde mal se pudesse esgueirar, metteu possantemente os hombros e, desmontando lagedos e pedrouços, levando adiante do peito

troncos e ramarias, entralhando-se em cordoalhas de cipós, alcançou a entrada e pelo escuro, porque a noite já era tenebrosa no interior da cava, precipitou-se a correr. Tibio lume tremeluzia no fundo do refugio vermelhejando sanguineamente as paredes asperas apuadas de agulhas calcareas, que reluziam, humidas.

Guiou-se pelo clarão e o quadro que se lhe depa-rou, de golpe, fê-lo estacar attonito e enternecido, entre enlevo e horror. Estirado no meio da caverna jazia um cadaver de mulher. A luz dava-lhe em cheio no rosto macillento, mascarrado de placas côr de tisne e, adiante, sentada em um socalco, Célia ninava uma criança ao collo. Ao dar com a sombra de Everardo a virgem estremeceu, pondo-se vivamente de pé, com a criança apertada ao seio, como se, mais do que a si mesma, a defendesse.

— Filha, o que tens ao collo é a morte ! bradou-lhe Everardo no auge do desespero.

Reconhecendo-lhe a voz, Celia tranquillizou-se e, com um sorriso angelico, estendendo os braços, que eram o berço do infante, respondeu em palavras harmoniosas :

— A morte, dizes . . . Pois seja ! Mas se me ficou nos braços não a lançarei de mim. Ainda vive e enquanto viva não o deixarei. É pena que não tenhamos um pouco de leite para matar-lhe a fome que o faz gemer. A mãe, coitada ! ahi jaz. Se veio

ter a mim, aqui onde nem o sol me descobriu, foi porque Deus a guiou do Céu.

Só, então, soube Everardo o que ali se passara. Ella esperava-o afflicta, attenta aos minimos rumores quando sentiu que deslocavam as pedras da entrada. Cuidando fôsse elle, correu do fundo, contente, e, chegando ao pedregal, ouviu lamentos. Lésta, galgou as pedras e, por entre os raros das ramagens, poude vêr a mulher que chorava, com a criança nos braços. Falou-lhe, entenderam-se. E as duas, unindo as forças fracas, que o amor e a piedade mantinham infatigaveis, conseguiram abalar uma das pedras maiores entrando a misera no turgurio.

Infelizmente, porém, trazia a morte comsigo e, além della, a dôr de haver deixado um filho morto em caminho. Sentou-se e, apesar de exhausta, mal respirando e a torcer-se em soffrimentos que lhe arrancavam gemidos e lagrimas, ainda amamentou o filho e foi-se sem lhe tirar o peito da boca e muito tempo o pobrezinho esteve agarrado á morte, até que adormeceu sobre o collo frio da que adormecera para o sempre.

— E tu, minha filha . . . tu . . . ! exclamou Everardo agarrando os cabellos desesperadamente.

E Celia continuou serena :

-- Tomei-o da morta e porque nada pudesse fazer para acalentá-lo, cheguei-me com elle ao lume,

embalando-o nos braços e cantando para adormecê-lo. Creio, porém, que o espirito amoroso da que se foi já o está ninando em somno igual ao que a levou, porque o sinto immovel e gelado, gelando-me o collo.

Everardo encarava-a sem uma palavra, sem um gesto, estatelado de horror. Tão certo estava da fatalidade que tanto temêra e procurara, por todos os modos, conjurar que, esquecendo o que ali tinha á vista, prestou ouvidos aos rumores nocturnos, a espéra da terrível sentença. E veio, no balido presago, mais triste do que nunca e soando tão perto que ao desventurado pareceu que dali mesmo sahia, daquelle mesmo recinto, dentre aquellas mesmas pedras como, em seculos longinquos, em caverna em tudo semelhante áquella, ouvira e, com elle, a voz lamentosa de um ancião que rogava com lagrimas, pretendendo o impossivel de commover-lhe o coração.

E a voz soou de novo, e ainda não se calara de todo quando a donzella, estendendo afflictamente os braços, como a pedir amparo, inclinou-se languida ao peito de Everardo, murmurando em voz flébil :

— Pai, é o somno, o somno que chega a todos. Vou dormir com os que ahi dormem. Só acordarei lá em Cima, no Céu, perto de minha mãe.

Everardo sentia-a enlanguecer-lhe nos braços.

Ia-se-lhe a voz em fio, empannavam-se-lhe os olhos, o coração abrandava os latejos como quem diminue cançadamente os passos no termo da viagem. Era a vida que a abandonava. E elle ! Como segui-la ? Como rebentar a cadeia que o prendia ? Como libertar-se ? E ao peso suave do corpo amado foi abatendo tremulo, prostrou-se em joelhos extatico, sem uma queixa, sem uma lagrima, impassivel, de pedra como as mesmas pedras. Ellas, ao menos, choravam porque o estellicidio das stalactites era perenne e funereo.

Subito occorreu-lhe uma idéa suprema, derradeira inspiração da esperança. Se o elixir de immortalidade o mantinha invulneravel era porque lhe circulava no sangue. Assim, porque não havia elle de tentar transfundi-lo ás veias da filha, transmittindo-lhe a eternidade, como fizera á rosa e ao corvo ? Assomado em delirio, raivando como féra, sem attender á dôr, cravou os dentes no braço derriçando os musculos aos tassalhos até alcançar a arteria. Trincou-a, rasgou-a a repuxões violentos e o sangue esguichou em jacto. Chegou-se o allucinado á filha e, encostando-lhe á boca a ferida, he-diondamente esborcinada, lidava afflictamente com ella para que a sorvesse, sugasse e tudo que conseguiu foi manchá-la de sangue, porque a morte já a havia immobilizado.

A dôr estatelou-o. Quando, porém, percebeu

que os bórdos da cicatriz se iam lentamente ajuntando, como se fecham as folhas da sensitiva, convencendo-se de que a força da vida operava estancando a hemorragia e recompondo a destruição, poz-se a tremer tão forte que a caverna resoava com o estrepito do seu bater de dentes. Então, repousoando a morta no leito de folhas seccas, ajoelhado, como se achava, inclinou-se sobre ella.

A alma debatia-se-lhe no coração como passaro preso : sentia-lhe os impetos, a ansia de liberdade, lutando em vão contra o incontrastavel prestigio que a retinha.

Levantou-se, poz-se a medir a caverna a lentas passadas, detendo-se de quando em quando em humilhada resignação. De repente notou que, apesar do lume da fogueira vasquejar em pequeninas chammas, o recinto illuminava-se, não de claridade commum, mas de uma luz cerulea, irisada de ouro e, em vez do fortum que se desprendia dos cadaveres, suavissimo aroma impregnava o ambiente.

Olhou em volta, airado, e pareceu-lhe reconhecer todos os recantos da caverna — os resaltos e concavos das paredes, a curva da aspera abobada denticulada de stalactites, o chão calcareo, branco, como de marmore, com os seus relevos e espiculos, os corredores em labyrintho . . .

Onde e quando vira elle aquelle recinto no qual

se sentia como familiar? Parecia-lhe havê-lo deixado na vespera e, ao mesmo tempo recuava com a lembrança a muitos seculos longinquos. As stalactites e as stalagmites accenderam-se como enormes cirios, cujas chammas se abrissem em flores de luz e a claridade tornou-se mais vivida, como ao subir do dia.

O maravilhamento em que ficou fez-lhe esquecer a dôr immensa que o excruciava. Dando, porém, a luz em cheio no cadaver da filha foi como se elle acordasse de um sonho e revisse toda a sua desgraça. Prostrou-se, então, de novo, debruçando-se sobre o corpo adorado e, chorando a jorros, desatou a agonia em palavras de lamentações, não mais enfuriado: humilde, invocando a piedade de Deus. E, de mãos postas, com o pranto em fios pelas faces, elevou a alma aos céus em prece de misericórdia. As pedras começaram a resoar melodiosamente e as suas palavras envolviam-se em accents celestiaes.

A fé que havia, enfim, penetrado naquelle coração empedernido, tomara-o e de todo o vencera. Fôra, a principio, como faúlha em palhal, accendera-se em chamma e, com os tormentos, que a alimentavam, fôra crescendo, alastrando, taes as labaredas que de uma méda passam a outras e lavram incendiariamente todo um campo.

Ardia abrasado em fé, enlevado em ascese e

chorava quando avistou, no fundo da caverna, uma austera figura que para elle se encaminhava, radiosa. Era um ancião de longas barbas alvas que se lhe derramavam pelo peito como um fluvial de prata e tão dôce era o olhar com que o fitava que, em vez de assustar-se com a apparição, Everardo sentiu com ella felicidade tamanha que, de joelhos, como se achava, estendeu-lhe os braços, como a attrahi-la.

Nesse instante, porém, a voz da corça soou na caverna, não lugubre, em gemido, como sempre lhe chegava ao fundo do coração, mas dôce, meiga, em timbre suave, como jámais ouvira.

VI

Inflexão tão nova impressionou-o. Que significaria aquella mudança em voz que sempre lhe soara funebre e dorida ? Repentinamente, desvendando-se-lhe de todo a vista, reconheceu não só a caverna, mas ainda a aparição veneranda que lhe surgira, como da propria luz maravilhosa e, de relampago, recorreu á vida longa em que penava, posto que, por vezes, em apparencia de gosos, desde o instante em que, com sangue innocente, profanara o refugio do cirita até aquelle momento que o coração, cheio de fé, sentia ser o termo da angustiosa expiação.

Tremulo, sem forças para manter-se de joelhos, teria tombado no solo se o ancião lhe não houvesse estendido acolhedoramente os braços. Encarado

nelle, a fito, com as palavras a borbulharem-lhe nos labios sem que as pudesse articular, todo o arrependimento em que se lhe fundira o coração perverso corria-lhe em lagrimas dos olhos. Foram-se-lhe as feições a pouco e pouco demudando : era o amanhecer de um espirito em redempção de treva e, como á luz interior tudo se lhe manifestasse nítido, não se lhe perdeu na memoria, que se não purificasse no remorso, um só dos actos malevolos que praticara, subindo-lhe todos á tona da consciencia, como afflue á superficie de uma lagôa revolta todo o residuo que lhe jaz no fundo.

Vendo-o em tal contricção o eremita, que outro não era o ancião que o sustinha, fazendo-o levantar-se e amparando-o, levou-o vagarosamente ao fundo da caverna, até um altar, em tudo igual ao que elle vira na gruta da montanha quando nella entrara em furor sacrilego, perseguindo a corça.

Lá estava a cruz tosca ; lá estavam o calice de madeira e o livro sagrado dos Evangelhos. A luz que illuminava o recinto foi-se tornando mais viva e resplandecia fulgurantemente. As paredes crustaceas rebrilhavam como betadas a gemmas, as stalactites e stalagmites prefulgiam. Das arestas inflectiam raios de côres prismaticas, o solo e a abobada scintillavam em relume diamantino.

A cruz, de grosseiro lenho, foi-se levantando no altar, crescendo, engrossando em tronco e tanto

como se dilatava cobria-se de flores. No espanto mystico em que ficou suspenso o desventurado, d'olhos fitos no cruzeiro florido, não deu pela presença de uma corça que se lhe chegara mansamente, pondo-se a lambar-lhe as mãos. Olhando-a, porém, viu que do seu corpo, aberto em feridas, o sangue jorrava a golfos. Attentando piedosamente nos golpes, reconheceu-os todos e ao animal que os soffria com tão suave resignação.

Fôra elle que os vibrara com fereza, sem pena da pobrezinha, indifferente aos rogos do anachoreta que lhe pedia, de mãos postas, pela vida da innocente.

Na angustia que lhe opprimia o coração, como do cardo espinhoso rebenta a flôr de candura, romperam-lhe da consciencia palavras de arrependimento. Prostrando-se, então, aos pés do ascéta, rogou-lhe que o ouvisse de confissão e que o absolvesse de tantas culpas que lhe infamavam a alma.

Acquiesceu o solitario dizendo-lhe, todavia :

— Não sei se os vossos peccados, ainda que seja infinita a misericordia divina, podem nella achar o perdão. Dizei-os e Deus se manifestará como fôr da sua justiça. Antes, porém, fazei como me virdes fazer.

Traçando, então, o signal da cruz, foi dizendo, para que Everardo as repetisse, as palavras de contricção, que preparam a alma para apparecer

na presença de Deus. E Everardo começou nar-
rando, passo por passo, tudo quanto fizera, desde
o seu regresso da caverna, onde commettera o pec-
cado cruel, tão longamente punido.

Durante toda a sua fala, pronunciada por entre
lagrimas, a corça, que se lhe deitara aos pés, não
tirou os olhos meigos do seu rosto e, ao terminar
elle a confissão, levantou-se docil e as feridas, que
a dessangravam, fecharam-se como por milagre.
Diante de tal prodigio o eremita sorriu compren-
dendo que Deus se manifestara misericordiosamente
pelo perdão ao que o implorava com tanto fervor
de fé e sincero arrependimento.

— Disse-vos toda a minha vida longa e tenebro-
sa, meu santo, sem omittir o menor episodio, por-
que todos me estão gravados na memoria em re-
morsos, como a fogo. O castigo com que expio os
meus peccados nefandos homem algum os soffreu
jâmais, desde que ha vida. Que é o inferno com as
suas chaminas e o seu friul, os seus fójos de lôdo com-
busto e as suas geleiras que retranssem; os seus
monstros que horripilam e os seus vermes que re-
pugnam comparado a uma existencia perlongada
no tempo indefinidamente, com a morte sempre a
fugir ante o desespero, como recuam diante dos
olhos os horizontes no mar ?

Gosei e soffri todes os prazeres e todas as dô-
res, as que lancinam a carne e as que torturam a

alma ; subi até onde se póde chegar com o desejo e fui além com auxilio do inferno e, do alto do meu poderio, precipitei-me no que ha de mais degradante.

Em uma só vida realisei multiplos destinos, e todos nefários, até que o tédio me entrou no espirito tornando-o mais negro e espesso do que a lama que se empasta nos charqueirões. De repente, nesse lodaçal brotou um lirio e conheci a felicidade, perfume que deliciou e começou a purificar a minha vida amarga e lobrega : Lilia, a donzella que encontrei na innocencia, cujo olhar foi a luz que me converteu á Bondade.

Foi a primeira e unica mulher que amei, foi o meu Amor, meu santo. Quando a perdi pareceu-me que o meu coração supportára a dôr maior dentre quantas — e foram muitas! — o haviam torturado. Essa, porém, ai ! de mim, ainda o aguardava na colera divina e tive-a, ha horas apenas, quando cheguei a este lugar que, por tudo que nelle vejo, por milagre do Céu, é o mesmo de onde parti com a maldição para a penitencia multi-secular em que ando, e vi Celia assediada pela morte, e vi-a morrer em meus braços sem que, com toda a vida infinita que as minhas veias encerram, pudesse prolongar por um segundo a existencia ephemera que se gerara da minha immortalidade, como a centelha do sol cresta, accende em flamma o restolho

que arde um instante para logo reduzir-se a cinzas. Não blasphemo ; resigno-me. Cumpra-se a merecida sentença da Omnipotencia Divina.

Calou-se e, inclinando humildemente a cabeça, ficou como o condemnado que se debruça ao cepo e espera o golpe do manchil do carrasco.

— Everardo, disse, por fim, o eremita, que o ouvira em silencio, confessando-te a mim foi como se o fizesses á tua propria sombra, porque, como se tua sombra fôsse, acompanhei-te, por ordem do Céu, desde que deixei no pateo do castello de Crève-cœur a corça que mataras.

Na mesma noite desse dia funesto, noite em que te rendeste ao Inferno imaginando apossares-te, á traição, dos dons adversos que deviam ser a tua desgraça — ouro e vida, nunca mais me apartei de ti, em corpo ou em espirito, para disputar-te ao Demonio e tentar a tua redempção.

Assim fui eu o escravo hindú que te inspirou a idéa da caçada aos tigres, façanha de crueldade que devia armar contra a tua arrogancia todos os nobres teus visinhos, vingadores, que foram, das victimas que fizeste. Fui eu que te guiei na floresta quando acordaste do somno de cem annos dormido na lapa da cachoeira, inculcando-te a estalagem do caminho. Fui o principe contra o qual armaste exercitos e desthronaste, deshonoraste e assassinaste com opprobrio. Fui o nomade que, no deserto de Apa-

méa, durante o repouso da caravana, falou-te da selva mysteriosa para onde te dirigiste. Fui o ancião que te recebi naquelle paraíso onde encontraste a innocencia e nella o amor. Fui eu que te fiz perder o frasco do elixir do ouro para que conhecesses a miseria, e os trabalhos. Neguei-te agasalho na choupana a que te achegaste com a que levavas como esposa; fui o judeu que te comprou a adága e fui Organte, grangeando contigo a terra em que te abalsaste. E assim como eu te seguia, a mandado do Céu, encaminhando-te ao arrependimento, que salva, o Inferno fazia-te acompanhar por demonios, e quantos foram elles! uns que te incitavam a prazeres e crimes, como os que tomavas como commensaes nas tuas orgias, outros que te levavam ao desespero. Desde o mancebo, filho d'algo, que te raptou a esposa, até o mysterioso cavalleiro negro que atravessou o burgo espalhando nelle a Peste, para colher na rede mortifera a que, ha pouco, se te finou nos braços.

A dôr que te devia desviar damnando-te para o sempre purificou-te. Venceu o Céu! Louvado seja o Senhor que depura os corações com o martyrio. E agora, que tudo sabes de mim, tu que vens de seculos, tu que possuiste os dons mais ambicionados dos homens, olha para traz e vê como é van a felicidade quando não se firma na virtude.

Tiveste a immortalidade e della não provei-

taste um só minuto ; possuiste o elixir do ouro, mais, do que todas as minas da terra, e não deste jámais esmola a um pobre. Que ficou dos séculos que viveste ? nada. Que resta do ouro que possuiste ? nada. Eleva o teu coração a Deus que não recusa misericórdia aos que se arrependem, aos que lavam com lagrimas as manchas dos peccados. Que Elle se amercêe de ti e perdôe-te como eu te perdôo.

Disse e, attrahindo-o a si, beijou-o nas faces.

Elevou Everardo os olhos e, pondo-os na cruz, viu que o tronco e os braços do sagrado póste, cobertos de flores, como estavam, iam-se, aos poucos, niveando em alvor translucido e tal alvor foi-se tornando em fórma humana, tanta, porém, era nelle a refulgencia que os olhos do arrependido mal o podiam fitar. E Everardo reconheceu na figura que ali se lhe mostrava, não a imagem, mas o proprio corpo vivo de Jesus, com as chagas irradiantes e um sorriso que se lhe abria docemente nos labios, meigo como o Perdão.

O eremita, prostrando-se com a face de rojo, poz-se a balbuciar : Miserere ! Miserere !

Everardo sentiu que os raios de luz que sobre elle inflectiam, partidos das chagas do Crucificado, penetravam-lhe o corpo, iam-lhe ao fundo do coração, até a alma, conjurando o prestigio funesto do elixir demoniaco que lhe mantinha a vida.

Pouco a pouco, como se todo elle se fundisse

áquella luz divina, foi-se sentindo leve, e adormecia em allivio quando a corça, que, até então, não fizera o menor movimento, deitada, como estava, a seus pés, como para despertar-lhe alguma recordação na memoria, que começava a obscurecer-se, baliu tristonhamente.

Soergueu-se o arrependido e, rapido, levando a mão ao boldrié, que tinha ao flanco, delle tirou a rosa sempre viva e, levantando-a, a mãos ambas, como faz o sacerdote á hostia, no offertorio, implorou, commovido, em languidas palavras, porque a voz já se lhe extinguia na garganta :

-- Deus clemente, Senhor de misericordia, que me perdoais, a mim, levando-me comvosco, apiedai-vos dos que penam por minha culpa por nelles haver eu experimentado o elixir do Inferno — a rosa, que aqui vos apresento e o corvo que anda errante nos ares. Que não fique memoria na terra dos males que pratiquei. Que a Vossa Graça se estenda aos innocentes : á flôr immarcessivel e á ave immortal. Que elles tenham, commigo, o allivio da morte.

Disse e, no mesmo instante, a flôr desfolhou-se-lhe entre os dedos e as petalas nem chegaram a cahir no solo, desfazendo-se em poeira que, um instante, girou em atomos nos raios da luz divina e foi-se por ella aos céus ; e um baque surdo, bafôfo, resoou na caverna.

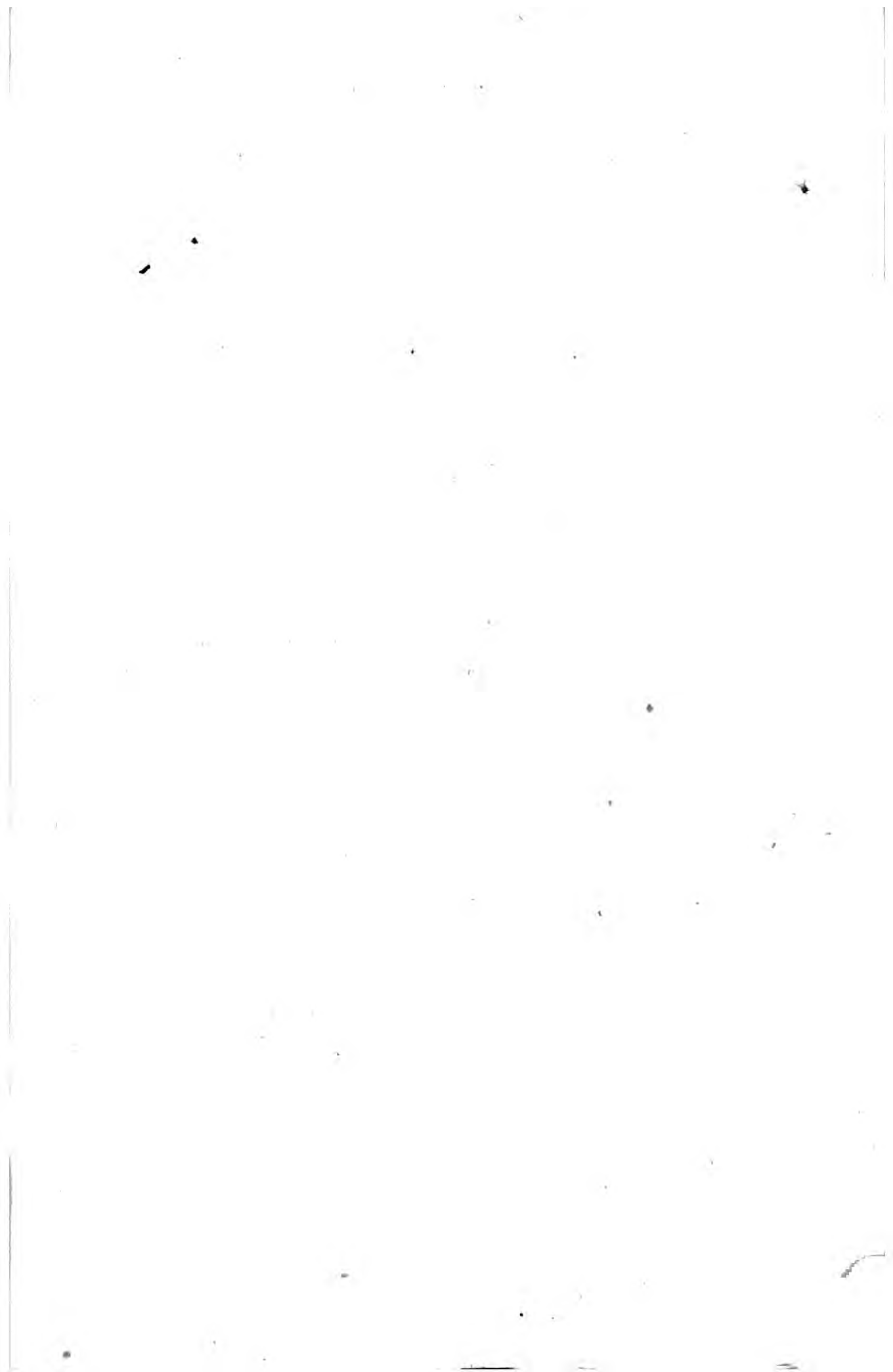
Teve Everardo tempo apenas de voltar os olhos, já empannados pela sombra da morte e viu, a dois passos do altar, d'azas abertas, negro, immovei, o corvo.

Então cerrou os olhos, o coração cançado cessou de bater e o corpo descahiu-lhe nos braços do eremita.

E, nesse instante, pelo perdão de Deus, começou para Everardo a verdadeira immortalidade.

Oxfam
27.11.89
HOP.
[petty cash]

891659



Obras de JOÃO GRAVE

Os Famintos.
A Eterna Mentra.
O Ultimo Fauno.
O Passado.
Gente Pobre.
Jornada romântica.
Reflorir.
Reinado trágico.
A Inimiga.
O Mutilado.
A Morte Vence.
Vitória de Parsifal.
Paixão e morte da Infanta.
Os Sacrificados.
Os que amam e os que sofrem.
Cruel Amor.
Fogueiras de Santo António.
Gleba.
Vida do Espírito (ensaamentos)
S. Frei Gil.
Almas inquietas.
O Amor e o Destino.
Os Vivos e os Mortos.
Memorias dos dias fin-
dos — no prélo

Léolo & Irmão,

EDITORES

CARMELITAS, 144 - 1

Teófilo Braga

**História Popular da
tugal.
Visão dos Tempos,**

Alma Portuguesa

**Rapsódia da grande
Epopéia dum pequeno
POVO**

**Viriato, 1 vol.
Frei Gil de Santarém, 1
vol.
Os Dêze de Inglaterra, 1
vol.
Gomes Freire, 1 vol.
D. Inês de Castro.**

**História da Literatura
Portuguesa**

**Introdução, 1 vol.
Bernardim Ribeiro.
Gil Vicente, 1 vol.
Escola de Gil Vicente, 1
vol.
Sá de Miranda, 1 vol.
Camões — Vida e Época,
1 vol.
— Obra (Bibliografia) ca-
moneana), 1 vol.
A Arcádia lusitana.
Filinto e os Dissidentes da
Arcádia, 1 vol.
Bocage, 1 vol.
Garrett e o Romantismo,
1 vol.
Garrett e os Dramas ro-
mânticos, 1 vol.
As modernas Ideias, 2 vol.**

**Recapitulação da Histó-
ria da Literatura
Portuguesa**

**1. Idade Média, 1 vol.
2. Renascença, 1 vol.
3. Romantismo.**

Gaspar Baltar

**Amando.
No meu sofá.**

da Cunha

Obras de COELHO

**Sertão.
A Bico de Pena.
Água de Juventa.
Romanceiro.
Teatro, vol. I, (O Relic
Raios X, O Diabo no
Teatro, vol. IV, (Quebra
média e o sainete I
Teatro, vol. V (O dinhe
nança, e o Intruso).
Fabulario.
Jardim das Oliveiras.
Inverno em Flôr.
Apologos; contos para c
Miragem.
Mysterio do Natal.
O Morto.
Rei Negro.
Capital Federal.
A Conquista.
A Tormenta.
Tréva.
Banzo.
Turbilhão.
O meu dia.
As Sete Dôres de Nossa
Balladilhas.
Pastoral.
Vida Mundana.
Patinho torto.
As quintas.
Scenas e Perfis.
Feira Livre — D**

OS MAIORES SUCESSOS LITERARIOS
DE 1925

EÇA DE QUEIROZ

A Capital
O Conde d'Abranhos
Paginas esquecidas
A tragedia da rua das Flores
Correspondencia
Notas de viagem
Alves & C.^a

GUERRA JUNQUEIRO

O CAMINHO DO CÉU

JOÃO GRAVE

OS VIVOS E OS MORTOS

CAMILO C. BRANCO

BOHEMIA DO ESPIRITO

Edição ha muito esgotada

COELHO NETO

SCENAS E PERFIS